

A close-up, high-angle shot of a woman's face, focusing on her dark, expressive eyes. Her hair is dark and slightly tousled. The background is a warm, textured, light brown color.

AMOR CRUEL

REYES MONFORTE

A young girl with long, curly hair, wearing a bright red jacket and a white skirt with purple floral patterns. She is walking away from the viewer on a sandy surface, leaving a trail of footprints. Her arms are slightly out to her sides.

*A desoladora luta
de uma mãe por sua filha*

 Planeta

AMOR CRUEL

REYES MONFORTE

A obstinada luta de uma mãe por sua filha

Tradução
Olga Cafalcchio

Copyright © Reyes Monforte, Temas de Hoy, 2008

Título original

Amor cruel

Design de capa

Germán Carrillo/ Departamento de design, divisão editorial do Grupo Planeta Espanha

Infografias de capa

Getty Images

Diagramação

Osmane Garcia Filho

Preparação

Gabriela Ghetti

Revisão

Beatriz Moreira

Conversão em epub:

{kolekto}

Os nomes de algumas pessoas que aparecem nesta história foram alterados para manter a privacidade.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M 752

Monforte, Reyes

Amor cruel : a obstinada luta de uma mãe por sua filha -- Reyes Monforte ; [tradução Olga Cafalcchio]. -- São Paulo : Planeta, 2012. 320p. : 23 cm

Tradução de: Amor cruel

ISBN 978-85-422-0058-4

1. Carrascosa, María José - Ficção. 2. Romance espanhol. i. Título.

11-7658.

CDU: 821.134.2-3

CDD: 863

031355

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL

Av. Francisco Matarazzo, 1500

Ed. New York – 3o andar – conjunto 32B

05001-100 – São Paulo – SP – Brasil

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Sumário

Primeira Parte

Segunda Parte

Terceira Parte

Epílogo

O coração de uma mãe é o único capital (sentimental) que nunca quebra e com o qual se pode, com toda a certeza, contar sempre e a qualquer momento.

PAOLO MONTENGAZZA

Os filhos são as âncoras que prendem as mães à vida.

SÓFOCLES

Há histórias que apaixonam e personagens que as tornam inesquecíveis.

Para o protagonista de minha melhor história.

NÃO CONSEGUIA TIRAR DA CABEÇA AQUELA PERVERSA imagem que suas lembranças lhe devolviam sem piedade. Vivia se maldizendo por ter reagido com tanta ingenuidade. Era doloroso entender como pudera se apaixonar naquele instante e como aquele estúpido gesto, que parecera então um sinal divino, lhe trazia agora o sofrimento de permanecer durante quase dois anos em uma cela de prisão imunda do condado de Bergen, em Nova Jersey.

Com mão trêmula, Maria José percorria a testa de um lado a outro, friccionando-a com energia, como se quisesse tirar da cabeça aquele infeliz momento e fazê-lo desaparecer para sempre. Mas todo esse esforço disfarçado de desejo era inútil, porque a odiosa visão continuava ali. Mesmo de olhos fechados podia vê-lo com tanta nitidez que era como se suas lembranças se projetassem como um filme sobre sua retina, mergulhada em pranto e profundo remorso. Lá estava a imagem, aquela maldita imagem que parecia ter acabado de acontecer.

Era quase meia-noite. Maria José passava por uma das ruas do Soho nova-iorquino. Ao seu lado e segurando sua mão estava Peter, o homem que conhecera por meio de um site de encontros e com quem saíra para jantar. Em determinada esquina, encontraram um grupo de músicos de rua tocando uma melodia que lhes era familiar. Olharam-se, sorriram, e Peter tirou o paletó e entregou-o a Maria José. Então foi na direção do grupo de músicos e, depois de alguns segundos de conversa, parou diante da bateria. Foi então que viu como aquele homem de quem não sabia muita coisa levava a mão direita ao nó da gravata preta num gesto de afrouxá-la, ao mesmo tempo em que abria alguns botões da camisa branca. Para desfazer o laço, recorreu a um sutil movimento de cabeça, o que lhe permitiu lançar um olhar para Maria José e dar-lhe uma piscada. Foi esse gesto que conseguiu enlouquecê-la, que a convenceu de que estava apaixonada por ele.

Era esse momento que hoje a martirizava. “Como pude acabar aqui? Como foi possível que tudo aquilo acontecesse? Em que momento minha vida se rompeu? Por que não me deixam ficar com minha filha, por que me mantêm afastada de meus pais, de minha irmã, de meus sonhos?”. Levantou os olhos e contemplou a imagem que vinha observando desde vinte e um de novembro de dois mil e seis, quando a polícia de Nova York a deteve, depois de três meses

de busca: as grades de sua cela. Fechou os olhos novamente. A escuridão a ajudou a se transportar mentalmente a um lugar não muito longe daquele em que se encontrava, mas completamente diferente. Em seu devaneio quase febril, abriu os olhos e conseguiu vê-la de novo: a linha do horizonte da cidade de Nova York a seus pés, como sempre estivera.

O contraste foi extremamente duro.

Primeira Parte

Se essa é sua forma de amor; rogo-lhes que me odeiem.

JEAN-BAPTISTE POQUELIN, MOLIÈRE, *LE SICILIEN*

1

A VISTA DE SEU APARTAMENTO NA WEST NEW YORK era motivo de inveja para todos os amigos e de orgulho para Maria José. Ela se sentia exuberante e com vontade de engolir o mundo cada vez que aparecia nas grandes janelas que protegiam o terraço de seu apartamento e lhe presenteavam com a imagem do horizonte nova-iorquino, que transformada em postal ou fotografia costumava imperar nas lojas de souvenirs da cidade.

Cada vez que seus olhos expressivos se perdiam naquele idílico horizonte, não podia deixar de sorrir. A sensação que experimentava era a de ter a seus pés uma metrópole de quartzo. “Nova York, aqui estou. Vai arranjando um lugar para mim, porque pretendo ficar muito tempo por aqui. E aviso que vou dar o que falar.”

Desde menina, seus pais haviam decidido que tanto ela como a irmã Victória iriam estudar fora, para aperfeiçoar seu inglês e adquirir a experiência vital que se espera de um intercâmbio pleno em um país estrangeiro, com idioma e cultura diferentes e costumes distintos dos proporcionados desde a infância pela tradição familiar. Embora tivesse tido a oportunidade de estudar desde joventinha em outros países e participar de intercâmbio estudantil em pequenas cidades da Irlanda e do Reino Unido, o ano em que esteve na Pensilvânia matriculada numa escola de ensino médio com apenas dezessete anos a fez perceber claramente que seu futuro estava ligado aos Estados Unidos, um país que ela adorava, idolatrava mesmo, ao qual havia jurado unir seu destino assim que pudesse. E esse momento chegara.

Maria José Carrascosa, advogada, estava começando a dar forma a seu sonho americano particular e queria que o mundo soubesse e participasse disso. Não lhe ocorreu melhor maneira de fazer isso do que organizar um jantar no apartamento que, graças à ajuda de seus pais e à sua capacidade de negociação, havia conseguido comprar em um ponto maravilhoso, em cujas quatro paredes começavam a despontar algumas das ideias que ela pretendia transformar em seu rentável meio de vida.

“Vou ligar para David. Com certeza ele vai me ajudar a organizar tudo.” David era um

jovem cabeleireiro que se tornara seu melhor amigo e confidente para todas as horas. Eles se conheceram no aniversário de uma amiga, que queria apresentar os dois espanhóis que viviam em Nova York, e, se não bastassem as coincidências, moravam na mesma rua. Depois de muito tempo e de a homenageada soprar as velinhas de seu bolo de aniversário, foi Maria José quem decidiu se aproximar de David, o que acabou sendo um tanto complicado, devido ao grande número de pessoas, a maioria de origem latina, que havia se juntado por ali. “Você é David, não? Queria conhecê-lo.” Desde aquele instante, tornaram-se inseparáveis. Ele ficou estático, quase hipnotizado, com a beleza, a iniciativa e a vitalidade daquela mulher espirituosa e divertida, e ela por sua vez se encantou com a companhia daquele homem tímido e bonachão, que a fazia se sentir admirada e querida. Era fácil vê-los juntos a toda hora e em qualquer canto da cidade: em lojas, restaurantes, supermercados, cinema, exposições de pintura e, sobretudo, ao cair da noite nos locais onde se podia dançar. Os dois adoravam dançar, especialmente quando se exibiam na pista central ao ritmo de sons latinos. Não eram raras as ocasiões em que, devido à destreza e à alegria contagiante que exibiam, os demais formavam um círculo em torno deles enquanto se contorciam e requebravam sob os incentivos e as palmas, que sempre acabavam em sonoras ovações. Muitas vezes acabavam sendo a atração da noite. Era disso que mais gostavam. Entendiam-se, divertiam-se, complementavam-se, eram um para o outro. Parecia que nenhum dos dois precisava de nada mais. Até que houve o jantar na casa de Maria José.

Poucos amigos e conhecidos deixaram de comparecer ao encontro. É verdade que a companhia de Maria José era agradável a todos, por seu caráter extrovertido, seu bom humor, o papo agradável, a sedutora maneira como contava as coisas, que em segundos prendia a atenção do interlocutor, inclusive pela firme autoconfiança, que às vezes a destacava de um modo que alguns podiam interpretar mal. Mas pela magia do apartamento da advogada valenciana era quase impossível recusar um convite para passar uma deliciosa noite. Ninguém queria ficar alheio à vista panorâmica da cidade de Nova York que ele oferecia. Muitos até levavam câmeras fotográficas ou de vídeo para imortalizar sua presença acima daquele horizonte que ainda não fora vilmente mutilado pelo terrorismo internacional.

Ao copioso e saboroso jantar não faltaram boa mostra da qualidade dos caldos espanhóis e ótimos vinhos selecionados pela perfeita anfitriã, que percorreu as melhores adegas da região, um esforço que lhe dava prazer só de pensar no sucesso que lhe proporcionaria sua busca incessante. Depois de tanto deleite, chegou a vez das confidências. Essa era sem dúvida a parte mais divertida desse tipo de reunião, pela qual todos esperavam ansiosos, porque lhes permitia descontraírem-se da rotina diária e quase sempre aborrecida da jornada que estava prestes a chegar ao fim. A essa hora, já noite avançada, costumavam ficar apenas os amigos mais próximos, que aproveitavam para soltar não só a imaginação como também a língua.

Nessa noite, restou apenas um pequeno grupo de três amigas e David, o único representante do sexo masculino. Beberam o que todos juraram ser “a última taça deste delicioso e caríssimo vinho”, entre a narração intensa dos últimos encontros amorosos de uma delas, a

decepção amorosa em que estava mergulhada outra das convidadas e o desenfreado apetite sexual que vinha preenchendo a vida da mais veterana daquela peculiar reunião e cuja narração conseguira escandalizar o único varão ali presente. Maria José, depois de pedir um pouco de silêncio e calma ao grupo, quis levantar sua taça. Depois de pigarrear de maneira solene e chamar a atenção de todo modo, uma arte que dominava com perfeição, pediu a palavra. Todos os olhares se voltaram para ela, como se esperassem que ela dissesse algo tão contundente que daria por encerrada uma festa esplêndida.

— Senhoras — fez uma pausa especialmente dedicada a David, para quem sorriu, acrescentando com estudada cortesia —, senhor. Eis minha mensagem: quero um par!

As risadas escancaradas das amigas romperam o silêncio e a atenção que haviam dominado a reunião para ouvir a intervenção da anfitriã. Algumas se sentiram frustradas com a declaração e reclamaram:

— E tanta expectativa para isso? — disse uma.

— Mas que novidade! E o que você acha que nós queremos, bela?

As risadas continuaram, assim como os brindes, já não tanto em homenagem à dona da casa, que havia monopolizado a maioria deles durante toda a noitada, mas ao amor, embora ninguém ali presente demonstrasse que compreendesse o que a amiga acabara de lhes confiar.

Mas não foi assim com David, que compreendia sua amiga de alma, como se ambos se comunicassem por meio de uma linguagem em código que apenas os dois eram capazes de decifrar. Ele sabia que Maria José desejava ter um parceiro. Mas não qualquer um. Investira muito tempo, dinheiro e esforço para conseguir se tornar a pessoa que era e não se uniria a qualquer um que aparecesse em sua vida da noite para o dia. Não queria julgá-la. Ela não era do tipo que logo criava laços com cada homem que conhecesse, não queria sentir-se forçada a desempenhar um papel aborrecido e absurdo cada vez que alguém se aproximasse dela numa discoteca, numa cafeteria ou enquanto esperava que o semáforo ficasse verde, algo bastante habitual com ela. Tinha consciência de que não queria perder mais tempo em representar cenas dessas típicas ninharias sentimentais, como as considerava. Queria alguma coisa definitiva. A barreira dos quarenta se aproximava, e já era hora de deixar de ter experiências vazias.

Já experimentara o suficiente em matéria de decepções e relacionamentos falidos. De fato, acabava de sair de um desencanto amoroso havia poucos meses e não tinha disposição para passar pela mesma coisa. Negava-se a pressentir outro fracasso em seus relacionamentos. Sua mente tinha que estar ocupada em pôr em prática seus ambiciosos projetos de trabalho e, se possível, obter sucesso, reconhecimento e estabilidade financeira. Havia pensado em tudo e achava o resultado de seus devaneios extremamente atraentes.

* * *

Quando finalmente chegou o momento do último brinde e todos se aproximaram dela para cumprimentá-la pela bem-sucedida noite, Katrina, uma de suas amigas, sussurrou-lhe no ouvido:

— Você quer realmente encontrar um parceiro? Sei o que você deve fazer — disse, bebendo um gole do vinho que restava em sua taça, e, depois de saboreá-lo de um modo um tanto exagerado, revelou à amiga: — internet. Não complique mais as coisas, querida. É o meio mais seguro que você pode imaginar. É como escolher uma roupa, uma bolsa ou um chapéu num catálogo. Você fica com aquele que mais lhe agrada, sem perder tempo vendo todos os modelos. E se depois não estiver convencida, já sabe o que fazer. Isso sim é fazer bem as coisas, sem frivolidade, trabalhando-as. Em nossa idade, quanto menos bobagens, melhor.

O rosto da anfitriã não podia mostrar assombro maior e, ao mesmo tempo, desconcerto. Não sabia se a amiga estava falando sério, se era uma brincadeira ou se o nível de álcool em seu sangue estava tão alto que seu cérebro já não funcionava como era de esperar numa mulher madura. No entanto, ela interpretou sua expressão de surpresa e espanto como sinal de agrado diante da sugestão, por isso não teve dúvida em lhe recomendar, com certo ar de superioridade, como quem se acha na posse de uma chave mestra que desse acesso a um grande segredo, que, se no dia seguinte continuasse interessada em sua sugestão, a chamasse, e poriam mãos à obra. Maria José prometeu pensar no assunto.

2

NO DIA SEGUINTE MARIA JOSÉ LIGOU PARA KATRINA, embora não soubesse se fazia isso para se certificar de que ela chegara bem em casa, ou para saber se ela falara sério na noite passada ou por simples curiosidade. Estava intrigada, de um modo divertido e travesso, com o plano que a amiga teria tramado, e um café poderia esclarecer as dúvidas.

Nessa mesma tarde, as amigas voltaram a se encontrar no mesmo cenário da noite anterior, só que dessa vez o vinho foi substituído por um café aromático, um chá exótico e uns biscoitos para mordiscar durante o bate-papo.

— Na rede das redes é preciso ter cautela, como em quase tudo na vida. — Maria José achava muita graça na postura acadêmica que a amiga costumava adotar sempre que se via em situação de explicar alguma coisa, fosse chegar de metrô ao Empire States, fosse a receita de família de seu famoso rosbife. — Há muitos sujeitos abusados neste mundo, não podemos ainda por cima facilitar o caminho deles. Conheço um portal sério e discreto em que é possível definir o perfil da pessoa que você quer encontrar. Isso, sim, vai demandar muito tempo e alguma dedicação. E devo lhe dizer que não é um mero portal de contatos, mas puro artesanato virtual. Como é que se diz em sua terra... *renda de bilros*?

— De *bilros* — repetiu Maria José, que mal conseguia esconder que a situação a divertia,

mesmo que fosse só para ver a amiga adotar aquela pose absurda de erudita.

— Seja o que for, olhe, sei de algumas pessoas que experimentaram e agora estão encantadas. Também é verdade que há quem não teve a mesma sorte e partiu para outra. Mas isso não se pode saber até experimentar. Você já conhece minha máxima, Mary Jo, “é preciso se arrepender do que se fez e não do que se deixou de fazer”. — Katrina ficou pensando na frase que tinha acabado de pronunciar, como se não tivesse certeza se a articulara bem, mas ao ver que sua regra de outro surtira o efeito desejado se despreocupou e continuou: — Vou lhe dar o endereço, e você decide. E depois vai me contar como foi... se quiser, é claro — concluiu Katrina, num tom que não deixou espaço para dúvidas a respeito da pouca sinceridade de seu comentário final.

— Não, vamos entrar agora mesmo. Se for como você diz, não tenho muito a perder.

Quando se viu diante da possibilidade de responder a quatro mil perguntas ou deixar para outro momento aquela experiência que o universo global lhe oferecia, foi tomada por dúvidas e certo desencanto.

— Quatro mil perguntas? Isso não é um perfil, é um modo, como outro qualquer, de roubar seu tempo e minar sua paciência. Só falta pedirem meu grupo sanguíneo e meu nível de coagulação!

— Também perguntam isso. Um pouco adiante — Katrina começou a recolher suas coisas e a vestir o casaco. Estava ficando tarde, e já havia algum tempo estava se convencendo de que sua presença ali não era tão importante como ela pensava. — Há gente que quer ter tudo sob controle. Você não sabe a quantidade de doenças raras e desconhecidas que há neste mundo. É preciso ter muito cuidado com quem a gente sai, deve-se pensar em tudo. Estou indo. Paciência, querida — recomendou, enquanto atirava um beijo. — Quem quer obter algo tem que pagar um preço. Me liga.

Maria José passou três dias diante da tela do computador respondendo a perguntas de todo tipo, umas com mais vontade do que outras. À medida que digitava as respostas sobre seus gostos e preferências, formação educacional, nível intelectual, posição social e econômica, além de outro tanto sobre como deveria ser a pessoa que queria conhecer, notava que seus dedos iam se atrofiando e as costas, sobrecarregadas, já causavam incômodo, a tal ponto que ela teve que fazer uma pausa naquele interminável e cansativo interrogatório para poder se estirar e estalar os dedos, algo que ajudava a desinchá-los e a fazia sentir um pouco mais solta.

“Estou de saco cheio de tanta perguntinha. E se ainda por cima não der certo, atiro o computador na cabeça de Katrina por propor essas ideias absurdas”, pensou Maria José.

Era manhã de domingo, e ela conseguiu se espreguiçar e vencer a sonolência que a dominava. Desde criança gostava de ficar preguiçosamente metida entre os lençóis, especialmente quando o dia lhe permitia isso. Entregue durante certo tempo ao *dolce far niente*, que ela nem conseguiu calcular, embora isso também não lhe interessasse nem um pouco, decidiu levantar-se e desfrutar daquele dia que prometia ser uma relaxante jornada doméstica. Preparou uma xícara de café bem forte que, como um rastro a ser seguido, foi fumegando durante todo o trajeto da cozinha ao terraço. Ficou observando por alguns minutos

aquele prodígio de cidade, até que um novo gole daquele delicioso e reconfortante café pôs em seu campo de visão o computador.

A tela piscava, e ela decidiu se sentar diante dele. “Vamos ver que surpresa vai me trazer hoje”, disse consigo mesma. Havia quase uma semana que terminara de responder a uma infinidade de perguntas sobre como devia ser o perfil de seu homem ideal, mas a ebulição de um novo projeto empresarial havia ocupado a maior parte de seu tempo, por isso se esquecera de consultar os resultados daquela orgia de perguntas e interpelações pessoais. O surgimento de novos desafios profissionais sempre fazia disparar seu nível de adrenalina e conseguia transformá-la em uma mulher ainda mais proativa que o habitual, o que sem dúvida ia além dos parâmetros normais e fazia que muitas de suas amigas desaparecessem durante algum tempo, ao ver que não conseguiam acompanhar seu ritmo. Isso na suposição de que Maria José quisesse vê-los, o que no caso dela era supor demais. O novo negócio, dessa vez relacionado com azeite, ocupava todos os seus pensamentos, como ocorrera com o projeto do açúcar, embora ela desejasse que dessa vez a sorte estivesse do seu lado e as contas batessem. “Pobre vovó”, pensou, “como ela me ajudou na questão do açúcar, e para nada! Que falta de sorte!”

Sem deixar de lado sua porção diária de cafeína, a advogada valenciana começou a digitar o endereço do portal que lhe permitia entrar no correio criado especialmente para receber possíveis mensagens em resposta a suas exigências. Com a caixa aberta à sua frente, não conseguiu impedir que sua boca e seus olhos se arregalassem ao mesmo tempo, como se uma dobradiça perfeitamente lubrificada os tivesse acionado sincronicamente. “Não consigo acreditar! O que é isto?”, disse consigo mesma.

Mais de mil e quatrocentas pessoas haviam mostrado interesse num contato e queriam, alguns chegavam a suplicar, uma oportunidade. E isso porque ela limitara a busca aos estados de Nova York e Filadélfia, aconselhada pela responsável por aquela experiência, sua amiga Katrina. Ainda tomada do espanto inicial de se sentir tão solicitada, foi abrindo ao acaso algumas mensagens. Elas continham todo tipo de fotografias de homens mais ou menos sarados, mas dispostos a surpreender positivamente sua interlocutora, oferecendo as mais variadas evidências de seu *status* social e de suas condições financeiras, deixando às vezes transparecer a falta de escrúpulos na hora de se vangloriar e exibir suas posses, sem se dar conta da artificialidade e da falsa modéstia. Nem o recato e menos ainda o pudor cabiam em algumas das extravagantes propostas.

Aquilo tudo seria muito mais divertido se fosse compartilhado com alguém, e ela, convicta disso, não levou mais que poucos segundos para chamar seu fiel escudeiro, com quem certamente conseguiria tirar muito mais substância daquela surpreendente correspondência. Pegou o telefone e chamou então seu amigo:

— David, atravesse a rua e venha aqui, quero que você veja uma coisa.

De fato, com quatro olhos hipnotizados observando a tela do computador, admirados com a quantidade de dados, números, fotos, milhares de fotos, os comentários ficaram muito mais divertidos. A ficha de um homem de origem grega, que posava sorridente diante de um iate tão grande que mal cabia na tela do computador, despertou um interesse especial e o comentário: “Mas esse homem parece um mosquito! Ao lado do barco, ele some!”. Ou aquele outro que,

montado no lombo de um cavalo, mostrava suas terras, nas quais mandara erguer um palácio desses em que o número de banheiros supera o de dormitórios. Também chamou a atenção o francês que aparecia sentado em um dos vários assentos de seu jato particular. “Aí cabemos todos, e ainda vamos correr o mundo! Se eu fosse você, não perderia este de vista, que além de tudo conserva todo o cabelo.” Entre comentários desse tipo, risos e confabulações, passaram o domingo. Depois do almoço, enquanto David tentava dar um tempo na fatigante tarefa em que estava mergulhado havia horas e arranjava um jeito de se acomodar no sofá, Maria José o chamou:

— Corre, vem aqui! Olha que lindo!

— O que tem este? Um harém, uma praia deserta, é proprietário de algum planeta desconhecido que quer batizar com seu nome?

— Nada disso, tonto! Ele tem um urso. Um urso de pelúcia e uma árvore de Natal. Que lindo!

— Pobrezinho! Que alma ingênua! E o que ele quer fazer com isso? — David, ao dizer isso, desejou que suas palavras servissem para que a amiga não insistisse em tirá-lo da comodidade do sofá, mas elas não serviram de nada.

— Venha dar uma olhada. Suponho que você esteja aqui para me ajudar.

David percebeu certa irritação no tom de Maria José e pensou que a amiga havia encontrado algo diferente que chamara a sua atenção. Eram duas as fotos que um tal de Peter Innes lhe enviara. Em uma delas, aparecia vestido com uma malha de lã grossa, abraçando um urso de pelúcia. Na outra, exibia um radiante sorriso ao lado de uma frondosa árvore de Natal repleta de enfeites brilhantes.

— Mas Mary Jo, só vejo um pinheiro cheio de bolas coloridas. O que você está vendo? — perguntou David sinceramente.

— David, por favor, não me diga que não acha ele meigo. — E olhou outra vez a ficha e as fotos. — Pois gosto dele.

— Não quero contrariar você, mas me diga o que lhe sugere uma árvore de Natal cheia de guirlandas e um urso? Realmente, às vezes não consigo entender você.

Nessa mesma noite, ela resolveu mandar a ele uma mensagem, mostrando timidamente seu interesse. A essa correspondência seguiram-se muitas outras, de ambos os lados, até que o bate-papo diário deu origem ao primeiro encontro, num restaurante de Little Italy, um dos bairros mais tradicionais, históricos e charmosos, em grande parte por sua fama internacional, após ter sido cenário de uma das mais famosas produções cinematográficas, a saga de *O Poderoso Chefão*.

Maria José sabia que essa noite tinha que ser especial. Não podia enganar ninguém, começando por ela mesma. Tinha que estar radiante, espetacular, simplesmente perfeita. Por isso não hesitou em pedir que David se encarregasse de arrumá-la para a ocasião.

Afinal seu confidente e amigo era um dos cabeleireiros mais solicitados desde que chegara a Nova York e começara a trabalhar num salão de beleza em Chelsea. Seu trabalho agradou desde o primeiro momento, e todas queriam ficar sob seus cuidados. Vendo-o trabalhar e examinando o resultado, ninguém estranhava o fato de que esse madrileno, que já mostrara

seus dotes artísticos em mais de vinte salões pelo mundo, continuasse vivendo ilegalmente no país simplesmente por vontade própria, ganhando cerca de mil dólares por semana, mais as gorjetas das satisfeitas clientes, as quais costumavam ser polpudas e fartas como sua lista de espera. O trato com Maria, a colombiana dona do salão, era bem simples: ele ficava com cinquenta por cento e ela, com a outra metade. Maria fazia de tudo para mantê-lo contente, a fim de evitar que ele fosse para um concorrente. Chegou até a lhe propor casamento, para legalizar sua permanência no país, o que ele recusou. O máximo que fazia era acompanhá-la a alguns *outlets* de grifes famosas, dos quais ele saía com um paletó novo e uma calça combinando.

Já havia quase quatro anos que David vivia nos Estados Unidos, e como não se metia em problemas eles também não chegavam perto dele. Costumava se lembrar do dia em que havia chegado: desceu desajeitadamente do avião, que havia tomado em Madri em péssimo estado devido à festa de despedida oferecida pelos amigos. Com seiscentos euros no bolso, pegou um ônibus que ia do aeroporto para Manhattan e foi para um hotel, que lhe pediu quinhentos dólares por um apartamento. Resolveu então tomar um táxi, curiosamente dirigido por um colombiano, que lhe recomendou uma pensão, na verdade uma casa de encontros. Longe de se aborrecer com a situação, pagou pelo aluguel de um quarto e, ao se ver sozinho, começou a pular de alegria na cama, fazendo o maior barulho e gritando: “Estou na América, estou na América!”, enquanto passeava com o controle remoto do televisor pelos milhões de canais que o aparelho parecia ter. No dia seguinte encontrou trabalho, e suas mãos começaram a pentear cabelos a uma velocidade vertiginosa.

Haviam se passado quase três anos e meio desde a cena circense na cama alugada numa casa de prostitutas até aquele momento no qual tinha nas mãos a missão de aplicar seus vastos conhecimentos sobre beleza para deixar sua amiga o mais linda possível.

“Esta vai ser minha noite, David. Tenho que impressionar. E você tem aquela varinha mágica para transformar esta Gata Borracheira numa Cinderela”, disse ela a si mesma. E ele não a decepcionou. Quando terminou seu trabalho, Maria José estava mais linda do que já era. Sempre antenado às últimas tendências, e como estava na moda cabelo com mechas em diversos tons, David aplicou oito tonalidades diferentes no cabelo da amiga: do branco quase translúcido para obter reflexos que davam luminosidade a toda a mecha, até o violeta, ocupando todo o alto da cabeça. A maquiagem perfeita, com predominância de um intenso *kohl* preto, dava ainda mais destaque aos olhos da valenciana. As longas unhas benfeitas foram pintadas de vermelho, com francesinha, como ela gostava. “O vermelho sempre dá muita força, mostra segurança e inspira respeito”, ela dizia. Vestiu um traje preto, uma de suas cores favoritas e, sem dúvida, a menos arriscada quando se quer causar boa impressão e não chamar muita atenção, completando com um conjunto de sapatos e bolsa.

Depois de quase três horas de intensos preparativos e de se inspecionar detalhadamente diante do espelho, a cliente especial se mostrou satisfeita, o que ficou evidente pelo amplo sorriso que iluminou seu rosto. Beijou David e pediu a ele que lhe desejasse sorte.

— Sorte a dele, Mary Jo, se conseguir apaixonar você. Sorte a dele — disse-lhe David.

O PRIMEIRO SOM QUE DAVID OUVIU NO DIA SEGUINTE foi o do telefone. Dormira no sofá de sua casa, vendo televisão, com certeza algum filme em preto e branco, daqueles de antanho, chamados de amor e luxo, de que ele tanto gostava, tanto que nem conseguia desligar o televisor e ir para a cama. De fato, continuava estendido nela quando ouviu a voz de Maria José do outro lado da linha.

— Acho que gosto dele. Creio que pode ser o homem da minha vida. Foi uma flechada.

— Você gosta de quem? Quem deu uma flechada? — o aturdimento em que David estava mergulhado não o deixava raciocinar, nem decifrar o que aquela voz ao telefone começara a lhe dizer tão bruscamente.

— David! — seu nome na boca da amiga lhe soou como censura, por isso ele tentou prestar mais atenção enquanto tentava acordar de vez. — David, acorde. Quem seria?

— Está bem, está bem, não vamos ficar nervosos. Conte-me tudo. Devagar e, principalmente, em voz baixa.

— Atravesse a rua.

Conversaram durante horas. Todos os detalhes era pouco para saciar a curiosidade de David. Queria ouvir mais sobre como fora o primeiro encontro com o desconhecido e misterioso Peter. Maria José não poupou elogios a sua nova conquista. Enaltecia seu modo de ser, o caráter franco, o bom humor, a conversa fácil e interessante. Sua educação à mesa, a boa forma, a estatura, os olhos verdes, sua naturalidade.

— Gosto dele. Gosto muito. É tão bonito! Além do mais, não aparenta a idade que tem. É quase nove anos mais velho que eu, uma diferença de idade importante e favorável a mim. Me disse que é divorciado, um erro de juventude, você sabe. E segure-se, porque ele é sócio fundador de uma empresa com sede em Manhattan, e agora, junto com seu sócio, está estudando as possibilidades do mercado para abertura de franquias não só nos Estados Unidos, mas em outras partes do mundo, inclusive na Espanha. Não me diga que isso não é um sinal!

— Pelo visto, você continua gostando de pobre!

David notou que o comentário não agradara muito à amiga, mas ela não se irritou muito, porque ele não se viu forçado a parar de comer as tortinhas daquele apetitoso café da manhã.

— Este é diferente. Não é como os outros. E além do mais, toca bateria, foi isso que me pegou. Aquele gesto foi superior às minhas forças.

A expressão de David, de quem ficara perdido em meio a uma conversa, obrigou a valenciana a explicar um pouco mais a história da bateria.

— Quando acabamos de comer, depois de ficar quase duas horas sem parar de falar, e sem que se fizesse o menor silêncio por falta do que dizer ou por nervosismo, saímos para dar um passeio. Não sei quanto tempo andamos pelas ruas, mas a verdade é que acabamos indo parar no Soho, e lá, justamente ao dobrar uma esquina, vimos um grupo de músicos negros tocando

na rua. Era uma melodia fácil, linda, com certeza você a conhece, escuta só... — o ar inexpressivo de David diante do leve cantarolar da amiga a convenceu da necessidade de interromper seus dotes artísticos e continuar o relato. — De repente, Peter tira o paletó, me pede para segurá-lo e vai falar com os músicos. Não sei o que lhes disse, mas em seguida se sentou atrás da bateria. E agora é que vem a parte boa. Aconteceu uma coisa que me fez saber que ele era o homem da minha vida — de modo involuntário, mas motivado pelo que acabara de ouvir, David se aproximou mais da amiga, como para dar a entender que a atenção que lhe dava agora era, se isso fosse possível, maior do que demonstrara até aquele momento. E ela prosseguiu: — Naquele instante, e enquanto o resto dos músicos decidia o que iam tocar, vi a maneira como Peter levava a mão à gravata para afrouxá-la, olhe, assim — Maria José tentou imitar o gesto que estava descrevendo para que David tivesse uma ideia mais aproximada —, movimentando a cabeça de um lado para outro, aproveitando para desabotoar os primeiros botões de sua camisa branca. Isso me deixou louca. Veja, veja como estou — disse, estendendo a mão trêmula na direção do amigo e confidente. — Estou meio tonta. Acho que foi uma flechada. Sim, tenho certeza de que foi, porque aconteceu comigo. Você acredita? — David ensaiou uma resposta, mas sua loquaz interlocutora não permitiu que o fizesse. — Tenho vontade de voltar a vê-lo e acho que isso não vai demorar muito. Na verdade, ficamos de jantar amanhã.

Ao segundo jantar, seguiram-se muitos outros, até que chegou o momento de organizar uma de suas noitadas especiais em casa para apresentá-lo. Peter não decepcionou os ansiosos e curiosos convidados que compareceram para jantar e não, como em outras vezes, por causa da vista do horizonte nova-iorquino que se vislumbrava do terraço do apartamento. Nessa ocasião, a atração era outra. Todos queriam conhecer o homem que fizera suspirar a inflexível e exigente advogada valenciana, que conseguira despertar sua paixão e cujo perfil se aproximava de suas pretensões mais que qualquer outro, algo que significava ter sido aprovado com louvor.

De todos eles, David era o mais ansioso. Não sem razão, fora ele o criador do *look* que fez Maria José brilhar em seu primeiro encontro, e talvez por isso, e pelo muito que gostava dela, estivesse tão nervoso que mal conseguiu dissimular seu estado quando viu Peter diante de si.

— Você deve ser David. Maria José me falou muito de você. — O atônito cabeleireiro procurou o olhar de aprovação da amiga e fez que sim com a cabeça.

— É que somos como irmãos. Mas não vá achando que ela não me falou de você. Você é praticamente o único assunto dela nos últimos dias.

Durante todo o jantar, circularam tanto histórias como vinho, a maioria delas sobre encontros, especialmente os do novo casal, as informações sobre o novo integrante do grupo, tudo isso temperado pelos olhares de avaliação e aprovação dos convidados, alguns mais discretos que outros. Todos acharam Peter um homem encantador e divertido. Extremamente divertido. Ao seu lado, as risadas eram constantes. Tinha um comentário oportuno para tudo e ouvia atentamente quando outra pessoa estava com a palavra, mesmo que estivesse falando de

algo desinteressante.

Tudo pressagiava que uma nova vida em comum estava se aproximando, e aquele brinde de Maria José ao gritar “quero um parceiro” parecia ter aberto caminho para isso se tornar realidade. E ela não teve que esperar muito tempo para presenciar essa mudança.

Enquanto o relacionamento com o homem que abraçava um ursinho de pelúcia e se pusera diante de uma árvore de Natal para ser immortalizado se consolidava, a advogada valenciana seguia sua vida com a firme intenção de levar adiante seu novo e ambicioso projeto profissional. Queria montar um negócio de importação de azeite espanhol que, estava certa disso, iria enlouquecer os americanos. Amadurecia havia meses a ideia de levar azeite de Andaluzia a Nova York. Na verdade, passava noites em claro trabalhando diante do computador, perdida em meio a uma nuvem de papéis, relatórios, documentos, cifras, tabelas, porcentagens e tecnicismos, até conseguir criar um projeto que prometia ser a inveja de qualquer empresa dedicada à tecnologia de mercado. Foram muitos meses de trabalho, a maioria antes que Peter entrasse em sua vida pela rede, voltados para a formatação daquele projeto, e ela estava convencida de que nada podia falhar, porque tudo estava sob controle. Pelo menos ela assim acreditava.

Certa noite, já alta madrugada, o repentino toque do telefone despertou David, assustando-o de tal modo que ele teve a impressão de que alguém estava tirando seu coração pela boca. Do outro lado ouviu Maria José, em pleno ataque de histeria, berrando algumas palavras ininteligíveis que fizeram disparar todos os seus alarmes. Só conseguiu entender três palavras: “vírus”, “computador”, “projeto” e a célebre “atravesse a rua”, já que sua amiga não permitiu que decifrasse completamente a frase.

Quando David entrou na casa onde já vivera tão bons momentos, encontrou a amiga uma pilha de nervos. Não parecia aquela pessoa sempre segura, confiante e autossuficiente. Só conseguiu abraçá-la e consolá-la, enquanto com o olhar fazia uma varredura no aposento para ver se conseguia obter mais dados sobre a possível causa daquele caos, como se seus olhos fossem dotados de algum mecanismo de raios X que lhe franqueasse instantaneamente a informação que buscava. Mas não foi preciso, porque Maria José se recompôs em seguida e começou a lhe contar o motivo de seu desespero.

— Entrou um vírus no meu computador. Não sei como, nem o autor — falava enquanto levava o amigo, quase arrastado, para a frente do computador, segurando-o pela manga do paletó e fazendo-o se sentar quase à força. — Estava escrevendo bem tranquila, quando de repente a tela foi lentamente ficando preta e tudo sumiu. — Seus olhos ternos se voltaram para o amigo como que implorando por sua vida. — Preciso que você recupere para mim pelo menos o programa. Só a formatação. O resto não importa, darei um jeito.

David não entendia como ela podia dizer que o resto não importava, quando o resto era o trabalho ao qual havia dedicado os últimos meses de vida.

— Se for só isso, não se preocupe. Está tudo aqui — disse, levando o indicador à testa. — Isso não é problema. Sei tudo de memória. É só uma questão de recuperar algo.

Em dois dias tinha seu projeto de volta, não como era antes, mas aprimorado. Conseguira recuperar alguma coisa do que se perdera, muito pouco, e o resto foi refazendo e melhorando

com novos dados e novas ideias mais avançadas.

— Não sei como você faz, Mary Jo. O “seu” é muito forte — essa era uma das expressões favoritas de David. Usava-a para o que quer que acontecesse, e “muito forte” era para ele algo fora do comum.

— É muito simples. Deus me deu um cérebro e devo usá-lo. Não há mais mistério. Não fazer isso seria uma grande ofensa... você já sabe a quem. — David sempre se impressionou com a arraigada crença religiosa de sua compatriota. Na verdade, deixava transparecer certo sentimento de inveja, já que estava convencido de que sem dúvida era a fé em Deus a fonte daquela luz e vitalidade que emanavam da amiga. — Além do mais, você não imagina as dificuldades que tive que enfrentar. Ficaria doido.

Fez uma pausa, sabendo que seu ouvinte estava morrendo de curiosidade para saber de que tipo de apuros se trataria.

— David, ouça, porque isto é muito sério. Há meses venho lutando para finalizar este negócio. Você mesmo viu a complexidade do projeto no papel, e eu poderia lhe mostrar mais coisas. Olhe — disse, enquanto abria uma nova janela na tela do computador e movia o mouse com habilidade. — Esta é a forma da garrafa de azeite que vou trazer da Espanha. É uma cópia idêntica à torre Giralda, da catedral de Sevilha, e este, o logotipo. E estas são as vias de distribuição. Você sabe que há meses venho procurando um local adequado para montar meu negócio. Já fiz várias viagens a Palermo, sozinha, sem medo, sem proteção, sem nenhum tipo de ajuda para marcar uma entrevista com... — fez uma pausa de alguns segundos e depois continuou: — digamos... comerciantes italianos. Pois bem, só tenho recebido negativas. E não apenas por parte dos italianos, mas dos próprios empresários espanhóis. Não confiam em mim porque sou mulher. Posso ir de joelhos em peregrinação até Jaen que não há jeito. Não me apoiam. Não querem fazer nenhuma sociedade comigo porque não sou homem! Machistas! Será que são idiotas? Poderiam estar ganhando muito dinheiro se confiassem em mim, se participassem do negócio comigo. Se tivessem assinado, estaríamos levando isso adiante, se tivéssemos nos unido para enfrentar os italianos e deixá-los para trás. Mas não. Preferem que os italianos fiquem com o butim a fazer negócio com uma mulher. Você sabe que os italianos pegam nosso azeite, colocam-no em suas garrafas de rótulos italianos, que inspiram confiança, com a denominação *made in Italy*, e os produtores espanhóis não fazem nada para evitar isso? Pois já sabe. Vou lhe dizer uma coisa: se eu fosse homem, eles me ajudariam. Eu lhe digo que me ajudariam.

Maria José estava visivelmente alterada. À medida que falava e se esquentava com o que saía de sua boca, seu tom de voz ficava mais alto, irritado, e seus movimentos acompanhavam esse nervosismo, o que a levava a acender e apagar um cigarro atrás do outro, sem fumá-los. Nessa tarde estava com vontade de falar, de desafogar e não poderia ter encontrado ouvinte melhor.

— Há poucos dias encontrei um gato preto em meu carro. O que acha disso? Bom, pelo menos tenho que agradecer por não terem metido uma cabeça de cavalo em minha cama, porque é assim que os “comerciantes italianos” se entretêm.

— Mas que forte! — foi o que David conseguiu dizer, porque sua amiga não deu chance de

ele continuar a frase.

— Forte? Você, querido e adorado amigo, não tem nem ideia do que é forte — mais que pronunciar esta última palavra, a advogada a vomitou. Sem deixar de andar de um lado para outro da sala, pegou um cinzeiro e apagou com raiva o cigarro que estava fumando, se é que se podia chamar isso de fumar, porque a impressão era de que a fumaça resultante da combustão do cigarro não tinha tempo suficiente de entrar e sair do corpo de sua consumidora. — Forte é os putos italianos terem me roubado mais de quatro mil latas de azeite. Foi a máfia, estou certa de que foram eles. E isso caiu como uma luva para que os produtores espanhóis viessem me dizer que não dou garantias de que o negócio correrá por via segura. E o que posso fazer? Nada. Não posso fazer nada.

David não achava senão um silêncio temeroso e tenso como única resposta ao que a compatriota acabava de lhe expor. Não sabia se tudo o que seus ouvidos captavam correspondia à realidade ou se era uma fantasia criada por sua amiga, mas se coubesse a ele conferir veracidade à narração, sem dúvida o faria. Aquele relato simplesmente o superava. Embora, verdade seja dita, tudo o que se referia a Maria José era assim.

— Mas vou continuar, até conseguir. Um bando de loucos machistas não vai poder comigo. O ruim é que meus pais não deixam de pôr dinheiro no negócio para que ele vá adiante, e não quero decepcioná-los. Não posso fazer isso. Especialmente com meu pai. Eles apostaram em mim, sempre o fizeram, e não posso decepcioná-los. Não farei isso. Malditos italianos — praguejava entre os dentes enquanto acendia outro cigarro.

4

A NOTÍCIA FOI DADA PELA PRÓPRIA MARIA JOSÉ DA maneira como sempre fazia essas coisas: diretamente e imprimindo-lhe, de forma consciente, importância e não menos emoção ao acontecimento que estava prestes a anunciar.

— David, vou me casar.

— Casar? Como casar? Mas... com quem vai se casar? Com Peter? — conseguiu balbuciar um atônito David.

— Não vou me casar com você, se é o que está pensando.

O cabeleireiro compreendeu a tolice de sua observação antes mesmo de acabar de pronunciá-la, mas ratificou-a ao ouvir a resposta de sua emocionada amiga e ver o gesto com que decidiu acompanhá-la. Além do mais, não entendia a razão de seu repentino espanto. Só tinham se passado três meses e meio da data em que Maria José e Peter haviam se conhecido e, pouco tempo depois, decidido viver juntos. O que tinha de estranho em agora decidirem se casar?

— Quero me casar na Espanha. Na igreja, como Deus manda. Tenho que avisar minha família. Não sei como vão reagir, porque não sabem nada sobre Peter, mas vão ter que aceitá-lo. Estou completamente apaixonada por ele. Não consigo imaginar a vida se não for ao lado dele. Ele me faz sentir bem. Não há nenhum porém, embora, bem...

Não sabia se a dúvida que ficara no ar foi intencional ou não, mas isso provocou a reação do amigo, que já terminara seu café mas não se atrevia a pedir outra xícara, temendo perder qualquer detalhe que fosse do que a amiga lhe contava.

— Bem... o quê? O que há? Porque vocês são um dos casais mais invejados. Se está me dizendo que há um porém... isso me surpreende.

— Não é nada. — Fez uma pausa, como para reunir coragem para deixar sair aquilo que estava a ponto de dizer. — O único empecilho é que a mãe dele...

— A mãe dele...? — perguntou David, desconcertado. — O que há com a mãe dele?

— É que além do sobrenome italiano, e você já sabe a triste lembrança que guardo deles desde a história do azeite, o fato é que a mulher não gosta muito de mim. É estranha. Só sua presença já me deixa nervosa. Ela não joga limpo. Tenho horror do modo que observa tudo, especialmente do jeito que olha para mim. Sinto repugnância até de comer os pratos que ela prepara, você não sabe como fico mal quando tenho que comer com eles. Não deixa de semear discórdia nem de mencionar, como se não tivesse nenhuma intenção, como era maravilhosa, fabulosa e perfeita a namorada anterior do filho. Você precisava ouvi-la: “Sabe, Peter, outro dia me encontrei com a fulaninha e ela perguntou por você. Não imagina como ela está bonita. Você precisa ir almoçar com ela qualquer dia desses. Não creio que Maria José se importe, não é verdade? — David se divertia com as caretas que a amiga fazia e com o tom de voz que usava para imitar a futura sogra. — Estou farta. Ela não gosta de mim porque sou espanhola. Mas se imaginasse o quanto gosto dela!

Não era a primeira vez que ouvia de Maria José críticas dirigidas à mãe do noivo. Mas elas sempre acabavam em simples motivo de graça, para animar uma sobremesa rotineira e aborrecida. Sabia que se a amiga estava apaixonada e decidida a se casar com aquele homem era porque estava bem certa disso, e tal convicção, em alguém tão prática e segura como ela, significava muita coisa.

Se a notícia do casamento da amiga três meses depois de conhecer Peter surpreendeu David, certamente deixaria a família da valenciana sem fôlego. Não iam acreditar. Por isso, convencida de que era o que devia fazer, achou oportuno viajar para a Espanha a fim de lhes dar a notícia pessoalmente. Recorrer ao telefone para isso seria uma atitude demasiadamente fria, e com certeza não a levariam a sério. Podia imaginar os pais fazendo mil perguntas sem encontrar respostas, a mãe com as mãos na cabeça e se perguntando o que eles teriam feito para merecer aquilo, e o pai tentando acalmá-la enquanto procurava algum argumento que justificasse a reação da filha. E essa era uma imagem que não lhe agradava nem um pouco. Amava e respeitava os pais, e eles não mereciam tomar conhecimento de algo tão importante na vida da filha de uma maneira tão pouco transparente.

Poucos dias depois, Maria José soube de algo que a fez encarar a imperiosa necessidade de contar com uma ajuda extra. Precisava da cumplicidade de uma pessoa que sem dúvida ia aplainar e preparar o terreno antes que ela chegasse à casa dos pais em Valência e soltasse a bomba. Ou, melhor dizendo, lançasse as duas notícias bombásticas. Porque, além do casamento, havia algo mais; outra notícia que a advogada valenciana ainda não havia dividido com ninguém. Uma boa-nova que a enchia de alegria e que, tinha certeza, seus pais compartilhariam com ela. Mas se havia uma pessoa dentro do núcleo familiar que merecia, mais que ninguém, ser a primeira depositária daquele segredo, a gravidez de Maria José, era sua irmã Victória, a quem era muito ligada. Desde pequenas, e devido ao fato de os pais, por questões profissionais, terem sido forçados a deixá-las aos cuidados dos avós, as juvenzinhas acabaram se tornando dependentes uma da outra. Maria José era alguns anos mais velha que Victória, por isso ela muitas vezes assumia o papel de mãe com relação à irmã mais nova. Eram muito amigas e compartilhavam fielmente seus segredos mais íntimos. Eram perfeitas companheiras de brincadeiras e de estudos. Dos oito aos dezesseis anos de idade, sempre passavam o verão juntas em algum país estrangeiro, aperfeiçoando o idioma local. Costumavam frequentar assiduamente a casa da família de Rose, uma irlandesa adorável que as acolhera como se elas fizessem realmente parte da família. A união entre as irmãs era tão forte que seus pais decidiram comprar para elas um apartamento em Valência, para que estudassem juntas e não tivessem que se separar. Se uma tinha um problema, lá estava a outra para ajudá-la. Qualquer medo, necessidade, erro, qualquer contratempo era menor quando as duas estavam juntas. Havia uma espécie de mimetismo entre elas. Victória sentia necessidade não de imitar, mas de seguir, dentro do possível, os passos da irmã. De fato, no ano em que Maria José esteve na Pensilvânia estudando, Victória sentiu tanta falta dela que quis viver aquela experiência dois anos mais tarde, por acreditar que assim ficaria ainda mais próxima da irmã.

Com apenas uma palavra ou olhar, uma irmã sabia perfeitamente o que se passava na cabeça da outra. Havia um lugar, uma cor, um cheiro que as tornava cúmplices instantaneamente, por mais distante que o destino e a vida colocassem uma da outra. E também uma canção, uma música de Eric Clapton, *Tears in Heaven*, fazia as irmãs se emocionarem e chorarem ao ouvi-la em qualquer lugar do mundo onde estivessem.

Desde pequenas, sempre compartilharam todos os seus desejos. Entre os planos de Maria José estava se tornar uma jornalista famosa e comprometida com causas polêmicas, e Victória sonhava ser aeromoça. Quando atingiram a maioridade, a maturidade tomou a direção de suas vidas, e cada uma decidiu conduzir seu plano existencial por um caminho distinto daquele que havia imaginado em suas confissões de adolescente, afastadas uma da outra, embora tivessem jurado que, por mais quilômetros que houvesse entre ambas, nunca se distanciariam emocionalmente. Quando Victória se casou, a irmã mais velha não parava de viajar para a França, para o Reino Unido e para os Estados Unidos, a fim de continuar aperfeiçoando sua formação. Maria José se graduou em direito pela Universidade de Valência e continuou fazendo cursos de pós-graduação, alguns deles em Barcelona. Mas o que desejava mesmo era se tornar advogada federal nos Estados Unidos, cargo que até aquele momento poucas

espanholas haviam conquistado. Victória tinha certeza de que sua irmã conseguiria chegar lá. Sempre conseguia. Qualquer desafio que se propusesse, cedo ou tarde e por mais difícil que fosse, ela o alcançava. Confiava na irmã mais velha, e os anos não haviam minguado esse sentimento.

Por isso Maria José soube que tinha que chamar a irmã para lhe confiar aquilo que depois contaria aos pais, que ia se casar com um homem que conhecera pouco tempo antes e que estava esperando um filho, que se fosse mulher se chamaria Victória e ela seria a madrinha.

— Você precisa me ajudar a contar para mamãe e papai — a emoção de estar falando com a irmã como se estivesse revelando um plano secreto de que ninguém podia ficar sabendo dava um tom infantil à sua voz. — E você tem que me dar uma mão, ou as duas, para organizar os preparativos para o casamento. Estou longe, mas daqui a alguns dias estarei aí e vamos juntas falar com o pároco de Buñol, e como ele nos conhece e sabe como somos boas... — de ambos os lados da linha telefônica só se ouviam risos — ele não criará nenhum impedimento. Estou certa de que vai realizar para nós um casamento maravilhoso. Quero que tudo esteja perfeito, irmãzinha. E preciso, mais que nunca, que você me ajude, me aconselhe, aja como se fosse a irmã mais velha. Sei que vai se encantar com Peter. E sei que se for menina terá sua carinha. Não me pergunte por quê, mas sei.

Victória ouviu toda essa avalanche de notícias como uma mãe emocionada, muitas vezes tomada de sentimento. Seu próprio casamento não havia sido como todos imaginaram e desejaram, a começar por ela, mas não ficava devendo nada à emoção que uma cerimônia com essas características despertava, ainda mais tendo sua irmã mais velha como protagonista. Pela primeira vez, sentiu que os papéis haviam se invertido e que era ela quem controlava a situação.

5

A VISITA DE MARIA JOSÉ À ESPANHA FOI RÁPIDA, MAS emotiva. Houve tempo suficiente para resolver alguns trâmites burocráticos, dar algumas explicações sobre “Como vocês se conheceram? Onde? Quando?” e um pouco mais. Dentro de poucos dias voltariam todos, noivos e familiares, para celebrar o casamento entre a valenciana e o norte-americano.

A cerimônia religiosa foi realizada em dezenove de março de mil novecentos e noventa e nove, em Buñol. Não faltou ninguém, sobretudo da família do noivo, que não se valeu da preguiça nem da distância como desculpa para não comparecer. Estiveram presentes à cerimônia dezessete pessoas, entre familiares, amigos e inclusive vizinhos de Peter. A generosidade do pai da noiva, mais uma vez, se fez notar.

Os Carrascosa eram uma família de gente trabalhadora, que havia conseguido, graças a muitos anos de trabalho duro e dedicação aos negócios, um *status* econômico que lhes permitia enfrentar o futuro com o que eles qualificavam de “certa tranquilidade”. Por isso, para o chefe da família, tudo parecia pouco para satisfazer às expectativas da filha mais velha em um dos dias mais importantes de sua vida. E não poupou gastos com a filha nem com os convidados do noivo, que foram tratados como autênticos reis, como se fossem da família ou até melhor.

Todos chegaram uma semana antes do dia do casamento, e os pais da valenciana custearam as despesas de hospedaria em La Posada, em Venta Pilar, um dos melhores locais da região. Inclusive organizaram excursões, uma delas, e a mais apreciada, a Madri, para que a mãe, os irmãos e os demais integrantes da comitiva do noivo levassem uma boa lembrança do país e daquela família, que — como ironizou um dos acompanhantes, seguindo a tradição dos ditos nessas ocasiões — ia perder uma filha para ganhar um novo filho, sem imaginar que essa típica expressão era uma trágica premonição.

Maria José, como toda noiva, estava radiante. Todos a admiraram, com orgulho e surpresa, quando a viram aparecer resplandecente no umbral da porta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, e relevaram o atraso de mais de uma hora da noiva. Ela estava perfeita. Usava um vestido branco que deixava à mostra parte de suas costas, o que valorizava ainda mais, se isso era possível, sua bonita figura. Estava belíssima e não conseguia dissimular a felicidade que aquela sagrada união significava para ela. Passou todo o evento feliz, sorrindo a todos que se aproximavam para desejar-lhe um bom parto, aceitando elogios e presentes e só se entristecendo quando olhava para seu pai e o surpreendia observando-a fascinado, emocionado como um menino. Isso sempre a enternecia. Seu pai, um homem alto, forte, bem-educado, de caráter firme e perfil de homem sério, transformava-se num homem frágil e afetuoso quando observava a filha tão bonita e resplandecente, como naquele momento.

Também houve algumas ausências, embora a única que de fato tenha doído para Maria José foi a de seu amigo de alma. Ela não havia sido capaz de convencer David a tomar um avião e ir a Buñol e ser uma das testemunhas de seu casamento, pois para ela a principal seria ele. Implorou, suplicou, fez cena infantil de birra que em outras ocasiões havia dado bons resultados e até ameaçou suspender o casamento se ele não fosse, mas tudo foi em vão. Como David vivia ilegalmente nos Estados Unidos havia quatro anos, temia que, se saísse do país e constatassem sua situação de imigrante irregular, tivesse sérios problemas para entrar de novo.

— Aproveite seu dia. Ria, salte, brinque e exploda de alegria. E depois, quando voltar, você me conta tudo, sem esquecer um único detalhe, e será como reviver tudo.

A proposta de David não consolou a noiva nem um pouco, mas serviu para que se convencesse de que o amigo não ia comparecer ao seu casamento.

— Não será completo sem você, David. Sentirei sua falta — respondeu Maria José, aborrecida.

E assim foi. Desejou ter compartilhado com ele alguns momentos daquele dezenove de março de mil novecentos e noventa e nove, na Espanha, dia de São José, seu santo, por isso

destacava mentalmente os momentos, conversas e detalhes que pensava relatar ao amigo quando voltasse, com todas as minúcias que pedira. Em especial, os sessenta minutos de incerteza que viveu num estado de embotamento quase permanente antes da cerimônia religiosa, tomada por um sentimento de dúvida diante do que estava por vir, o que ela relacionou com o nervosismo pelo qual passa toda noiva antes de se aproximar do altar.

A festa estava sendo um sucesso, e os convidados, bem servidos, riam, fotografavam, filmavam. Não faltaram os sons dos rojões nem dos espetaculares fogos de artifício, tão característicos na terra natal da noiva. A generosidade, que muitos talvez tenham confundido erroneamente com ostentação e exagero, tomou conta da festa, e todos se divertiram madrugada adentro.

A última dança da radiante noiva, tal como a primeira, foi com seu pai. Não deixaram de se olhar nem de falar enquanto se movimentavam ao som da música.

— Quero que você seja muito feliz. E se minha filhinha precisar de alguma coisa, não hesite em me chamar. Qualquer problema que tenha, não fique esperando para resolvê-lo e depois me contar, que a conheço. Sua mãe e eu sempre estaremos aqui para ajudá-la no que precisar. E para amá-la muito, minha filha. Muito. Mais do que jamais poderia imaginar — disse seu pai, emocionado. Ele era capaz de fazer tudo para aquela filha que mantinha nos braços como se ela fosse uma menina pequena e frágil.

— Você já me ajudou bastante, papai — respondeu Maria José, sem ter consciência do brilho que seus olhos refletiam, que o pai mal conseguia evitar. Se tiver que devolver todo o dinheiro que você está me emprestando para eu ocupar meu lugar nos Estados Unidos, acho que não vou poder contar com margem de lucro — disse ela e se apoiou ternamente no ombro do pai. — Você está tão bem, papai. Eu o amo tanto. E estou tão feliz por estar contente com seu primeiro neto! Ah! E não se preocupe, pois farei que ele venha sempre ver os avós. Espero que não o mime, como todo avô faz.

— Deixe isso por minha conta. Você se cuide e deixe que cuidem de você.

As últimas palavras do pai coincidiram com os compassos finais da canção. Lamentou que aquele momento tivesse chegado ao fim. Peter se aproximou deles e tomou Maria José nos braços.

— Tenha em mente uma coisa — disse ao genro sorridente: — Maria José, o menino e você, família número um.

— Oh, *yes*, papai. *Don't worry*¹.

— Sim, eu *worry*, sim — respondeu. — Portanto, muito cuidadinho.

— Papai, assim vai assustá-lo — disse Maria José, divertida. — Pois não está vendo que é um bom sujeito? Não se preocupe. Vamos ficar bem. Prometo.

Foi o último beijo que recebeu da filha vestida de noiva. E também o último, antes que lhe tirassem bruscamente a venda dos olhos.

AO VOLTAR AOS ESTADOS UNIDOS, APENAS DOIS DIAS depois, continuou recebendo cumprimentos e votos de felicidade. Os amigos e conhecidos que não puderam ir ao casamento queriam expressar seus desejos de um futuro feliz ao novo casal. Todos queriam saber como havia sido a cerimônia, qual fora o momento de mais emoção, o mais divertido, o mais inesquecível. E, obviamente, como era o vestido da noiva, já que o traje do noivo despertava menos interesse e quase nenhuma expectativa. Pensaram em organizar um jantar em que todos pudessem satisfazer sua curiosidade, mas Maria José sabia que havia alguém que detinha o direito de saber tudo antes de qualquer um, “apesar de você me deixar sozinha em um dia tão importante para mim, querido amigo e confidente”, pensou.

E foi exatamente o que disse a ele quando se encontraram.

— Nós, os clandestinos, somos assim, Mary Jo. Que você nunca tenha que passar por esse transe, querida — sempre que David ficava melodramático conseguia arrancar uma gargalhada da amiga, que de fato ria do mau ator que ele era e dava graças a Deus por não tê-lo chamado para o duro caminho da interpretação. “Eu teria que sustentar você e gastaria muito para compensar tudo o que você ganha com os bobes e o secador”, disse consigo mesma.

Contou-lhe tudo, chegando a ficar em dúvida se a torrente de histórias e acontecimentos que saía de sua boca correspondia ou não ao que realmente ocorrera, porque diante de seus olhos passaram muitas coisas, mas por sua cabeça desfilaram um sem-número de sensações que ela não conseguia identificar.

Num momento da narração em detalhes do autêntico conto de fadas, com toda a parafernália de pormenores que ela sempre gostava de acrescentar a suas intervenções, Maria José mudou de atitude.

— O que há, Mary Jo? Não houve noite de núpcias?

— Imagine! Claro que houve. É que estou me lembrando de como minha família se comportou bem com eles, oferecendo-lhes tudo do melhor, desdobrando-se para dirigir todas as atenções à família de Peter, com todas as despesas por conta do meu pai, enquanto nenhum dos familiares do meu marido foi capaz de me oferecer um presente ou a meus pais. Até o presente de Peter, um relógio valioso, foi meu pai que comprou. E o que você acha que a mãe dele me deu?

David ficou olhando atentamente para ela, esperando que o tirasse da ignorância, e percebeu como repentinamente um véu de tristeza tomou conta da expressão até aquele momento jovial e divertida da amiga. Finalmente ela resolveu abrir a boca.

— Pois é, nada. Absolutamente nada. Nem a mãe, nem o filho. Pois Peter não me deu nem o tradicional anel, só o de noivado. Não acha isso estranho, David? Como é possível tanta desatenção e grosseria mesmo, ir passar uma semana na Espanha e não levar a mínima lembrancinha em sinal de agradecimento à família que fez o convite? Pois é possível, sim.

Quando digo que não gosto dessa sogra que me coube, é por alguma razão e não pura implicância. Isso sem falar do resto da família. Você tinha que vê-los. E os amigos? Eu nem conhecia alguns deles, e tinham uma aparência muito estranha. Não me causaram boa impressão. Mas claro que não ia me amargurar no dia do meu casamento, não ia deixar que me roubassem aquele momento que era meu.

— Olhe, Mary Jo, não se martirize nem sofra pensando na família dele. Foi com ele que você se casou, não com sua família. Basta que os veja apenas quando for preciso. Não fique remoendo isso, que a conheço bem, você começa a se esquentar... Pense que você ainda está em lua de mel, embora não tenham viajado para lugar nenhum.

David conhecia bem os surtos de sua amiga. Estava convencido de que, como era uma mulher inteligente, não parava de dar voltas e mais voltas em tudo o que lhe vinha à cabeça, até que explodia. Vira isso ocorrer em mais de uma ocasião, e não recomendava a ninguém que a provocasse. Mas não costumava perder a cabeça.

— Essa é outra coisa, a lua de mel.

David percebeu que não fora uma boa ideia puxar o assunto da viagem dos recém-casados. Sabia que a situação financeira de Maria José não andava muito bem, e a de seu marido continuava sendo um grande mistério, porque, como lhe confidenciara a amiga, ele ainda não havia dado mostras do sucesso de seu negócio. Por isso ficou reconfortado quando o humor dela mudou.

— Mas você tem razão — disse Maria José. — Vou parar de ficar remexendo nesse assunto porque isso não é bom para o meu estado. Não pode ser bom. Há uns dois dias estou com um mal-estar no estômago que não me deixa dormir nem comer e me derruba. Não sei o que está acontecendo comigo.

— Você está grávida, não? — repreendeu-a David.

— Pois um pouco de tranquilidade e sossego seriam bem-vindos. E ver menos a família do meu marido seria ótimo também.

Não se passara nem uma semana do casamento e seu organismo começou a dar os primeiros sinais de que algo não ia bem. Fora um tanto precipitado subir num avião para a viagem de volta apenas poucas horas depois da cerimônia nupcial, sem tempo para descansar, uma precaução que em seu estado teria sido lógica e conveniente, e o corpo de Maria José se ressentia. Mas os recém-casados tinham muita coisa para resolver em Nova York, e a noiva preferia ocupar a cabeça com outros problemas e parar com esses pequenos contratemplos que ela achava que iam perdurar por toda a gravidez. “É melhor ir me acostumando.” A chegada do bebê fizera-a pensar na possível mudança de seu pequeno apartamento para um chalé menos espetacular em Fort Lee, que seus pais haviam comprado e posto no nome da empresa familiar. E também tinha vontade de voltar a investir em seu negócio de azeite, embora a cada dia a barriga ficasse maior e ela só encontrasse pelo caminho obstáculos e dificuldades.

A pressa, os nervos, o acúmulo de emoções fortes, tudo se sucedera rápido demais e talvez por isso Maria José estivesse mal. Não costumava queixar-se de doenças. Não gostava disso,

pois a fazia parecer uma mulher frágil e desamparada, e ela não suportava passar essa imagem de fragilidade que tanto odiava quando a percebia em outras pessoas.

No entanto, as doenças e a inatividade que elas provocavam eram uma coisa diferente, por isso uma noite pediu a Peter que a levasse para o hospital. Lá chegando, foi levada para dentro numa cadeira de rodas, desaparecendo da vista do marido num corredor enorme, enquanto informavam a Peter que ele deveria ficar na recepção para preencher alguns formulários e fornecer informações detalhadas sobre a paciente. Maria José sabia que o sistema de saúde americano era diferente do espanhol e que ali, se alguém precisasse de cuidados com saúde, tinha que pagar do próprio bolso. Enquanto era levada para a consulta com o médico de plantão, deixando para trás portas e mais portas, ainda alheia ao que estava para se passar na recepção do Hospital Kennedy Memorial de Nova Jersey, agradeceu mentalmente o fato de Peter estar com ela, o que lhe poupava ter que responder a um sem-número de perguntas, o que só ia atrasar os cuidados e o tratamento da paciente. “Já respondi a perguntas suficientes quando tive que enfrentar as quatro mil que me levaram a conhecê-lo.” Essa lembrança a fez sorrir, apesar da preocupação que a corroía por dentro.

Depois de submetê-la a vários exames e de passar por diversas avaliações, o ginecologista do pronto-socorro se apresentou diante dela e lhe confirmou a terrível notícia:

— Você perdeu o bebê. Suponho que soubesse que estava no segundo mês de gestação. Sei que esta é uma notícia inesperada e que evidentemente não a queria ouvir, mas precisa ser forte. Você é jovem, corajosa e ainda vai poder ter mais filhos. Mas terá que ser muito mais cuidadosa e prestar mais atenção a seu corpo do que vinha fazendo até agora, pelo seu bem e o do futuro bebê. Se quiser engravidar novamente, precisa descansar e levar uma vida sem estresse, sobressaltos, pressa, em suma, sem preocupações que possam lhe trazer alterações de saúde.

O médico continuava falando. Maria José observava fixamente, como se estivesse hipnotizada, o movimento de seus lábios, mas já fazia algum tempo que a maioria de seus sentidos deixara de prestar atenção naquele homem de jaleco branco que se transformara no portador da pior notícia que recebera nos últimos anos, mais dolorosa do que a do falecimento de sua avó, a quem sempre considerou uma mãe e autêntica fada madrinha. Perdera seu filho, e isso a fez abandonar-se a uma espécie de autismo no qual chegou a se sentir confortável e, de certo modo, até protegida. Enquanto ouvia, como se fosse um rumor distante, as monótonas especulações do médico sobre as possíveis causas do aborto que ela acabara de sofrer e as sábias, mas nesse momento absurdas, recomendações sobre uma futura gravidez, o que menos se poderia imaginar era que, nesse mesmo instante em que se sentia abatida pela dor e confusão, o marido se esquivava de assumir essa condição na recepção do hospital. Em nenhum momento Peter disse às enfermeiras que aquela mulher que acabava de perder o bebê era sua esposa havia uma semana. Optou por dizer-lhes que Maria José era uma simples amiga e que ele estava ali porque ela lhe pedira que a acompanhasse. E assim a registrou, como amiga e mãe solteira, dando também um endereço fictício para que a conta do hospital nunca chegasse. Maria José descobriu isso meses mais tarde, quando foi pedir um empréstimo em seu banco para investir em outro de seus negócios. Naquele momento, e diante de sua

incredulidade, o diretor do banco lhe explicou que era obrigado a lhe negar o empréstimo devido à informação que aparecia na tela de seu computador e até fez questão de que ela a visse com seus próprios olhos: seu nome aparecia numa lista de inadimplentes, o que impossibilitava qualquer operação bancária relacionada com o empréstimo. A causa: uma fatura que deixara de ser paga, exatamente a do hospital em que ela ingressara devido a uma gravidez interrompida naturalmente e que não fora resgatada porque não chegara ao seu destino. Mas para descobrir aquilo ainda faltava muito.

Maria José se recompôs como pôde, auxiliada pelo tratamento humano e respeitoso que lhe dispensava aquele amável médico. Respirou fundo, enxugou as lágrimas, apertou os lábios num gesto que lhe permitiu evitar o gosto salgado de seu pranto, abafado e silencioso, e, embora odiasse hospitais e em especial seu cheiro característico, assentiu sem opor resistência quando lhe recomendaram que permanecesse uma noite em observação para que pudessem acompanhar a evolução de seu estado.

Quando Peter subiu ao andar em que sua mulher fora internada e entrou no quarto, perguntou sobre seu estado e, sentando-se ao lado dela na mesma cama em que estava deitada, indefesa e triste como uma menina que tivesse sido castigada por uma doença que a impedia de brincar, animou-a dizendo que tirasse da cabeça qualquer preocupação, pois teriam mais filhos e todos seriam tão bonitos e inteligentes como a mãe. Enquanto Maria José reagia a suas palavras com um sorriso forçado que com a ajuda de Deus conseguiu esboçar, ele lhe comunicou que os médicos lhe haviam recomendado que a deixasse sozinha para que ela pudesse dormir e descansar. Ela não só estranhou como ficou contrariada com aquela recomendação, que considerava absurda e pouco coerente com o que acabara de aconselhar o médico que a atendera, sobre os cuidados e a dedicação que eram essenciais nesses momentos, mas achou que seria até bom descansar toda a noite sem se preocupar em saber como estaria seu marido e sem que lhe pesasse um bobo sentimento de culpa se ele ficasse ao seu lado, quando tinha que enfrentar compromissos imediatos e importantíssimos.

— Amanhã você tem que trabalhar, e estes dias são importantes para você — ela lhe disse, pois Peter havia comentado que nos próximos dias seu negócio poderia dar um grande salto em nível nacional e inclusive ingressar no mercado internacional. Ele precisava estar desanuviado porque muita coisa estava em jogo. Significava uma grande oportunidade para eles e não podia deixá-la escapar. Despediu-se da mulher com um beijo na testa e lhe desejou bons sonhos, não sem antes prometer que cuidaria dela por toda a vida e que ela não devia se preocupar com nada enquanto ele estivesse ao seu lado. Não soube muito bem por quê, pelo menos não tinha razões para pensar assim, mas aquelas palavras a fizeram mergulhar numa inquietação estranha da qual não conseguiu se livrar até bem adiantada a madrugada. A sensação foi parecida com a de dúvida e incerteza que a invadira no dia de seu casamento, quando levou mais de uma hora para chegar à igreja em que ia se casar. Preferiu abandonar esses pensamentos e tirou da cabeça qualquer insegurança que lhe perturbaria o sono e o sossego recomendados. Precisava descansar e assim o fez.

Na manhã seguinte, e depois de umas horas de sono cheias de pesadelos, sombras e uma estranha confusão, Maria José começou a juntar suas coisas para voltar para casa. Em sua cabeça retumbavam as poucas palavras que conseguiu ouvir com clareza da boca do médico que a havia atendido na noite anterior: “Você é jovem e ainda pode engravidar”. Era evidente que desejava engravidar de novo e não pretendia esperar muito.

No caminho de volta para casa, com a cabeça apoiada no encosto do táxi que tomara na porta do hospital, observava pela janela como as ruas de Nova York continuavam na mesma atividade incessante, alheias ao drama que ela acabara de viver, o que a fez se lembrar do verso de um tango de Carlos Gardel de que gostava muito: “Seus olhos se cerraram, e o mundo continua andando”. Imersa na voracidade da metrópole, ela quebrava a cabeça ao pensar em como ia comunicar o fatal desenlace a seus pais e sua irmã. Enquanto observava sem ver aquele estonteante tumulto das ruas, pensava na grande tristeza que a notícia do seu aborto lhes causaria e tentava encontrar alguma fórmula que conseguisse suavizar, amortecer o duro golpe que isso significaria para sua família, especialmente para seu pai, a quem a ideia de se tornar avô fizera o homem mais feliz do mundo. Também pensava em como contar a David, que já havia se adiantado e comprara uns sapatinhos brancos de tricô, “para não atrapalhar os desígnios da natureza, ou dos astros, porque, sendo você tão amiga das coisas do espírito e da astrologia, sabe que é preciso se proteger”.

Uma chamada no celular interrompeu seus pensamentos. Era Peter, que a chamava pela segunda vez naquela manhã, e eram apenas dez e meia. Nunca costumava telefonar a ela quando estava trabalhando. A primeira foi para lhe dizer que seria impossível abandonar a “importantíssima reunião” em que estava “mergulhado e totalmente abstraído” desde a primeira hora para ir buscá-la no hospital. E a segunda era para saber como ela estava e se havia chegado bem. Ela o tranquilizou dizendo para não se preocupar, pois sabia como ele era dedicado ao trabalho, coisa a que ela sempre fizera referência como uma das coisas mais sagradas na vida de uma pessoa, e que tudo estava transcorrendo sem sobressaltos. Algum tempo mais tarde entendeu que a ausência do marido tanto naquela noite como na hora de ir buscá-la à saída do hospital podiam ser entendidas pelas mentiras que ele disse quando ela deu entrada no pronto-socorro.

7

AOS POUCOS, MARIA JOSÉ FOI SE RECUPERANDO E em menos de quatro meses ficara grávida novamente. A notícia a encheu de bom humor e de uma alegria imensa, que conseguiam atenuar dois acontecimentos que não lhe haviam trazido nenhum bem-estar. O negócio do azeite malograra definitivamente por falta de cooperação, inclusive de seu

marido, que foi a que mais lhe doeu, pois, longe de animar e incentivar a mulher, ria da má sorte que ela tinha para os negócios que empreendia. O segundo revés foi algo mais pessoal: a imediata volta de David à Espanha.

— Você não foi ao meu casamento e agora me diz que vai voltar para a Espanha?

David não sabia se sua amiga estava aproveitando aquela oportunidade para censurá-lo novamente por não ter ido ao seu casamento, algo de que ele já se arrependera o suficiente, ou se sua partida lhe causava muito sofrimento.

— Mas como vai fazer isso comigo agora? — ela continuou. — Como vai embora agora que fiquei grávida de novo e terei tantas coisas para lhe contar?

— Mary Jo, querida. Preciso ir. Tenho quatro sobrinhos que ainda nem conheço pessoalmente, só falei com eles por telefone. Eles estão crescendo muito rápido e não quero perder isso por mais tempo. Depois de quatro anos, sinto uma necessidade imperiosa de voltar para minha gente, minha família — disse e depois fez uma pausa, ao intuir que aquele argumento não seria suficiente. Então recorreu à qualidade a que a amiga sempre se referia, sua incansável alma viajante. — Além do mais, você me conhece, gosto de mudar de ares. Tenho pensado em ir para Roma. Ainda não trabalhei lá, e tenho amigos que podem me facilitar contatos profissionais. Pense assim — acrescentou, sem saber como fazer para evitar o iminente choro e a cara de contrariedade da amiga. — Você vai ter uma desculpa e tanto para levar seu filho para a Itália. E quanto à casa, não se preocupe. Você me conhece e sabe que tio David arrumará tudo do jeito que você gosta.

Disse a última frase enquanto lhe acariciava o ventre, ainda não muito crescido, o que animou a futura mamãe a deixar-se mimar e se render num longo abraço com o amigo.

Os últimos acontecimentos haviam animado Maria José a adiantar alguns de seus projetos futuros. A notícia de sua segunda gravidez a fez repensar em sua situação nos Estados Unidos. Há bastante tempo uma ideia a rondava, que era solicitar cidadania, e achou que aquele seria um bom momento. As circunstâncias já não se mostravam tão adversas, uma vez que contava com uma licença de trabalho que lhe permitia desenvolver sua atividade de empresária no país. Além disso, tudo indicava que sua situação pessoal a levaria a permanecer um bom tempo lá: estava casada com um cidadão norte-americano e esperando um filho dele, o que significava garantia suficiente na hora de solicitar a almejada permissão de residência. Agora estava mais perto do que nunca de conseguir realizar o sonho que perseguia há muito tempo: desde o dia em que chegara aos Estados Unidos queria completar seus estudos formais e dominar o idioma.

Queria ser uma cidadã norte-americana, desfrutar dos mesmos direitos e obrigações de todos. Ansiava pelas mesmas possibilidades de sucesso e por desfrutar de idênticas oportunidades, desejava que seu trabalho lhe trouxesse benefícios e consequentes lucros, queria que seu esforço fosse recompensado tanto quanto o dos demais cidadãos, que os impostos que pagasse valessem o mesmo que o deles. Sabia que para ter tudo isso precisaria possuir as mesmas garantias, obrigações e direitos que eles nas áreas administrativa,

judiciária, econômica e social. Tudo estava a seu favor, exceto a inesperada oposição de seu marido.

— Cidadania? Mas isso é muito complicado, querida. Vai lhe dar muita dor de cabeça e, além disso, não será tão fácil como você pensa. E tem mais: pode ter certeza de que, depois de todo o esforço, o mais provável é que a neguem, como muitas vezes acontece. Você já deveria saber que para esse tipo de coisa a legislação norte-americana é muito exigente. Além do mais, se você analisar friamente, não vale tanto a pena. Acredite, para o que você quer e precisa, também não faz tanta diferença.

— Mas, Peter, falei com alguns amigos, e eles me garantiram que não é tão complicado e que seria bom para mim, não só por motivos profissionais, mas pessoalmente. E também estou casada com você, vivemos e trabalhamos aqui e, se isso não bastasse, estamos esperando um filho, que com certeza vai nascer aqui. Não acha que esses são motivos suficientes para que eu queira morar aqui? — perguntou Maria José, desconcertada por não estar entendendo as dúvidas do marido.

— Olhe, faça como bem entender. Estou dizendo isso pelo seu bem e pelo meu. Sabe o que aconteceria se lhe negassem a cidadania? Não quero nem pensar o que seria de mim se acontecesse alguma coisa com você e o bebê, se não puderem ficar ao meu lado, se os mandassem embora por causa de um maldito papel — Peter viu como a decepção tomou conta do rosto dela. Sabia que cedo ou tarde ela ia lhe falar sobre isso, porque já havia mostrado interesse por esse assunto em encontro com amigos, mas não achou que isso fosse ser considerado tão cedo. — Olhe, só lhe peço uma coisa: pense bem. Não se precipite. Não há pressa. Você está grávida, em via de começar um novo projeto, e não há nenhuma razão para fazer as coisas com pressa. Amadureça a ideia, pense bem em tudo mais demoradamente. Se quiser, amanhã mesmo começarei a tomar algumas providências, vou falar com uns colegas que conhecem bem o assunto, e eles me dirão o que é melhor, o mais conveniente para todos.

— Está bem, como quiser. Mas ficarei mais tranquila se começarmos a fazer alguma coisa. Além disso, trata-se de um sonho. Desde pequena venho fazendo planos para o dia em que poderei viver e trabalhar aqui e ser uma de vocês. Isso me deixaria muito feliz.

Sorrindo, Maria José se aproximou do marido com a mesma intenção com que uma menina se aconchega ao pai para que ele lhe compre um brinquedo se ela se comportar bem.

— Amanhã mesmo falarei com esses amigos — disse Peter, beijando a mulher antes de começar a pôr a mesa. Ele queria jantar logo porque, segundo lhe informara, na manhã seguinte teria muito trabalho. Maria José mostrou então mais interesse pelo que o marido lhe dizia.

— Por quê? Há alguma novidade sobre os planos de expansão da empresa? — perguntou. — Disseram algo a vocês?

— Não, bem, um pouco de tudo. São muitos problemas e não quero aborrecê-la. Você sabe, já lhe disse várias vezes que, quando chego em casa, gosto de me desligar e não falar de trabalho. Quero que nossa casa seja uma espécie de oásis. Está entendendo? Não é tão complicado...

— Está bem.

Maria José não insistiu porque sabia que não ia adiantar. Sua curiosidade não ia ser saciada, como sempre acontecia quando falavam do trabalho dele. Também não estava com vontade de ficar remexendo o assunto. Estava mais interessada na questão de sua cidadania, e foi a isso que passou a dedicar seus pensamentos.

No dia seguinte, não ouviu as boas notícias que esperava. O marido chegou cansado, e as atitudes que tomaria a respeito da cidadania não coincidiam com os planos dela.

— Falei com meus amigos e inclusive com os advogados da empresa, e eles me garantiram que agora não é um bom momento para solicitar sua cidadania. As coisas estão um pouco complicadas, não me explicaram muito bem por quê, mas como eles entendem do assunto...

— Eu também sou advogada, Peter, e não tenho a visão negativa deles — disse ela, que via aparecer muitos obstáculos no caminho para realizar seu sonho de se tornar legalmente cidadã.

— Concordo, mas eles são especializados nessa questão. Além disso, não me disseram que você não devia fazer o pedido, mas aconselharam-na a não fazer isso na qualidade de esposa de um cidadão norte-americano. Asseguraram que, nesse caso, não haveria nenhum problema ou risco e que, se você quiser, eles próprios a ajudarão a iniciar os trâmites...

Maria José respirou fundo e ficou pensativa, em silêncio, durante alguns minutos, o que fez o marido pensar que seus argumentos haviam dado resultado e que ele estava quase atingindo seu propósito, que era convencê-la a desistir da ideia fixa de pedir a bendita cidadania, alegando sua permanência e o trabalho como empresária. As dúvidas de sua mulher romperam o silêncio que se apoderara da conversa do casal.

— Mas Peter... — dava a impressão de que Maria José estava com dificuldade para dizer o que pensava, como se sua boca e a língua estivessem ruminando uma pergunta que os lábios não se atreviam a formular. As perguntas eram muitas, assim como as dúvidas e, por que não dizer, os temores que dia e noite invadiam sua mente, pois sabia que pedindo a cidadania por ser casada com um norte-americano ela ficaria nas mãos do marido, à sua mercê, e se um dia o casal resolvesse se separar ela inclusive correria o risco de ser deportada, o que significava perder os bens comuns, sua empresa e, evidentemente, a custódia de seu futuro filho, que, segundo os planos do casal, nasceria nos Estados Unidos. Finalmente a inquietação venceu e ela se atreveu a perguntar: — Se eu fizer a solicitação amparada em minha condição de mulher casada com um cidadão norte-americano, o que aconteceria se um dia nós... o que haveria se... — viu que não conseguia terminar a frase, atitude a que o marido soube reagir e manipular. Aproximou-se da mulher de maneira carinhosa, insinuante e provocante, como se seguisse um ritual de conquista que a ela, que não conseguia esconder que a atitude do marido a divertia, lembrava um desses documentários de televisão que exibem a habilidade do macho para conquistar a fêmea usando todos os seus dotes e pondo em prática um cerimonial particular destinado a conseguir seus favores. Enquanto Maria José sorria sem oferecer muita resistência àquela investida, Peter a mantinha enlaçada pela cintura com seus braços fortes, como ela gostava, porque a fazia sentir segura e protegida. Ele mantinha a boca bem próxima dos lábios dela, mas sem os tocar, como se quisesse prolongar esse momento por muito tempo.

— Quer dizer que se um dia você e eu... — disse ele, todo meloso, repetindo a frase que ela não terminara. — Então está pretendendo me deixar? Anda pensando em me abandonar? Não pretende sair correndo e me deixar sozinho... o que seria de mim... o que faria sem minha mulherzinha...

Alguns dias depois, Maria José contou ao marido no que andara pensando e que decidira desistir do processo de solicitação de cidadania, ainda que mais tarde viesse a fazê-lo, alegando ser casada com um cidadão norte-americano. Ao ouvir isso, Peter tomou as mãos dela e as beijou. Presenteou-a com um sorriso enorme, que conseguiu iluminar todo o seu rosto, e Maria José notou como os olhos dele se arregalaram e brilharam de um modo que nunca vira. No entanto, o que parecia ser um momento mágico, de plena união entre o casal, foi frustrado pela reação do marido.

— Você interrompeu o processo, meu amor! Ótimo! Muito bem! — gritou, ao mesmo tempo em que soltava uma gargalhada. — Você já é minha, espanhola idiota. Já é minha! Só minha. Minha, minha...

Apesar das gargalhadas do marido, sem nenhum controle e o mínimo respeito, Maria José não achou graça nenhuma na situação. Além do mais, aquela estranha resposta e o comportamento insólito do marido, que parecia estar possuído por algum demônio, como se costuma ver nos filmes de terror, a desagradaram muito. Aquelas gargalhadas grotescas e assustadoras pareciam ir para o alto do teto e circular despidamente por todos os cantos da casa, perseguindo-a e penetrando em seu corpo por todos os seus sentidos e, por mais que tentasse afugentá-las e fazê-las desaparecer tampando os ouvidos, só conseguia sentir-se cada vez mais desesperada e agredida. Sentiu-se tão incomodada e assustada que largou com violência as mãos do marido, e de um jeito grave, severo, disse-lhe que não estava achando nenhuma graça naquele comportamento sem sentido e que ele parasse com aquela vulgaridade. Mas ele, longe de notar que sua atitude a contrariava, continuou a rir escandalosamente, repetindo: “Já é minha, já é minha!”.

Levou um bom tempo para que Maria José conseguisse superar a enorme raiva causada pela repentina, absurda e irracional reação do marido. Ele então suplicou de todas as maneiras, usando todas as suas habilidades e as quase sempre bem-sucedidas armas de conquistador nato, que o perdoasse, que ele quis apenas fazer uma brincadeira com ela e talvez tivesse exagerado, que não era para ela ficar daquele jeito. Ela acabou perdendo-o, mas ainda tentava encontrar lógica para aquelas palavras que conseguiram feri-la e desconcertá-la mais do que pensara no início. Foi difícil, para ela, varrer da mente aquelas palavras incisivas e perturbadoras: “Você já é minha, já é minha, espanhola idiota”. E na verdade nunca o conseguiu. Mas chegaria o dia em que elas adquiririam todo o sentido que lhes faltava agora, no momento em que foram pronunciadas.

A SEGUNDA GRAVIDEZ DE MARIA JOSÉ MONOPOLIZAVA a atenção de seus pais, amigos, familiares e, sem nenhuma dúvida, todas as conversas, planos e perspectivas de futuro. Todo o cuidado era pouco, todo o excesso de zelo com relação aos preparativos era justificado. Uma vez deixado de lado o assunto sobre a cidadania, que havia provocado não só felicidade mais também desgosto, a futura mamãe achou que uma mudança de ares lhe faria bem e decidiu ir para a Espanha e ficar sob os cuidados de sua mãe. Mas a experiência de uma viagem em seu estado não era muito agradável, e ela ainda guardava frescas na memória as recomendações que aquele amável médico não cansara de repetir: “Repouso e cuidados. Nada de estresse”. Depois de muita conversa com a família, ela resolveu que, após o parto, sua mãe é que iria para os Estados Unidos cuidar dela. Seria a melhor solução para que Maria José se sentisse acompanhada, já que o trabalho do marido o impedia de estar em casa quando ela mais precisava dele. E ela vivia cansada, nunca sentira a preguiça que agora se apoderava de seu corpo todo e fazia que as ordens que dava a seu cérebro não fossem obedecidas, por falta de força e vontade, por seus braços e suas pernas. Sentia-se fraca, sem ânimo, sem a vitalidade e agitação a que estava acostumada. Sabia que isso tudo se devia à gravidez, por isso se convenceu de que enquanto estivesse nesse estado deveria baixar o ritmo de suas atividades e adaptar-se a seu estado atual.

É verdade que havia dias em que passava bem, em que parecia renascer, apesar da evolução da gravidez, cada dia mais visível. Foi durante esses dias que começou a pensar em um novo negócio, para o qual até já tinha nome. Era o primeiro daquele ambicioso projeto que tinha em mente, e estava convencida de que seu estado havia contribuído para gerar dentro dela esse novo desafio.

Seus planos profissionais passavam pela abertura de uma grande multinacional dedicada ao serviço de *au pair*. Mas não tinha intenção de pôr limites a suas atividades, queria montar um negócio de grande porte. Sua ideia era trazer da Europa e da América Latina estudantes interessados em tomar conta de crianças no estado de Nova York, mas com projeto de expandir a atividade para outros estados, ampliando o leque territorial de acordo com a lei da oferta e da procura. E não se especializariam apenas em cuidar de crianças, mas de doentes, idosos e pessoas com alguma deficiência ou limitação que precisassem de cuidados e da companhia de alguém que lhes proporcionasse a atenção necessária. Ela começaria lançando uma oferta de trabalho na internet, e os eventuais interessados enviariam seu currículo se estivessem dispostos a trabalhar como babás/cuidadores. A cada dia Maria José se entusiasmava mais com o negócio. Depois, estendeu a idade dos candidatos e a ocupação, para que a oportunidade não ficasse restrita apenas a intercambistas, mas estivesse aberta a qualquer pessoa que se mostrasse interessada em aprender um idioma. Em poucos dias elaborou o projeto e o logotipo, em seguida definiu o nome da empresa, embora já o tivesse em mente desde o início, e providenciou o projeto gráfico, como sempre bem cuidado,

elegante e primoroso em cada detalhe. Uma tarde chamou David, que já estava prestes a deixar os Estados Unidos, e lhe pediu que fosse a determinada loja do bairro para buscar algo que ela queria mostrar a ele. “Atravesse a rua.”

A primeira pessoa a ver o cartão de visitas da nova empresa foi seu eterno confidente. Era cor-de-rosa e o nome se destacava: Mary Poppins.

— É lindo! — David observava encantado aquele pequeno pedaço de papel acetinado, de toque agradável. — Não sei como você é capaz de criar essas coisas tão bonitas, Mary Jo. Você tem um talento que qualquer um gostaria de ter. Só de olhar para este cartão já me dá vontade de contratar os serviços de *au pair*.

— Ah, David, como vou sentir sua falta! Quem vai me animar tanto quanto você?

— Quem, minha querida? Seu marido, que para alguma coisa tem que servir — respondeu ele simplesmente, sem querer cutucar a ferida que já machucava tanto o corpo como a alma da amiga.

— Sei, sei. Se for esperar que meu marido me anime vou ter que ser paciente. Sei bem o que ele e a mãe podem me dar.

Ficou tentada a contar a David o que se passara entre ela e o marido quando lhe falou que queria pedir a ansiada cidadania. Não sabia bem por que decidiu não fazer isso, preferiu não dizer nada. Ele estava prestes a começar uma nova vida e ela não queria que levasse na bagagem um monte de preocupações que não tinham solução e só contribuiriam para ofuscar sua despedida. Pela primeira vez não dividiria um segredo com o amigo. Seria melhor para todos juntá-lo às histórias desagradáveis e virar a página o mais rápido possível. Não valia a pena cutucar a ferida que aquilo provocara, porque tinha a impressão de que não conseguiria fazê-la cicatrizar.

Prometera a si mesma não dificultar para David aquela despedida, que para ele era a separação de sua alma gêmea, da mulher que ele admirava e amava. Tinha consciência de que estavam unidos por um cordão umbilical muito forte, que ambos vinham alimentando há muito tempo, fortalecendo-o com confidências e avivando-o com contínuas demonstrações de cumplicidade, o que fazia aquela amizade ser invejada entre seu círculo de conhecidos. Ambos sabiam que iam sentir uma saudade desmedida um do outro, mas optaram por calar seus sentimentos, a fim de evitar um espetáculo de choro, soluços e lamentos. Era preciso agir com maturidade, coisa que Maria José sempre fazia em qualquer situação. “Já temos idade para enfrentar certas coisas. Não podemos nos comportar como crianças.”

Haviam procurado intencionalmente não falar da despedida nos dias que antecederam a partida, mas nenhum dos dois podia evitar que o tema estivesse presente em cada gesto, olhar ou conversa, cujo único propósito era disfarçar a realidade. Mas a carga emocional que os dois amigos vinham armazenando havia semanas pôs abaixo todos os elaborados planos para que não perdessem a compostura. E eles a perderam.

Na noite da véspera de sua volta à Espanha, Maria José ofereceu em sua casa um jantar de despedida em homenagem a David. Não faltou praticamente nenhum dos amigos, nem os

brindes, os bons desejos e uma infinidade de votos de boa sorte ao longo da noite. Como já fizera em uma ou outra ocasião especial, Maria José, que era valenciana, quis presentear o amigo com uma *paella*, que, embora ela dissesse que não preparava muito bem, fazia os americanos que a provavam lamberem os beiços e não economizarem elogios, deixando pouco espaço para mais que o manjar espanhol. No entanto, naquele dia, nenhum dos dois provou nada. Era como se ambos tivessem fechado o próprio estômago, com o apetite consumido pelos nervos e pela tristeza diante do iminente adeus. Em mais de uma ocasião, o olhar de Maria José buscava o do amigo até encontrá-lo, e ambos permaneciam nessa conexão por um tempo, querendo congelar esse instante, deixá-lo gravado na retina para quando sua ausência fosse um fato irremediável.

Finalmente, e apesar de seus propósitos, não conseguiram reprimir algumas lágrimas. Terminaram a noite abraçados, um enxugando os olhos do outro, fazendo promessas de telefonemas diários e *e-mails* constantes. Ambos tinham a sensação que se experimenta quando se faz uma viagem com a certeza de que algo importante foi esquecido, e o desassossego de não saber de que se trata obriga a pessoa a pensar em tudo, a rastrear mentalmente toda a bagagem imprescindível.

Foi uma noite insone, com a sensação de que algo extraordinário iria acontecer e que eles não estariam juntos para superá-lo.

9

ELA NÃO COSTUMAVA DESCONFIAR DAS PESSOAS DE quem gostava e menos ainda se a pessoa amada fosse o objeto das dúvidas e dos receios, mas já desde muito tempo havia algo em seu marido que ela não conseguia entender. Pressentia que algumas peças daquele quebra-cabeça que compunha a imagem de um casamento feliz num tempo recorde já não se encaixavam perfeitamente, deixando espaços vazios e lacunas que a inquietavam, apesar da firme rejeição que opunha quando lhe vinham os pensamentos repletos de incertezas. Desde o primeiro momento, foi Maria José quem sempre se encarregou de pagar todas as despesas relativas à vida do casal. Foi ela que comprou a nova casa em que viviam, assim como o primeiro apartamento onde decidiram morar um mês e meio antes de se casar. Era ela que corria para pagar todo tipo de conta que chegava à sua caixa de correio ou à sua conta-corrente no banco, desde as básicas, como água e luz, até as de manutenção do carro, passando pela compra de um carro zero para circular em qualquer terreno, que descansava na garagem. Peter gostava de dirigi-lo, mas não de mantê-lo ou de abastecê-lo. O dinheiro que ganhara intermediando operações financeiras de pessoas muito importantes, em especial de dois clientes de origem árabe, príncipes de famílias reais muito ricas que ele conheceu em

suas muitas e misteriosas viagens, mais o que lhe rendia o bom andamento de sua empresa Mary Poppins e a ajuda extra que recebia de seus pais era tudo o que entrava em casa e nos bancos para sustentar tudo isso. Por prudência, para não despertar a ira do marido e evitar qualquer sentimento de humilhação ou intimidação que pudesse fazê-lo sentir-se incomodado, ela evitava perguntar-lhe abertamente como iam os lucros de sua empresa. Inclusive duvidava da natureza de seu negócio, já que, a julgar pelo que Peter lhe contava, sempre de maneira indireta e um tanto ambígua, não conseguia dizer se era uma empresa de publicidade, *marketing* ou se suas atividades se relacionavam com a bolsa de valores. Ele simplesmente não gostava de falar de seu trabalho e se especializara em mudar de assunto e desviar a conversa sempre que Maria José tentava obter alguma informação a esse respeito.

Desde que haviam decidido ter uma vida em comum, antes mesmo que corresse o proclama do casamento, foi ela que se encarregou do sustento do casal. E não só do casal, pois conseguiu ser testemunha oculta de que parte do dinheiro acabava nas mãos da mãe de Peter, que devia ter problemas com jogo, como Maria José suspeitava. Isso aumentava seu mal-estar e a irritação, difícil de controlar, que produzia uma constante azia. Ela tentava remediar isso para não prejudicar sua gravidez e seu casamento. Afinal de contas, ele era seu marido, ela o amava e estava esperando um filho dele. Era mais prudente ser condescendente, olhar para o outro lado e não esquentar demais a cabeça.

Toda manhã Maria José observava como o marido, depois de seu ritual no banho, do qual saía impecável, se dispunha a enfrentar sua jornada de trabalho. Vestido como executivo, orgulhoso de seu relógio, presente de casamento, sem se separar de uma elegante pasta de couro, também presente de Maria José, degustava apressado o café que a mulher havia preparado e saía, não sem antes se despedir da mulher com um beijo e um bom-dia. Justamente no momento em que o marido passava todos os dias pela porta, ela sentia o impulso de lhe dizer que ia buscá-lo na saída do trabalho, mas desistia da ideia, porque já sabia que resposta ouviria. Peter não gostava de receber telefonemas nem visitas quando estava trabalhando, muito menos de gente que aparecia de surpresa, o que aumentava ainda mais as suspeitas de Maria José.

— O que há de mau se sua mulher for buscá-lo para almoçar? — perguntava ela, contrariada.

— Isso não é uma boa ideia, pode dar uma impressão pouco séria. Não gosto e não é necessário. Prefiro que você me espere em casa. Além disso, em seu estado, não é conveniente.

Certa manhã, quando a curiosidade pesou mais que a confiança depositada na pessoa amada, e depois de vencer vários temores, ela decidiu telefonar para ele no trabalho. Como uma criança que sabe que está indo a um lugar proibido pelos pais, Maria José procurou o número da empresa do marido que escrevera num bloco de anotações, “para usar só em caso de urgência”, como a advertira Peter, e se dirigiu de modo receoso e dissimulado ao telefone. Ficou algum tempo observando os dígitos que naquele momento mais lhe pareciam a numeração do código secreto de um misterioso tesouro do que um simples aparelho telefônico. Sentou-se no sofá para pensar um pouco mais naquilo que estava para fazer e chegou à

conclusão de que preferia se arriscar, mesmo imaginando a mais que possível raiva de seu marido quando soubesse o que ela havia feito, a ficar refletindo sobre as possibilidades que não lhe traziam senão insuportáveis dores de cabeça e ansiedade.

Mais uma vez, olhou rapidamente a sequência de números para memorizá-la, como sempre fazia. Desde a infância desenvolvera uma memória fotográfica que lhe permitia guardar qualquer informação que lesse, algo que sua mãe atribuía ao fato de que ela não gostava de brincar com bonecas, preferia passar as tardes lendo e mexendo com números.

Maria José se sentou, discou e ficou esperando que atendessem. Seus expressivos olhos percorriam os objetos ao seu redor, sem que nenhum deles merecesse sua atenção. Afinal, alguém atendeu:

— Por favor, gostaria de falar com Peter Innes — disse com um fio de voz, o que a fez pensar que podiam não ter entendido, por isso repetiu o nome do marido, que pela primeira vez pronunciou como se fosse o de um estranho.

— Um momento, por favor — respondeu a pessoa do outro lado da linha.

O silêncio tomou conta daqueles segundos, que ficaram congelados. Nem sequer havia a costumeira música usada pelas empresas para amenizar a espera. E ela lhe pareceu eterna. Teve a tentação de desligar e se esquecer do assunto, mas desistiu ao ponderar que já dera o primeiro passo e seria uma loucura desperdiçá-lo.

— Desculpe, senhora — disse a atendente —, como é mesmo o nome da pessoa com quem a senhora quer falar?

— Peter Innes. É sócio fundador da empresa. Não deve ser muito difícil localizá-lo.

— Um momento, por favor.

Um sentimento de culpa se apoderou dela. Por que não confiar em seu marido? Por qual motivo ele mentiria para ela? Era esse tipo de confiança que queria em seu casamento?

— Senhora? — era de novo a voz amável da atendente. — O único Peter Innes que temos aqui não é sócio fundador. Na verdade, trata-se de um estagiário que trabalha meio período no departamento de vendas. Quer que transfira a ligação?

Maria José não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. Devia ser um engano. Era impossível uma confusão dessa proporção.

— Senhorita, deve estar havendo algum equívoco. Estou perguntando pelo senhor Peter Innes, Peter William Innes. E queira me desculpar, mas ele não é nenhum estagiário que trabalhe com vendas em troca de comissão. É sócio fundador da empresa. Está pensando inclusive em ampliar os negócios e integrar-se ao mercado internacional. — Maria José sentiu que aquelas explicações não interessavam e ela só estava repetindo o que lhe dissera o marido.

— Sinto muito, senhora, mas o único Peter Innes que trabalha nesta empresa é estagiário e trabalha somente meio período. Posso ajudá-la em algo mais? A senhora quer falar com ele?

Reunindo forças para não ser mal-educada, Maria José disse à moça que ela fora muito gentil e que não era necessário passar a ligação.

— Ah, não, espere... — essas palavras lhe deram a esperança de que a atendente tinha se enganado. — Desculpe-me, a pessoa que a senhora está procurando já não trabalha conosco

há duas semanas.

Mais do que desligar, ela deixou cair o telefone. Não sabia se a ligação fora interrompida ou não, mas naquele momento isso não importava. Maria José fazia um grande esforço para se convencer de que tudo aquilo só podia ser um engano, que devia haver uma simples e quem sabe até divertida explicação que seu marido lhe daria assim que entrasse em casa, porque não era possível que Peter a estivesse enganando todo esse tempo. Negava-se a pensar, mesmo que por um instante, que seu casamento com aquele homem estava a ponto de se revelar uma farsa porque uma telefonista não achara um nome numa extensão. Mas como justificar aquele amontoado de mentiras?

Por um instante passou-lhe pela cabeça pegar sua bolsa e apresentar-se nos escritórios da empresa, mas ela não tinha certeza se ia conseguir encarar a situação. Tentou se acalmar e ficar observando o curso dos acontecimentos com alguma serenidade, sem se precipitar nem tirar conclusões, embora isso fosse uma tarefa complexa, para não dizer impossível. Pela primeira vez sentiu falta de David, de seu consolo e apoio incondicional.

Seguramente ele teria encontrado uma explicação rápida ou diria as palavras certas para acalmar a aflição que se apoderara dela. Consolou-se chorando de raiva e impotência. Pensou em telefonar para sua irmã Victória, para o pai, mas... para quê? Só conseguiria preocupá-los e, além disso, ela se negava a aceitar sua recente descoberta, preferia agarrar-se à esperança de que a telefonista cometera um equívoco. “Elas são admitidas muito jovens, e a maioria nem tem ideia de como localizar a pessoa procurada.” Esperaria até a noite, e quando Peter chegasse ele esclareceria tudo.

A espera não foi nada tranquila. Aquele dia em que se levantara com o firme propósito de saciar sua profunda curiosidade fora o mais longo de sua vida. Durante horas esperou ouvir a porta se abrir, mas quando esse som a tirou de suas divagações maquiavélicas tudo o que ela queria era que o tempo parasse. Desejou que quem estivesse entrando por aquela porta não fosse Peter, e sim David, ou sua mãe, ou a amiga Katrina. Mas não havia a menor possibilidade de que um desses desejos se realizasse, porque nenhum deles tinha a chave de sua casa, só seu marido. Quando o viu, não sabia como reagir. Por um momento pensou em esquecer, em apagar tudo do disco rígido de sua memória, como se nada daquilo tivesse acontecido. Ansiava ter paz e tranquilidade e que tudo continuasse igual, que nada perturbasse a vida deles nem ameaçasse seu dia a dia, no qual se sentia confortável e satisfeita. Mas não teve sequer a oportunidade de pôr em ação seus dotes de atriz, que tão bons resultados lhe haviam trazido em outros momentos da vida, porque Peter se adiantou. O rosto desfigurado da mulher e sua postura de animal ferido o fizeram pensar que alguma coisa se passara. E que não se tratava de nada bom.

— O que está havendo, querida? Aconteceu alguma coisa? Algum problema com o bebê?

O rosto de Peter exibia uma fingida preocupação, o que incomodou Maria José.

“Hipócrita de merda, como isso é possível?” Foi o primeiro pensamento que a animou a pegar o touro pelos chifres, sem medo das consequências.

— Liguei para sua empresa. Perguntei por você e me disseram que o único Peter Innes que havia lá era um estagiário que trabalhava em vendas por comissão. Por mais que eu tivesse insistido em convencê-los de que se tratava do sócio fundador e não de um ridículo estudante, não me deram ouvidos. Não houve jeito. E tem mais: antes de desligar me informaram que você foi despedido há poucos dias. Pode me explicar o que está havendo?

A aparente segurança que tomara conta dela ao interrogar o marido veio abaixo como um castelo de cartas quando ela viu a reação colérica dele. Pensou que fosse matá-la. Estava certa de que ele ia destruir a casa, jogar todos os móveis para o alto e que alguns inevitavelmente cairiam sobre ela. Tudo era possível, dada a violência do marido. Ela nunca o vira assim.

— Maldita puta! Como se atreve a duvidar de mim? Puta espanhola! Como se atreve a me investigar? Quem você pensa que é?

Em questão de segundos, aquele homem por quem ela se apaixonara e com quem havia jurado passar o resto de sua vida tinha se transformado numa máquina de destruição. Não parava de gritar enquanto destruía tudo o que encontrava pela frente: cadeiras, copos, pratos, mesas, enfeites, cinzeiros, livros, quadros, telefones, abajures, qualquer coisa que seus olhos injetados de ódio conseguiram ver, jogando tudo no chão ou nas paredes, e se alguma coisa resistia ele a quebrava com os pés. Esse esforço descomunal o fazia espumar jatos de saliva, que Maria José achava que fosse bÍlis. A cólera foi aprofundando o rosado de sua pele, até que seu rosto adquiriu um tom vermelho-alaranjado.

— Vou matar você! Você não sabe com quem está lidando, sua puta espanhola. Vou fazer você pagar muito caro por essa humilhação, puta maldita! Você vai se arrepender até de ter nascido. Como pode se atrever, mulher estúpida, ignorante!...

Aquilo não podia estar acontecendo. Ela não foi capaz nem de piscar, pelo menos não tinha consciência se fizera isso, e muito menos de abrir a boca para respirar. Tinha certeza de que continuava viva, se é que ainda existia, graças ao ar que fora armazenado antes em seus pulmões. O mundo havia parado à sua volta, e ela via tudo como se estivesse sentada na poltrona de um cinema antigo e abandonado, de olhos bem abertos, observando a grande tela em que só havia gritos, ameaças, insultos e escárnio. Aquela homem transformado em monstro não podia ser o mesmo com quem se casara e de quem esperava um filho. Isso era impossível. Aquilo não podia ser mais que um pesadelo, fruto da pressão a que fora submetida nos últimos dias.

O que a tirou daquele estado ilusório, cheio de sobressaltos e justificativas não só pré-fabricadas como inadmissíveis, foi o enorme soco que o marido acertou em seu rosto. Se ela havia custado a entender o que se passara durante o dia, aquilo que estava acontecendo ali era impossível de registrar, de acreditar.

Antes que pudesse reagir, e longe de pensar em se defender ou ao menos pôr-se a salvo como teria feito em qualquer momento de sua vida, ficou quieta, inatingível, viu-se mergulhada num estado imutável do qual não sabia como sair. Foi o próprio marido que a ajudou a sair do torpor. Entre brutos sacolejos e violentos empurrões, sem deixar de repetir todo o tempo insultos que de tão altos quase rompiam o tímpano de Maria José, Peter atirou a

mulher para fora de casa. Por um momento ela pensou que ele fosse atirá-la contra a porta, diante do que ela só conseguiu reagir levando as mãos ao ventre, num gesto maternal de proteção que naquele momento não considerou gratuito. No entanto, no último segundo, quando já sentia que sua cabeça ia se estatelar contra a porta, o marido conseguiu abri-la com uma habilidade impressionante e, agarrando-a fortemente pelo braço, jogou-a na rua. A última coisa que ela ouviu nitidamente foi a estrondosa batida da porta atrás de si. Não se atrevia a virar, a se pôr diante da porta que segundos antes o marido batera com uma violência surpreendente. Ela nem foi capaz de olhar ao redor para ver se algum vizinho havia sido testemunha da cena, nem de gritar para pedir ajuda, e muito menos tinha forças para sair correndo em busca de alguém que pudesse socorrê-la. Ficou ali plantada, olhando o portão do jardim de sua casa. Estava aberto, mas ela não tinha mais forças nem controle da realidade. Deu-se conta de que estava de chinelos e vestia apenas uma camisola. Mas mesmo assim não foi capaz de reagir, apesar do frio da noite. Não sabia o que esperar, mas seus músculos não tinham possibilidade de desenvolver nenhum movimento, e sua mente ficara anestesiada com a violenta batida da porta, embora na realidade tivesse ficado assim muito antes. Não pensava em nada, nem mesmo em ninguém. Nada sentia, nem mesmo o soco com que o marido acabara de atingi-la, o primeiro que havia recebido em toda a sua vida das mãos de um homem, algo que ela jamais poderia sequer imaginar. Não haviam sido poucas as vezes em que, em várias reuniões com amigas, ela se perguntara como era possível chegar a uma situação assim, como alguém podia permitir isso.

Teria se transformado numa estátua, ficaria ali imóvel e desfalecida durante toda a vida, não fosse o ruído de um motor sendo ligado que chegara a seus ouvidos. Imaginou que fosse um dos veículos estacionados em sua rua, e pelo som percebeu que não devia estar muito longe. Pensou em sair correndo para chamar a atenção de quem quer que estivesse nele, mas não conseguiu. Ou não quis, porque, sem entender muito bem, a razão foi invadida por um profundo sentimento de vergonha que a fez ficar de cócoras e permanecer assim, com os braços cobrindo as pernas. Nem dessa vez foi capaz de calcular o tempo que durou aquela situação surreal, porque sua cabeça não estava em condições de realizar esse esforço. Além do mais, para que fazer isso se não ia adiantar nada? Estava ali, era seu corpo, com suas pernas, seus braços, suas mãos, mas ela não se reconhecia. Continuava esperando que acontecesse algo que a tirasse daquele cenário, porque ela não era capaz de se transformar no sujeito de uma possível ação. Ela se tornara a agente passiva daquela trama irreal, e no momento se conformava com o recém-estreado papel.

Quando o estado de semi-inconsciência em que se encontrava, motivado pelo terror diante do que acabara de viver e da vergonha que se apossara dela, se diluiu parcialmente, pouco a pouco, tão lentamente quanto um paciente sai da anestesia, Maria José começou a pensar no que ia fazer. Sentiu que seu corpo começava a se aquecer timidamente por dentro, porque sua couraça externa começava a se enrijecer devido ao frio e à pouca roupa que usava. Um leve tremor sacudiu seu corpo enquanto tentava ativar suas extremidades endurecidas. Estava na rua, diante da porta de sua própria casa. Fora humilhada, envergonhada, insultada, golpeada e ainda por cima enganada e expulsa do lar que, como tudo o mais, fora pago por ela. E quem

estava lá dentro era o próprio pai do filho que estava esperando, embora não o reconhecesse. Talvez por isso não conseguisse sentir ódio, nem rancor, nem desejo de revidar.

Seguramente foi o azar, o acaso ou essa pouco estudada relação entre o que se passa no plano real e no onírico que faz coincidir no sonho e na realidade o momento em que um telefone toca, uma porta se abre ou soa um despertador, e é então que transpomos a barreira do sono para entrar na realidade, mas o caso é que, justamente no momento em que Maria José descobria a inexistência de um sentimento de vingança com relação ao marido, ele abriu a porta. Ela não se atreveu a se mover. Certamente o medo não teria permitido que o fizesse. Não sabia o que estava prestes a acontecer, e ela não era capaz de se virar para verificar se aquele que estava ali era o monstro que acabara de jogá-la para fora de casa ou o homem que ela havia jurado amar, cuidar, respeitar durante todos os dias de sua vida. Preferiu aguardar os acontecimentos, mesmo sabendo do risco que corria. Maria José sentia a presença do marido atrás dela, algo que lhe arrepiava a pele como se mil alfinetes finos a ferissem.

Foi Peter quem se aproximou atemorizado da mulher, até ficar cara a cara com ela, para poder lhe mostrar seu arrependimento. Ele estava chorando, as lágrimas rolavam copiosamente por seu rosto ainda rosado. Pediu perdão de todas as formas que conseguiu encontrar, por mais ridículas que fossem. Implorou clemência, desejou todos os castigos que um homem pode merecer por ter cometido semelhante barbaridade contra a mulher amada, disse que não encontrava alívio para o estado em que se encontrava. Impávida, Maria José o observava. Tampouco reconheceu o marido naquele exagero de lágrimas, muco e baba que lhe cobriam o rosto, cumulando-a de atenção e cuidados, sem parar de abraçá-la, beijá-la, acariciá-la com o mesmo tipo de proteção que usava com um cão de rua ou gato abandonado e ferido. Era assim que se comportava. Sem saber por quê, ela se deixou levar pelo marido, que insistia em que entrasse em casa.

Qualquer pessoa que observasse de fora o que estava se passando, um homem se desmanchando em atenção e empenhado em cuidar da mulher, embora na verdade aquela exagerada cena teatral não fosse mais do que uma rendição diante do peso da culpa, e ela sem conseguir reagir, poderia se inclinar a considerar fria a reação da mulher.

Já dentro de casa, transformada num campo de batalha, Peter envolveu a mulher numa manta e ajudou-a delicadamente a se sentar no sofá. Não demorou muito tempo para lançar mão de todo tipo de frase e súplica para lhe pedir perdão e jurar seu arrependimento, enquanto ela continuava olhando para ele, atônita.

— Meu amor, minha vida, não sei o que aconteceu comigo. Perdoe-me ou juro que agora mesmo acabo com minha vida. Se isso fizer você me perdoar e se sentir melhor, eu me mato agora mesmo, neste instante. Perdão, perdão, perdão — dizia, enquanto acariciava os braços da mulher e a cobria de beijos. Depois se levantou com ímpeto e exclamou enfaticamente: — Mas como pude fazer uma coisa como essa à pessoa que mais me importa neste mundo! Não sei o que houve comigo. Alguma coisa ou alguém tomou conta de mim, você precisa acreditar em mim. Não sei como pude me comportar dessa maneira, nem me reconheço. Sei que vai ser muito difícil que você volte a confiar em mim, mas eu lhe juro, por nosso filho que você carrega, que jamais, jamais voltará a ocorrer algo assim. Pode acreditar em mim. Antes disso

me mato, entende? Me mato! Prefiro desaparecer deste mundo a voltar a tratar você assim.

Peter continuava, mas não ouvia uma só palavra de sua mulher, que havia se transformado num tronco imóvel, sem capacidade para reagir. Mas isso não o desanimava, muito pelo contrário, dava-lhe sinal verde para voltar à carga e seguir expondo sua lista de bons propósitos, que não fosse pela tragédia que se vivia ali seria até uma cena cômica.

— Quero explicar tudo a você. Que não haja nenhuma dúvida sobre o que se passou comigo no trabalho. Na verdade, trata-se de uma bobagem. Não quis que você tomasse conhecimento de um golpe de má sorte que me atingiu, do qual achei que me recuperaria em pouco tempo, sem ter que envolvê-la no assunto e preocupá-la. Não queria inquietá-la nem lhe causar mal-estar. Nunca quis isso. Sempre quis que tivesse uma vida sem problemas. Mas foi muito dinheiro que meu sócio e eu perdemos. Então tivemos que dar um jeito na vida, recomeçar do zero, o que não me importou, embora o orgulho tenha me consumido. E sobretudo o medo de decepcioná-la. Poderia suportar tudo, menos isso — o homem que acabara de infligir o pior tratamento que se podia dispensar a uma mulher fez uma pausa para dirigir um olhar de cordeiro manso à esposa, que continuava em silêncio e arroxeadada devido ao frio intenso da noite, esforçando-se para controlar os espasmos que sacudiam seu corpo. — Fiz tudo isso por você, meu amor. Por nós. Confiava que ia me recuperar em pouco tempo, mas não consegui. Má sorte. Sei que você me entende, porque muitos de seus projetos não se concretizaram por essa mesma má sorte. Não é verdade que me entende? Que me perdoa?

Finalmente os lábios de Maria José conseguiram se desgrudar e quebrar a secura que se apoderara deles. De repente, e sem contar com seu cérebro, percebeu que suas mãos reagem aos carinhos que o marido lhe dispensava. Estava bem longe de desprezá-los, admitiu. Esperava um filho daquele homem que estava ali prostrado a seus pés, tomado por uma angústia que não tinha alívio. Além disso, estava apaixonada por ele, e parecia que isso lhe fechava os olhos para o que pouco tempo antes aquelas mesmas paredes haviam testemunhado. Apaixonada e grávida do homem a quem amava e que acabara de demonstrar uma violência até então inesperada. Na balança imaginária que projetou precipitadamente em sua cabeça, observou como seus sentimentos e sua situação pessoal pesavam mais que o surto psicótico e violento que parecia ter se apoderado do marido, e não teve dúvida. Sem nem se dar conta, pelo menos ela, o casal se entregou a uma infinidade de abraços, beijos, pedidos de perdão e promessas de um futuro melhor.

Aquela noite dormiram abraçados, embora na realidade tivessem sido os braços de Peter que envolveram Maria José com o mesmo afã de quem quer reter sua presa e sabe que é um caçador. Quanto ao que se passou naquela noite, nunca mais se falou de maneira clara e direta, como se o casal tivesse feito um pacto de silêncio, com o novo dia trazendo o esquecimento da afronta e apagando a vergonha do acontecido. De fato, quando ela acordou, o marido já havia se encarregado de limpar e pôr ordem no pandemônio que ele próprio provocara, e nada indicava que aquela casa fora cenário de um grave e indigno episódio de maus-tratos. Um caprichado café da manhã, preparado com todo tipo de detalhe e arrumado com bom gosto e generosidade na mesa da sala de jantar, ocupava o lugar da violência que havia se apoderado daquele lar apenas algumas horas antes.

Maria José não o esqueceu, pois isso seria quase impossível, mas desenvolveu a habilidade mental de desativar qualquer lembrança relacionada com o episódio quando ele ameaçasse aparecer em sua mente. No entanto, sabia que ele estava ali, adormecido, abandonado, escondido como se sob efeitos de um anestésico; não desaparecera, continuava ali.

10

A VIDA SEGUIA SEM MAIORES SOBRESSALTOS. A GRAVIDEZ de Maria José estava na fase final, e ela investiu a maior parte de seu tempo em organizar a próxima e desejada viagem de sua mãe para os Estados Unidos. Agora, mais do que nunca, precisava dela ao seu lado, pois já ficara muito tempo longe de seus cuidados quando era criança. Precisava de seus detalhes amáveis, dos sinceros abraços, dos sábios conselhos, das palavras solícitas, dos mimos maternos e de seu apoio incondicional. Não havia ninguém melhor que uma mãe para cuidar e atender a própria filha nos momentos que antecederiam o parto e nos posteriores àquela delicada experiência vital. Toda a família queria ir para Nova York para conhecer seu novo membro, que segundo os exames realizados seria uma linda menina. Ia se chamar Victória Solenne. Victória como sua irmã e Solenne por ser um nome que agradava à futura mamãe. Estava convencida de que aquela menina seria alguém especial e tudo era pouco na hora de organizar sua chegada.

Nesses momentos tão decisivos de sua vida, Maria José não podia evitar, nem queria fazer isso, a lembrança da avó, que havia desempenhado o papel de mãe dedicada à educação das duas irmãs, já que o trabalho impedia que os verdadeiros pais se encarregassem dessa tarefa. Sempre se lembrava daquela mulher forte, carinhosa, incansável, concentrada na formação das netas. Era uma imagem imprescindível em suas memórias. Sempre estivera ao seu lado, inclusive quando a infância e a adolescência foram ficando para trás e a maturidade se instalou em sua vida. Aquela avó adorava as duas netas, embora parecesse que Maria José tinha uma qualidade inata de tornar-se a queridinha de todos que a cercavam. E sua avó não era exceção. Quando ela faleceu, as duas irmãs sentiram essa perda de um modo muito especial. A ausência daquela figura familiar foi para ambas mais dolorosa que o normal e talvez por isso sua lembrança estivesse sempre presente. Nos bons e maus momentos, a imagem da avó lhe vinha à mente com bastante força. “Meu Deus, o que pensaria minha avó se soubesse... se soubesse que seu marido...” Maria José interrompia instantaneamente esse pensamento que tanto a entristecia e abatia. “Mas ela não sabe. Como meus pais não sabem, nem minha irmã, nem meus amigos. Ninguém. Nunca. Não podem saber.” Imediatamente e de forma drástica sua atenção se concentrava em dobrar e arrumar as roupinhas e todos os objetos do novo membro da família que estava para chegar: babadores, camisetinhas

bordadas, pijamas, sapatinhos de lã, fraldas, lençóis de berço, produtos de higiene e limpeza, enfeites de parede e teto, a linda coleção de mamadeiras, o carrinho de bebê, os inúmeros brinquedos que foram se espalhando pelo quarto à medida que eram comprados ou ganhos. Não faltava nenhum detalhe, pelo contrário, talvez até houvesse coisas demais no quarto destinado àquela que sem dúvida seria a rainha da casa. “Tudo se ajeitará com a chegada da menina. Tudo. Ela será uma espécie de enviada para unir mais seus pais, e conseguirá.” E foi a esse desejo que vivia martelando sua mente que se agarrou a futura mãe.

Nos últimos meses da gravidez, o telefone se transformou no vínculo constante entre Maria José e sua família. Sabia que seu quadro clínico, no qual o aborto que sofrera se destacava como uma luz de emergência piscando em permanente estado de alerta, exigia controle rígido e cuidado extremo e a impedia de subir num avião e viajar para a Espanha, como ela gostaria. Por isso aceitou com alegria a ida de sua mãe para os Estados Unidos. O restante da família faria o mesmo depois que ela desse à luz sua filha. Conforme já lhe havia dito, comunicou a sua irmã Victória seu desejo de que ela fosse a madrinha da criança, enquanto a honra de ser o padrinho caberia a um amigo de Peter. Os preparativos para o batismo mantinham a futura mãe imersa numa sensação emocionante de que ela desfrutava sem se impor nenhum limite. Já escolhera a igreja onde ia batizar a filha, o vestido com que seria levada à pia batismal, a lista de convidados, sua posição no ritual sagrado e tão especial para ela, e preparara o convite para a comemoração que aconteceria assim que terminasse o santo sacramento. Tudo isso conseguira mantê-la ocupada e quase enclausurada em seu mundo. Talvez por isso tenha se assustado tanto com o som do telefone.

— David, é você? Que alegria! Como vai?

— Estou aqui em Roma, no maior nervosismo por sua culpa. Mas me diga... Chega ou não essa menina que é tão desejada quanto a mãe?

— Logo, David, logo. Estou louca para ver a carinha dela. Estou tão nervosa! E sinto tanto a sua falta.

Bastou ouvir a voz de seu amigo para virem à mente momentos, bons e maus, vividos nos últimos meses. A emoção a deixou durante minutos à beira das lágrimas.

Nenhum dos dois descumprira a promessa que haviam feito e os contatos foram contínuos, pelo menos no início. Depois, a distância, os compromissos profissionais dele e as contínuas mudanças na vida dela foram esfriando o ritmo das chamadas telefônicas. Ficaram falando durante horas. David dividia com a amiga seus planos de um futuro na cidade eterna, em um instituto de beleza, e prometia mandar-lhe fotos de seus sobrinhos, dos quais não se desgrudava um instante sempre que tinha oportunidade de voltar para sua casa em Alicante, aproveitando algum fim de semana ou feriado que lhe permitisse ausentar-se do trabalho em Roma. “Vou lhe mandar algumas fotos para que os conheça. São lindíssimos, bem, eles se parecem mais comigo do que com seus pais, por isso são tão bonitos.” A voz e as piadas de seu amigo sempre divertiam Maria José. Mas aquelas conversas não permitiam o nível de confiança e cumplicidade que os amigos conseguiam com o milagre que acontecia só de

atravessar a rua. Sempre se passava a mesma coisa. Minutos antes de terminar a conversa, Maria José, mais do que o amigo, mas também com mais motivos, ficava com vontade de desabafar e confiar-lhe a infinidade de coisas pelas quais havia passado, algumas transcendentais e outras meramente triviais, mas que ela precisava pôr para fora. No entanto, nunca conseguia fazer isso por não encontrar as palavras adequadas nem o clima apropriado. No momento em que se despediam, ela sempre era tomada por um sentimento de tristeza que evidenciava certa culpa por não ter sido completamente sincera com seu companheiro mais fiel. Mas isso logo passava, quando encontrava a justificação perfeita: “O telefone não é um meio adequado para contar certas coisas. Haverá um momento melhor”.

Victória Solenne Innes Carrascosa nasceu no dia dezessete de abril de dois mil. Para seus pais, era uma das meninas mais bonitas do mundo, e eles tinham motivos concretos para pensar assim.

O quarto onde a mãe descansava e tentava se recuperar, e em que o bebê dormia se negava a permitir que a ansiosa família soubesse com certeza se seus olhos eram azuis ou castanhos, se encheu de balões coloridos, bichos de pelúcia de vários tamanhos e texturas, cartões de felicitações, cada um mais atraente que o outro, cestas repletas de presentes para a recém-nascida, nas quais se viam colônias, toalhinhas, sabonetes, cremes, ursinhos e chocalhos. O hospital se transformou na meca de uma farta e não menos curiosa peregrinação de visitantes que se apressavam em atender às necessidades da parturiente, assim como sentiam certo pavor quando o bebê presenteava os visitantes com um de seus estrondosos choros. Os amigos que se aproximavam do berço não conseguiam dizer outra coisa que não fosse um sonoro e entoado “Oh! Mas que preciosidade, que boneca, que coisa mais bonita, que formosura de bebê. É perfeita!”.

E realmente era tudo isso. Até as enfermeiras ficavam encantadas olhando para aquela criatura que acabara de chegar ao mundo e cujas feições pareciam ter sido desenhadas por um coro de anjos, de ternas, suaves e perfeitas que eram, algo que podia ser apreciado com mais clareza quando estava adormecida. A mãe não se cansava de olhar com toda a atenção do mundo cada parte do corpo de sua recém-nascida. Com toda a delicadeza que as mães costumam ter com seus bebezinhos, tocava suas mãozinhas, percorria cada um dos dedinhos, contando um a um, como para se assegurar de que estavam todos ali, e perfeitos. Acariciava-lhe suavemente o nariz, a boca, as orelhinhas, a pele, o umbigo, as perninhas, a suave e rala penugem no alto de sua cabecinha, aqueles minúsculos pés que brincavam travessos na palma de sua mão. Tudo era descoberta e motivo de comemoração. Se a mãe estava extasiada com sua filha, o pai não ficava atrás, embora manifestasse certo nervosismo, o que muita gente dizia ser normal entre pais de primeira viagem. “Com certeza não se atreverá a pegar a filha senão depois de passados alguns dias, de medo de deixar que ela caia. Com seu pai também deve ter sido assim, querido. Ah, os homens!” Peter não se separava nem da mãe nem da filha, a quem observava com certo temor, achando que só com o olhar a despertaria ou lhe causaria alguma reação.

Quando as visitas se despediam e os familiares decidiam deixar os protagonistas do feliz acontecimento descansar, indo tomar um lanche na cafeteria do hospital, Peter se aproximava da cama da mulher e ali, olhando para mãe e filha, fazia promessas que ela recebia de bom grado. “Vou cuidar de você como ninguém jamais fez. E vou dedicar o resto de minha vida para demonstrar isso. Você me fez o homem mais feliz do mundo. Só vou me preocupar em cuidar de vocês. Eu prometo.” Maria José fechou os olhos quando ele beijou sua testa, desejando com todas as forças que as promessas do marido se tornassem realidade. Não pôde deixar de notar, no entanto, certa semelhança com as palavras que ele, igualmente à beira de seu leito num hospital, lhe dissera antes de a deixar só no Kennedy Memorial depois de sofrer um aborto. Cerrou os olhos com mais força, para espantar as más recordações para um lugar escondido.

A volta para casa não demorou muito. A novidade e a movimentação do hospital foram substituídas pelo sossego do “lar doce lar”. A feliz mãe chegou cansada, mas satisfeita, com sua filha nos braços. Sabia que se aproximava um período difícil, mas prazeroso, de muitos afazeres e dedicação quase exclusiva ao bebê. E estava disposta a superar sem dificuldade aquela nova e inquietante experiência com que a vida a presenteara. No entanto, a advogada, empresária e agora mãe orgulhosa e realizada nunca pensou que fosse se organizar tão bem nos primeiros meses depois do parto. Sem dúvida a inestimável ajuda de sua mãe contribuiu para isso, já que ela a acompanhou durante as primeiras semanas de amamentação, ocupando-se não só da casa, mas não deixando que faltasse nada ao bebê nem à mãe. Transformou-se num verdadeiro anjo da guarda para a filha, que tendo consciência do que aquela presença significava não se cansava de dar graças a Deus por tê-la ao seu lado, embora a apreciada companhia materna tivesse data para terminar, já que ela não tardaria a voltar para a Espanha a fim de se ocupar da família que lá ficara.

Em pouco tempo Maria José conseguiu entrar num ritmo de trabalho que lhe permitia cuidar da filha, o que sem dúvida era sua maior obsessão, enquanto continuava se dedicando a seu novo projeto empresarial, a Mary Poppins, traçando um futuro promissor para a empresa. De fato, desde o primeiro momento em que decidiu inaugurar, alguns meses antes, o site no qual explicava a natureza e os fins da Mary Poppins, havia recebido muitas perguntas que a haviam animado a fazer os primeiros contatos, os quais não demoraram a dar seus primeiros frutos. Os vertiginosos rendimentos não a induziam ao erro nem à esperada precipitação de ampliar alvos. Sabia que sua pequena Victória Solenne não permitia que dispusesse de mais tempo e energia para se dedicar ao esgotante trabalho de mobilizar toda a burocracia que exigia a obtenção das primeiras licenças necessárias para as pessoas que chegavam aos Estados Unidos procedentes de qualquer lugar do mundo para se dedicar a trabalhos de *au pair*. A incessante chegada de solicitações a animou a contratar uma reduzida equipe de pessoas que se encarregava, sob sua estrita direção e sempre seguindo suas pautas de atuação, de organizar a chegada dos trabalhadores, obter da forma mais simples e eficaz os papéis e licenças de trabalho que possibilitassem a prestação do serviço, e distribuir as ofertas recebidas entre as

procuras que já iam se acumulando em sua base de dados. Tudo indicava que aquilo podia resultar num bom negócio, o que a mantinha atarefada. Mas não era só isso.

A agitação provocada pelo nascimento de Victória Solenne, as constantes idas e vindas de familiares, os preparativos do batizado e a alegria com a chegada do resto da família, em especial de sua irmã Victória, com a qual compartilhou intimidades que não podia contar aos pais, não a deixaram esquecer outras pendências que continuavam sem solução. A problemática situação profissional de seu marido ocupava grande parte de seus pensamentos e decisões. Não demorou a propor que trabalhassem juntos, que unissem esforços para a criação de sua própria empresa, de cuja gestão eles próprios se encarregariam. O grande preparo profissional da advogada valenciana em tudo o que dizia respeito a negócios e finanças aliado a seus numerosos contatos propiciaram a rápida criação de uma empresa de *marketing*. Seria uma boa solução que nascia do desejo oculto de unir mais o casal e fazer desaparecer as perniciosas lembranças de um passado de mentiras e um ou outro desencontro. Estava convencida de que aquela atividade manteria o marido ocupado, e o fato de estar à frente de sua própria empresa o ajudaria a se sentir mais útil e acabar com antigos fantasmas.

A ajuda que Peter prestava em casa era limitada, embora Maria José preferisse que fosse assim. Isso lhe permitia agir com mais liberdade, enquanto o marido se dedicava à empresa de *marketing*. E assim foi. Enquanto ela cuidava da filha e criava as bases de um futuro de sucesso para seu negócio de *au pair*, o marido concentrava todos os seus esforços no estabelecimento dos pilares da empresa familiar, que recebeu uma injeção monetária, como quase sempre ocorria, graças a um novo investimento dos sogros. De novo a generosidade dos pais de Maria José significava uma baforada de ar fresco para o sempre delicado estado em que se encontrava a combalida economia do casal. Pelo menos até a próxima crise. No entanto, foi outra crise que alterou a aparente tranquilidade e normalidade em que vivia o casal.

11

VICTÓRIA JÁ MOSTRAVA, COM A AJUDA DOS DEDINHOS, quantos anos ia fazer. Parecia orgulhosa de ir ultrapassando pouco a pouco a barreira da idade, e seu simpático sorriso demonstrava isso. A pequena crescia quase na mesma proporção das contínuas mostras de cansaço da mãe, já havia um ano ou dois, talvez um pouco mais. Maria José não conseguia recuperar seu ritmo de vida. Seus amigos, inclusive o marido, insistiam em apontar o parto como o principal motivo de tanto cansaço, mas ela estava convencida de que

seu estado não tinha a nada ver com a chegada de sua filha ao mundo. Era outro tipo de fraqueza que a devorava, parecendo envenenar-lhe o sangue, tornando-o mais espesso, dando-lhe a sensação de que aquele suposto aumento de viscosidade sanguínea ia avançando por suas veias, que pareciam arrastar um peso maior que antes. Desde que se levantava até que o fim do dia lhe trazia uma trégua e a obrigava a se deitar e abandonar o corpo imóvel e carente de energia na cama, a constante fadiga que a acompanhava como se carregasse uma pedra transformava seu dia numa esgotante corrida de obstáculos. Parecia fraca, apática, sem energia. Havia dias em que qualquer esforço para ela era um sacrifício. Só conseguia se recuperar um pouco quando viajava, com a filha e o marido, para a Espanha, onde tinha tempo suficiente para se refazer e recarregar as energias, que duravam apenas alguns dias quando voltava aos Estados Unidos e a fraqueza se apoderava novamente dela.

Nunca havia gostado de se enganar, e aquela vez não foi exceção. A imagem refletida no espelho destacava as protuberantes bolsas escuras que começavam a aparecer sob seus olhos. As maçãs do rosto cada vez mais ressaltadas, as faces antes rosadas estavam agora afundadas e sem vida, com uma cor que lembrava um desses doentes de tez amarelada, tudo isso denotava que algo em seu organismo não ia bem. Seu abatimento era percebido não só do ponto de vista físico, como também pela anemia. Sua falta de apetite crônica e o constante cansaço acabaram levando a um desinteresse pelo trabalho, o qual, somado a certas diferenças de ordem interna com um de seus empregados e os habituais problemas de liquidez, a fizeram abandonar o negócio de *au pair* que iniciara com tanto entusiasmo pouco antes do nascimento de sua filha. Os pensamentos negativos, que agiam como bolas de fogo lançadas por imensos dragões para atacar sua morada, chegaram a atormentá-la e a minar seu até então inabalável e incansável espírito empreendedor.

Mas Maria José não era a única que se sentia mal. Sabia que seus amigos, os pais e em especial sua irmã Victória já haviam notado há algum tempo que ela estava triste e estranhamente distante, coisa que não combinava com o caráter que sempre marcara a valenciana, que distribuía vitalidade e bom humor por onde passava. Victória pôde confirmar algumas de suas suspeitas numa viagem que fez a Nova York para ver a irmã e a sobrinha. Passou apenas alguns dias com elas, tempo suficiente para saber que algo não ia bem. Num desses dias, quando as irmãs decidiram sair para dar uma volta e aproveitar para fazer umas compras para a menina, Victória se deu conta de que a irmã não tinha dinheiro suficiente para cobrir essas despesas, e foi ela quem teve que usar seu cartão para fazer o pagamento.

— Mas o que está havendo, minha irmã? Você não tem dinheiro? Está com problemas de caixa? Por que não me disse nada? — Victória olhava para a irmã intrigada, tentando achar em seus olhos alguma explicação que sua boca, naquele momento, se negava a dar.

— É algo passageiro, Vivi, não se preocupe. É que estamos dependendo de uns investimentos, que assim que saírem nos darão mais fôlego, mas enquanto isso estamos meio com a corda no pescoço — respondeu Maria José, tentando dar alguma credibilidade ao que afirmara, para tranquilizar a irmã. — Por favor, não se preocupe. É bobagem. Só temos que esperar que o negócio comece a dar lucro. Além disso, papai e mamãe nos mandam dinheiro de vez em quando. Olhe, você me pegou num momento ruim, só isso. Por isso, não comece a

inventar histórias em sua cabecinha, que conheço você, irmãzinha.

Victória admitiu, sem muita convicção, os argumentos que a irmã acabava de lhe apresentar. Sabia que ela não gostava de dar muitas explicações e que, se insistisse mais, só pioraria as coisas e dramatizaria ainda mais. Por tudo no mundo queria evitar que aquela visita familiar que estava sendo tão agradável e sem maiores complicações se tornasse um motivo de aborrecimento entre elas.

Numa das muitas tardes de desânimo que frequentemente tomava conta de Maria José, o telefone tocou. Ela ficou olhando fixamente para o aparelho que emitia um som alto e insistente e considerou uma proeza atravessar toda a sala para tirar o fone da base e atender. Não soube de onde arranjou forças, mas conseguiu. E ficou alegre porque a voz que ouviu, embora familiar, era uma grande novidade.

— David, é você? Mas onde você se meteu? Há quanto tempo estou sem notícias suas! Liguei para sua casa, mas ninguém atendeu.

A ligação não estava muito boa, mas David conseguiu notar que a amiga não estava tão animada como era, quando qualquer acontecimento, por mais insignificante que fosse, bastava para fazê-lo atravessar a rua e se iniciar entre eles uma explosão de confidências.

— Você está bem, Mary Jo? Estou achando você apagada. Na verdade, pensei que meu telefonema fosse fazer você vibrar — disse ele, tentando se esforçar para compensar a falta de energia que chegava até ele pelo fio do telefone, mas não foi fácil.

— Imagine, bobo, não é isso. Não sabe a alegria que está me dando, de verdade. Você não faz ideia do que significa para mim ouvir sua voz — disse Maria José, fazendo um grande esforço para que sua voz soasse convincente e vibrante. No entanto, teve o mesmo sucesso que seu amigo há tempos, quando achava que exagerando na atuação conseguiria animá-la. — É que não sei o que está acontecendo comigo, estou sem vontade de nada, como se minhas pilhas tivessem acabado e precisasse recarregá-las. Mas não sei como. É como se não tivesse vontade de fazer nada a não ser cair no sofá, fechar os olhos e dormir durante meses. Você me entende?

— Na verdade, não muito. Desde quando minha Mary Jo não tem vontade de sair para a rua, enfrentar quem seja preciso para conseguir realizar seus sonhos e apropriar-se de toda a ousadia para engolir o mundo? Desde quando, que não sei? — tinha consciência de que a frase ficara meio exagerada, mas de todo modo gostou.

— Pois não sei dizer, talvez desde que você foi embora, ou desde que minha filha nasceu, ou desde que me tornei mãe, ou pode ser que desde que minha última aventura empresarial fracassou... Menino, não sei. E também não entendo.

Aquela nova atitude de sua amiga de alma não lhe agradava. Era diferente de tudo o que ele conhecia a respeito dela. E, longe de gostar disso, ficou decepcionado e se encheu de preocupações. Decidiu mudar de assunto.

— E Peter, como está?

— Bom, está...

A seca e fria resposta de Maria José, depois de um curto mas significativo silêncio, fez soar todos os alarmes, fazendo-o intuir que a amiga estava com algum problema.

— Mary Jo, se lhe acontecesse algo ruim, você me diria, não é verdade? — perguntou, buscando uma resposta afirmativa.

— Sim, claro...

Ele não se lembrava de nenhuma afirmação mais falsa do que aquela com que sua companheira de outros tempos o presenteara. Agora sim se convencera de que algo não ia bem e que tinha a ver com o homem com quem ela se casara. Em ligações anteriores, a amiga já lhe havia feito queixas sobre a família de Peter, especialmente sua mãe, que continuava não suportando, e compartilhara com ele seus temores de que Peter estava se encontrando com uma ex-namorada, coisa que a deixava num estado de irritação permanente. Recorrendo à memória, David se lembrou de um episódio que havia chamado bastante a sua atenção. Passou-se em uma das viagens que Maria José e o marido fizeram à Espanha para visitar sua família. A advogada decidira ir até Benidorm para encontrar-se com o amigo e fazer a reserva num hotel próximo, onde o casal ficaria. Quando o recepcionista lhes informou que só havia quartos com camas separadas, Maria José comentou: “Melhor assim, já que... faz tempo que não acontece nada. E quanto ao que acontece, melhor que não aconteça”. Naquele momento David a olhou espantado, em busca de uma explicação menos ambígua e que não parecesse tanto uma charada lançada pela amiga, mas ela saiu com esta: “Depois lhe conto. É repulsivo!”, e preferiu não falar mais do assunto. No dia seguinte voltaram para Nova York, e aquela foi a última vez que David viu Peter.

— Ouça, Maria José, por que não planeja uma viagem para a Espanha? Vou voltar para lá daqui a dois meses, já me cansei de tanto romano e estou pensando em me instalar em Alicante, em Benidorm, que afinal é minha casa. Com certeza vai lhe fazer muito bem mudar de ares. E assim você me conta, nos falamos, nos vemos...

— Talvez você tenha razão, David. Talvez uma viagemzinha faça bem a mim e à menina. Pode ser que eu aceite sua sugestão.

Pela primeira vez Maria José sentiu urgência em terminar essa conversa, que já começava a incomodá-la, uma vez que não podia reviver o clima de absoluta confiança que sempre houvera entre eles. Resolveu pôr fim naquela chamada sem procurar desculpas que justificassem sua decisão.

— Bem, David, tenho que desligar. Logo vou lhe telefonar e com certeza vamos nos ver. Cuide-se. Sabe que gosto de você.

Com beijos e abraços mútuos os amigos se despediram, ficando ambos com um gosto amargo depois daquela conversa, que começara com uma explosão de alegria e chegara ao fim de maneira precipitada e com um inegável desencanto.

Desde que Maria José unira sua vida à de Peter, em especial desde a chegada de seu bebê, ela já não era a mesma. Algo havia mudado e ela adotara um modo de ser muito diferente, a ponto de ter se tornado uma mulher introvertida, assustada, retraída, pouco comunicativa e

esquiva, qualidades que nunca haviam se manifestado como traços de seu caráter. Era cada vez mais difícil vê-la na rua, nos restaurantes, nos lugares de reunião com amigos, e, quando aparecia, dava mais a impressão de alma penada, um espectro que parecia perambular de maneira esquiva e hesitante, como se um espírito tivesse possuído aquele corpo e sobretudo aquela mente tão viva e ambiciosa que tanto dera que falar em outros tempos. Sem falar dos jantares famosos e aclamados que costumava organizar com grande sucesso e lhe rendiam tantos contatos e amizades, os quais foram minguando até cessar totalmente.

Certamente contribuiu para seu estado delicado e para o desinteresse por tudo o surgimento de fantasmas do passado em sua convivência com Peter. Os mesmos que ela pensava que estivessem anestesiados e adormecidos desde aquele primeiro soco que levou no rosto, quando ele a deixou na rua vestida apenas de camisola enquanto ouvia atrás de si uma violenta batida de porta, como as de uma prisão quando se fecham, aniquilando a liberdade de quem ficou lá dentro. Aquelas lembranças adormecidas tinham despertado e voltaram a aparecer nos meses que se seguiram ao nascimento de sua filha. Primeiro foram os desplantes, a falta de respeito e as grosserias, sem se incomodar com a presença dos amigos. Depois, os insultos, as ameaças, os gritos, choros, sacolejos, o medo, a horrível sensação de que seu coração queria sair pela boca.

Uma noite os vizinhos começaram a ouvir fortes batidas, estranhos ruídos que vinham do chalé da família Innes Carrascosa. A intensidade daqueles gritos e os berros misturados com o choro de uma criança fizeram um dos vizinhos chamar a polícia, que logo apareceu. Em poucos minutos os vizinhos que haviam saído à rua e os que se escondiam atrás das cortinas de suas janelas, não querendo perder o desenlace da história mas evitando a linha de fogo, viram quando dois policiais que levavam Peter algemado o puseram em um carro de polícia, que saiu em alta velocidade com as luzes acesas e a sirene ligada, rompendo o silêncio da noite. Os agentes de polícia que haviam ficado na casa, que por algumas horas se tornou a atração da vizinhança, ouviam uma assustada e sensibilizada Maria José contar como o marido chegara em casa fora de si, pondo-se a insultá-la e agredi-la, enquanto ela tentava proteger a filha daquele grotesco espetáculo de gritos e ameaças. Entre as ocorrências relatadas, Maria José falou de hematomas, socos e cabelo arrancado, que ela jurou que era seu, embora Peter assegurasse, ao ser interrogado na polícia, que se tratava de fios sintéticos do cabelo de uma boneca da filha que sua mulher havia oferecido como prova falsa à polícia. O que não foi preciso mostrar aos policiais, porque estava evidente, eram os estragos feitos numa das paredes da casa, ao que parecia consequência das reações coléricas do marido enlouquecido que não conseguira atingir seu alvo, o corpo da mulher. Esse e muitos outros episódios ajudaram Maria José Carrascosa a ser reconhecida pelo serviço de imigração de Nova York como vítima de maus-tratos no ano de dois mil e um, apenas um ano depois do nascimento de sua filha.

No entanto, mesmo com a relação em cacos, Maria José não deixou o marido nem ele sequer insinuava, em momento algum, intenção de abandonar, pelo menos oficialmente, o domicílio familiar. É verdade que o casal tinha cada dia menos coisas em comum, nenhum dos dois estava apaixonado pelo outro, já não compartilhavam sonhos para o futuro, muito menos

para o presente, mas isso não levou à ruptura da convivência. Talvez enganados pela crença de que continuar juntos, algo tão equivocadamente quanto hipócrita, seria melhor para a pequena Victória Solenne, os dois seguiam vivendo sob o mesmo teto e compartilhando a titularidade e a propriedade da empresa que ela decidira fundar com a inestimável ajuda dos pais, quando descobriu a farsa sobre o negócio do marido. Era uma relação interessada, mas ao menos era uma relação. Esse era o único consolo, uma justificativa de que dispunha, e ela então decidiu adaptar-se a ela até que chegassem tempos melhores, que no seu caso foram piores.

Maria José não se orgulhava nem um pouco de sua situação pessoal, mas insistia em que não havia outro remédio senão agir do jeito que vinha fazendo. Os acontecimentos haviam se precipitado, e sua vida estava se tornando o contrário do que sempre sonhara. Sabia que casamento não era algo fácil, que sempre surgiam problemas, e tinha consciência de que aquela aventura não era um eterno mar de rosas, mas nunca imaginou que os espinhos a fariam sangrar tão cedo. Por isso se propôs friamente a conveniência de dar uma nova oportunidade, se não ao amor, que a essa altura já dava por aniquilado, ao entendimento mútuo, embora só fosse por um benefício compartilhado. Além disso, assustava-a a ideia de se apresentar diante dos pais para comunicar-lhes que tudo fora um imenso erro. Teria que lhes explicar os maus-tratos causados pelo marido, as constantes mentiras que fora engolindo como uma tonta durante todo esse tempo, e aquilo estava além de suas forças. Não estava preparada para enfrentar essa prova de fogo. Achava-a muito humilhante e devastadora. Melhor ir em frente, até que algo, num futuro não muito distante, desencadeasse o final daquela farsa e forçasse seus atores a retirarem a máscara. Então cada um teria que enfrentar sua realidade.

As viagens que o casal fazia à Espanha para que os avós maternos vissem a neta se reduziram drasticamente, e quando o casal desfeito ia para lá, por opção de ambas as partes, dissimulava a situação real e aparentava ser o que já não era. Mas Maria José não era tão boa atriz quanto pensava, e sua irmã Victória pressentiu que algo não ia bem.

— Minha irmã, você está triste e, veja, pálida e mais magra do que nunca. O que está havendo?

— Nada, Vivi, nada. Tudo isso é muito diferente daquilo que eu imaginava. E também sinto tanta falta de você, papai, mamãe. E também sinto falta da vovó.

— Nós estamos aqui para qualquer coisa de que você precisar. E você não me engana, sei que não se trata disso. Fico muito tempo falando com você ao telefone e, apesar de notar que está diferente, você insiste em me dizer que não está acontecendo nada. Sinceramente, não acredito nisso. Acho que você está com problemas, e sérios, e que já é hora de você me contar se alguma coisa vai mal. Sou sua irmã e tenho direito de saber.

— Digamos que as coisas não vão muito bem — Maria José nem se atrevia a olhar a irmã nos olhos. Tinha a impressão de que o olhar de Victória ativaria automaticamente um mecanismo de raios X que revelaria seus segredos mais ingratos. — Acho que Peter não é a

pessoa que imaginei que fosse. Suspeito que não seja o homem da minha vida. Com certeza me enganei.

Victória não acreditava que aquela pessoa que estava ali à sua frente reconhecendo seus erros, cabisbaixa e de olhar perdido num inexistente horizonte, fosse sua irmã. Por isso foi difícil para ela se concentrar, teve que fazer um grande esforço para encontrar as palavras adequadas e descobrir o que havia com sua irmã.

— Mas o que aconteceu com vocês? Maria José, ele fez alguma coisa? Peter fez algo com você?

— Digamos que o tratamento que me dispensa não é o que eu esperava. Não, talvez meu caráter não ajude, mas ele não me trata como mereço — Maria José adivinhou que a próxima pergunta seria sobre possíveis maus-tratos e resolveu se adiantar, para que seus ouvidos não precisassem ouvir aqueles termos da boca da irmã, que ficou com a pergunta nos lábios. — Olhe, Vivi, você não é tonta. A única coisa que lhe peço é que não conte nada a papai e mamãe. Deixe-me primeiro ajeitar minha vida que depois eu mesma darei as explicações a todos. Contarei a eles o que está havendo. Mas não se preocupe agora. Não sei, quem sabe... talvez tenha conserto.

— Irmã, coisas assim não se consertam como se fosse uma janela quebrada. Elas são mais complicadas. Sempre são.

Maria José percebeu que o tom de Victória não era o de uma irmã mais nova. Percebeu que os papéis haviam se invertido e que não era ela que estava, como sempre fora, dando conselhos e quase exigindo que fossem cumpridos. Não tinham sido poucas as vezes em que ela havia recriminado a irmã menor por alguma atitude ou companhia, e era raro que estivesse do outro lado, o de quem recebe o sermão.

— Deixe que eu resolva isso. Prometo. E você não se preocupe, que sei cuidar de mim mesma.

— Estou aqui para tudo que precisar de mim. Entendeu? Tudo.

As irmãs se uniram num abraço que, como poucas coisas, conseguiu revitalizar Maria José. Pareceu-lhe que aquele aconchego lhe infundira as forças de que andava tão carente e conseguira despertar a segurança e a confiança em si mesma que os últimos acontecimentos haviam tirado dela. Sentia-se renovada e prometeu deixar que os outros o percebessem.

12

ESTE DITO POPULAR SEMPRE HAVIA FEITO MARIA José sorrir em diferentes etapas de sua vida: “Nunca duvide que as coisas sempre podem piorar”. Maldisse a graça que achava no provérbio naquele momento. Sua vida continuava um inferno, e apesar de

todo o seu intento não conseguia remediar a situação. A proposta que David lhe fizera por telefone na última vez que ligou para ela de Roma ficava dando voltas em sua cabeça: “Por que você não passa um tempo na Espanha? Essa viagem vai lhe fazer muito bem”.

Continuava muito cansada. Aquela sensação de arrastar-se durante todo o dia a deixava martirizada. Convencera-se de que estava com alguma doença estranha, dessas difíceis de diagnosticar, que são descobertas tarde demais, quando não há remédio. A solidão em que vivia puxava-a com muita força para baixo, onde só a esperava o fundo escuro de um poço. O pessimismo que ia guardando comodamente em seu interior não a ajudava na hora de experimentar nem sequer uma tímida melhora, um lampejo de recuperação. A única alegria que tinha era sua filha Victória Solenne, e era por ela que relevava tudo.

Casar-se com aquele homem fora um erro. Mas continuar vivendo com ele durante esse período em que a esperança de recuperar o que perdera encobriu a sensatez que a faria ver que a realidade estava se tornando sua verdadeira ruína. Havia dado por perdido seu casamento e não queria tomar conhecimento do homem com quem compartilhara quase cinco anos de sua vida. As más lembranças, que eram muitas, não adormeciam, ao contrário, despertavam com cada vez mais assiduidade e maior ferocidade.

Depois de constantes discussões, acusações mútuas, insultos e ameaças, no mês de maio de dois mil e quatro se ouviu a última estrondosa batida de porta em sua casa nova-iorquina em Fort Lee. Seu marido recolheu seus poucos pertences e decidiu abandonar definitivamente a casa da família, embora pouco antes já tivesse feito algumas tentativas de abandono de que, no entanto, acabava desistindo, a última delas em fevereiro daquele ano. Maria José sabia que a decisão do marido não se devia a um repentino interesse em lhe facilitar as coisas. Sabia que aquele homem que se divertira martirizando-a a extremos insuspeitados e que tanto insistia em obter seu perdão depois do habitual escárnio tinha outras mulheres e estava arranjando outra vida. Tinha certeza de que Peter a havia enganado, e não apenas com relação a seu trabalho, mas em muitas outras coisas. Mas se no início a mentira lhe doía, lhe envenenava o sangue, agora não lhe causava o menor sofrimento. Nem sequer mexia com o orgulho a que costumava agarrar-se com bastante assiduidade. Ao contrário, pela primeira vez em muito tempo o som daquela porta fechando-se com mais ar de violência do que com exagerada força chegou até seus ouvidos como se fosse música celestial, talvez pelo fato de que quem a atravessou não foi ela, e sim o homem que tanto mal havia feito a elas, mãe e filha.

Achou que deveria aproveitar aquele abandono do domicílio conjugal pelo marido para pôr sua vida em ordem. Ligou para os pais a fim de lhes comunicar sua intenção de viajar à Espanha com a filha e para dizer-lhes que se preparassem para saber de novidades importantes. Fazia tempo que eles desconfiavam que algo não ia bem no casamento de sua filha mais velha, a julgar pela ausência de Peter nas últimas viagens dela a Valência. Quando lhe perguntavam por que o marido não viajara com ela, sempre dava como desculpa que ele estava com muito trabalho na empresa e que ele havia preferido ir para a França e o Reino Unido a fim de entrevistar possíveis sócios interessados em franquias ou representações. Os progenitores assentiam e aceitavam a explicação como outra qualquer que a filha lhes desse, porque preferiam não fazer perguntas sobre a intimidade de nenhuma das irmãs. Além disso, a

felicidade que sentiam cada vez que viam a neta compensava seus temores de que o casamento da filha estivesse indo mal. Os dois sabiam que se algum dia a filha tivesse algo para lhes dizer, ela ia escolher a melhor maneira de fazer isso. E aquele momento estava próximo.

Fazia tempo bom quando Maria José e a filha chegaram à Espanha. Quando o avião que as levava de Nova York para Valência aterrissou no aeroporto de Manises, depois de uma escala em Madri, seus pais as receberam, como sempre fizeram, com um enorme sorriso e de braços abertos, como querendo superar e reduzir a enorme distância que os mantinha separados desde muito tempo. Maria José mostrava a mesma expressão, não só pela alegria do reencontro com a família como também porque descia do avião com um firme propósito em seu íntimo, que estava convencida a alcançar e que a havia animado a realizar essa viagem a sua terra natal, a mesma que havia testemunhado sua união com o canalha Peter Innes.

Foram muitas as horas de conversa com os pais e a irmã Victória. Maria José sabia que lhes devia uma explicação, que vinha escondendo havia tempo, não por mal, mas com a intenção de evitar-lhes o que sem dúvida seria motivo de desgosto: o inferno em que se transformara sua vida. Evidentemente, omitiu alguns detalhes escabrosos que tinha certeza de que causariam um desnecessário sofrimento aos pais. Disse-lhes que seu casamento, por diversos motivos, chegara ao fim, e a família, embora fosse católica, entendeu e aceitou o fato sem opor um único impedimento à decisão que a filha vinha amadurecendo em silêncio havia muito tempo. “Quero obter a anulação do casamento, civil e religioso, e vou aproveitar esta viagem para iniciar os trâmites. Sei que nenhum de nós desejaria isso, mas acreditem que tentei de todas as maneiras possíveis salvar meu casamento. Foi impossível. Preciso apagar de minha vida esse erro.”

Aqueles dias que passou contando o desenlace aos pais, e de uma maneira mais detalhada à irmã Victória, foram para ela uma confissão desesperada, um alívio pelo qual vinha ansiando havia anos, mas que as circunstâncias pessoais em que estava mergulhada a impediam de fazer. Experimentou o mesmo bem-estar de quando era pequena e as professoras do colégio em que estudava insistiam para que se confessasse, o que ela fazia a contragosto, mas que depois de fazer sentia como se tivesse tirado um peso das costas, deixando-a pronta para novas experiências, decisões e situações, sem temer o que suas ações passadas pudessem significar.

Victória Solenne fazia a alegria dos avós e da tia e, embora tivesse só quatro anos de idade, sabia perfeitamente que era a rainha daquela casa, onde tudo eram cuidados, mimos, gestos de carinho e atenção permanente. Aquela situação lhe agradava, o que ela demonstrava com o enorme sorriso que exibia todo o tempo no rostinho de proporções perfeitas. Da manhã à noite e até dormindo sorria, para orgulho de sua mãe e avós.

Maria José sentia que aqueles dias em Valência, na companhia da família e de amigos, estavam lhe fazendo muito bem. “Sinto que meu organismo está se limpando de todas as impurezas que foram se armazenando nele durante todo esse tempo”, pensou. Não soube por que lhe ocorreu isso, o que mais tarde se revelou algo quase profético. Quem sabe por ter a

sensação de estar saindo de um labirinto de mentiras, enganos, sofrimentos e medo em que ela mesma havia se metido por pura ignorância e por se deixar levar por seus sentimentos.

Embora seu aspecto físico tivesse melhorado desde que chegara a Valência e pusera fim ao período turvo e desagradável de sua vida, até aquele momento continuava se sentindo tão sem energia que sua mãe se empenhou em convencê-la a ir a um médico e fazer todos os exames necessários. Afinal, depois de tudo pelo que passara, certamente seu corpo estava carente de vitaminas e desprovido das defesas imprescindíveis para seu bom funcionamento. Prometeu que faria isso na próxima vez que voltasse a visitá-los. No entanto, um inesperado encontro com um médico amigo da família acabou precipitando as coisas. Ele suspeitou que os sintomas que Maria José apresentava pudessem estar relacionados com disfunção da glândula tireoide. Assim, ela decidiu se submeter a uma série de exames para investigar os vários problemas com seu estado de saúde: permanente cansaço, nervosismo e irritabilidade, contínua perda de peso, menstruação irregular, fraqueza muscular, em especial nos braços e nas pernas, tremor nas mãos, queda e enfraquecimento do cabelo, insônia prolongada, batimento cardíaco acelerado e irregularidade no funcionamento dos intestinos.

“Não quero assustar você” — havia dito o amigo, enquanto escrevia num pedaço de papel o endereço do lugar onde ela deveria fazer os exames e o nome da pessoa a quem deveria procurar para ser bem atendida — “mas há muita gente que acha que está com depressão devido a uma série de sintomas parecidos com esses que você relata, quando na verdade se trata de um problema com a tireoide. É melhor que você faça os exames para, segundo os resultados, saber que tipo de tratamento deverá seguir.”

Maria José concordou com tudo o que ele disse, mas surpreendeu-se com o modo pelo qual ele a olhava. Fixava-se em seus olhos como se tivesse descoberto em seu rosto algum sinal que indicasse outro sintoma, o que a deixou ruborizada.

— Você sempre teve os olhos saltados? Porque há quem afirme que isso pode significar um sinal adicional de hipertireoidismo.

A sinceridade perturbadora daquele homem fez que ela começasse a se sentir meio indisposta e a achar que sofria de todos os males citados pelo amigo, que sem dúvida conhecia o assunto. Decidiu interromper aquela conversa, não sem antes agradecer o bombardeio de informações com que o homem acabava de presentear e as indicações sobre onde realizar os exames sem demora, o que ela fez uns dois dias depois. Os resultados dessas análises e os diagnósticos, que dependiam de um rigoroso estudo médico, teriam que esperar sua próxima viagem à Espanha, quando voltaria para confirmar a anulação do casamento que havia solicitado, o que era a primeira de suas preocupações. Sabia que o processo seria longo e difícil, provavelmente teria que enfrentar a oposição do marido, mas com a ajuda da família ela ia conseguir. A batalha legal não a assustava, mas horrorizava-a ter que se encontrar cara a cara com aquele que havia sido seu marido. Alguns meses mais tarde, em outubro de dois mil e quatro, já nos Estados Unidos, o casal voltou a se encontrar, com a mediação dos respectivos advogados, para assinar o acordo que definiria os direitos e as obrigações de ambos os cônjuges com relação à filha, Victória Solenne. O encontro foi frio e desagradável. Foram seus advogados que se encarregaram de falar e discutir as propostas de um e outro.

Maria José e Peter se limitaram a responder a algumas perguntas feitas pelos advogados, tentando todo o tempo evitar que seus olhares se encontrassem e fazendo esforços desesperados para ignorar um ao outro. Em virtude desse acordo, ficou decidido que Victória Solenne viveria sob os cuidados da mãe, e que o pai teria direito de ver a filha em fins de semana alternados. Também foi estabelecida uma pensão, a cargo do pai, destinada integralmente à menina, para seu sustento e sua educação. Os pais ajustaram um acordo segundo o qual, para afastar a filha a mais de cento e cinquenta quilômetros de sua residência, seria necessário o consentimento de ambos os pais. Maria José se voltou para sua advogada e lhe disse friamente: “Se não posso viajar para a Espanha com minha própria filha sem o consentimento prévio do pai, como sempre fiz, que ele pelo menos se comprometa a se comportar de maneira correta diante da filha quando estiver exercendo seu direito de vê-la. Ou seja, que quando Victória Solenne estiver com ele, não passe a noite com outras mulheres e mantenha um comportamento digno e respeitoso com a filha. Conhecendo-o como conheço, não estou certa de que fará isso se não for obrigado”. Os advogados insistiram na obrigatoriedade, por parte dos cônjuges, de cumprir as cláusulas do acordo, definindo que, se um dos dois as desrespeitasse, o pacto ficaria anulado.

O acordo que ambos subscreveram em oito de outubro de dois mil e quatro não atribuía expressamente a guarda e a custódia da menina à mãe, mas segundo todos os presentes essa atribuição de custódia estava implícita no documento assinado por ambos os progenitores. Inclusive o próprio Peter reconheceu isso abertamente no interrogatório feito pela advogada de Maria José durante um encontro, ao afirmar que a pessoa que esteve ao lado da pequena Victória Solenne desde o dia em que ela nasceu foi sua mãe e que a menina só havia ficado com ele nos fins de semana a que ele tinha direito e não sempre. Os dois deixaram claro que a custódia não era problema para nenhum deles e que isso não era motivo de discórdia. Ambos aceitaram que a filha ficasse aos cuidados da mãe.

Os dois saíram daquele encontro satisfeitos com o acordo, entendendo que era o mais adequado, dadas as circunstâncias. Ficaram de realizar outras reuniões posteriormente para finalizar diversos assuntos e aspectos que estavam sem solução naquele casamento mal resolvido, mas Maria José achou que a empresa e a aceitação daquele acordo era o primeiro passo para ela recuperar sua ansiada liberdade e a oportunidade de assumir de novo a direção de sua vida, uma nova vida projetada unicamente para ela e sua filhinha.

Poucas semanas depois, seus advogados comunicaram-lhes o dia em que teriam que voltar a se reunir para acabar de formalizar o divórcio e entregar os relatórios médicos que os advogados haviam pedido a cada um dos cônjuges. Essa data era vinte e três de dezembro.

Maria José ficou incomodada com a data, tão próxima das festas de fim de ano. Tinha pensado em viajar com a filha para a Espanha a fim de comemorar o Natal e receber o ano de dois mil e cinco de maneira diferente de como vinha passando a data nos últimos anos. Seria a oportunidade de começar a recuperar o alegre ambiente familiar que sempre cercara essa comemoração tão íntima e que nos últimos anos havia se tornado para ela um verdadeiro pesadelo. Mas, por outro lado, e recuperando o caráter prático e decidido que sempre caracterizara sua maneira de ser e agir, concordara que fosse assim. “Quanto antes

terminarmos esta história, mais cedo poderemos nos dedicar a outros afazeres, como recuperar minha vida, por exemplo, que já é hora.” Ansiava que tudo aquilo terminasse logo e de modo definitivo. Além disso, estava mais que cansada de ser a única a cumprir o acordo estabelecido entre ambos no mês de outubro que passara. A mesma obrigatoriedade que Maria José tinha de avisar ao pai se queria viajar para a Espanha com a filha, tinha o pai de não passar a noite com outras mulheres enquanto a filha estivesse aos cuidados dele; no entanto, parecia que ele não estava cumprindo esse requisito. Haviam chegado aos ouvidos de Maria José várias informações sobre a vida do pai enquanto estava com a filha, e elas não se referiam exatamente ao calor do lar. E não era a única cláusula que ele desrespeitava, já que também não cumpria os horários de visita impostos de comum acordo perante a lei, assim como tampouco ajudava com o dinheiro para o sustento da filha Victória.

Os contínuos descumprimentos do acordo por parte do marido estavam deixando Maria José desesperada. Ligava constantemente para seus advogados para que denunciassem a persistente violação do combinado por parte do ex-marido, o que apenas resultava na anulação do dito acordo. Mas não acontecia nada. “Não posso acreditar que alguém não cumpra o que foi estabelecido por lei e nada aconteça. Mas que tipo de sistema judiciário é esse que não faz cumprir o que suas leis determinam? Gostaria de saber o que aconteceria se fosse eu a descumprir o pacto! Queria ver se iam agir com tanta moderação. Menos mal que não tenha que aguentar esta situação por muito mais tempo. Ainda bem que logo vou acabar com tudo isso.”

Apesar dos inconvenientes e dos descumprimentos, ou talvez por isso, Maria José se sentia capaz de sair vitoriosa daquela afronta legal em que estava mergulhada. Sentiu que se sentiria mais confortável e protegida se seus pais estivessem ao seu lado naquela reunião que, conforme prometido, seria definitiva e, de passagem, aproveitando as datas que se aproximavam, passariam o Natal todos juntos. Quando disse isso aos pais, eles também acharam que seria o melhor a fazer.

No dia vinte e três de dezembro, os pais de Maria José chegavam ao Aeroporto John Fitzgerald Kennedy, em Nova York. Não quiseram viajar com muita bagagem, haviam trazido apenas algumas valises de mão, já que voltariam para a Espanha e não estavam dispostos a passar por todo o lento e cansativo ritual em que se transformara, desde o atentado contra o World Trade Center em setembro de dois mil e um, a espera da bagagem quando o destino era Nova York.

Maria José e o pai foram os primeiros a chegar à reunião do dia vinte e três. Tinham pressa de acabar com tudo aquilo e não se preocuparam em dissimular seu desgosto. Pouco depois chegaram seus advogados. Maria José resolvera se vestir de modo sóbrio e elegante, com um *tailleur* que a fazia parecer mais velha, mas lhe dava um ar sério, distinto e conveniente a esses encontros legais. Quando os advogados de Peter chegaram, a tranquilidade que estava sentindo com a presença de seu pai desapareceu.

— Não haverá entrevista — afirmou um homem bem-vestido e com excesso de fixador no cabelo, que dizia estar falando em nome de seu cliente. — Meu cliente ainda não fez os exames de sangue requeridos e não pode apresentá-los. É preciso adiar.

— Como não fez os exames? — Maria José não conseguiu ficar calada como lhe pedira seu advogado. — Já apresentei o relatório médico emitido pelo doutor Levine, como nos solicitou o juiz. O que está acontecendo aqui? Nem isso meu ex-marido vai respeitar em todo este circo legal? Ou quem sabe talvez esteja esperando se desintoxicar para fazer os exames?

Seu advogado pediu prudência, mas ela sabia perfeitamente do que estava falando, já que tinha suspeitas mais que concretas de que o marido costumava ingerir alguma droga, coisa que ela sempre detestara.

— Acabou! Isto é demais! — gritou o advogado do ex-marido, enquanto fechava as pastas e se levantava da cadeira. — Agora mesmo vamos interpor a demanda de divórcio. Está claro que com vocês não é possível chegar a nenhum acordo.

— Se entrarem com o pedido de divórcio, o acordo de oito de outubro ficará anulado — lembrou o advogado de Maria José. — Esse era um de seus requisitos: que ninguém apresentasse pedido de divórcio. E vocês serão responsáveis pelo rompimento do acordo.

Em questão de segundos, tudo foi pelos ares. Maria José e o pai saíram rapidamente da sala, a pedido de seus advogados, que durante alguns minutos ficaram trocando recriminações com a outra equipe legal. Mais uma vez Maria José se sentiu enganada e roubada, e pelo mesmo homem. Mas dessa vez estava claro que ela não ia permitir que ele atravessasse a perigosa linha que um dia consentiu equivocadamente que ele cruzasse. Dessa vez estava disposta a ser mais forte e se valer de todos os recursos legais que tivesse à mão para acabar com ele e com sua estudada farsa. Além disso, ela já havia entrado com o pedido de anulação do casamento, tanto o civil como o religioso na Espanha, e isso lhe dava uma sensação de proteção.

Decidiu se dedicar com afinco e participar do trabalho de seus advogados, lado a lado com eles, pondo à disposição seus conhecimentos de advogada, para que aquela ficção mal-intencionada e desonesta representada por seu marido terminasse o quanto antes. “A troco de que vem ele agora ameaçando apresentar um pedido de divórcio? Justo ele, que deveria saber melhor do que ninguém que com tudo o que me fez, e com o que eu poderia contar diante de um tribunal, conviria muito mais ficar quietinho, não criar problemas e não mostrar sua verdadeira personalidade. Mas é inútil. É superior a suas forças viver sem complicar a vida dos outros, sem fazer mal. Sempre foi um egoísta, um ególatra, um louco. Eu estava mesmo estranhando um comportamento tão bom nele. Não sei como não pensei nisso antes.”

Maria José precisava de tempo para se dedicar ao caso e organizar certos aspectos de sua vida, por isso acreditou que o melhor seria que, terminadas as festas natalinas, sua filha viajasse com os avós para passar uns dias na Espanha, para onde Maria José iria uns quinze dias depois a fim de buscá-la. Isso lhe daria maior margem de manobra para poder agir e resolver alguns assuntos pendentes. Não quis complicar mais o caso e ligou para seus advogados a fim de pedir-lhes que comunicassem aos advogados de seu ainda marido a viagem de sua filha com os avós maternos. Ninguém criou impedimento para que a menina viajasse com seu passaporte. Nem houve quem estranhasse o fato.

Durante as semanas posteriores, Maria José não fez outra coisa que não se relacionasse com a estratégia planejada por seus advogados. Dedicou todas as horas do dia a localizar todo

tipo de prova e documentação, a fazer busca em arquivos, fotografias, testemunhas que pudessem anular qualquer ação artilosa praticada pela defesa do marido. O aumento de atividade, como sempre se dava, parecia ter fortalecido seu ímpeto e multiplicado sua energia, embora no final do dia o excesso de trabalho ganhasse impulso e a deixasse quase sem forças.

Depois de dedicar vários dias pensando nisso, uma noite decidiu passar pelo antigo apartamento na esperança de encontrar alguma coisa que a ajudasse a demonstrar e defender sua tese. Ao abrir a porta e entrar naquela que foi durante muito tempo sua primeira moradia, uma estranha sensação atingiu seu estômago. Uma mistura de aromas do passado e a reminiscência de momentos felizes a invadiu até o mais profundo de seu ser e sem nenhuma resistência apoderou-se completamente dela. Foi como uma bofetada, mas agradável e sem sinal de violência e muito menos de tristeza. Gostou de ter voltado àquele lugar. Inclusive se sentiu reconfortada. Desfrutou daquele momento acariciando o enorme mural de espelhos em que apareciam vários lugares do mundo e que ocupava grande parte de uma das paredes da sala. Sempre tivera uma fraqueza por aqueles espelhos. Orientada pela fraca luminosidade que entrava pelas janelas, já que não desejava acender mais luzes, percorreu o antigo lar rememorando em cada canto as pessoas e ocorrências que um dia ocuparam aqueles lugares. Os jantares, brindes, risos, os projetos de negócios, as *paellas* que preparava naquela cozinha e cujos ingredientes comprava numa loja de produtos espanhóis perto dali, os sonhos que dormiam em sua cama, as longas confidências com o amigo David, que a qualquer hora do dia ou da noite atravessava correndo a rua para entregar-se à conversa com a amiga, ambos aninhados no sofá, a mesa do computador à qual se sentou para responder a mais de quatro mil perguntas de um formulário sério, rigoroso, porque, nas palavras de sua amiga Katrina, alheia, como a maioria dos amigos, ao drama que Maria José vivia, “há muito louco solto por aí, é preciso fechar o caminho para eles”.

Essas palavras pronunciadas pela amiga ao término de uma noite repleta de brindes cinco anos antes voltaram a ocupar sua mente com a mesma clareza do primeiro dia. Sem pensar duas vezes, foi até o terraço de janelas enormes que conseguira transformar na atração maior, embora não única, do apartamento. Apoiou-se numa delas, como costumava fazer quando ainda era uma mulher solteira, ambiciosa, segura de si, com o ego ocupando o pódio do vencedor e um punhado de ilusões a viver. Apesar da frieza que havia se apoderado daqueles cristais, devido às baixas temperaturas típicas do invernos de Nova York, Maria José se abandonou à visão daquele horizonte que agora se mostrava diferente, diminuído, ultrajado, alquebrado, em parte destruído, assim como ela. Também lhe haviam subtraído, com a maior das violências, uma parte importante de sua existência, seus pilares também tinham vindo abaixo, assim como as Torres Gêmeas em setembro de dois mil e um. Mas apesar da ausência fantasmagórica daqueles dois grandes e históricos blocos de cimento, a visão panorâmica do horizonte de Nova York continuava se exibindo para o mundo de maneira majestosa, firme e orgulhosa, embora consciente de que nunca mais voltaria a ser a mesma. Maria José jamais se identificara com uma visão como a atual, que contemplava aquela noite da janela de seu apartamento. Essa sensação a reconfortou. Decidiu que dormir ali, tendo aquele panorama como único horizonte, a ajudaria a esclarecer muitas coisas que ainda rondavam sem sentido

nem harmonia sua cabeça. Considerou um presente passar a noite ali. Seus advogados haviam conseguido convencê-la de que agora podia deixar tudo nas mãos deles, que ela já fizera tudo o que estava ao seu alcance. “Relaxe, tente se esquecer de tudo e procure descansar. Isso será bom, caso surjam complicações. Nós a manteremos informada do andamento de tudo. Despreocupe-se e deixe o trabalho por nossa conta.”

O conselho de seus advogados levou-a a tentar encontrar o repouso pelo qual ansiava e não conseguira encontrar nos últimos anos. Aquele era o momento adequado de voltar à Espanha, primeiro para ir buscar sua filha, como prometera a seus pais, aproveitando essa pausa para encontrar o sossego que seu corpo e sua mente estavam pedindo havia muito tempo. Além disso, devia prosseguir com o pedido de anulação do casamento que fizera em sua viagem anterior e que, segundo fora informada por seu advogado na Espanha, estava andando bem. Ia também cumprir a promessa que fizera à mãe de submeter-se a um profundo *checkup* médico, que a ajudaria, estava certa disso, a acabar com a fraqueza que a vinha abatendo.

Finalizou alguns assuntos que não admitiam mais demora, tomou um café ou outro com alguns amigos, aqueles dos quais sentira falta no labirinto de desenganos e mentiras a que fora lançada, inteirando-os do que estava acontecendo em sua vida atormentada, tarefa bastante complicada, e foi toda esperançosa comprar sua passagem de avião com destino a Valência, para o dia vinte e três de março de dois mil e cinco. Deixou a volta em aberto. Não sabia exatamente quando retornaria, coisa aliás de que não tinha pressa, embora estivesse consciente de que qualquer acontecimento poderia apressar seu retorno. Assim, preferiu não determinar nenhuma data para a volta. O que sabia ao certo é que resolvera passar um tempo descansando, relaxada e tranquila, na companhia dos seus na Espanha, e essa foi a única obrigação que se impôs.

1 “Não sem preocupe”, em inglês.

Segunda Parte

Só o amor pode ajudar a viver.

OSCAR WILDE

O REENCONTRO COM A FILHA LHE INFUNDIU UMA injeção de vida. Não conseguiu saber quanto tempo passaram trocando beijos, abraços, apertões, risos, brincadeiras, segredos, olhares, histórias, mas para Maria José ele foi curto. Jamais se cansava do cheirinho agradável de infância que se desprendia de sua filhinha, do contato com sua pele suave e delicada, de ouvir o riso espontâneo e travesso que brotava de sua boca o tempo todo, de seguir, sem parar, os caminhos que seus olhos travessos iam traçando, de tentar dar um sentido às palavras que ainda tropeçavam em sua língua e tanta ternura despertavam nela.

Victória Solenne era uma atração ininterrupta. Bastavam algumas semanas longe dela para que, ao vê-la de novo, já tivesse se transformado em outra pessoa, outro ser que era a razão de tanto esforço e intensa luta por parte de sua mãe. A menina irradiava a mesma luz intensa e deslumbrante que havia imortalizado a terra de sua mãe, Valência. Era difícil separar-se dela, como se em seu corpinho houvesse um potente ímã que atraía todos os que se aproximavam dela.

Depois de descansar durante uns dias e aproveitar para dar longos passeios de mãos dadas com a filha, caminhadas de que a mãe se valia para mostrar à filha os lugares que haviam sido importantes para ela na infância e na adolescência, da escola em que fizera o primeiro grau ao parque onde costumava brincar, decidiu que seria conveniente que a filha frequentasse algum colégio da cidade, para que não perdesse nem uma só hora de escolarização. Depois de visitar várias instituições e expor as condições de permanência temporária da filha na cidade, decidiu matriculá-la no Colégio Sagrada Família. Queria ver a filha, mesmo que por poucos meses, vestindo o uniforme daquela congregação religiosa, participando também ativamente de suas atividades extracurriculares. A constante oposição do marido havia desestimulado sua intenção de proporcionar a Victória Solenne uma educação convencional nos Estados Unidos. “Ela ainda é muito pequena e, além do mais, vai sair muito caro. Não vale a pena”, argumentava Peter cada vez que a mulher aventava essa possibilidade. A menina estava

encantada com a nova experiência. Gostava de assistir às aulas, de ficar desenhando e pintando, fazendo as lições próprias para seu nível de escolaridade e brincando com meninas de sua idade, coisa que até então não havia tido oportunidade de vivenciar. A mãe estava entusiasmada com todas as novidades que iam se revelando para a filha a cada dia e que para ela serviam de inspiração para imaginar um futuro pleno de sucessos e conquistas profissionais para sua filhinha.

Ainda não completara um mês de estada na Espanha quando Maria José teve notícias a respeito do marido. Seus advogados a informaram de um fato que nem eles próprios acreditavam ser possível.

— Estou ligando para lhe contar algo de que você não vai gostar, mas peço que fique tranquila — disse um de seus advogados nos Estados Unidos. Aquelas primeiras palavras a fizeram preparar-se para o pior, e ela não se enganou. — Devo lhe informar que no dia quatro de fevereiro de dois mil e cinco, o Tribunal Superior de Nova Jersey autorizou a devolução imediata de Victória Solenne Innes Carrascosa da Espanha para os Estados Unidos e o posterior acatamento do acordo que ambos os pais assinaram em oito de outubro de dois mil e quatro. Ao que parece, seu marido garante que ninguém lhe comunicou que a filha ia para a Espanha.

— O quê? Não estou entendendo nada — respondeu Maria José, sem encontrar sentido no que lhe dizia o advogado. — Que história é essa de minha filha ter que voltar? Minha filha está comigo como sempre esteve, desde que nasceu. Ele mesmo reconheceu isso em juízo. Além disso, o que estão querendo dizer com acatar o acordo assinado em oito de outubro de dois mil e quatro? Eu informei aos advogados dele da viagem da menina para a Espanha, mesmo não tendo que fazer isso, porque esse acordo, com todas as suas obrigações e direitos, ficou anulado desde o dia em que esse cretino asqueroso e imprestável decidiu apresentar o pedido de divórcio sem falar com ninguém. Isso está bem claro no acordo. Procure o contrato. Procure-o! — gritava Maria José tão histérica que apertava o telefone cada vez com mais força. — Então, encontrou? Tem que estar por aí. Procure-o!

— Você tem razão. Está aqui — disse o advogado e leu a frase que aparecia no acordo assinado pelo casal: “A apresentação de uma demanda de divórcio anula qualquer acordo prévio”.

— E mesmo que não estivesse no contrato, é sempre assim. Mas o que quer esse sujeito? O que está procurando? Nunca vai me deixar em paz? Não basta ter arruinado parte de minha vida, quer continuar me aniquilando? — as fortes pulsações que sentia no peito denunciavam que seu coração batia disparado.

— Acalme-se, estamos tentando esclarecer tudo. Agendamos um encontro com os advogados dele para acertar as coisas.

— Acertar as coisas? Com um elemento como ele? Sinceramente, acho difícil. Muito difícil. Ele teria que nascer de novo. Pode esquecer — Maria José conseguiu se acalmar um pouco, pelo menos aparentemente, estendeu a conversa até desabafar durante alguns minutos

e depois se despediu, dizendo: — Mantenha-me informada. E vou avisando, desde já, que não pretendo devolver minha filha a ninguém, porque em primeiro lugar ela não é nenhum pacote para ficar indo de cá para lá e, em segundo, porque ela vai continuar ao lado da pessoa com quem sempre esteve. Portanto, é impossível que “seja devolvida” — fez questão de enfatizar, de maneira jocosa, essas duas palavras — a alguém com quem ela nunca esteve e que a evitava sempre que tinha oportunidade.

Os acontecimentos estavam tomando um rumo que levou Maria José à decisão de procurar na Espanha um advogado especializado nessas questões para esclarecer sua situação perante a justiça local, ao passo que seus advogados faziam a mesma coisa nos Estados Unidos. Telefonou para alguns amigos e colegas a fim de ajudá-la a esclarecer um pouco mais suas ideias e informar-se sobre quem poderia representá-la como advogado. Enquanto resolvia que tipo de assistência jurídica ia precisar, sofreu mais um revés ao receber outro telefonema. Eram de novo os advogados, que lhe traziam mais más notícias.

— O mesmo tribunal que pediu a imediata devolução de sua filha aos Estados Unidos determinou a partir do dia vinte e dois de março a custódia temporária ao pai. Isso quer dizer, Maria José — explicava de forma gratuita e um tanto fria o mesmo advogado —, que a justiça de Nova York concede ao pai, temporariamente, a guarda nos Estados Unidos.

— Não pode ser! Isso é impossível! O que está me dizendo não pode ser verdade — Maria José resolveu se sentar antes que sua fraqueza e o impacto da notícia a fizessem cair. — Além disso, apresentei os pedidos de anulação do casamento em junho, e eles foram ratificados em dezembro, ou seja, oito dias antes que o canalha entrasse com o pedido de divórcio. Minha solicitação foi anterior.

— Acreditamos que conseguiram mudar a data da apresentação desse pedido de divórcio, já que em alguns textos figura o dia dez de dezembro, data que seria posterior à ratificação de seu pedido de anulação do casamento. São apenas suspeitas, mas não estranharíamos nada que tivesse sido assim, por isso o juiz tomou essa decisão.

— E o que quer dizer isso? Onde entramos minha filha e eu? — perguntou Maria José.

— Quer dizer o que diz. Nada mais. Você não violou nenhuma lei, já que inclusive comunicou sua intenção de viajar com a filha para a Espanha, onde você agora está. Portanto, o melhor será que você tenha a proteção da justiça espanhola, à qual você já recorreu meses atrás. O mais seguro é que algum procurador apresente, quem sabe até já o tenha feito, um documento promovendo expediente de jurisdição voluntária em nome de Peter para restituição da menor contra sua pessoa. Vão fazer tudo o que for possível para que você traga a menina para os Estados Unidos, mas a justiça espanhola deve dar permissão para isso, e não se sabe se o farão. Você deveria procurar apoio legal, porque será convocada a dar sua versão dos fatos.

Para Maria José, aquela notícia foi um verdadeiro balde de água fria, e ela não demorou a agir para tentar que a justiça espanhola reconhecesse sua situação legal como mãe. Seu advogado a tranquilizou e instruiu-a a prosseguir com suas gestões legais e a aguardar os acontecimentos. Talvez seu marido não recorresse às instâncias jurídicas espanholas para se submeter à sua jurisdição.

Devido ao inesperado rumo que sua vida havia tomado nas últimas semanas, Maria José foi adiando o *checkup* médico que se comprometera a fazer durante sua permanência na Espanha, até que um dia a lembrança materna evitou que isso se prolongasse por mais tempo. Ela se viu então engolida pelo furacão de consultas médicas e visitas a especialistas que a mãe se encarregara de agendar para ela numa das clínicas mais conceituadas da cidade. Lá, Maria José deixou-se observar, examinar, auscultar e submeter a todo tipo de exame médico. Não houve uma única parte de seu corpo que não tivesse sido radiografada, nem uma amostra de sangue que tivesse deixado de ser minuciosamente analisada. Apesar de estar se sentindo como uma bactéria numa lâmina sob um microscópio, tranquilizava-a um pouco saber que tudo aquilo serviria para achar o foco de sua doença, se é que tinha alguma, e que seu constante mal-estar não tinha como causa principal o inferno que se tornara sua convivência com Peter, que embora não fosse mais seu marido não parava de causar-lhe problemas e ser o objeto das más notícias que recebia, comprometendo sua integridade física e mental.

Como tinha que esperar pelos resultados dos exames, aproveitou esse tempo para acompanhar o andamento de seu processo na justiça.

Quando voltou ao médico, decidiu ir sozinha porque queria fazer algumas compras que não podiam esperar. Ela estava ocupada com os preparativos da festa de aniversário com que queria surpreender a filha, que dentro de poucos dias faria quatro anos. Queria preparar algo especial de que a menina se lembrasse por toda a vida, por isso quis ela mesma organizar tudo, até os mínimos detalhes. A caminho do consultório do especialista, tentava não pensar em nada que não fosse a festa, mas teve que se esforçar para isso por causa das notícias que recebera de seus advogados de Nova York. Graças a seu bem treinado controle mental, nada nela denunciava intranquilidade ou nervosismo, até que o médico começou a decifrar os resultados que tinha nas mãos e traduzi-los em palavras que, à medida que eram ditas, iam fazendo crescer em Maria José certo desânimo. Quanto mais ele falava, mais abatida ela ficava. O diagnóstico lhe causou forte impacto, chegando mesmo a ser brutal.

— Foi detectado um tumor no pâncreas. Bem aqui — disse ele, apontando com a caneta na radiografia a localização do tumor. — Ele precisa ser retirado, mediante cirurgia, e depois examinado, embora à primeira vista eu ache que ele seja benigno e que o pâncreas não apresentará complicações adicionais.

Ainda que o médico não tivesse se referido a algo muito grave, a inflexão de sua voz inquietou Maria José.

— Mas o que significa isso? Pode haver algo mais que não esteja à vista, pode se tratar de algo mais grave, doutor? Porque, sinceramente, o senhor está me deixando assustada...

— Os exames e análises que fizemos não indicam maior gravidade — respondeu o médico fazendo uma pausa, durante a qual reviu os papéis que compunham o relatório médico de sua nova paciente, demorando algum tempo ao passá-los de uma mão para a outra como se procurasse algo mais do que aqueles números e linhas coloridas mostravam. Então continuou: — Mas há outra coisa aqui que gostaria de estudar um pouco mais.

— Gostaria que me falasse com mais clareza, porque tenho uma filha que vai fazer aniversário dentro de alguns dias e quero saber o que vou ter que enfrentar. Acredite que

prefiro que use de toda a franqueza, aliás, devo lhe dizer que exijo que me diga tudo.

O médico olhou para Maria José e percebeu que tinha diante de si uma mulher forte, apesar do que lhe mostrava o relatório médico que tinha nas mãos. Assim, decidiu agir com a mesma decisão de sua paciente.

— É cedo para conclusões — disse, optando nesse momento por usar seu primeiro nome e tratá-la sem formalidade, no intuito de não dramatizar a situação, adotando um tom mais cordial, embora não estivesse certo de que fosse conseguir. — Segundo este relatório, há em seu organismo substâncias que estão prejudicando seus órgãos vitais, pois são incompatíveis com seu correto funcionamento, portanto, com a vida.

— Substâncias? — Maria José não estava entendendo o que o médico tentava lhe dizer, só sabia que não gostava nada do que ouvia. — Que substâncias?

— É isso que não sabemos, como não sabemos de que modo se introduziram em seu corpo. É como se a senhora estivesse se intoxicando há tempos, o que é um completo absurdo, especialmente numa paciente com suas características psicológicas — o médico se deu conta de que voltara a tratá-la de modo formal e corrigiu-se imediatamente, receando que a paciente ficasse ainda mais incomodada. — Olhe, nas análises de sangue e dos tecidos foram observadas substâncias estranhas, que poderiam ser tóxicas, mas que, inicialmente, não tenho condições de dizer de onde vieram. Vamos ter que continuar fazendo exames, e quanto antes melhor.

Diante do impacto cruel dessas notícias, Maria José deixou-se cair no encosto da cadeira. Pôs-se a observar, sem interesse, que a sala era bem iluminada, toda branca e extremamente limpa, decorada sem ostentação e com aquele cheiro característico de ambientes esterilizados onde se costuma usar instrumentos médicos. Não sabia o que devia estar enfrentando, mas começou a elucubrar sobre todo tipo de males e suas consequências, o que a fez sentir que o ar não chegava a seus pulmões na quantidade necessária, acelerando sua respiração, que no entanto foi cortada por outra fria frase dita pelo médico:

— E há o problema da tireoide — a cadência com que o doutor falava podia se justificar pela cautela com que alguns médicos costumam dar esse tipo de notícia ou, pelo contrário, ao fato de ser o portador de uma notícia ruim, mas a verdade é que ela exasperava sua paciente. — Estou vendo, nos exames que você fez há alguns meses, que há um problema com sua tireoide. Se não me engano, trata-se de hipertireoidismo. Não sei se já fez isso mas, se não, é preciso tratá-lo, naturalmente depois de um exame cuidadoso.

Maria José intuiu que os resultados dos exames de tireoide que havia feito em sua viagem anterior à Espanha, por intermédio de um amigo da família, haviam chegado às mãos do médico. Ela sentiu que era muita informação negativa a assimilar de uma só vez e sem nenhum tipo de ajuda. O médico retomou então suas explicações:

— Isso pode estar relacionado com a presença de certas substâncias tóxicas em seu corpo. Este relatório feito pelo médico forense Manuel Romero Broseta concorda com o que estou comentando com você — quis estender a Maria José o relatório médico, mas, como ela ficara olhando para ele como que hipnotizada, ele decidiu ler o que dizia o documento. — Diz que seu problema com a tireoide pode ter sido causado por uma fonte externa, ou seja,

administração de substâncias estimulantes da tireoide: hormônios ou compostos sintéticos. — O médico ia saltando alguns parágrafos que continham muitas informações técnicas, por achar que elas só confundiriam ainda mais a paciente. — Finalmente, diz que tudo isso poderia explicar seus sintomas. Ou seja, que você pode ter sido intoxicada.

— Mas o que o senhor está me dizendo? Como intoxicada? Venho dos Estados Unidos para passar uns dias com minha família, faço alguns exames porque há tempos venho me sentindo cansada, e agora vem o senhor me dizer que tenho um tumor no pâncreas, sofro de hipertireoidismo e que há substâncias tóxicas em meu organismo ou, dito de outra forma, que estão me envenenando. Como quer que eu engula tudo isso? E, sobretudo, se sempre fui uma pessoa saudável, de onde saiu toda essa merda que, ao que parece, se apoderou de todo o meu corpo?

O médico surpreendeu-se novamente com a franqueza de Maria José.

— Insisto em lhe dizer que é precisamente isso que você me pergunta que quero investigar. Mas para isso preciso que você se submeta a uns exames mais específicos — o médico percebeu como o desassossego se estampava no rosto e nos gestos da mulher que estava à sua frente e decidiu impedir que ela piorasse. — Como já percebi que você gosta de tudo às claras, devo lhe dizer que sua vida não está em perigo, se logicamente e por tudo que estou lhe dizendo for essa sua preocupação. Só há algumas partes de seu corpo que não estão funcionando como deveriam. Mas com o tratamento adequado durante o tempo necessário essas disfunções serão resolvidas. Não pense que você é a única pessoa que tem esse tipo de problema. Existe tratamento e, portanto, solução. É preciso que isso tenha ficado bem claro para você, pois vai ajudar na sua recuperação — acrescentou enquanto procurava uma canela em um dos bolsos de sua bata. Depois tirou de uma gaveta o bloco de receitas e começou a preencher algumas folhas. — Quero que você continue a fazer os exames e, assim que tiver os resultados, volte a me ver. E fique tranquila porque, resolvendo cada coisa a seu tempo, não há por que se preocupar.

No caminho de volta à casa dos pais, Maria José ia relembrando mecanicamente o que o médico lhe havia explicado sobre suas doenças, enquanto tentava pôr em ordem os pedidos que ele lhe passara de futuros exames médicos. Desistiu da ideia de pegar o ônibus ou parar um táxi, achando que seria mais agradável dar umas voltas durante algum tempo, talvez temendo que a desordem barulhenta que se instalara em sua mente e que chegava a ensurdecê-la pudesse ser ouvida fora dela. As palavras do médico ecoavam em sua cabeça: “Com o tratamento adequado, essas disfunções se resolverão”, misturadas com o relatório sobre sua desregulação tireoidiana “que podia ter sido causada por uma fonte externa, como a administração de substâncias estimulantes da tireoide...”. Um pensamento fugaz a fez parar de repente e conter sua respiração acelerada. Teve a impressão de que alguma coisa em sua cabeça explodira de tal forma que inundou de luz seus confusos pensamentos, com se subitamente tivesse encontrado a explicação central para todas as suas dúvidas. Entre o conglomerado de pensamentos que ocupava sua mente apareceu nitidamente a imagem do

marido. Teve que se sentar em um banco da rua porque achou que a repentina onda de calor que se apoderou de seu corpo e a sensação de que ia desmaiar a levariam para o chão. “Meu Deus, meu Deus, foi ele!” Maria José percebeu que não conseguia piscar e que sua pulsação, como vinha ocorrendo ultimamente, disparava. “Não é possível, não é possível, meu Deus... Mas... e se for verdade? E se for ele o causador de tudo isso que está se passando comigo? E se já tinha tudo preparado desde o início? E se tudo era uma armadilha em que caí como uma idiota, como ele mesmo me chamou — ‘espanhola idiota’ — quando conseguiu me impedir de fazer o pedido de cidadania?” Tentou se acalmar mas achou difícil, porque aquele pensamento perturbador martelava sua mente sem piedade. “Três cunhadas de Peter sofriam da mesma coisa — hipertireoidismo. As três faziam o mesmo tratamento, e a doença se manifestou nelas de repente, da noite para o dia. E casualmente a mãe desse desgraçado tomava remédio para a tireoide, porque também tinha disfunção dessa glândula, só que, ao contrário, era hipotireoidismo. Que facilidade para eles se queriam acabar com elas e comigo sem deixar rastro.” O pensamento fixo nisso lhe fez muito mal, e ela quis se livrar daquela talvez precipitada dedução. Tentou descartar a conclusão que suas conjecturas lhe devolviam, mas apesar de seus esforços não conseguiu.

“Coincidência demais. Isso não pode ser uma coisa casual. Meu Deus! Como foi capaz de... E com certeza foi. Estou convencida disso. Filho da puta!” Desesperada, imaginou cenas atordoantes em que o marido, às escondidas, ia depositando em sua comida o hormônio da tireoide que a mãe tomava para combater seu problema, e como ela foi ingerindo, sem saber, uma verdadeira bomba-relógio para seu organismo. Aquela ideia não lhe saía da cabeça. Tinha certeza daquilo. “Foi me dando esse hormônio pouco a pouco, sabendo que podia me matar. E o desgraçado pondo em minha comida, sem que a tonta aqui soubesse. Por isso vivia tão cansada. Por isso me encontrava naquele estado. E como não conseguiu me matar, agora quer tirar minha filha.”

Foram sustos demais em muito pouco tempo. Não queria ser precipitada em suas conclusões, mas isso era algo que não podia evitar, já não estava em suas mãos. As suspeitas de que o marido fora envenenando-a aos poucos pareciam adquirir vida, e, embora não quisesse se precipitar aos acontecimentos antes de fazer o resto dos exames, que sem dúvida trariam uma pouco mais de luz a seus receios, era muito difícil para ela deter a infernal teoria.

Levou o tempo que achou conveniente para se acalmar antes de chegar a sua casa e informar sua família sobre o que o médico dissera. Não queria alarmá-los e decidiu compartilhar com eles, pelo menos por algum tempo, suas últimas conclusões sobre o possível comportamento do marido. “Disse que minha tireoide precisa de tratamento e também detectou um tumor provavelmente benigno no pâncreas, que convém extrair, embora tenha insistido que não é grave. Para isso, sim, terei que fazer mais exames.”

De sua boca não saiu nenhuma reclamação na hora de se submeter docilmente a tudo o que os médicos pediram que fizesse. “Sou suficientemente forte para passar por isso e superar tudo. Não vou permitir que ninguém, muito menos ele, continue arruinando minha vida.” Por

isso decidiu não alterar em nada os preparativos para a festa do quarto aniversário de sua filha Victória. E a festa foi linda, tudo era só alegria, risos, música e presentes, muitos presentes. Estava feliz ao ver a felicidade de sua filha cercada de todos que a amavam.

As delicadas condições físicas de Maria José fizeram que as atenções da família se multiplicassem. Todos sabiam que sua situação era delicada e prepararam uma estratégia de cuidados e atenção que tornava quase impossível que ela ficasse desatendida uma única hora que fosse por dia. Em qualquer atividade ou tarefa que quisesse realizar contava com a ajuda dos pais ou da irmã, que não se cansavam de insistir dia e noite na necessidade de que ela levasse uma vida tranquila e em repouso.

Antes de voltar ao médico para saber dos resultados dos últimos exames, observou que seu passaporte estava quase vencendo e decidiu renová-lo. Pediu que o pai a acompanhasse à delegacia, porque receava que a espera pudesse ser longa e não queria ficar sozinha por muito tempo. Ao chegar às dependências policiais viu que se enganara em suas expectativas, porque um policial amável os atendeu rapidamente, não tiveram que esperar mais que uns dois minutos. O que não conseguiu entender foi a expressão de surpresa no rosto do agente que os atendia. Por um momento achou que poderia haver algum tipo de erro nos dados pessoais ou que a foto que levava não servia, já que o novo passaporte era eletrônico, por isso achou que a que apresentava fosse imprópria para o novo formato do documento. Ninguém, muito menos ela, podia suspeitar a razão de tanta estranheza. Então o policial começou a falar:

— A senhora teve algum problema com a justiça? — perguntou o agente, procurando soar o mais natural e neutro possível, como se estivesse perguntando a idade ou local de nascimento da pessoa à sua frente.

— Problema com a justiça? — repetiu Maria José sem entender nada. — Não, nenhum, que eu saiba. Por que pergunta?

— Porque há uma ordem de busca com relação à senhora. Seu nome aparece numa lista internacional de criminosos.

A reação de Maria José e do pai demorou para se manifestar, em parte porque as palavras do policial haviam conseguido imobilizar ambos.

— Mas o que o senhor está dizendo? Como minha filha estaria numa lista de criminosos? Deve estar havendo algum engano. Por favor, olhe bem porque, com tanta tecnologia, pode haver alguma troca de letras e acabar criando problemas.

O pai de Maria José estava tentando raciocinar com certa sensatez, mas a confirmação do policial eliminou qualquer esperança de recuperar o bom-senso.

— Não, receio que não haja nenhum equívoco — disse o policial, que se limitou a ler o que mostrava a tela do computador: — Maria José Carrascosa Peñalver. Ordem de busca.

— Por que estão me procurando? E quem está fazendo isso? — as perguntas se amontoavam na mente de Maria José, que se esforçava para contê-las.

— Veja, isso não posso lhe dizer, porque não estamos em condições de fornecer essas informações. Supõe-se que a senhora deva saber. A verdade é que existe uma ordem de busca em seu nome, e ela é internacional. Ou seja, em qualquer país em que a Interpol possa agir pesará sobre a senhora uma ordem de busca. Recomendo que tente esclarecer sua situação.

Além disso, vamos ter que comunicar que a senhora está aqui.

Aquela confusão surpreendeu e deixou atônitos pai e filha. Nenhum dos dois estava entendendo nada. Quando conseguiu reagir, o que não foi nada fácil e muito menos rápido, deixaram o recinto policial. O pai sugeriu que a filha pensasse se não havia em seu passado algum comportamento que pudesse ter motivado sua inclusão numa lista de criminosos.

— Papai, por favor, juro que não fiz nada. Que raios poderia ter feito? E quando, onde, a quem? Estou tão surpresa quanto você. Isto é uma loucura. Está todo mundo querendo me deixar louca.

Quando voltaram para casa, a notícia caiu como uma bomba. Entre o espanto e a inquietude provocados pela situação, só Victória não perdeu a compostura diante de tanto absurdo e decidiu ligar para um amigo cuja esposa trabalhava no porto de Valência e tinha contato com a polícia. Sabia, por alguma ocorrência passada, que ele talvez pudesse ter acesso a outras fontes de informação e saber quem poderia ajudar a esclarecer pelo menos o motivo pelo qual sua irmã estava sendo procurada e ainda por cima incluída numa lista de criminosos. Poucas horas depois, como imaginara Victória, a resposta chegou. “A ordem vem dos Estados Unidos, de Nova Jersey ou Nova York, não tenho certeza. Deve-se a uma denúncia apresentada por um tal Peter Innes contra sua irmã por um suposto crime de subtração de menor. Se for de alguma ajuda, a data é de abril de dois mil e quatro. E isso é tudo o que tenho para lhe dizer. Espero que isso possa ajudá-la.”

Aquela informação trouxe alguma luz ao absurdo assunto. Pelo menos agora sabiam o que estavam enfrentando, embora isso não lhes tivesse trazido nenhuma tranquilidade, especialmente a Maria José, que continuava sem acreditar naquilo que ouvia nas últimas horas. Com a ajuda dos pais e da irmã, procurando manter a filha afastada de tudo, Maria José foi juntando as peças do quebra-cabeça e se deu conta de que a denúncia fora apresentada em abril de dois mil e quatro, um mês antes que seu então marido abandonasse o lar. Aquela conclusão a deixou com muita raiva. “Agora é que não tenho mesmo dúvidas. Ele tinha tudo planejado desde o início. Foi embora, abandonou a mim e sua filha, durante alguns meses fingiu ter feito um acordo amigável, quando realmente o que queria era apresentar um pedido de divórcio e acabar me acusando de sequestrar minha própria filha. Está claríssimo! Visava a mim, e fez tudo sem considerar nada, sem se deter diante de nada nem de ninguém, com a frieza de um assassino. Nem sequer esperou para me abandonar, correndo à justiça para me acusar de sequestrar minha filha. Fez isso um mês antes! Mas como se atreve depois de tudo o que me fez passar? Como se atreve? Sequestrar minha filha? Inclusive se tivesse passado pela minha cabeça semelhante loucura, a menina estaria melhor comigo do que com um sujeito como ele. Sem-vergonha! Desgraçado! Miserável! Até onde será que está disposto a chegar? Como pude ter tanto azar, como fui me apaixonar por um monstro como ele? Onde estava com a cabeça, meu Deus?”

A angústia que a devorava não tinha alívio nem resposta, o que fez que seus pais comessem a temer que a filha tivesse uma recaída. Aquele estado de ansiedade e constante nervosismo só podiam fazer sua saúde piorar. No entanto, por mais que tentassem acalmá-la, a agitação que se apoderou de seu corpo, afetando os gestos e expressões faciais da filha mais

velha, parecia uma barreira que dificultava qualquer tentativa dos pais de acalmá-la e lhe dar um pouco de sossego.

Ela precisava pôr para fora tudo o que trazia dentro de si, tudo o que vinha guardando havia muitos anos, a maior parte coisas desconhecidas de seus pais. “Vou acabar com ele! Chega de ser uma boa menina. Agora vou atrás dele e com a lei ao meu lado. Vou conseguir a custódia de minha filha para afastá-la do assassino em que seu pai se transformou. Se ele é capaz de tentar acabar comigo, também pode fazer a mesma coisa com minha filha. E isso é que não vou permitir. Nunca! Só por cima de meu cadáver.”

O som de seu telefone celular veio quebrar a tensão do ambiente familiar. A voz do outro lado da linha avisava que os resultados dos últimos exames que ela havia feito já estavam nas mãos do médico e ele queria vê-la com urgência, se possível ainda naquela tarde. A notícia, em vez de tranquilizá-la, conseguiu deixá-la ainda mais nervosa. “Tanta pressa não pode ser nada bom. Nenhum médico corre para dar boas notícias.”

Entrou no consultório médico esperando que a urgência com que a chamara não significasse consequências fatais para ela. Mais uma vez se enganou.

— Encontramos em seu organismo resíduos de veneno contra ratos. Embora ainda tenham que ser examinadas as substâncias detectadas na parte do pâncreas que vamos extrair, não há dúvida. Há anos você vem ingerindo substâncias altamente tóxicas que lhe causaram mais danos do que temíamos num primeiro momento. Vamos ter que retirar o baço, assim como uma parte do pâncreas, por causa do tumor de que já lhe falei na consulta passada.

Maria José se agarrou nos braços da cadeira em que estava sentada, mas nem sentiu a frieza do aço de que eram feitos. Embora seu corpo e sua mente já não estivessem em condições de absorver mais informações, o médico continuava falando.

— A extração do baço vai fazer seu corpo perder parte de sua capacidade de produzir anticorpos e eliminar as bactérias do sangue, o que vai reduzir drasticamente sua capacidade de combater infecções. Mas isso não quer dizer que seu corpo vai ficar sem defesas, porque, ao extirpar o baço, outros órgãos, por exemplo o fígado, vão ter suas defesas aumentadas, impedindo que o risco de infecção se torne permanente.

Não é que Maria José não se importasse com o que o doutor se esforçava para lhe explicar sobre as consequências de suas futuras intervenções cirúrgicas, mas sua capacidade de entendimento havia parado de funcionar pouco antes e ela tinha apenas uma pergunta, que não deixou de fazer:

— Pesticidas e veneno contra ratos. O senhor quer dizer que alguém vem me envenenando de maneira consciente, doutor?

— Receio que sim, porque suponho que você não faria isso. Sem sombra de dúvida, a quantidade de substâncias tóxicas que você tem nos tecidos e no sangue não é de forma nenhuma normal. De fato, antes de ser submetida à intervenção cirúrgica, seria conveniente começar um tratamento de desintoxicação, para tentar reduzir o nível de arsênico que seu corpo apresenta. É o mais oportuno que se tem a fazer. Podemos começar amanhã mesmo esse tratamento. Não há nenhuma razão para esperar mais.

O QUEBRA-CABEÇA EM QUE TINHA SE TRANSFORMADO sua vida não lhe dava descanso. Em questão de dias, todas as forças da natureza pareciam ter combinado lhe tirar a vida ou pelo menos complicá-la até limites insuspeitados. Ao mesmo tempo, soube que alguém vinha envenenando-a havia anos, por isso ela teria que se submeter a uma longa cirurgia depois da qual ficaria sem o baço e uma parte do pâncreas, perderia a tireoide, e seu corpo estaria à mercê de qualquer tipo de infecção que quisesse se instalar em seu organismo e, se tudo isso não fosse suficiente para cobrir a cota de absurdos, a polícia a informara de que seu nome fazia parte de uma lista internacional de criminosos procurados pela Interpol. E ela ainda não ouvira tudo.

A aflição que ameaçava sua existência deu lugar a certa calma, que não deixava de ser tensa. Maria José prometeu dedicar-se a sua recuperação e seguir o tratamento recomendado pela equipe médica que cuidava de seu caso, o que a obrigou a atrasar sua volta para os Estados Unidos, já que em seu estado, e segundo indicação médica, isso era impossível e quase suicida. Resolveu matricular sua filha em todo tipo de aula que pudesse contribuir para sua formação e que mantivesse a menina ocupada, tendo em vista sua iminente internação num hospital e posterior intervenção cirúrgica.

Asseguraram-lhe que o pós-operatório seria delicado e ia requerer a mesma disciplina que ela já vinha adotando. Sua coragem não a deixava ter medo da intervenção em si, na qual seu baço seria retirado, assim como parte de seu pâncreas, mas sentia certo medo da anestesia geral. Não gostava da ideia de ter que se submeter a ela. Já ouvira muitas histórias de pessoas que não reagiam bem à sedação, e inclusive algumas delas, devido a complicações que quase nunca eram explicadas claramente aos familiares, não voltavam a acordar. No entanto, resolveu deixar de lado aquela preocupação, pensar em outras coisas e manter-se ocupada em tarefas que a distraíssem, por mais simples que fossem.

Pouco antes do dia em que seria hospitalizada, Maria José ligou para seus advogados em Nova York a fim de inteirá-los da situação em que se encontrava e informar-lhes sobre as últimas novidades, que incluíam seu comparecimento perante um juizado em Valência para ser interrogada sobre a petição de devolução de sua filha Victória Solenne feita pelo pai à justiça espanhola e à qual ela se opôs diante do Nono Juizado de Primeira Instância de Valência, o mesmo que havia adotado a medida cautelar em virtude do auto de dezessete de junho de dois mil e cinco, que dispunha sobre a entrega do passaporte da pequena Victória e a proibição de sua saída do território espanhol. A partir daquele momento, só restava aguardar a determinação do juiz. A espera prometia não ser curta, embora lhe tivessem garantido que em julho já haveria uma definição.

Em dois de julho de dois mil e cinco Maria José foi operada na Clínica Quirón, de Valência, para retirada do tumor de seu pâncreas e extração do baço. Segundo ficou sabendo pela equipe médica que a atendeu, a cirurgia não havia apresentado nenhum problema e agora

era só esperar que se recuperasse, analisar cuidadosamente os elementos extraídos de seu corpo e seguir com o tratamento.

Quando ainda se encontrava prostrada na cama, passando por um delicado período pós-operatório, exatamente como o médico previra, ela recebeu aquele que ela considerou o melhor remédio que podiam lhe dar naquele momento. Às suas mãos chegou a esperada decisão do Nono Juizado de Primeira Instância de Valência, que resolvia o assunto da devolução de sua filha Victória. O sorriso de quem levou para ela a notícia e o brilho que tinha nos olhos a fez antever, finalmente, a chegada de boas notícias. Tomou o documento nas mãos e o leu atentamente:

“Auto de restituição de menor sete, cinco, nove barra zero, cinco. Em Valência, seis de julho de dois mil e cinco.”

Sua ansiedade a fez pular os antecedentes dos fatos e os fundamentos de direito que serviam de explicação prévia para argumentar a decisão tomada pelo juiz. Virou as folhas de modo atropelado e compulsivo, até que seus olhos deram no último parágrafo do auto.

“Em atenção ao exposto, disponho: não há lugar para acordar a restituição de Victória Solenne aos Estados Unidos e sua entrega a seu pai Peter William Innes. Declaram-se oficialmente os custos do processo. Contra esta resolução, cabe a interposição de recurso de apelação em um só efeito no prazo de cinco dias a partir desta notificação.”

Maria José observou a assinatura oficial do documento, em que aparecia como a data notificada para o procurador o dia onze de julho de dois mil e cinco.

“Assim manda e assina o magistrado juiz do Nono Juizado de Primeira Instância de Valência, Doutor César Zenón Calvé Corbalán.”

Fechou os olhos, umedecidos pela inesperada emoção, e deixando a cabeça cair levemente sobre o travesseiro apertou contra o peito o documento que conseguira torná-la a mulher mais feliz do mundo. “Não há lugar para acordar a restituição de Victória Solenne para os Estados Unidos e sua entrega a seu pai Peter William Innes. Não há lugar para acordar a restituição de Victória Solenne para os Estados Unidos e sua entrega a seu pai Peter William Innes. Não há lugar...”

Durante alguns minutos, não saíam de sua boca outras palavras que não fossem as que constituíam a disposição contida naquele auto. E todas as pessoas presentes no quarto acharam aquilo correto. “Finalmente se faz justiça, minha filha, finalmente”, mal conseguiu dizer, devido à emoção, Maruja, a mãe de Maria José, que controlava as lágrimas com mais dificuldade que a filha.

À medida que se passavam os dias, durante os quais os médicos mostravam os resultados dos exames realizados e lhe explicavam como a presença de pesticidas e veneno contra ratos haviam posto em risco sua vida, Maria José foi tomando consciência do grave perigo que poderia estar correndo se não tivesse se submetido ao exame médico por insistência de sua mãe. Sua rotina diária foi preenchida pelas doses de medicamentos, em horas certas e controladas, de cujos complicados nomes ela nunca ouvira falar, mas que se tornaram

imprescindíveis para a manutenção de sua saúde. Não podia deixar de tomá-los, pois isso significaria risco para sua vida. Como consequência da extrema toxicidade imposta a seu corpo durante anos, do estresse físico e psicológico a que tinha sido exposta pelos maus-tratos do marido e da intervenção a que se submetera, desenvolveu diabetes tipo dois, o que complicou ainda mais seu estado de saúde, forçando-a a se familiarizar com o ritual diário de seringa e insulina. Mas ela estava feliz. Apagava da mente cada contratempo que surgia com a leitura do auto judicial que negava a restituição de sua filha àquele que fora seu marido e supostamente era o responsável por sua lamentável situação. A decisão estava amparada pelo Convênio da Conferência de Haia sobre os aspectos civis da subtração de menores, de vinte e cinco de outubro de mil novecentos e oitenta. Chegou a decorar alguns parágrafos daquele documento: “A restituição da menor ao país de sua residência anterior só deverá ser acordada nos casos em que o traslado tenha sido ilícito. Nos documentos aportados com a solicitação e o reconhecimento pela senhora Carrascosa na prática do interrogatório, constitui questão pacífica que os progenitores assinaram acordo em oito de outubro de dois mil e quatro pelo qual a custódia seria outorgada à mãe, enquanto o pai desfrutaria do direito de ficar com a filha em regime de visitas, comprometendo-se ambos a não viajar para fora dos Estados Unidos com a menor sem a permissão por escrito da outra parte. Quando se deu o traslado da menor para a Espanha, não existia a resolução judicial dos Estados Unidos atribuindo a custódia temporária ao pai, que também não a exercia de modo efetivo, uma vez que fora acordado três meses antes que a custódia, desde que cessara a convivência, seria exercida pela mãe, como se efetuiu. Portanto, o traslado não foi ilícito por mero descumprimento, como se acredita com a falta de inclusão do consentimento por escrito do progenitor de um pacto privado sobre não viajar com a filha para o exterior, uma vez que não foi infringido um direito de custódia atribuído ao progenitor”.

Cada vez que seus olhos percorriam as cinco folhas do auto judicial, Maria José não conseguia conter o largo sorriso que se estampava em seu rosto. Estava satisfeita, embora soubesse que o ex-marido podia interpor recurso de apelação contra a resolução judicial, como ele de fato fez.

Sua recuperação não estava sendo fácil como ela pensava, e as complicações logo começaram a aparecer. Num dos exames radiológicos feitos em várias avaliações, foi constatado que o tumor voltara a aparecer. Esse novo golpe, totalmente inesperado, afetou-a mais que no início. “Outra vez? Mas será que esse inferno não vai acabar?” Recomeçaram as promessas: de que não seria nada grave, a certeza de que quando a operassem de novo o local voltaria a ficar totalmente limpo e que nada disso ia alterar o tratamento a que ela estava sendo submetida. Além disso, o processo não estava sendo tão rápido e definitivo como Maria José pensara no começo. Então foi marcada a data para a segunda cirurgia: catorze de novembro de dois mil e cinco. Mais uma vez a incerteza diante da futura operação e o medo do que os médicos podiam encontrar. Como acontecera antes em sua vida, no dia onze de novembro Maria José recebeu uma má notícia, proveniente do juizado de Valência, onde

tramitavam suas denúncias: o juiz espanhol César Zenón Calvé decidira ajuizar o impedimento do caso de anulação do casamento, embora não de maneira taxativa e sempre constando que ela podia apresentar recurso de apelação. Assim fez Maria José, ficando revogado o auto de impedimento meses depois, em vinte e nove de junho de dois mil e seis, e declarando o magistrado que, efetivamente, o processo correspondia aos tribunais espanhóis. No entanto, o juiz do tribunal de Nova Jersey a quem Peter recorrera para solicitar a custódia da menor, e que em princípio não acolhera a demanda por interpretar que a justificativa para o impedimento ajuizado pelo juiz espanhol era firme e que não só correspondia ao processo de anulação do casamento como também ao de devolução da menor, não hesitou em retomar o caso.

Quando a família Carrascosa tomou conhecimento desse fato, culpou os advogados espanhóis de Peter de fazer chegar ao juiz Torack uma má interpretação da decisão do juiz espanhol, o que o levou a abrir o processo em Nova Jersey. O novo pesadelo estava apenas começando, e eles nem sequer imaginavam sua gravidade.

15

“MUITO BEM! QUE BOM, NÃO? COMO QUASE NÃO tenho problemas, agora me quebra o computador. O que houve com este traste?” Maria José reclamou em voz alta enquanto sacudia o monitor, como se fosse resolver o problema com socos ou num passe de mágica. “Realmente, não sei o que posso ter feito numa vida passada, mas devo ter deixado para trás tantos inimigos que nesta todos se juntaram para vir acertar as contas comigo”, dizia ela consigo mesma.

Por acaso, naquela manhã estava em sua casa Maria Luísa Rivera, a tradutora juramentada encarregada de traduzir para a família os complicados documentos jurídicos que desde a chegada de Maria José à Espanha pareciam se reproduzir como amebas.

— Deixe-me dizer uma coisa. Você está com sorte — disse Maria Luísa.

— Pois já era hora de ser visitada por essa senhora Fortuna — disse Maria José.

— Vou almoçar com uma pessoa que pode ajudá-la — disse a amiga, ignorando o comentário. É um amor de pessoa, um homem educado, amável, simpático e bonito. Não me pergunte como ele consegue, mas sabe tudo e está sempre disposto a dar uma mão quando se precisa. Se quiser, telefone para ele e peça que venha até aqui antes de irmos almoçar.

E de fato, mais tarde, Maria José não demorou em comprovar que a amiga não havia exagerado nem um pouco quando falou daquele conhecido. Ele não só consertou o computador como também se ofereceu para ajudar Maria José no que pudesse, ao saber da história complicada que ela vivia nos últimos cinco anos.

— Gosto de histórias kafkianas — disse José Antônio.

— Pois você não só vai se divertir como se faltar com a minha. E tem a dos advogados contratados pelo meu ex-marido aqui na Espanha. Eles devem ser muito bem relacionados, pois não está nada fácil achar alguém que queira me defender e conduzir meu caso. No início mostram muito boa vontade, mas quando ficam sabendo que é Elena Zarralugui que representa meu marido começam a tremer e desistem. Um deles me disse que o presidente de uma associação de advogados lhe garantiu, sem nenhuma base real, mas por alguma razão oculta, que não há registro de minha solicitação e que ela nem está em tramitação, e então, evidentemente, resolveu abandonar a causa — Maria José olhou para José Antônio e com um sorriso divertido perguntou em tom travesso: — Será que você vai poder me ajudar também com esses advogados medrosos?

— Pois sabe que sim? — respondeu ele instantaneamente. — Conheço um advogado em Zaragoza que talvez possa ajudá-la. Seu nome é Aurélio Marín. Creio que não vai haver nenhum problema. Quanto ao pâncreas, minha irmã tem contatos que também podem lhe facilitar as coisas. Quando você quiser, apresento-a a um médico naturalista que vai poder ajudá-la muito.

Maria José sorriu ao se despedir do novo amigo, não sem antes virar-se para Maria Luísa e dizer: “Realmente, este rapaz é mesmo uma joia”.

Não muito tempo depois, ela entrou em contato com o especialista em medicina natural. Ele lhe prescreveu um tratamento durante alguns meses, destinado a reduzir o novo tumor de cinco centímetros. Ela seguiu as recomendações com tanta disciplina que em três meses ele ficou reduzido a apenas alguns milímetros.

Um dia, Maria José telefonou para José Antônio e sua voz parecia assustada:

— José, acabo de receber o resultado de um exame e o tumor cresceu dois milímetros. O que acha que devo fazer?

— Vamos ver — respondeu ele, num tom paternalista para tranquilizá-la. — Você só está em tratamento há três meses, o tumor se reduziu vários centímetros, e não se esqueça de que tudo tem seu tempo. E como você decidiu fazer uma nova cirurgia, agora será mais fácil para os médicos extraí-lo, porque ele está menor. Não há por que se preocupar. Ao contrário. E como foi com o Aurélio, o advogado que lhe recomendei?

— Muito bem. Pelo menos ele se interessou pelo caso e de fato não criou nenhum problema. Na verdade, encontrou alguns. Tive a impressão de que ele recebeu algum tipo de pressão ou ameaça. Você está sabendo de alguma coisa?

— Pouca. É claro que ele não vai me dizer nada, mas parece que está recebendo pressões de muitas frentes diferentes, embora isso não o preocupe. Creio que você fez bem em contratá-lo. Ele vai ajudá-la.

Algumas horas antes de ser operada pela segunda vez, em catorze de novembro de dois mil e cinco, Maria José recebeu a visita de um antigo colega da Universidade de Direito de Valência com quem sempre se relacionara de modo especial. Sabia que ele não estava exercendo sua função de procurador porque algum tempo antes havia decidido entrar para a polícia e trabalhar como investigador. Ela já havia confiado tanto a ele como a outros colegas

a situação em que se encontrava e os problemas que o ex-marido estava lhe causando. Algo que seu antigo colega comentou com ela momentos antes de ser submetida à segunda cirurgia do pâncreas conseguiu deixá-la novamente em estado de choque.

— Você está em perigo — disse ele. Luís sempre gostara de ir direto ao assunto, e ela podia confiar que os anos não haviam mudado sua maneira de ser. — Andamos investigando seu ex-marido, e você não vai acreditar no que encontramos.

Maria José cravou os olhos nele, como se quisesse penetrar em seus pensamentos e descobrir aquele segredo que prometia ser tão saboroso antes mesmo que ele o contasse.

— Peter Innes é procurado pela justiça espanhola, e sobre ele pesa uma condenação por narcotráfico. De fato, há uma ordem para que seja mandado imediatamente para a prisão — disse o policial, enquanto seu rosto se inflamava, inclusive mais que o de Maria José, que então desviou os olhos dele para os pais, que lhe faziam companhia no hospital, em busca da lógica que ela não conseguia encontrar.

— Luís, mas o que você está me dizendo? — perguntou atônita Maria José. — Isso é impossível. É demais. Peter acusado de narcotráfico na Espanha? Mas se a primeira vez que estive aqui foi quando se casou comigo... — ficou pensativa durante uns instantes, depois acrescentou: — Pelo menos foi o que me disse.

— Não invento nada. Você me conhece. — Luís nem quis se sentar, preferiu ficar de pé para continuar a narração quase dramatizada, muito a seu gosto, do absurdo que estava a ponto de lhes contar. — Em mil novecentos e noventa e seis, agentes da Brigada de Combate ao Narcotráfico de Marbella estavam vigiando a *villa* número dezessete do condomínio Alto Del Rodeo, por suspeita de que ali estava sendo cometido todo tipo de contravenção relacionada com o tráfico de drogas — Luís dominava com perfeição a arte narrativa e tinha prazer em fazer pausas premeditadas quando sabia que havia prendido a atenção dos ouvintes. — Eles decidiram seguir um veículo que entrava e saía constantemente da casa, parecendo estar mais carregado que o normal, com a parte baixa do porta-malas quase tocando o chão e as rodas bem menos cheias de ar que o normal. Detiveram um tal de John Downes, enquanto um tal de Peter Innes conseguiu escapar. Mas ele não chegou a ir muito longe, porque foi capturado em Puerto Banus por dirigir seu carro em alta velocidade. E tinha motivos para correr: exatamente quatrocentos quilos de haxixe, que foi a quantidade apreendida. Os homens pagaram uma fiança de um milhão de pesetas e decidiram fugir da Espanha, não sabemos como — prosseguiu com seu discurso, enquanto tirava do paletó duas folhas que, já prevendo o impacto que iam causar em Maria José, começou a ler: — Espero que você esteja preparada para ouvir isto. A justiça de Málaga proferiu em dois de dezembro de mil novecentos e noventa e seis uma sentença na qual condenava Williams Downes e Peter Innes como autores de um delito contra a saúde pública e o segundo, além disso, por dirigir em alta velocidade, à pena de cinco anos e dois meses de prisão menor e a pagar uma multa de cinquenta e um milhões de pesetas pelo primeiro delito. O tal de Peter também foi condenado a três meses de prisão maior e cassação da licença de motorista por dois anos. Como eles fugiram, o tribunal decidiu manter a condenação em arquivo provisório, com a intenção de proceder ao cumprimento da pena quando fossem presos de novo.

Maria José nem conseguia registrar a avalanche de informações com que o amigo a aturdiu.

— Mas o melhor desta história — continuou o policial — é que se pode reabrir o processo, porque recebemos um ofício da Interpol informando o atual domicílio de Peter Innes nos Estados Unidos. Agora sabem onde ele está, e como há contra ele um mandado de busca e prisão, podem ir atrás dele.

— Vão me operar dentro de algumas horas, e se você continuar a fazer isso, talvez nem seja preciso muita anestesia para me fazer dormir — disse Maria José, ajeitando-se um pouco para ficar numa posição mais ereta. — Não é que não acredite, mas não estou entendendo nada do que está me contando. É demais para mim. É que não consigo acreditar que isso seja verdade. É como se um dia você despertasse e descobrisse que tudo o que aconteceu em sua vida nos últimos anos foi uma farsa, uma tremenda mentira. Só pode se tratar de outra pessoa. Não deve ser ele.

— É ele. Estamos certos disso — respondeu. — Olhe, vamos fazer uma coisa. Recupere-se de sua cirurgia, isso é uma questão de dias. Quando sair do hospital e estiver suficientemente forte para enfrentar tudo isso, passe na delegacia e lá lhe mostraremos o que temos sobre esse homem. E prepare-se, porque estou convencido de que o indivíduo com quem você se casou e a quem prometeu amor eterno vai nos surpreender com muito mais coisas que esconde.

As notícias que lhe chegavam depois da cirurgia não eram lá muito agradáveis. Não porque o resultado da segunda intervenção em seu pâncreas tivesse sido negativo, nem porque houvesse surgido algum tipo de problema que pudesse complicar a fase pós-operatória, mas pelo acúmulo de adversidades tão imprevistas quanto odiosas. As contínuas cirurgias, mais o tratamento extremamente rigoroso para combater os males que a acometiam, em especial o envenenamento de que fora vítima, arruinaram outro dos sonhos que ainda alimentava para quando um homem aparecesse em sua vida. Havia pensado muitas vezes em aumentar a família, em ser mãe novamente. Mas quando o médico lhe falou de infertilidade, qualquer ilusão de conseguir realizá-lo desapareceu.

— Talvez seja melhor assim — sentenciou o médico, movido mais pela intenção de lhe dar ânimo que por convicção. — Seu corpo continua em estado delicado, é preciso continuar cuidando dele, e uma nova gestação não seria o mais adequado.

O primeiro pensamento que lhe cruzou a mente depois de ouvir o médico foi dirigido ao homem que ela considerava o único responsável por sua situação e contínuos transtornos. Odiou Peter com todas as suas forças e se arrependeu profundamente de tê-lo conhecido.

Quase um mês depois de sua segunda operação, Maria José reuniu forças necessárias para ir até a chefia de polícia de Valência, como sugerira seu amigo Luís, na seção da brigada antiterrorista e de tráfico de drogas. O médico lhe recomendara repouso e tranquilidade e a proibira terminantemente de viajar de avião por um período mínimo de seis meses, a contar de janeiro de dois mil e seis. Não tinha intenção de fazer isso, mas ir até a delegacia era para ela

vital. Lá, acompanhada todo o tempo por sua mãe, teve acesso aos antecedentes criminais de Peter Innes. Durante todo o tempo em que esteve examinando as fotografias que exibiam o rosto daquele que fora seu marido, não conseguia impedir que seu estômago queimasse e até lhe desse nós, sentindo como se um forte e estranho puxão tomasse conta de seu interior.

— É ele, senhora? O homem da foto é o mesmo com quem a senhora se casou em Buñol em dezanove de março de mil novecentos e noventa e nove? — perguntou o policial.

— Não sei. Não tenho certeza. Está muito mudado nestas fotos. Se parece muito com ele, mas tenho receio de afirmar com segurança, pois posso errar.

Maria José olhava para a mãe como se buscasse ajuda, mas Maruja só conseguia mover a cabeça de um lado a outro, mostrando as mesmas dúvidas da filha.

— Não sei, filha. E se dissermos que é ele e estivermos erradas? Isso é muito grave. Mas olhe bem, que você o conhece melhor. Eu diria que sim, mas o que eu sei?

Então apareceu Luís, indo diretamente à sala em que se fazia o suposto reconhecimento.

— É ele — afirmou com voz forte. — Para nós não há nenhuma dúvida. Nem para a justiça. Há dias a Segunda Seção da Audiência Provincial de Málaga abriu um processo contra Peter Innes pela sentença que está pendente contra ele quando foi condenado em noventa e seis, e essa informação já foi passada ao ministério competente.

Maria José teve a impressão de que seu amigo, mais que ninguém, queria muito que as peças daquele quebra-cabeça fossem se encaixando pouco a pouco, por mais diabólico que parecesse o resultado.

— Diga, o que eu lhe disse na última vez que nos vimos?

— Você não está querendo que eu repita todas as coisas que você me disse, não é? Você me falou de tudo — respondeu ela, meio desconcertada.

— Seu marido tem muitas coisas para esconder. Pelo menos é o que parece. Se não, como se explica o fato de que costuma usar tantos passaportes diferentes quando se desloca pelo mundo? — disse ele e prosseguiu, sem parar de examinar a expressão de confusão de sua amiga e da mãe. — Veja isto: Peter Innes viajou para a Espanha em muitas ocasiões com passaportes de números diferentes. Um, o 09120491, outro, o 09120449, e um terceiro, o de número 201266327, que foi o que utilizou para entrar na Espanha na última vez para se apresentar por ocasião dos autos de anulação de casamento que você está acompanhando no Nono Juizado de Primeira Instância de Valência — Luís fez uma de suas conhecidas pausas. — Três passaportes para a mesma pessoa! Pelo que sabemos, porque há quem afirme que ele já utilizou até oito passaportes diferentes. Não acha um tanto estranho?

— O que quer que eu ache? É uma loucura. E acredito que você pode ter razão.

Maria José sentiu que a venda que ela mesma quis pôr nos olhos para impedi-la de aceitar que havia vivido com um fantasma ia cedendo, até cair no chão.

— Você não havia contratado uma agência de detetives nos Estados Unidos para investigar Peter?

— Sim. Meus advogados de lá estão cientes disso. Estamos esperando que nos forneçam resultados nos próximos dias. Mas ainda não sei nada.

— Espere para conhecer esses resultados e prepare-se para o pior. Quanto antes você se

convencer disso, melhor — disse Luís, sorrindo para mãe e filha. — E fique tranquila. Aqui você está em segurança. E estamos seguindo seus passos. Ele não pode lhe fazer nada de mau.

Não conseguiu entender por que aquelas palavras ditas pelo amigo com a melhor das intenções não surtiram nela o efeito desejado. Não a tranquilizaram e muito menos a fizeram sentir-se melhor. Seu marido era aquele monstro que estavam descrevendo, e ela nunca estaria segura em nenhum lugar do mundo. Olhou para a mãe, que presenciava tudo aquilo com uma inocente perplexidade que não era capaz de dissimular. Maria José se sentia mal pelo sofrimento que estava causando aos pais, mesmo de maneira involuntária. Tinha necessidade de abraçá-la, de protegê-la e sussurrar-lhe ao ouvido: “Não se preocupe, mamãe. Tudo vai ficar bem”.

A ideia de recorrer à justiça para denunciar o marido e acusá-lo de vários delitos não representava para ela nenhuma novidade. Havia meses vinha pensando muito nisso, e as conversas que mantivera com seus advogados a animaram a fazer isso. Sobretudo depois de receber os relatórios da investigação particular que encomendara nos Estados Unidos para que encontrassem alguma coisa na vida de seu ex-marido e que pudesse lançar um pouco de luz no confuso e lúgubre lodo em que sua vida ficara presa. Segundo as investigações das agências de detetives Incógnito Investigações e Perry Investigações, unificadas no relatório da Cooperativa de Liquidadores de Falências nos Estados Unidos, o homem ao qual continuava unida em sagrado matrimônio havia usado até três datas de nascimento distintas: primeiro de dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove, vinte e oito de dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove e quinze de dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove. E não era apenas nesse âmbito que sua identidade se multiplicava. Segundo as investigações dos detetives, Peter Innes teria usado vários números diferentes da Previdência Social, entre eles o 247-74-0059, que curiosamente correspondia, segundo A. J. Sterling & Associados, a Sebylle A. Streit, uma mulher de setenta e três anos oriunda do Texas, nascida em julho de mil novecentos e trinta e dois, falecida recentemente. Mais tarde, Maria José pôde comprovar, no cartório de registro civil de Buñol, que esse era o número que constava em sua certidão de casamento. Segundo a informação fornecida por A. J. Sterling & Associados, a pedido de um amigo de Éngel Hernández, também amigo e vizinho de Maria José em Nova Jersey, o número da Previdência Social de Peter Innes, nascido em quinze de dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove, era 141-60-4961.

“Ele se casou comigo com o número da Previdência Social de uma septuagenária do Texas e que ainda por cima está morta? Meu Deus, acho que não sou capaz de ouvir mais nada.” As conclusões a que Maria José ia chegando não conseguiram perturbá-la na hora de entender o verdadeiro significado daquilo que tinha em mãos. “Agora entendo as risadas de sua mãe durante o banquete do casamento, quando ria e dizia aos gritos, de maneira grosseira: ‘Meu filho não se casou, ele não se casou’, e de fato não se casou!”

Aquela lembrança teria conseguido arrasá-la, mas como eram muitas e chocantes as informações que os detetives particulares estavam lhe fornecendo, ela precisava manter seus

sentidos bem ativos. A falsidade da documentação se evidenciou também nos vários nomes que o ex-marido usara — Lewis Negro, Peter W. Innes, Frederick Smith, William Peters —, assim como no local de nascimento que aparecia em diversos documentos oficiais, que ora registrava que ele nascera em Liverpool, Reino Unido, como na sentença por tráfico de drogas em Málaga, ora como natural da Pensilvânia, Estados Unidos.

“Acredito que você já tem informações suficientes e suspeitas bem fundamentadas para se apresentar diante da justiça e pedir explicações.” O conselho foi dado por seu amigo Luís, mas foi corroborado pelos seus advogados, que a animaram a mover as ações legais pertinentes. Agora já não havia nenhuma dúvida. Alguns dias depois ela apresentou no juizado de Valência, contra aquele que fora seu marido, uma denúncia de envenenamento e tentativa de assassinato, resultando em lesões. Não se cansava de ler repetidas vezes uma cópia do texto definitivo apresentado no juizado e que, embora a enchesse de tristeza, também a animava a seguir em frente e não desistir de tentar esclarecer a verdade. “Peter Innes esteve envenenando Maria José Carrascosa de mil novecentos e noventa e nove a dois mil e quatro, fazendo-a ingerir, sem seu conhecimento, pesticidas e hormônio para tireoide tanto nos Estados Unidos como na Espanha.”

Mas essa não foi a única denúncia a que deu entrada no juizado. Maria José apresentou várias queixas contra Peter Innes como suposto autor de um delito de falsidade ideológica em documentos, utilizando vários passaportes para entrar no território espanhol, casamento ilícito, extorsão e roubo de identidade, além de exercer sobre ela coação e intimidação. “Ele vai ter que responder por muitas coisas. E terá que fazer isso perante a justiça.”

16

MARIA JOSÉ NÃO TINHA CERTEZA DE QUE IA CONSEGUIR cumprir a promessa que fizera a si mesma com a chegada do novo ano, mas estava determinada a mantê-la. Ela se sentia como um jogador com boas cartas na mão, mas com a eterna dúvida sobre se seus oponentes esconderiam uma jogada melhor e lhe arrebatariam a vitória, além de causar sua ruína. À noite em seu quarto, de olhos fechados no escuro, se entregava aos mais descontraídos pensamentos. Imaginava-se como um naufrago que tenta com todas as suas forças nadar para alcançar uma ilha que está apenas poucos metros distante, e quando está a ponto de chegar lá uma onda traiçoeira a arrasta de volta ao ponto de partida, obrigando-a a começar de novo.

Sua principal preocupação, além do bem-estar de sua filha, que estava feliz com os avós, sua tia Victória e as novas amigas e colegas de balé clássico, era se recuperar da melhor maneira possível de seus problemas de saúde e voltar para sua vida de sempre e com a qual

sonhara desde menina. Queria voltar aos Estados Unidos, sentia falta do país e pretendia que sua filha fosse educada e crescesse na terra que ela chegara a idealizar. Deixara lá suas propriedades — as duas casas —, seu carro, as contas bancárias, o que restara de sua empresa, que desde sua saída do país em janeiro de dois mil e cinco o marido fora absorvendo a seu favor, e entre muitas outras coisas desejava continuar com sua carreira e tornar-se advogada federal, que era a meta que havia traçado e da qual estava se aproximando quando sua vida entrou num túnel escuro e infernal. Sem falar de seus amigos, que sentia ter deixado de lado desde que Peter Innes irrompeu em sua vida. Sonhava reviver aqueles jantares, as conversas, os brindes nas alturas em seu apartamento, as confidências com as amigas.

Para remediar a falta destas últimas, sempre que possível David aparecia para ajudá-la. Estabelecido em Benidorm já havia algum tempo, onde gerenciava um salão de beleza, não hesitava em ir até Valência de vez em quando para relembrar os bons costumes dos velhos tempos.

— Era bem mais prático atravessar a rua em Nova York do que as províncias da Comunidade Valenciana — ele dizia para a amiga de alma.

— Pois vamos resolver isso assim que voltarmos os dois para Nova York — respondia Maria José, recuperando o caráter decidido que havia conquistado David.

— Não sei, não sei. Não estou nada convencido disso — respondia David, negando com a cabeça um possível retorno aos Estados Unidos. — Do jeito que se vive bem aqui, Mary Jo... Quem nos mandou ir para tão longe? O que nós perdemos lá?

— Quanto a mim, perdi muitas coisas, querido.

Eram poucas as vezes que suas obrigações permitiam que se vissem, mas, quando conseguiam ficar juntos, os encontros eram capazes de resgatar o caráter íntimo e pessoal de sua convivência em Nova York. Foi a David que ela confiou mais detalhes do inferno que vivera ao lado de Peter. E também foi a ele que não hesitou em recorrer para ser sua testemunha de defesa durante o processo sobre seu caso que corria nos juizados de Valência. Em duas oportunidades, acompanhou a amiga num dos periódicos checapes médicos. Em uma dessas ocasiões, reparou que Maria José estava deixando o cabelo mais comprido do que costumava usar.

— Que surpresa! E esse cabelão, não merecia que você passasse pelo meu salão para que eu desse um belo trato com estas mãozinhas? — perguntou David com a mesma ironia de sempre.

— Que bobo! Estão assim de tantas amostras para exame.

— Mas você ainda não conseguiu se curar completamente? — estranhou David.

— Já haviam me explicado que seria um processo longo, mas nunca pensei que fosse demorar tanto. Já faz mais de um ano e, embora esteja me sentindo melhor, eles não conseguem eliminar totalmente os resíduos tóxicos do meu organismo. E tem mais: o médico me proibiu de viajar de avião por no mínimo seis meses, até o final de julho, embora diga que seria conveniente esperar um ano — disse, com um tom de queixa na voz.

— Bem, e por que tem tanta pressa em ir para os Estados Unidos? Menina, espere, não vão

tirá-lo de lá. Logo você vai poder voltar — comentou o amigo, estranhando sua ansiedade em retornar a um país onde não havia passado nada bem nos últimos anos.

— Pois saiba, entre outras coisas, que não param de me chamar lá da corte do juiz Torack para que volte e cumpra a ordem do tribunal de Nova Jersey de levar minha filha para os Estados Unidos. Já estou farta. Não param de me convocar. Fazem isso quase diariamente. E não adianta explicar-lhes que a justiça espanhola me deu razão, que não tenho que devolver a menina ao pai, que de acordo com a Convenção de Haia ela está com quem e onde deve estar, e que ao trazer minha filha para a Espanha não rompi o acordo de outubro de dois mil e quatro que assinamos meu ex-marido e eu, porque esse acordo ficou anulado desde o momento em que ele apresentou o pedido de divórcio, portanto não descumpri nada. Não havia nada a descumprir, já que o acordo fora anulado. E os tribunais espanhóis me dão razão. Trata-se de um conflito internacional entre as duas justiças: a espanhola e a norte-americana. Eles que se entendam — disse Maria José. — Além disso, David, mesmo que eu quisesse me apresentar à corte de Nova Jersey, eu não poderia. Não posso viajar no meu estado. Estou proibida de fazer isso. E não se pode esquecer que o juizado de Valência retirou o passaporte da minha filha e a proibiu de sair do território espanhol, porque sabe que pode haver problemas, tendo em vista o histórico de seu pai — ela se permitiu apenas uma breve pausa para tomar fôlego e continuar a explicação. — Não é tão complicado de entender, não é? Que nada, amigo. É como se estivesse falando com uma parede de concreto armado. Não há maneira de entenderem. E insistem. Devem estar achando que somos teimosos, e não deixam de ter razão.

Maria José estava sentida e incomodada com essa situação. Além do mais, desde que a Audiência Provincial de Valência desconsiderou em dezessete de janeiro de dois mil e seis o recurso de apelação interposto por Peter contra a resolução de seis de julho de dois mil e cinco, na qual se avaliava que não havia razão para a devolução da pequena Victória aos Estados Unidos e sua entrega ao pai, os telefonemas haviam se multiplicado. Sabia que o ex-marido, apesar de ter acolhido voluntariamente a jurisdição espanhola, não cederia com relação ao que esses tribunais lhe ordenavam, por mais firmes que fossem as sentenças e por mais que lhe negassem apelação, porque já haviam estudado a questão de todos os pontos de vista e o que ele pedia era inviável. Mas o que não conseguia assimilar é o fato de a justiça norte-americana não recuar em suas petições.

— Naturalmente, a justiça de um país tem que se entender com a do outro. Em que mundo é normal que um país não respeite as decisões dos órgãos judiciais de outro? Porque, veja, está bem claro — mostrava o papel da nova resolução da Audiência Provincial de Valência e todos os que quisessem se interessar por seu caso. — O traslado de Victória Innes Carrascosa à Espanha não pode ser considerado ilegal nos termos exigidos pelo Convenção de Haia sobre aspectos civis da subtração de menores de vinte e cinco de outubro de mil novecentos e oitenta, ratificado pela Espanha em vinte e oito de maio de mil novecentos e oitenta e sete. E veja, veja o que diz o juiz sobre o acordo em virtude do qual seria necessário o consentimento de ambos os cônjuges para afastar a menina a mais de cento e cinquenta quilômetros de seu

estado de residência, ouça: “Na Espanha este acordo só pode ser considerado uma declaração de intenções, uma vez que não cabe sanção nenhuma por seu descumprimento, por se tratar de um acordo limitador do direito fundamental contido no artigo dezenove da Constituição espanhola, que garante a todos os espanhóis o direito de escolher livremente sua residência e cuja expressão no convênio não pode ser considerada válida” — satisfeita, Maria José concluiu a leitura. — Mais claro só água, não? Pois não. Pelo menos não para eles, ou seja, os da parte do juiz Torack, que insistem “para que a senhora se apresente à corte o quanto antes com a filha de ambos” — a última frase Maria José pronunciou imitando a voz automática e sem vida da secretária do juiz. — Enquanto eu não for, não vão parar de me atormentar com telefonemas. Não vão me deixar em paz.

Quando Maria José comunicou à família sua firme intenção de viajar para os Estados Unidos a fim de se apresentar diante da corte do juiz de Nova Jersey, e assim acabar com as constantes chamadas telefônicas dos últimos meses, teve que enfrentar a incompreensão e a oposição de todos. Os pais estenderam a proibição até onde permitia a autoridade paterna diante de uma filha de quarenta anos. Sua irmã mais nova, Victória, se mostrou mais firme e considerou aquela decisão uma loucura e irresponsabilidade, levando em conta que Maria José tinha uma filha, cujo passaporte fora recolhido pela justiça espanhola para impedi-la de viajar para fora da Espanha. Os médicos lhe recomendaram que prosseguisse com o tratamento para uma recuperação definitiva, o que não se daria se ela o interrompesse para fazer uma viagem de navio. Seus advogados, da Espanha e dos Estados Unidos, recomendaram-lhe calma e que não fizesse nenhum tipo de viagem a Nova York até que sua situação jurídica se esclarecesse e não restassem dúvidas: “Maria José, fazer isso é meter-se na boca do lobo”. E seus amigos, entre eles David e Luís, acharam seus planos absurdos, contraproducentes e inoportunos.

— Espere um pouco mais. Ninguém está obrigando você a voltar — disse a irmã. — Certifique-se de que tudo está certo, de que ambas as jurisdições afirmam a mesma coisa e, sobretudo, de que seu organismo está preparado para você enfrentar tudo o que a espera. — Victória tentava convencê-la a desistir daquela infeliz ideia, mas sabia perfeitamente que, quando sua irmã tomava uma decisão, cedo ou tarde ela a poria em prática, mesmo que o mundo inteiro se opusesse a ela. — Além do mais, o tumor extraído era benigno, mas o médico a preveniu de que, se o tratamento não for seguido corretamente, pode resultar numa formação maligna. Não entendo como você não avalia a gravidade do assunto. Nem você, nem sua filha, nem sua família merecemos passar por outro calvário médico. Me escute, minha irmã. Pelo menos uma vez na vida, confie no que lhe digo. Abandone essa ideia absurda, por favor.

Maria José prometeu pensar naquilo. E pensou, mas para banir da cabeça os conselhos recebidos. Havia decidido fazer a viagem para deixar claro, de uma vez por todas, que a razão estava com ela e que assim constava em todas as várias sentenças que os tribunais espanhóis, baseando-se também nas legislações europeias, haviam emitido. “Vou me apresentar à corte e

tudo se esclarecerá. Mas vou sozinha, evidentemente. Minha filha ficará aqui com os avós e tia Vivi. Nesse assunto em particular não quero assumir nenhum risco.”

O dia escolhido para sua volta aos Estados Unidos foi vinte e um de julho de dois mil e seis. Quando comprou os bilhetes e viu neles a data impressa, não pôde evitar um sobressalto. “Vinte e um de julho! É o dia do aniversário de minha irmã.” Pensou no desgosto que ela sentiria ao saber que, apesar de todas as suas recomendações para que não empreendesse essa viagem, ela ignorara e ainda por cima resolvera viajar num dia tão especial para a irmã. “Espero que não pense que fiz de propósito para estragar seu aniversário. Um dia você vai entender.”

Sabia que a despedida não seria calorosa. Mas sua força de vontade era maior que as advertências feitas pela família e pelos amigos sobre sua viagem. Sabia que logo estaria de volta, que não demoraria muito para retornar à Espanha. Pelo menos esses eram seus planos. Como sempre fazia desde que aprendera com a avó, benzeu-se antes que o avião decolasse do aeroporto de Manises. Nova York a esperava. Mas não com a hospitalidade que ela esperava.

17

NO TRAJETO DO TÁXI QUE A LEVOU DO AEROPORTO até sua casa, onde havia planejado passar uns dias antes de se apresentar à corte do juiz Torack, Maria José não desgrudava os olhos do mundo que ia se abrindo pela janela do carro. Tudo o que passava diante de seus olhos — edifícios, ruas, lojas, restaurantes, parques, teatros, estações de metrô ou anúncios de publicidade luminosos, tudo era cuidadosamente examinado por ela. “Aqui tudo continua igual. Parece que fui a única a mudar.”

A mudança de ares lhe fizera bem, e foi só pôr um pé no asfalto das ruas de Nova York que já se sentiu gratamente reconfortada, o que sem dúvida lhe agradou. Teve a sensação de volta para casa, mesmo que um período de sua vida tivesse se fechado ali mesmo. A longa e cansativa viagem de avião pôs fim a qualquer plano de sair à rua, apesar da visão um tanto dramática que se lhe apresentou ao abrir a porta da geladeira e ver o triste estado do eletrodoméstico, que chegou a se tornar ponto de parada obrigatória em suas noites de insônia. A passagem do tempo havia deixado marcas em alguns alimentos, já que Maria José nunca pensou que sua permanência na Espanha fosse se prolongar por tantos meses, e menos ainda por causa de tantas intervenções cirúrgicas e um difícil tratamento. Diante desse panorama desolador, optou por fechar novamente a geladeira e ir para o quarto descansar. Antes, porém, resolveu ligar o computador para ver se havia mensagens em seu correio eletrônico e falar com seus pais para avisar que chegara bem e que não se preocupassem.

Enquanto fazia isso, redescobriu seu cantinho favorito naquele apartamento. Não sabia por

quê, mas desde que entrara em casa não havia se lembrado de ir até as grandes janelas das quais se podia contemplar o ritmo incessante da cidade dos arranha-céus até quando estava adormecida. Sorriu. “Já estamos onde devemos estar. Estou em casa”, pensou.

O som do telefone a arrancou violentamente do sono profundo a que havia se abandonado, devido em parte ao efeito do *jet lag* que tanto a afetara e da dose de medicamentos que ingerira para tentar cumprir, na medida do possível, o tratamento imposto por seus médicos em Valência. Ela custou a reagir e se localizar, mas a insistência daquele toque não permitiu que permanecesse por muito mais tempo naquele estado sonolento. Era seu advogado. Queria saber quando ela pretendia se apresentar diante da corte de Nova Jersey.

— Logo. Não quero estender isso por mais tempo. Vou levar para eles as sentenças da justiça espanhola, para que vejam as disposições judiciais baseadas na Convenção de Haia e se deem conta de que não fiz nada de mau.

— Você não devia ter vindo. Mas você nunca nos ouve — a voz do advogado soou mais como queixa que como censura.

— Olhe, já lhe disse mil vezes, mas vou repetir: não tenho nada a esconder. Vou com a verdade à minha frente. A única coisa de que podem me acusar é cumprir as leis do meu país, de acatar as resoluções da justiça espanhola. Não estou inventando nada. Não fiz nada de errado. Por isso não tenho que ter medo do que possa me acontecer. Estou convencida de que, quando puder falar pessoalmente com o juiz e mostrar-lhe todos os papéis que trouxe, essa confusão acabará.

Maria José decidiu investir alguns dias mais em tranquilizar-se e reunir toda a documentação que sustentasse sua versão dos fatos. Queria ter em perfeita ordem todas as resoluções dos tribunais espanhóis que lhe permitiriam viver com a filha na Espanha sem que isso consistisse em nenhuma falta ou violação da lei. Além disso, seu aniversário, em vinte e três de agosto, se aproximava, e ela tinha certeza de que ia passá-lo na Espanha com a filha e o resto da família, assim que tivesse ajudado a esclarecer essa confusão judicial para a qual ela, desde o primeiro momento, se sentiu empurrada de modo intencional.

Todos os desejos de boa sorte e os bons argumentos que Maria José foi construindo em sua mente durante os dias que antecederam sua apresentação diante do juiz se desvaneceram na corte de Nova Jersey. Nem sequer lhe deram oportunidade de se explicar. Não só não aceitaram sua defesa, mostrando o tempo todo absoluto desprezo pelas sentenças espanholas nas quais o juiz reconheceu o direito de custódia que se deduzia de um acordo anterior assinado pelos progenitores, compreendendo o direito de cuidar da menor e de decidir sobre o local de residência de sua filha Victória Solenne, como também apreenderam seu passaporte para impedir que ela saísse do país, e Maria José foi advertida, num tom que ela considerou francamente ameaçador, de que se no prazo de dez dias sua filha não aparecesse naquela corte, ela iria para a prisão por tempo indefinido. A indignação e a contrariedade que a dominavam não conseguiam fazer que se calasse ou se intimidasse, e ela sem hesitar um segundo cutucou o juiz:

— Pois o senhor pode esperar sentado, porque minha filha não vai se apresentar nesta corte, entre outras razões porque um tribunal especial espanhol reteve seu passaporte com a finalidade de proibir que ela deixe o território espanhol, e não creio que, pelo fato de o senhor não acatar suas resoluções, irão mandá-la para que o senhor fique mais tranquilo.

— A senhora deve saber o que está fazendo, mas pode estar incorrendo em crime de desacato à autoridade judicial, além da acusação que pesa sobre sua pessoa por subtração de menor. A senhora é livre para agir como quiser, mas lembre-se de que lhe dei dez dias de prazo. Se nesse tempo sua filha não entrar por essa porta, arque com as consequências. A senhora é advogada, não creio que precise de mais esclarecimentos. E não vou permitir ceninhas em minha corte. Portanto, retire-se.

Ela gostaria de ter respondido ao juiz Torack, mas seu advogado, que durante alguns minutos não sabia se se escondia debaixo de alguma cadeira daquela sala ou saía correndo, decidiu tomar sua cliente pelo braço e tirá-la da corte de qualquer jeito, o mais rápido possível.

— O que faço? Ou melhor, que diabos ele está fazendo? — disse Maria José, tremendamente furiosa, a seu advogado. — Ele não pode, pelo fato de ser juiz, passar por cima das leis de um país porque elas não estão de acordo com as suas ou com seus interesses. Deveria saber, pois já tem idade suficiente e na verdade já está às portas da aposentadoria, que se um caso é objeto de julgamento em dois países distintos, prevalece a sentença do primeiro tribunal que se pronunciou a seu respeito. E nesse caso trata-se da resolução de um tribunal espanhol. Não se pode ignorar isso. Além do mais, quem tem a jurisdição desse caso é a Espanha e não os Estados Unidos.

— Você não cogitou em trazer sua filha? Talvez se possa chegar a um acordo que seja bom para todos — disse o advogado, que não demorou a se arrepender do comentário feito.

— Minha filha? E entregá-la ao homem que tentou matar sua mãe e quem sabe até ela mesma? Sabe que minha filha tem uma mancha branca em um dos olhos, que os médicos estão examinando porque com certeza é consequência do veneno contra ratos e dos pesticidas que eu tinha no corpo quando ela estava sendo gerada? Sabe que sofri um aborto e certamente em consequência da crueldade daquele desgraçado? É com esse assassino, autor de maus-tratos, golpista, orgulhoso, egocêntrico, enganador, sujo, mau... é com esse homem que quer que eu entre em acordo? — ela estava muito agitada e fez uma pausa para tomar fôlego e se acalmar um pouco. Mais tranquila, continuou: — Já tentei isso uma vez, e você deve se lembrar de que, evidentemente, fiz minha parte, mas ele se comportou do jeito que é: mesquinho, sem nenhuma consideração.

Era um dia de agosto extremamente quente em Nova York, desses em que parece que o asfalto vai derreter, que o chão vai se abrir e engolir os passantes. Entre o calor que se desprendia do chão e de seu corpo, Maria José e o advogado optaram por se refugiar e aliviar a sensação sufocante no frescor do ar-condicionado de um dos famosos restaurantes da Grande Maçã, o Casa Ramiro. Era um local agradável, com boa comida, que ela e os amigos costumavam frequentar com bastante assiduidade. O proprietário não escondeu sua alegria ao vê-la.

— E então, espanhola bonita, o que tem feito? Esqueceu os pobres? O que houve com você? Na última vez que a vi, você estava recém-casada com aquele rapaz...

— Olhe, não me fale naquele imprestável — disse Maria José interrompendo-o, sem se conter. — Se o encontrar, corto a mão antes de dá-la a ele. Se me disserem...

— Desculpe, sei que não é mais hora de dizer essas coisas e de repreender, mas eu já lhe havia dito... — o homem que tantas noites divertidas proporcionara a Maria José assumiu uma nova postura e mudou o tom de voz, como para dar mais dramaticidade a suas palavras e prosseguiu: — Eu lhe disse que não achava que aquele homem servisse para você, inclusive disse isso arriscando-me a ultrapassar os limites da confiança que havia entre nós. Disse-lhe que sentia nele algo estranho, uma coisa que não conseguia definir, e eu a preveni, Maria José, você sabe que a avisei...

— Que pena não ter lhe dado ouvidos, não tê-lo levado a sério. Isso teria me poupado muitas dores de cabeça. Acredite, nada teria me deixado mais contente se tivesse seguido seus conselhos. E você nem imagina quanto.

— Não se preocupe, amigo — interveio o advogado, dirigindo-se ao dono do local —, ela tem o hábito de não seguir conselho nenhum.

Naquela mesma tarde, Maria José telefonou para os pais. Tinha que lhes contar o que havia sucedido e como as coisas, de modo imprevisível, haviam tomado um péssimo rumo depois de sua visita à corte.

— Não vou poder voltar para a Espanha tão rápido quanto pensava, papai. Vai ser impossível sair daqui, e não sei quanto vai durar essa situação. Não entendo como não conseguem ver claramente as coisas. Não entendo. Mostrei-lhes inclusive as denúncias contra Peter por envenenamento, falsificação de documentos, falei de seus antecedentes criminais em Málaga, mas parece que não querem ouvir nada que tenho para lhes dizer. Estou meio desesperada, papai — disse Maria José, e depois, bruscamente, mudou o rumo da conversa. — E minha filha, como ela está? Está sentindo minha falta?

— Claro que sim, desde o momento em que você entrou no avião. A palavra *mami* não sai de sua boca — respondeu o pai, mas em seguida voltou a se interessar por tudo o que pudesse se referir à situação da filha. — Você está precisando de alguma coisa? O que podemos fazer por você daqui? Qualquer coisa, o que precisar. Quer que eu tome um avião e vá para aí?

— Não, papai. Já não confio em ninguém, e como foram vocês que viajaram com Victória para a Espanha, esse juiz maluco pode acusá-los de cúmplices de sequestro de menor. Pode acreditar nisso que está acontecendo? Mas insisto, não se preocupem, os advogados estão tentando resolver esse mal-entendido ou o que quer que seja. Já disseram a minha irmã que vim para Nova York? Ela deve ter ficado aborrecida, e com razão. Viajei bem no dia de seu aniversário. Com certeza ela não vai me desculpar.

— Filha, mas você... Bem que todos lhe dissemos, especialmente Victória, para ficar, porque essa gente não ouve, mas nada...

— Olhe, papai, não me repreva agora. Estou muito ocupada e preocupada, pensando no que

vou fazer para resolver esse maldito imbróglio a que nem eu mesma sei como cheguei. Dê um beijo em minha filha e outro carinhoso para vocês. Logo voltarei a ligar.

Justamente quando ia desligar, Maria José ouviu o que pareceu uma porta batendo com força. Adivinhou então quem chegara e confirmou ao ouvir o cumprimento do pai — Victória!

— É minha irmã? — disse depois de uns segundos de espera. — Não diga nada. Não me reprove, porque eu mesma já fiz isso várias vezes. Peço-lhe, por favor...

— Com efeito, minha irmã... Será que você nunca vai ouvir nada? Sempre faz isso! — disse Victória, já beirando às lágrimas. Mas na verdade não estava a fim de continuar fazendo aquele papel de madre superiora que adotara no início, preferiu substituí-lo imediatamente pelo de mãe amorosa. — Me diz, como você tem passado?

Quando a irmã lhe contou tudo, a desesperança de Victória ficou ainda pior.

— E os remédios? E o que vai acontecer com eles? Por que deixou quase tudo aqui? Vai conseguir encontrá-los aí?

— Não sei, Vivi, acho que sim. Mas posso lhe garantir que isso é o que menos me preocupa no momento.

— Mas o que é isso? Como não a preocupa? Vai me deixar maluca. Faça o favor de seguir o tratamento direito. Não vamos enganar você... — pensou um pouco e depois disse: — Sabe de uma coisa? Vou para aí ficar com você. Principalmente para ter certeza de que não vai lhe acontecer nada, que não vai se meter mais em confusão e vai tomar a medicação.

— Vou adorar isso, Vivi. Você não se importa? Preciso tanto e sinto tanta falta de vocês — sua voz começou a falhar, não ia demorar muito para que se rendesse. — Estou assustada e não posso dizer isso para papai e mamãe, porque não quero preocupá-los ainda mais, mas estou realmente aterrorizada com o que possa acontecer comigo.

— Vou para lá sem demora. Só preciso resolver umas duas coisas, depois vou — disse Victória aos pais depois que desligou o telefone. — Quero ficar com ela. Preciso ficar com ela.

No dia vinte e nove de agosto de dois mil e seis Victória viajou para Nova York, levando todo o arsenal de medicamentos imprescindíveis para a continuação do tratamento da irmã. “A medicação é fundamental para a manutenção do estado de saúde da paciente, que poderá correr sérios riscos se o tratamento for interrompido” era o que dizia o relatório médico de Maria José, e essas palavras martelavam sua cabeça como um alarme ligado, avisando do perigo que ela corria.

O abraço das irmãs foi tão carregado de efusão e alegria que ambas acabaram no chão. Não havia palavra, carícia, abraço, beijo suficientes para acalmar a ansiedade de ambas. Finalmente estavam juntas de novo, como quando eram pequenas e faziam suas viagens ao exterior com a finalidade de aprender outros idiomas. Sempre foram muito próximas, mas houve uma temporada em que, por distintas maneiras de ver e entender as coisas, não ficaram tão unidas. Mas não permitiram que uma série de mal-entendidos que nem chegavam a ser desencontros fossem mais fortes que seus verdadeiros sentimentos.

Estavam a poucos dias do prazo que o juiz Torack concedera para que Maria José se apresentasse com a filha diante da corte de Nova Jersey.

Se as irmãs tinham clareza sobre algo era que não deviam se separar nem por um segundo, qualquer que fosse a situação. Se precisavam de alguma coisa e era preciso descer à rua para comprar, iam as duas de braços ou mãos dadas, acertando o ritmo de seus passos nas vezes em que o medo ou o sexto sentido, apesar de seus temores, as obrigava a virar a cabeça para se certificar de que ninguém as perseguia. Qualquer pessoa que cruzasse com elas e as olhasse mais demoradamente que o habitual, ou um carro que passasse perto delas um pouco mais lentamente, uma pergunta inesperada de um desconhecido, um esbarrão num transeunte na rua, enfim, qualquer comportamento que elas interpretassem como fora do comum conseguia assustá-las, o que as deixava em estado de alerta permanente.

Tinham a impressão de estar sendo observadas todo o tempo, suspeitavam que, desde o momento em que punham os pés na rua, olhos invisíveis as acompanhavam aonde quer que fossem, e essa sensação não as abandonava nem quando já estavam em casa, quando tomavam todo o cuidado para fechar bem as portas, numa tentativa desesperada de se sentir seguras, a salvo de alguma ameaça que pudesse vir de fora.

Quando sentiam tédio ou angústia, chegando a ter falta de ar, se rebelavam saindo de casa, batendo as portas com força, e iam a um *shopping* afastado do centro da cidade, onde escolhiam um restaurante em que pudessem comer em paz e quebrar um pouco a monotonia de sua clausura. Victória resolvera alugar um carro para que tivessem mais facilidade de locomoção e um pouco mais de liberdade para ir e vir. Dizia que seria mais cômodo e seguro. Já Maria José achava que estariam mais seguras entre a multidão, e embora se sentisse mal em espaços fechados e cheios de gente, acabou concordando em que aquilo era o mais adequado.

Durante esses dias, as irmãs conversaram muito, não havia assunto de que não falassem. As lembranças da infância, os avós, os pais, suas ilusões, amores, os erros e acertos de ambas, tudo cabia naquelas longas jornadas de coração aberto, conseguindo fazer que as altercações nunca reprimissem as palavras de apoio e estímulo. As noites eram pródigas em confissões e confidências. Nunca haviam sido tão sinceras e abertas uma com a outra. Acabaram se conhecendo mais e melhor. Pena que esse estado de harmonia tivesse sido provocado por uma tragédia que mal começara.

Passaram aqueles dias que antecederam o prazo dado pelo juiz como uma verdadeira condenação, mas Maria José sempre soube claramente o que queria fazer. Em nenhum momento cogitou apresentar a filha diante da corte. Estava disposta a enfrentar qualquer represália que lhe tivessem preparado, antes de ceder ao que ela considerava uma clara chantagem feita pelo juiz a ela e sua família e uma falta de respeito à legislação espanhola.

O aspecto que toda aquela questão pesada estava assumindo animou Maria José a entrar em contato com a embaixada espanhola. Ela precisava de ajuda institucional. “Isto não é só uma

perseguição contra mim. É uma coação ao meu país e seu sistema judiciário. Eles precisam me ajudar. Tenho que buscar o amparo e a proteção da embaixada. Afinal, é sua obrigação. É para isso que existem.” Não era a primeira vez que pedia sua assistência. Ainda na Espanha, ao organizar os pedidos da secretária do juiz Torack, entrou em contato com a embaixada, que lhe recomendou que recorresse ao consulado espanhol em Nova York para esclarecer a situação. Já nos Estados Unidos, a embaixada espanhola insistiu que ela procurasse, por uma questão de proximidade geográfica, o consulado. “Eles estão mais próximos de onde a senhora está, e caso necessite de qualquer coisa, de uma ação urgente, levariam menos tempo para chegar”, foi o que disseram na embaixada espanhola em Washington. Isso não só não a convenceu como lhe pareceu algo absurdo e totalmente irracional. Pressentiu que aquilo não podia significar nada de bom. E não tardou a comprovar isso.

Tanto ela como a irmã tinham a impressão de que o cônsul espanhol não lhes dava a atenção e o apoio de que precisavam. Quando a insistência da irmã ficou evidente, e para alguns até incômoda, a resposta do consulado foi rápida e clara: “Nós lhe recomendamos que não viajasse. Insistimos em que permanecesse mais tempo na Espanha à espera dos acontecimentos. Foi a senhora que quis vir, apesar de nossas advertências e conselhos. Agora terá que ser coerente com sua decisão. Poderemos aconselhá-la, estar ao seu lado, mas não podemos interferir na realidade jurídica e no mecanismo judicial de outro país”.

As palavras do pessoal do consulado e do próprio cônsul, Juan Manuel Egea, não minaram a capacidade de trabalho nem o ímpeto das irmãs, que continuaram enviando todo tipo de documentação que avalizava sua atitude e seu comportamento, em especial as sentenças ditadas pelos juizados espanhóis.

— E o que você vai fazer quando vencer o prazo? O que acontecerá com você, se não comparecer? — perguntou Victória enquanto jantavam em um restaurante que ficava no mesmo quarteirão da casa que seus pais haviam comprado em Fort Lee.

— Virão atrás de mim. Mas primeiro terão que me encontrar, e não penso em me deixar agarrar tão facilmente. Lutarei para ser ouvida e para demonstrar que a lei e a razão estão do meu lado. Só há um problema: terei que me esconder.

— Se esconder? Onde? — perguntou Victória. O medo que sentiu ao ouvir as palavras da irmã mais velha estampou-se em seu rosto desfigurado e a fez baixar seu tom de voz. — Mas se você não fez nada para ter que se esconder como se fosse uma delinquente! Não entendo. Por que tem que se esconder?

— Por muitas razões. Porque não obedeci ao juiz que pediu minha presença e de minha filha em sua corte e que, além do mais, me acusa de tê-la sequestrado. Porque me neguei a expor minha filha ao perigo que é seu pai. Porque acatei as sentenças dos tribunais de meu país. E porque estou lutando da melhor maneira que posso para defender minha filha e dar-lhe um futuro melhor. Por isso tenho que me esconder — olhou para a irmã e percebeu que ela realmente estava preocupada. — Tenho amigos que podem me ajudar, nos quais posso confiar. É um casal, e eles já me disseram que posso ficar na casa deles. — Maria José já havia se perguntado quais de seus amigos naquele país se dispunham a cooperar, de forma desinteressada, numa questão tão delicada, e chegou à conclusão de que não havia tantos

quantos compareciam em bloco aos jantares que oferecia em seu apartamento com vista para o horizonte nova-iorquino. — Não será cômodo para eles, mas espero que não tenha que ficar lá muito tempo.

O dia marcado chegou, mas nem ela nem a filha compareceram à corte de Nova Jersey. Esse foi um dos piores dias de sua vida. Durante aquelas vinte e quatro horas não pôde deixar de imaginar o que estaria fazendo o juiz, sua secretária e seu ainda marido, no que estariam pensando, o que decidiriam e como agiriam. Não lhe agradava ficar se atormentando com esses pensamentos, mas isso era mais forte que ela. Sentiu que não dava para voltar atrás. Quando naquela noite se olhou no espelho, viu a imagem de uma fugitiva que haviam deixado abandonada à própria sorte.

Na sexta-feira, primeiro de setembro de dois mil e seis, às dez horas da manhã, o juiz Edward V. Torack deu ordem de apreensão de bens e prisão imediata de Maria José Carrascosa Peñalves, emitindo a partir desse instante um mandado de busca e detenção. Esse primeiro dia do mês de setembro ela passou junto à irmã no sótão da casa de seus amigos Sara e Angel, em Nova Jersey. Considerava-os bons amigos, tanto que eles se encarregaram de cuidar de seus bens, caso as coisas se complicassem e tudo se virasse contra ela antes que conseguisse convencer as autoridades judiciais dos Estados Unidos com seus argumentos. Angel tinha ascendência espanhola e Sara era de San Salvador. Conheceu-os havia muito tempo em um dos encontros de amigos em que sempre aparecia uma ou outra cara nova. Desde então, Maria José, como acontecia sempre com as pessoas que dela se aproximavam, dispôs-se a ajudá-los desinteressadamente em questões legais que estavam começando a complicar sua vida, e acabou se tornando uma consultora com relação a tudo.

Antes de se trancar entre aquelas quatro paredes que se tornaram seu esconderijo particular durante mais tempo do que inicialmente imaginara, dispôs de algum tempo para fechar suas duas casas, a pôr sob custódia algumas propriedades e tentar não deixar rastro daquele que seria seu local de residência nos próximos tempos. Não perdeu a oportunidade oferecida por um dos jornais latinos de maior tiragem em Nova York, *El Diario*, e lhe concedeu uma entrevista contando os pormenores de sua batalha judicial particular. Sabia da importância da opinião pública nos Estados Unidos e de como o apoio da sociedade era vital em algumas ocasiões. Por isso, precisava levar ao conhecimento do maior número de pessoas o despropósito da situação em que se encontrava. No dia cinco de setembro, sua história, ilustrada com sua foto, mostrando as sentenças espanholas, ocupava toda a primeira página do jornal com a seguinte manchete: “Mãe clama por justiça”.

Toda a verborragia, às vezes carregada de nervosismo, que marcara a convivência das irmãs nos últimos dias se transformou em mutismo, num silêncio quase sepulcral, quebrado somente por algum comentário ou pergunta em voz baixa, quase sempre desimportante. As novas inquilinas daquele sótão não podiam deixar de olhar, entre curiosas e admiradas, a

distribuição de seu espaço. Suas dimensões, embora limitadas, eram suficientes para as duas. Dispunha de um mobiliário básico que permitia uma vivência cotidiana razoável no reduzido habitat. Sara e Angel o haviam provido de uma cama pequena para uma pessoa, um sofá que não sem alguma dificuldade se transformava num local decente para descansar, mesa e cadeiras para as refeições, uma geladeira, cozinha com uma pequena despensa e um banheiro estreito, mas suficiente para a higiene diária. Para completar, fora equipado com um telefone, fax e um computador com conexão à internet, diante do qual Maria José passaria grande parte de seu cativeiro naquele sótão.

Mas o que as deixou mais admiradas foi a presença de um sofisticado equipamento tecnológico. Havia câmeras de vídeo instaladas estrategicamente em volta de toda a área externa da casa, cujo controle devia ser feito por computador, com diversos monitores refletindo tudo o que se passava nas redondezas da casa. Qualquer um que se aproximasse dela seria filmado por aquelas câmeras e automaticamente visualizado nas telas.

— Por que você acha que têm tudo isso? — perguntou Victória, que não estava se sentindo capaz de passar muito tempo ali.

— Para nos sentirmos seguros, a salvo de qualquer ameaça que possa vir de fora — respondeu Maria José com gravidade. — Você está nos Estados Unidos, minha irmã, e para muita gente significa estar num dos países mais inseguros do mundo — olhou para Victória e sorriu. — É engraçado! Nós aqui escondidas como criminosas para não sermos vistas e, no entanto, somos nós que vigiamos. O que não sei é por quanto tempo.

Aquela disposição de câmeras e monitores lhes serviu, nos primeiros dias, para passar o tempo. Era como ver televisão na sala de casa, mas com uma programação feita sob medida à qual só elas podiam ter acesso. No entanto, com o tempo, a falta de diversão foi deixando aquela situação incômoda, asfixiante, sem esperança. Havia momentos em que a casa parecia cair sobre elas, e o estado de saúde de Maria José estava começando a apresentar os primeiros problemas devido àquele inesperado cativeiro. Precisava controlar seu corpo e comprovar que tudo em seu organismo estava funcionando conforme o esperado. Apesar do risco que significava abandonar o esconderijo e sair para a rua com uma ordem de busca e apreensão atrás de si, decidiram consultar o doutor Philip I. Bonner, para que a examinasse e encaminhasse para análise umas amostras de cabelo, unha, pele e sangue.

No dia seis de setembro, depois de esconder Maria José no porta-malas do carro de Angel, seguiram para a Taylosville Road, 1086 com a Washington Crossing pa 18977, no interior do estado de Nova Jersey, onde ficava o consultório do médico. Foi confirmado então que seu organismo não estava respondendo corretamente ao tratamento, além de ter sido detectada a presença de novas substâncias tóxicas que os médicos anteriores ainda não haviam descoberto, as quais constituíam ameaça grave à sua integridade física e exigiam tratamento imediato.

O CALENDÁRIO IA DEVORANDO NÃO SÓ OS DIAS, MAS também a paciência e o autocontrole de Maria José. Victória devia voltar para a Espanha no dia oito de setembro, o que aumentou ainda mais seu desespero. Ela prometeu que em breve retornaria para junto da irmã, depois de tomar uma série de providências urgentes de que Maria José a encarregara e denunciar seu caso a quem coubesse e, evidentemente, aos meios de comunicação espanhóis, que sem dúvida iam querer publicar uma história como a sua. Antes de viajar, Victória foi devolver no prazo estabelecido o carro que haviam alugado com a carteira de motorista de Maria José.

— Voltarei logo para me despedir — disse Victória, beijando a irmã na testa. — Não vou demorar. Entregarei o carro, tomarei um táxi e estarei de volta em menos de uma hora.

Graças ao mapa fornecido pela locadora de carros, não houve dificuldade para encontrar o endereço. Victória não conhecia bem a cidade e muito menos o trajeto da casa de Sara e Angel até lá, mas se achava boa motorista e deu boa prova disso. Receosa, durante o trajeto olhava constantemente pelo espelho retrovisor para ver se havia algum carro seguindo-a. Mas a movimentação dos veículos atrás dela, que achou normal, tranquilizou-a. Respirou com certo alívio ao ver que nada do que via naquele espelho significava alguma ameaça.

Quando chegou ao seu destino, estacionou o carro no local indicado e desceu do veículo. Dirigiu-se ao escritório da locadora para entregar as chaves e a documentação do carro e resgatar o depósito que fizera como garantia. Quando já estava terminando os procedimentos com o atendente, viu uma aglomeração de pessoas se formando ao seu redor.

Tudo ocorreu de maneira rápida e atropelada, mas ela acompanhou tudo com muita clareza, embora não soubesse de onde haviam saído nem como toda aquela gente apareceu de modo tão apressado. Em seguida, Victória viu uma frota de viaturas da polícia vindo na sua direção com tal determinação que ela teve medo que atravessassem a vitrine da loja. Conseguiu contar até quinze veículos da polícia, todos com as sirenes e luzes ligadas, fazendo enorme barulho e chamando a atenção dos incautos transeuntes. Entre o caos e o natural aturdimento, Victória viu grande número de policiais de arma na mão descer às pressas dos veículos. Ao notar que era ela a causa de toda aquela confusão, que estavam vindo atrás dela, ficou paralisada, sem a menor reação. Pediram seus documentos e fizeram-na se debruçar no balcão para submetê-la a uma revista. Não lhe custou nada ficar ali imóvel, alheia a todos os olhares que de fora se concentravam nela e a julgavam de antemão por qualquer que fosse o delito de que lhe acusavam; só conseguia fixar os olhos amedrontados no funcionário que segundos antes a atendia amavelmente e que agora, a julgar por sua expressão, parecia ter diante de si uma perigosa assassina. Um dos policiais dedicou alguns segundos para ler o nome e olhar a fotografia no passaporte de Victória. De sua boca saiu apenas um seco e mal pronunciado “Carrascosa”, e sem titubear ordenou-lhe que o acompanhasse até uma das viaturas, que continuavam perturbando a cidade com seu barulho.

Sentada no banco traseiro do veículo policial, com o sangue pulsando em sua face e o coração batendo acelerado, Victória se deu conta de que como seu corpo não conseguira dominar o pânico que havia se apoderado dela, sua bexiga acabou se soltando em meio àquela situação surreal. Ela não conseguia pensar com clareza. A lembrança dos recentes acontecimentos se atropelava em sua mente, e ela só foi capaz de dizer num fio de voz que teria direito a um advogado, sem nem saber qual era o crime cometido.

— A senhora não está detida. Não vê que não lhe pusemos algemas? — respondeu secamente um policial corpulento que em nenhum momento se separou de seus óculos de sol e nem sequer olhou para ela. — Fique tranquila, senhora. Só queremos que nos acompanhe à delegacia para fazer-lhe algumas perguntas. Não vai precisar de nenhum advogado. — Fez uma pausa ensaiada e desconcertante. — Por ora.

Na delegacia tentou explicar-lhes, com seu melhor inglês e procurando controlar os nervos, que ela não era sua irmã, que seu nome era Victória, como se podia ler em seu passaporte, que de fato a carteira de motorista com a qual alugou o veículo que estava devolvendo à locadora era de sua irmã, que ela não era Maria José e que, portanto, estavam cometendo um sério erro de identificação. Um dos policiais, que para Victória parecia ter acabado de sair de uma dessas séries de policiais com vilões e mocinhos, aproximou-se dela e esclareceu aquilo que ela temia: “Então está muito mais fácil. Diga a sua irmã que se apresente nesta delegacia imediatamente, esclareça sua identidade, e nós a deixaremos ir embora”.

Não precisou pensar muito para perceber que era tudo uma armadilha, que não havia confusão nenhuma e que eles só queriam deixar a situação chegar a uma tensão suficiente para obrigar sua irmã a se apresentar voluntariamente nas dependências policiais. Tentavam usá-la como isca para localizar a irmã.

— Isso é ilegal, e vocês sabem disso. Não tenho nem ideia de onde possa estar minha irmã — disse Victória, mas suas palavras só provocaram risos entre os policiais. Tirando coragem sem saber de onde para enfrentar aqueles oficiais que pareciam tudo menos agentes destinados a zelar pela segurança de alguém, ela acrescentou: — Tenho direito a um telefonema. Quero comunicar minha situação ao cônsul espanhol em Nova York. Ele sabe quem sou.

Um dos policiais, que pela aparência e respeito que parecia despertar entre os colegas devia ter mais autoridade que os demais, aproximou-se de Victória e disse:

— A senhora tem cinco mil dólares? — perguntou com um sorriso cínico no rosto, e ela, temendo o pior, negou com a cabeça. — Pois então acho difícil que a senhora possa chamar alguém. Até que lembre onde sua irmã está, a senhora vai ficar conosco. Não tenha receio. Vamos atendê-la como merece.

Enquanto era introduzida numa espécie de cela sem barras nem grades, que era mais um pequeno quarto com janelas altas de vidro que não permitia a vista do exterior, percebeu que não haviam confiscado seu celular na humilhante revista que lhe fizeram na loja da locadora de carros. Esperou estar completamente só para tirá-lo do bolso das calças, o mais rápido que o tremor de suas mãos permitiu. Mas a luz que saía da pequena tela do celular só lhe deu

falsas esperanças, pois naquele lugar imundo não havia sinal. Victória chorou, bateu os pés, exigiu que a deixassem telefonar, mas em vão. O frio que fazia naquele cômodo e a fome que sentia, apesar de estar com o estômago totalmente embrulhado, a impedia de pegar no sono. Passou a noite pensando no que estaria ocorrendo lá fora, na intranquilidade que devia ter tomado conta de sua irmã, cogitando se alguém teria se interessado por ela, se o cônsul estaria tomando as providências pertinentes, se alguém comunicara a seus pais seu paradeiro e a absurda situação em que se encontrava. Todas essas perguntas só tiveram respostas quando, horas mais tarde, lhe comunicaram sua transferência para uma nova delegacia do condado de Bergen, em Nova Jersey, onde colheriam suas impressões digitais. Essa informação a deixou ainda mais nervosa. Sabia que tinha que evitar a todo custo que a levassem a uma delegacia, para evitar que entrasse numa espiral de complicações semelhante àquela em que se encontrava sua irmã. Pôs-se a pensar em possíveis soluções. Quando estava sendo levada para uma viatura, pegou seu celular, discou um número de telefone e gritou aos policiais que estava ligando para o cônsul espanhol em Nova York. A pessoa que ela realmente chamou foi o advogado de sua irmã, cujo número estava registrado em seu telefone, mas os policiais acreditaram que ela estivesse realmente falando com o cônsul da Espanha. Victória notou que os policiais mudaram de atitude e se olharam esperando que alguém lhes dissesse como agir. Achou que ficaram assustados, ou melhor, estar desconcertados.

Enquanto isso, o advogado da irmã, que continuava no outro lado da linha, lhe disse para não sair dali, que imediatamente mandaria um de seus advogados para cuidar da situação. Os minutos que Victória ficou à espera pareceram se estender pela eternidade, até que finalmente um homem de terno escuro, bem penteado, chegou às dependências da polícia procurando por ela. Depois de perguntar pelo seu estado, passou um bom tempo falando com o mesmo policial que lhe havia pedido cinco mil dólares para dar um telefonema. Victória observava a cena através dos vidros da salinha em que os dois discutiam. Finalmente saíram de lá com um início de acordo que o advogado se encarregou de transmitir a sua cliente, que estava inquieta e na expectativa. “Eles a deixarão sair com a condição de que sua irmã se apresente nestas dependências antes do dia doze de setembro. O trato é esse.” O advogado percebeu como aquele acordo feito às suas costas a havia irritado, mas pareceu não ter se importado. Victória também não perdeu mais tempo em discutir aquele arranjo improvisado, porque a única coisa que queria era sair dali. Queria acabar com o pesadelo que foi ter sido mantida durante horas trancada no calabouço de uma delegacia.

Tinha a impressão de estar representando uma fuga precipitada, como se realmente tivesse algo de que se envergonhar, quando sentia que na verdade acontecia o contrário. Percebeu que sua mão apertava fortemente o celular. Cogitou chamar sua irmã, imaginando que ela estaria em estado de histeria, como ela, pela falta de notícias, mas a paranoia se apoderou dela e então decidiu não ligar. “E se estiverem me seguindo? E se puseram alguma coisa em mim para me localizar? E se por minha culpa a encontrarem?” Para o advogado, não foi uma tarefa fácil tranquilizá-la. Sabia que o que estava tentando era difícil, mas pelo menos conseguiu convencê-la a falar com a irmã de um telefone seguro e que concordasse em que, para o bem de todos, permanecesse em Nova York, na casa do irmão de Sara, até sua viagem de volta à

Espanha.

Quando finalmente chegou à casa indicada e pôde se sentar para tentar pôr a cabeça em ordem, Victória viu a mensagem que seus pais haviam deixado na caixa postal de seu celular no dia oito de setembro, às dezenove horas e sete minutos. Era a voz de sua mãe: “Victória, filha, agora você! Isto é para morrer”. Não conseguiu entender mais nada do que dizia a mãe porque ela começou a chorar, e tudo o que ouvia eram gritos e lamentos. Percebeu quando o telefone caiu da mão de sua mãe e o pai o pegou para continuar a mensagem: “Victória, não se preocupe, tudo correrá bem. Acredite. Ânimo!”. Doía-lhe pensar na aflição que sua detenção devia ter causado aos pais, por isso decidiu telefonar-lhes para tentar tranquilizá-los. Aquilo estava sendo demais para ela, para sua irmã, mas sobretudo para seus pais, e a tristeza que lhe dava o sofrimento deles lhe enchia os olhos de lágrimas.

No dia seguinte, compareceu com seu advogado à mesma delegacia que havia se transformado no cenário de um dos piores momentos de sua vida para que lhe devolvessem o passaporte. O chefe de polícia que lhe pedira os cinco mil dólares por um telefonema não estava lá, mas pela boca de outro policial ouviu uma explicação num tom sarcástico que irritou Victória.

— Nós não lhe pedimos nenhum passaporte, senhora. Mas deixe-me lembrar que a senhora pode estar incorrendo em grande delito. Pode ser acusada de cumplicidade com uma pessoa que está sendo procurada pela justiça dos Estados Unidos. E isso é crime. Se sua irmã não se apresentar como o juiz exigiu, que as duas arquem com as consequências, que pode ser a prisão — disse o policial, que depois de olhar para o advogado prosseguiu: — Imagino que seu advogado já tenha lhe informado do acordo feito ontem e que permitiu que a senhora fosse libertada. Aja com cautela.

O advogado imediatamente advertiu o policial de que não ia permitir ameaças veladas a sua cliente e optou por abandonar o recinto policial com sua representada, que novamente se mostrava muito nervosa.

— O que você tem que fazer agora é voltar para a Espanha sem perder tempo. De lá vai poder ajudar mais sua irmã. Além disso, se seu visto vencer, aí sim vai ter mais problemas com a polícia, e essa é a última coisa de que você precisa agora.

— Mas como vou voltar? Eles estão com meu passaporte e se negam a devolvê-lo. Você ouviu o que disseram, que não o apreenderam, mas isso é mentira.

O desespero de Victória sensibilizou o advogado.

— Vá ao consulado. Eles lhe darão um novo passaporte ou poderão lhe dar um salvo-conduto para que possa sair do país. Eles têm poder para isso, e sabem o que fazer. Vá rápido — disse o advogado, sem se dar conta de que era sábado e que ela teria que esperar todo o fim de semana para fazer isso.

A segunda-feira seguinte era dia onze de setembro. Todas as pessoas no consulado espanhol pareciam ter pressa, pois haviam sido convocadas para um ato em memória dos falecidos no atentado das Torres Gêmeas que ocorrera quatro anos antes. Victória, aconselhada por Maria

José, redigiu um texto sobre o que havia se passado, lembrando a situação em que se achava sua irmã, e o fez chegar com protocolo de entrada ao cônsul espanhol em Nova York, Juan Manuel Egea. Funcionários do consulado lhe garantiram que o entregariam sem falta, mas que naquele momento estavam todos muito ocupados, e voltaram a dizer que já haviam feito tudo o que estava em suas mãos para prestar-lhe ajuda consular. Depois de uma infinidade de pedidos, súplicas e um ou outro ataque de nervos, concordaram em lhe fornecer um salvo-conduto com o qual podia deixar o país. O que não conseguiu foi que alguém encaminhasse e obtivesse aprovação para seu pedido de proteção até conseguir embarcar de volta à Espanha.

Ao sair do edifício, Victória se sentiu desprotegida e percebeu que todo tipo de perigo a espreitava. Voltou para a casa do irmão de Sara, onde Maria José fizera chegar seus pertences. Esperou ali até o dia seguinte, sem pregar o olho a noite toda, sem falar com ninguém. À primeira hora da manhã, ligou do telefone fixo da casa para a empresa de táxis, a fim de conseguir um que a levasse ao aeroporto. Havia desligado seu celular. Não queria ligá-lo até estar dentro do avião. Sentia-se vulnerável, desprotegida, abandonada. Estava passando por uma aflição que jamais experimentara até aquele momento. Tinha vontade de chorar, mas não podia. No táxi, a caminho do aeroporto, sentia todos os músculos do corpo rígidos, parecia-lhe impossível mexer as pernas e os braços. Seus maxilares estavam tensionados, nem conseguia responder aos comentários desimportantes do taxista que, depois de observá-la pelo retrovisor, e diante do mutismo da passageira, resolveu aumentar o volume do rádio e isolar-se na confusão do trânsito, que naquela manhã, como todas, estava pesado e estressante. Quando chegou ao terminal, Victória não conseguiu saber de onde tirou forças para pagar o táxi e avançar até o controle de passageiros. Seus sentidos estavam paralisados e ela suplicava mentalmente que nada nem ninguém a impedisse de chegar à porta de embarque, ocupar seu assento no avião, afivelar o cinto, fechar os olhos e pôr-se a caminho de casa. Foi superando todos os obstáculos, não sem um ou outro sobressalto, pois teve que tirar os sapatos e por pouco ficar nua no controle de segurança, farta do insistente pedido do agente de segurança que só queria que o celular fosse deixado em uma das bandejas para que ela pudesse passar sem problema pela detecção de metais. Ela conseguiu, mas alguma coisa a impedia de relaxar e abandonar a tensão que tomava todo o seu corpo. Uma vez sentada em seu lugar, a primeira coisa que fez depois de apertar o cinto o máximo que pôde foi ligar novamente o celular e digitar nervosamente o número de sua irmã e de seus pais. Quando o avião decolou do Aeroporto John Fitzgerald Kennedy, Victória rompeu num choro descontrolado que acabou chamando a atenção de todos e atraindo as aeromoças, que se aproximaram para acalmá-la. Levaram horas se esforçando para isso, com a ajuda de um ou dois calmantes. A única coisa que conseguiu sossegá-la foi o anúncio do comandante de que estavam sobrevoando a Espanha. Só então encontrou a paz que havia dias não sentia. “Finalmente em casa.”

A notícia de que a irmã havia chegado bem em casa a reconfortou. Mas as esperanças de demonstrar às autoridades norte-americanas que ela não fizera nada de mau se consumiam na

mesma velocidade de seu estado de saúde. Maria José se viu mergulhada numa rotina na qual o envio maciço de documentação sobre seu caso tanto para a embaixada espanhola em Washington como ao cônsul da Espanha em Nova York, assim como aos meios de comunicação que se interessaram por sua história, era uma tarefa esgotante e desalentadora. Durante a maior parte do dia permanecia sentada diante do computador, pelo qual mandava centenas de mensagens para várias instituições norte-americanas e espanholas, incluindo as atas dos juizados espanhóis, ansiando desesperadamente que alguém mostrasse o mínimo interesse pelo que continham. Contava repetidamente sua história e acrescentava as denúncias que existiam contra o pai de sua filha por suposta tentativa de homicídio, falsificação de documentos e bigamia, já que o documento oficial do divórcio de sua primeira mulher não fora localizado; mais que pedir, ela implorava ajuda. Procurava, de maneira desesperada e angustiada, um meio de convencer o juiz Torack, e sobretudo o cônsul espanhol, de que a única coisa que havia feito foi cumprir o determinado pelos tribunais espanhóis e insistia nisso argumentando que foi ela quem decidiu voluntariamente ir para os Estados Unidos porque não tinha nada a esconder. Mas ninguém quis ouvir ou saber de suas queixas, provas, testemunhos e explicações, a não ser alguns jornais locais de Valência, dos quais se serviu para denunciar publicamente sua atribulada situação. Quando falava com seus pais, queixava-se da absoluta falta de atenção por parte do cônsul espanhol em Nova York e não se cansava de denunciar, como profissional e cidadã comum, o que ela entendia como uma descarada e reprovável negligência no desempenho de suas funções, pelo menos no que se referia ao seu caso.

“Não acreditam ou não querem acreditar em mim, papai”, confessava ela ao pai, mostrando-se diminuída, desanimada, sem conseguir vislumbrar um próximo e favorável desenlace de sua história. “E o pior é que o cônsul não se interessa pelo meu caso. Não me dá crédito, mesmo nem tendo sequer estudado o caso. Por que não passa os olhos pelas atas dos tribunais espanhóis? Por que não intercede por mim? Por que me abandonou? Sou uma cidadã espanhola vivendo em situação desesperadora, e o cônsul do meu país não intercede em meu favor? Mas o que fiz, meu Deus? O que foi que fiz?”

Cada conversa telefônica entre Maria José e seus pais acabava num autêntico drama, com os interlocutores mergulhados em pranto e lamentos, o que obrigava Sara ou Angel a interferir, esforçando-se para animar ambos os lados da linha, coisa nem um pouco fácil. Como Maria José não podia sair de casa, eram eles que se encarregavam de tudo quando não era possível resolver as coisas por telefone, inclusive reunir-se com seus advogados. E nem sempre era fácil comunicar-lhe suas recomendações, como por exemplo conselhos para que se apresentasse à justiça a fim de não agravar ainda mais sua situação legal. Isso a deixava fora de si, desesperada, chegando a lançar insultos e ameaças, em meio a lamentos e súplicas por ela e pela filha.

“Prefiro morrer a entregar minha filha a um desalmado, um assassino, um homem que não hesitou em me maltratar e acabar com minha vida. Como podem pensar, mesmo que por um segundo, que vou deixar minha filhinha com um monstro como ele? Só Deus sabe o que seria capaz de fazer com minha menina.”

Já fazia pouco mais de dois meses que Maria José vivia naquela espécie de casulo transformado em lar salvador, e tanto ela como seus amigos já haviam tido provas suficientes de que aquele lugar ficava mais inseguro a cada dia. Não foram poucas as ocasiões em que viram nas telas instaladas naquele sótão, que reproduziam as imagens que as câmeras externas registravam de tudo o que se passava fora da casa, uma cena que, por habitual, acabou significando um perigo iminente: dois homens robustos, exibindo seus músculos e esmurrando a porta do chalé, querendo dar a impressão de que eram policiais e vinham em busca de Maria José. Mas quando alguém de dentro de casa pedia que se identificassem ou chamaria a polícia, batiam mais fortemente na porta, fazendo ameaças de morte. Quanto mais fortes eram os golpes que aplicavam na porta mais crescia o pânico de Maria José, que corria para se esconder num cantinho do sótão, onde ficava agachada, de olhos fechados e segurando firme uma foto da filha, como se isso fosse ajudá-la a fugir daquele lugar e lhe transmitisse uma força que não tinha.

— Jamais abra a porta — aconselhava-a Victória, quase aos gritos, por telefone, pois já enfrentara algo semelhante nos dias que passou com a irmã naquele esconderijo. E sobretudo não saia de casa, pois já sabemos do que é capaz... não preciso dizer quem, não é?

Victória estava falando assim porque sua irmã lhe contara que Sara e Angel estavam sendo ameaçados, que amigos comuns haviam passado por mais de um susto em plena rua e haviam recebido *e-mails* que tentavam culpar Maria José e inocentar Peter. De fato, em um dos encontros de Sara e Angel com seus advogados, um deles veio com manchas de sangue e alguns hematomas roxas no rosto, que tentava disfarçar quando perguntavam o que tinha acontecido. Maria José e seus amigos mais próximos estavam convencidos de que o pai de sua filha tentava assustar todos os que pudessem ajudar sua mulher, disposto a intimidá-los de qualquer maneira, usando de violência, chantagem e engodos. “Eu o conheço muito bem. Se conseguiu me enganar e me manter sob seu controle, imagine o que é capaz de fazer com quem não teve oportunidade de conhecê-lo. Nada nem ninguém vai detê-lo. Tenho muito medo.”

A situação ficava cada vez mais insustentável. Pouco a pouco começaram a aparecer as primeiras rugas pela difícil convivência entre os três ocupantes daquela casa transformada num forte do qual era cada vez mais difícil sair e ainda mais perigoso voltar a entrar. Tantos dias encerrados sob o mesmo teto não chegaram a comprometer a amizade dos três, mas um ou outro ponto fraco acabou ficando exposto, e isso, somado à piora do estado de saúde de Maria José e à psicose diante da evidente insegurança daquele esconderijo, levou-os a concordar com sua imediata transferência para outro lugar mais seguro e adequado.

— Meu irmão se ofereceu para alojá-la em sua casa — disse Sara. — Fica no estado de Nova York, o que é muito bom, primeiro porque você vai mudar de ares, e pode ser que essa gente que insiste em vir aqui com o firme propósito de acabar com você a deixe um pouco mais tranquila. E segundo porque vai facilitar as coisas se você precisar ir para um hospital,

caso seu estado de saúde piore, ou ao consulado, ou mesmo para se encontrar com alguns amigos que você tem tanta vontade de ver.

Sara mencionou os amigos porque sabia que Maria José estava querendo ver um amigo especial, sobre o qual pouco falou, inclusive com sua irmã. Então ninguém comentou nada, porque sabiam apenas que se chamava Leo, que Maria José estava entusiasmada com aquela amizade e que a simples menção de seu nome fazia brotar em seu rosto abatido um tímido sorriso, o que, no meio de tanta tensão, era de agradecer. Sara não era favorável a que sua amiga corresse qualquer risco, o mínimo que fosse, por um mero encontro amigável ou de que natureza fosse, e Maria José se sentia dominada por aquela asfixiante realidade, embora soubesse que um encontro fugaz com o misterioso Leo poderia ser uma perfeita lufada de ar fresco para seus prejudicados sentidos e para seu deteriorado estado de alma.

Durante os quinze dias que o destino permitiu que ficasse confinada em seu novo esconderijo, as coisas não melhoraram. É verdade que pôde compartilhar alguns minutos de confidências e palavras amáveis e reconfortantes com Leo, sobre quem ela continuava a não oferecer nenhuma informação, e que o brutal e cruel assédio a que fora submetida naqueles dois meses passados na casa de Sara parecia ter diminuído. Mas suas ações continuavam sem dar os frutos desejados, e ela sentia que o mundo decidira dar-lhe as costas. As notícias que recebia da família na Espanha também não representavam nenhum estímulo que lhe desse um pouco de esperança. A cada dia sentia mais falta da filha, com quem só podia falar alguns minutos por dia graças a telefonemas feitos por seus pais, mas embora o tempo fosse curto dava para ela se certificar de que a filha era uma criança encantadora, alegre e simpática, extremamente bem-educada, que aos seis anos não deixava de perguntar sempre aos avós por sua *mami*, porque já fazia tempo que ela não ia buscá-la no colégio, nem a esperava depois das aulas de balé, quando iam tomar um refresco, sorvete ou o que ela tivesse vontade, nem a repreendia quando não estava usando os óculos, nem lia à noite as histórias que a faziam mergulhar num doce e profundo sono, nem a acordava toda manhã com afagos, beijos e até com umas cosquinhas, para deliciar-se com seu riso contagiante. Fazia muito tempo que a mãe não a levava ao parque, onde participava das brincadeiras da filha, que não lhe dava banho enquanto ela lhe contava como havia sido o dia no colégio, que não passavam uma tarde inteira escolhendo e embrulhando um presente para alguma amiguinha que a convidara para sua festa de aniversário.

“Onde está minha mãe? Por que ela não vem? Por que não está aqui comigo?”, perguntava a pequena com sua vozinha chorosa, machucando ainda mais o já dolorido e vulnerável coração dos avós, que a cada dia tinham mais dificuldade para inventar desculpas que justificassem a ausência da filha.

O acúmulo de notícias nada animadoras foi deixando-a num estado de abandono involuntário que só tinha algum alívio quando falava com a filhinha por telefone. Foi relaxando o estrito controle dos medicamentos, que só tomava quando se lembrava, o que não acontecia com muita frequência, não comia direito, a insônia que tomava conta dela crescia

quase ao mesmo ritmo do desânimo e do pessimismo que a invadiam diante da descarada passividade escondida atrás de todas as portas em que ela batia.

Os pais não conseguiam aceitar aquele estado de prostração que tomara conta de sua filha e sofriam muito por se sentirem completamente impotentes para remediar o mal que a consumia. Mas ouvir a filha pela televisão autônoma, por intermédio de um contato de Victória, mostrando publicamente seu desespero e medo, acabou arrasando-os.

“Se me pegarem, me matarão. Vão me levar para Nova Jersey, onde vive meu ex-marido e sua atual mulher, e lá vão acabar com minha vida. Estou convencida disso. Sei que estão me perseguindo, e cedo ou tarde me encontrarão, e então me matarão.” A voz de Maria José soava metalizada e entrecortada devido à má comunicação telefônica, enquanto na tela do televisor aparecia uma imagem congelada, que era uma fotografia antiga de Maria José que Victória fornecera à equipe de notícias do Canal 9, que se interessou pela divulgação do pesadelo que vivia uma valenciana nos Estados Unidos. “Sei que há pessoas que querem me ver morta, e temo que se ninguém na Espanha me ajudar, eles vão conseguir. Espero que esta denúncia pública sirva para alguma coisa, porque esta pode ser a última que poderei fazer em vida.”

Sabia que estava sendo dura, que suas palavras certamente iam causar ainda mais dor a sua família, mas a situação chegara a um ponto que já não era possível disfarçar a horrível realidade em que vivia para evitar sofrimento a seus entes queridos.

A história da advogada valenciana que permanecia escondida em algum lugar secreto em Nova York por não querer entregar a filha ao pai espalhou-se por toda a cidade de Valência. E sua família começou então a idealizar estratégias para evitar, com maior ou menor sorte, que a pequena Victória se inteirasse da história de terror que mantinha sua mãe escondida a milhares de quilômetros dali.

19

O FIM DE SEMANA TRANSCORRERA SEM GRANDES novidades, mas Maria José estava um tanto inquieta. O sexto sentido de que sempre gostara de se vangloriar, uma sensibilidade especial que costumava demonstrar ou quem sabe um olfato desenvolvido que a ajudava a detectar a proximidade de algo importante, mas não necessariamente bom, talvez fossem os responsáveis pelo estado de agitação que a envolvia. Desde que se tornara uma espécie de fugitiva, um termo que costumava usar para brincar com sua irmã, tentando dar um tom dramático a sua, por si só, trágica situação, aborrecia-se nos fins de semana, que para ela significavam um freio a seus possíveis avanços, já que qualquer providência administrativa se tornava impossível a partir do meio-dia de sexta-feira.

Com o dispositivo de alerta ativado diante do surgimento de qualquer imprevisto, resolveu

seguir com a rotina diária de envio de mensagens eletrônicas e das constantes ligações em busca de um apoio que nunca chegava. Falava ao telefone com a irmã, a quem contava o andamento de suas diligências, quando foi perturbada por batidas fortes. As duas irmãs ficaram em silêncio, uma pelo medo de saber quem era o autor daqueles golpes tão violentos na porta e a outra por nem desconfiar do que seria aquilo que havia conseguido deixá-las mudas. Logo depois a campainha da casa começou a soar, e em seguida gritaram, dizendo a Maria José que saísse imediatamente da casa ou abrisse a porta.

Fazia apenas poucos minutos que o irmão de Sara saíra para fazer compras de última hora, por isso naquele momento ela estava sozinha em casa. Um calafrio percorreu seu corpo, enquanto a irmã se desesperava do outro lado da linha tentando adivinhar o que estava acontecendo. De novo voltaram a soar as batidas descontroladas, dessa vez ainda mais fortes.

— Está ouvindo esse barulho? — Maria José, aterrorizada, perguntou à irmã, agarrada ao telefone, como se ele fosse uma tábua de salvação. — Está conseguindo ouvir os gritos?

— Sim. — Victória mal conseguia falar. — Estou ouvindo, mas não se mova. Por favor, não abra a porta. Está me ouvindo? Aconteça o que acontecer, nem pense em abrir a porta, digam o que disserem.

Ao mesmo tempo em que falava com a irmã pelo telefone fixo, tentava localizar, pelo celular, o irmão de Sara.

— Merda! Mas onde está esse cara? — exclamou nervosa Maria José. A coleção de impropérios que saiu de sua boca surpreendeu a própria irmã, que nunca a tinha ouvido soltar tantos palavrões em tão curto espaço de tempo. — Um soluço nervoso e incontrolável disparou de sua garganta, entrecortando sua fala. — A única coisa que sei é que estou assustadíssima. Acho que isso está chegando ao fim. Vão me matar. Vão me matar — murmurou, reprimindo um grito. — Vão me matar, e não vou poder ver mais minha filha.

— Não! Não se desespere agora, minha irmã. Fique tranquila — disse Victória, tentando encontrar palavras de ânimo para confortar a irmã, embora nem ela tivesse consciência do que estava dizendo. — Mas, me ouça, não abra a porta de jeito nenhum.

— Nem vai ser preciso, pois eles mesmos vão derrubá-la. Não está ouvindo os golpes que estão dando?

— Ouça, vou pedir ajuda. Andei falando por esses dias com algumas congregações religiosas de Nova York, e elas podem lhe dar abrigo, embora por pouco tempo. Foi um amigo que me pôs em contato com elas. Vou ligar para ele e pedir que me ajude. Não precisa desligar, eu...

— Não, é melhor que desligue. Vou chamar papai e mamãe, para o caso de... — Maria José se calou. Um silêncio aterrador tomou o lugar das batidas e dos gritos, que como num passe de mágica desapareceram todos de uma vez.

— O que está havendo, minha irmã? Diga alguma coisa.

— Nada — respondeu Maria José. — Calaram-se. Não estão batendo mais. Não dizem nada.

Ambas ficaram caladas por alguns segundos que pareceram séculos, temendo que algo ou alguém rompesse aquele mutismo desesperado e assustador.

— Quem sabe foram embora — disse Victória, mais desejando do que com convicção. — Talvez pensem que não há ninguém em casa.

— Não sei. Vou chegar perto da porta para ver se ouço algo.

Enquanto anunciava sua intenção, percebia, porém, que isso não seria uma boa ideia, em parte porque o medo mais uma vez conseguira paralisá-la. Victória pedia-lhe que não fizesse isso, que procurasse um cantinho onde pudesse se esconder até que o dono da casa chegasse. Quando estava a apenas meio metro da porta, sentiu-se invadida por um terror inusitado só de pensar que a qualquer momento aquela porta poderia ceder e quem quer que estivesse do outro lado se lançaria sobre ela para dominá-la. Optou por voltar silenciosamente sobre seus passos, com cuidado, procurando não fazer nenhum ruído que pudesse alertar quem estivesse lá fora. Não tinha conseguido ver nada, mas intuía que não estava sozinha e que eles, fossem quem fossem, continuavam ali, só que agora escondidos, esperando qualquer descuido ou excesso de confiança por parte dela para novamente dominar a situação.

Quando voltou para o lugar onde estava no início daquele espetáculo grotesco, pôs de novo o celular no ouvido e ouviu a respiração agitada da irmã, o que a fez supor que ambas estavam igualmente excitadas.

— Não consegui chegar até a porta. Não tive coragem. Não pude... — confessou a Victória. — Que horror! Não aguento mais! Vão me deixar louca, se antes não tiver um ataque do coração. — Maria José sentiu um suor frio percorrendo todo o seu corpo e notou que a camiseta que vestia estava empapada. — Vou ligar para papai e contar-lhe. Daqui a pouco ligo para você. Amo você.

Esse curto, categórico e claro “amo você” comoveu Victória. Não pôde deixar de associá-lo às últimas palavras de um condenado à morte. Aquilo lhe soou definitivo, e ela se inquietou. Não havia terminado de descer as escadas que levavam à porta da rua quando o som de seu celular a fez parar. Na tela do aparelho, em letras maiúsculas piscava o nome “papai”.

— Papai! — disse Victória. — Papai, o que foi?

— Acabou! Está feito! Sua irmã foi detida — respondeu, tentando de todo modo não soluçar, mas não conseguiu. — Venha para casa, filha. Sua mãe precisa de você.

Quando Victória chegou à casa dos pais encontrou um cenário impressionante. Sua mãe chorava de modo inconsolável, o pai mal conseguia falar e parecia perturbado, andando de um lado a outro, como se fosse o único sobrevivente de um desastre e não tivesse capacidade suficiente para entender o que estava se passando. Os vários telefones que havia na casa não paravam de tocar, a televisão estava ligada, mas ninguém a via. Em meio àquele caos, Victória procurava com o olhar alguma coisa que indicasse o paradeiro de sua sobrinha, o que só soube um pouco mais tarde, quando uma vizinha lhe confirmou que a pequena Victória Solenne estava em sua casa, brincando com uma amiga.

— O que houve, papai? Como foi? Acabei de falar com ela, parecia que tudo estava mais calmo, me disse que ia chamá-lo, eu descí em busca de ajuda, queria me encontrar com Antônio para que me desse ajuda, e na rua... — Victória tinha dificuldade para articular logicamente as palavras, que saíam atropeladamente de sua boca.

— Não fazia nem um minuto que ela acabara de me chamar quando ouvimos uma batida ensurdecidora — começou a relatar o pai, que era o único que naquele momento conseguia manter certo controle. — Em seguida, só conseguíamos ouvir os gritos desesperados de sua irmã, dizendo “Já estão aqui, já estão aqui” com a voz descontrolada, não parecia ela, estava tendo um ataque de nervos. Eu só lhe perguntava coisas ao telefone, queria saber o que estava acontecendo, se ela estava bem, quem estava lá... mas só conseguia ouvir barulhos bruscos e os gritos de sua irmã, que soavam de um modo que eu nunca ouvira. Estava fora de si, parecia outra pessoa, como se alguém tivesse se apoderado dela, não sei, filha, não sei... — Victória se deu conta de que relembrar tudo aquilo estava destruindo seu pai, que sem poder evitar acabava vivendo a mesma angústia que experimentara minutos antes. Abraçou-o para tentar transmitir-lhe uma força que nem ela possuía naquele momento. De todo modo funcionou, porque seu pai continuou falando. — Então alguém pegou o telefone e disse algo que não consegui entender. Mas não importava, porque eu sabia que deviam ter dito que estavam levando minha filha e que ninguém podia fazer nada. E sem mais explicações desligou o telefone. Ou caiu a ligação, não sei...

Embora tentasse revestir de tranquilidade a exposição dolorosa dos fatos, o pai passava a mão pela cabeça, da testa à nuca, alisando um cabelo que havia muito tempo já não estava ali, como se com esse gesto compulsivo e nervoso conseguisse que a desordem em sua cabeça adquirisse certa lógica e parasse de martelá-la. Isso foi impossível. A situação continuava fora de controle.

— Veja sua mãe — continuou —, sua vida está se esvaindo ali naquele sofá, e eu estou sem saber o que fazer nem por onde começar.

— Vocês já telefonaram para Sara ou Angel, papai? Fizeram isso? — perguntou Victória, que parecia ser a escolhida para manter a calma em meio ao caos.

— Sim, Sara nos ligou da casa do irmão dela, logo depois do ocorrido, não sei. Disse que a polícia entrou, algemou sua irmã e a levou não sabia para onde. Mas me garantiu que ela os informou de que ela estava muito doente e que precisava que a levassem para um hospital. Disse ainda que assim que souberem de algo voltam a ligar — durante algum tempo o pobre homem tampou o rosto com as mãos, como se isso o impedisse de imaginar o que sua filha poderia estar passando naquele momento. — O que vai acontecer agora, Victória? O que será que vão fazer para sua irmã, minha filha?

Era a primeira vez que via o pai, um homem íntegro, sério, rigoroso, forte, corajoso e sempre seguro de si, mostrar-se desanimado, fraco e assustado, como se fosse um menino indefeso. Vê-lo assim deixou Victória aflita, com uma inquietude que ela custou a superar. Deu-se conta de que a desanimadora interpelação de seu pai dava início a uma futura bateria de perguntas que ela teria que enfrentar sem conseguir achar uma resposta clara e muito menos alentadora. De pé na sala de sua casa, olhando para o pai e tentando tranquilizar de algum modo a mãe, Victória pressentiu que para ela começava um pesadelo que não podia imaginar quanto tempo duraria.

NO DIA VINTE E UM DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E seis, Maria José Carrascosa foi detida na casa do irmão de Sara em Nova York, pondo fim a quase três meses de fuga. As horas que se seguiram à sua detenção foram de profundo sofrimento e vigília para a família, que não sabia o que acontecera, onde estava, quem a havia levado e, principalmente, o que haviam feito com ela. Ninguém lhes telefonava para dar alguma notícia, e as ligações que faziam pedindo ajuda não eram nem respondidas. Victória telefonou para o consulado onde, como sempre no caso de sua irmã, ninguém dava uma resposta clara, sem rodeios. Diante da falta de informação, temiam o pior. Uma angústia asfixiante ocupava todos os seus pensamentos e reações desesperadas. Tentaram se comunicar com Sara e Angel, mas eles também não atendiam, não conseguiam localizá-los nem em casa, nem nos respectivos celulares. Quando ligaram para os advogados de Maria José, simplesmente não atendiam ou dava sinal de ocupado. Com o auxílio do telefone de informações internacional e de um amigo da irmã, Victória passou aquela noite ligando para todas as delegacias de Nova York e Nova Jersey, conseguiu até falar com duas prisões, telefonou para hospitais, mas ninguém lhe deu nenhuma informação sobre Maria José.

O desumano silêncio que envolveu os momentos que se seguiram à detenção de Maria José levou a família a montar guarda diante do telefone. Tinham certeza de que em algum momento a campainha de um dos telefones soaria e alguém lhes contaria o que estava se passando.

Tiveram que esperar muitas horas para que finalmente pudessem ouvir a voz de Sara, que lhes falou do paradeiro de Maria José e deu alguns detalhes sobre a detenção.

— Disseram-nos que a levaram para um hospital, e estamos esperando que nos digam qual. Não sabemos mais nada. Por ora, não nos dão mais nenhuma informação — disse Sara, tomando fôlego para respirar e contar o que havia sucedido nas últimas horas. — Foi tudo muito rápido. Meu irmão chegou em sua casa bem no momento em que os policiais estavam esmurrando a porta, que eles o obrigaram a abrir. Ele me telefonou assustado, sem saber o que fazer. Depois de um instante, viu quando a fizeram entrar num carro da polícia. Richard me disse que a levaram algemada, num estado bastante lamentável, e que ele nem conseguiu se aproximar para falar com ela. Também não se atreveu a perguntar aos policiais para onde a estavam levando, por temer que o detivessem também em razão de estar alojando Maria José em sua casa. E você sabe que ele já teve um problema com a polícia. A verdade é que travou, não sabia como reagir diante do que via. Eu cheguei quando já a haviam levado e também não tive oportunidade de falar com ela, mas disse aos policiais que sua saúde era muito delicada e pedi que, por favor, eles a levassem para um hospital.

Sara tentava não esquecer nenhum aspecto que fosse fundamental na história, pois imaginava a sede de informações que tinha a família. Mas suas explicações não conseguiram sanar algumas dúvidas que iam assaltando Victória e passando para a categoria de suspeita. Havia algo que não se encaixava naquela narração. “Por que Sara levou tão pouco tempo para

chegar à casa de seu irmão? E se estavam tão perto, por que não entraram na casa para acompanhar Maria José?” Temia que Sara e o irmão pudessem ter colaborado com a polícia para pôr fim àquela situação absurda e que podia lhes trazer problemas com a lei. Victória sacudiu a cabeça, como se tentasse fazer a palavra “traição” desaparecer de sua mente. E parece ter funcionado, pelo menos naquele momento.

— Não pude ligar para vocês antes — continuou Sara — porque levamos horas para descobrir para onde haviam levado sua irmã. Disseram-nos que ela fora levada para uma delegacia próxima à casa de meu irmão, e quando chegamos lá insistimos novamente com os policiais no assunto de seu precário estado de saúde. Levamos alguns exames e medicamentos que ela estava tomando e lhes mostramos nossa preocupação e a conveniência de que fosse levada para um hospital. Não sabemos sequer se ela estava lá, pois não pudemos vê-la. Você ficaram sabendo de algo? Falaram com o cônsul?

— Nada. Ele também não sabe nada. Disse que está dando uns telefonemas, mas até agora ninguém nos ligou para dar alguma explicação, e quando nós telefonamos dizem que estão fazendo isso. Quase nos pedem para não voltar a ligar, que quando souberem de alguma coisa entrarão em contato conosco. Isso é incrível! Minha irmã não pode ter desaparecido! — exclamou Victória, que se alterava ainda mais cada vez que Sara pedia que se acalmasse. — Mas o que podem ter feito com ela? Por que ninguém nos diz nada? Se é verdade que a levaram para um hospital, por que não dizem a qual?

Aquela foi a primeira vez que Victória se deu conta de que não conseguia chorar. Sentia-se incapaz, embora talvez fosse bom que o fizesse, para acalmar o desespero que a atormentava. A impotência, a insegurança, a raiva e a imensa dor que sentia pelo sofrimento de sua irmã pareciam ter secado seus olhos, que embora aquosos e cristalinos, à beira do choro, não deixavam escapar uma única lágrima, pelo menos diante dos seus familiares. Não era proposital. Simplesmente era assim.

Victória resolveu fechar sua casa e mudar-se temporariamente para a de seus pais, até que as coisas se normalizassem. Não achava nenhuma graça em voltar à casa paterna, mas as circunstâncias não lhe deixavam outra saída e ela compreendia que fazia isso por razões de força maior, sem levar em conta suas preferências pessoais. Victória não dormia mais de duas horas. Era enorme a tensão que se abatera sobre a família para que ela concedesse mais tempo ao sono. E, mesmo que quisesse fazer isso, não conseguiria.

Certa madrugada, ocorreu o que para eles foi sem dúvida um milagre. Victória havia sucumbido à tentação de voltar a fumar, depois de anos de abstinência, dos quais se orgulhava como se fosse um troféu, e era assim que passava suas noites insones, fumando e navegando pela internet para ver se achava uma pista da irmã. De repente o som do telefone não só a sobressaltou como também o resto da família, mas Victória não lhe deu chance de tocar uma segunda vez.

— Minha irmã, sou eu.

— Maria José! Maria José! — Os gritos de Victória fizeram que o semblante de seus

familiares, que já iam aparecendo na sala, mudasse e exhibisse, depois de muito tempo, um esplendor de felicidade. — Onde você está? Como está? Fizeram alguma coisa a você? Para onde a levaram?

— Espere, não se afobe que vou lhe contar tudo — disse Maria José relaxada, o que tranquilizou a irmã, que sentia que o coração ia sair pela boca. — Estou no Hospital Monte Sinai. Me trouxeram para cá porque viram que meu estado de saúde não era bom. Não pude telefonar para vocês até agora porque estou detida e não me dão permissão para fazer isso. Me acusam de desacato a autoridade e subtração de menor, como tínhamos. Meus advogados estão trabalhando nisso e espero que logo resolvam o assunto. Com certeza ligaram para vocês para avisar onde eu estava, não?

— Ninguém ligou para cá, além de Sara e Angel, e pouquíssimas vezes. Você não sabe como ficamos desesperados. Achamos que alguma coisa havia acontecido a você e tínhamos que...

A mãe interrompeu Victória para poder falar, mal contendo as lágrimas, com sua primogênita.

— Minha filha, como você está? Estão lhe tratando bem? Está sendo bem atendida? Está precisando de alguma coisa?

— Estou bem, mamãe, não se preocupe. Estão cuidando bem de mim aqui e estou recebendo um tratamento correto. Estou sendo vigiada por policiais no quarto, e hoje eles permitiram que eu telefonasse para vocês.

— É verdade que você está bem? — interveio Victória, que sentiu uma pontada no estômago quando ouviu o que a irmã disse, pensando que se ela estava cercada por policiais não poderia dizer se realmente a estavam tratando bem.

— Sim, já disse para não se preocuparem. Estou internada em observação, e me submeteram a um exaustivo exame médico. Pelo menos foi isso que me garantiram. Sara e Angel estão vindo me visitar, chegarão logo, mas não sei se vão conseguir entrar. De todo modo, eu queria falar com vocês antes deles, para explicar tudo. Eles não podem dizer nada a vocês, pois não sabem. Não sei quanto tempo vou ficar aqui, mas quando souber de algo mais, ligarei — Maria José falava depressa, sem fazer pausas, como se alguém estivesse com um cronômetro na mão para controlar o tempo que falava com a família. — Como está minha filha? Está acordada? Posso falar com ela?

— Está dormindo, mas se quiser eu acordo. Não faz outra coisa senão perguntar por você — respondeu sua mãe, que já se dispunha a ir ao quarto da menina para lhe dar a boa notícia.

— Não, pobrezinha, deixe que durma e descanse. Se me derem permissão, voltarei a ligar amanhã e poderei falar com ela por mais tempo.

— Filha — agora era o pai que falava com ela —, o que podemos fazer por você daqui? Estamos pensando em ir até aí para ficar com você...

— Não, papai — interrompeu-o Maria José. — Não é preciso. Já lhes disse que meus advogados estão cuidando do caso. Quando sair do hospital, acho que voltarei a comparecer à corte, e serão tomadas as medidas pertinentes. Então lhes direi o que fazer... — Maria José fez uma pausa, depois continuou: — Estão me fazendo sinal para desligar o telefone. Victória,

você continua aí? Preciso que você conte ao cônsul o que está acontecendo, insista com ele. Eu não pude fazer isso e quero que ele saiba, em primeira mão, o que está se passando comigo. Pensei que ele viesse ao hospital, mas não veio, o que estranhei. Você entendeu?

— Sim, irmãzinha, estou cuidando disso desde o dia em que eles a detiveram — Victória começou a sentir o estômago revirar quando Maria José citou o cônsul espanhol. — Falarei com ele e lhe contarei tudo. Outra vez.

— Então, até mais. Amo vocês. Agora tenho que desligar.

A comunicação se interrompeu bruscamente. Todos permaneceram imóveis, em silêncio, trocando olhares e esperando alguma palavra de ânimo que os tirasse do estado em que os deixara a conversa com Maria José.

Nessa mesma noite o telefone tocou duas vezes, conseguindo perturbar a vigília da família. A primeira ligação era de um amigo de Victória, que recebera um telefonema, ao que parecia, de uma policial, comunicando que Maria José seria transferida para Rickers Island, uma prisão no Brooklyn. Minutos mais tarde, outra misteriosa voz, também feminina, identificou-se como funcionária do Hospital Monte Sinai e pedia-lhes que não contassem a ninguém, pois estava lhes telefonando por motivo humanitário, e isso poderia lhe trazer sérios problemas no trabalho.

— Estou ligando a essa hora porque terminei meu turno no hospital e já estou em casa.

Nesse momento Victória, sem saber por quê, olhou o número de telefone registrado no aparelho e achou estranho que fosse de uma residência.

— Maria José não está bem e não deveria estar sozinha nessas condições — continuou a mulher. — Seus pais deveriam estar com ela. Vocês nem imaginam a situação em que se encontra. Vocês virão? Farão isso imediatamente?

A insistência daquela mulher e a maneira como se expressava fez a família de Maria José suspeitar da veracidade de suas palavras e que talvez não se tratasse de nenhuma enfermeira, e sim da mesma policial que já entrara em contato com o amigo de Victória. Ela começou a temer pelo pior ao se lembrar de que a nova mulher de Peter era da polícia. “Com certeza estão nos esperando lá com alguma armadilha. Isso se não nos derem uma surra mortal e nos acusarem de algo que não fizemos, como aconteceu com minha irmã”, pensou Victória.

No dia seguinte, foram várias as tentativas de falar com Maria José. Todas falharam, do mesmo modo que as investidas para que o cônsul fosse ao hospital. “O cônsul está trabalhando com grande empenho no caso de sua irmã e acha mais conveniente dedicar sua atenção a isso do que ir até o hospital”, era a explicação que lhe davam no consulado quando conseguia que alguém atendesse o telefone.

Um novo telefonema de Sara deixou claro o motivo pelo qual ninguém atendia as ligações da família no Hospital Monte Sinai.

— Levaram Maria José para a prisão — explicou ela. A notícia significava um novo golpe para a família, que nem sequer teve tempo de digerir e muito menos reagir a ela porque Sara continuava falando. — Parece que a transferiram do hospital diante do juiz de plantão, na

corte criminal do centro de Manhattan, onde o juiz ordenou sua entrada imediata na prisão. O dia da decisão judicial foi marcado para oito de dezembro e seria conveniente que alguém da família viesse para cá, porque não se sabe o que pode acontecer.

— Mas como a levaram para a prisão? Ela estava no hospital! Não estavam submetendo-a a exames de todo tipo? Não viram que já lhe retiraram o baço, que teve um tumor, que há resíduos de veneno em seu organismo, que piorou do diabetes e hipertireoidismo? Que tipo de profissional permite a transferência dela para a prisão nesse estado? Ela precisa de cuidados médicos que não terá na prisão. — Victória não se preocupava em dissimular sua irritação. — Quanto tempo ficou no hospital? Um dia, dois, quando muito? Estão loucos ou pretendem matá-la?

— Foi isso mesmo que lhes dissemos quando nos deram a notícia no hospital — respondeu Sara. — Além do mais, meu irmão estava lá e, enquanto passava os olhos pelo relatório médico sobre os procedimentos realizados com sua irmã, um dos policiais encarregados de vigiá-la o arrancou de suas mãos. Mas Richard me garantiu que o relatório foi manipulado ou, no mínimo, estava incompleto. Essa foi a impressão que teve, porque nele não aparecia nem um terço de tudo o que está afetando sua irmã. E disse que o texto ocupava apenas meia folha, quando o relatório oficial tinha ao todo seis ou sete páginas. Temos a impressão de que ou não sabem de fato o que ela realmente tem ou não querem saber. Mas no momento está presa. Vai passar a noite lá. Isso tudo é muito triste. Muito triste.

Victória não entendia como as coisas podiam ter ido tão longe. A última notícia a fez apressar sua viagem para os Estados Unidos. O assunto de seu passaporte estava resolvido, já que poucos dias depois de sua chegada à Espanha foi a uma delegacia para denunciar a maneira como subtraíram seu documento. Lá lhe haviam dito que não podiam acolher sua denúncia sobre o fato porque ele ocorrera em outra jurisdição, fora do território espanhol, mas emitiram um novo passaporte para que ela pudesse viajar. No entanto, Victória estava apavorada de ter que fazer essa viagem sozinha. Seus pais não podiam acompanhá-la porque precisavam ficar com Victória Solenne e também porque ela ainda receava que eles pudessem se complicar por terem levado a menina para a Espanha. Depois de muito pensar, decidiu pedir um favor a um amigo da família que se oferecera para ajudá-los quando precisassem. E chegara o momento.

— José Antônio, preciso que você vá comigo para os Estados Unidos.

Tratava-se da mesma pessoa que lhe fora apresentada meses antes pela tradutora de documentos da família, que já havia declarado sua paixão por histórias kafkianas. Foi ele que apresentou a Maria José o atual advogado da família na Espanha, assim como o médico naturalista que cuidara dela por ocasião de seu problema com o pâncreas.

— Você conhece o mundo, sabe como agir em qualquer situação que se apresente, já se livrou de mil perigos, de muitas situações difíceis, e sinceramente lhe digo que preciso que você me acompanhe porque estou apavorada. Depois do que passei na última vez que estive lá, e toda a questão da detenção, do passaporte, a viagem para o aeroporto... Enfim, tenho certeza de que não vou ser capaz de chegar lá viva para ver minha irmã.

— Mas Victória, o que está me pedindo é um absurdo. Acho que você estaria mais bem

acompanhada por um advogado do que por mim — José Antônio continuava pasmo diante do que Victória lhe pedia. — Além disso, tenho mulher e seis filhos, e ela vai ficar maluca quando eu contar.

— José, por favor, será só uma semana, talvez até menos — disse Victória, mostrando-se arrasada. — Se for sozinha, vão me matar ou, no mínimo, me mandarão para a prisão para fazer companhia a minha irmã. E apesar disso, mesmo que você não me acompanhe, tenho que ir. Não posso deixar minha irmã abandonada à própria sorte. Ela foi traída, está presa, sozinha, perdida, nervosa e não pode nem ver sua filha. E sinceramente não sei no que vai dar tudo isso — Victória pegou a mão de José Antônio instintivamente, para tentar convencê-lo e arrancar dele um sim. — Vai me ajudar? Ficarei em dívida com você por toda a vida.

— Está bem — finalmente respondeu ele, que começava a se sentir atraído pela ideia de conhecer um pouco mais do mundo e participar daquela história que havia conseguido prender a sua atenção desde o início. — Mas antes preciso falar com minha mulher. Já deu como esgotada minha cota de aventuras *à la* Indiana Jones. Vamos ver o que ela diz. Esta noite lhe telefono para confirmar. Mas não lhe garanto nada. Está me ouvindo? Não posso dar certeza de nada até que fale com ela.

Ele gostava de se gabar de ser um aventureiro simplesmente pelo prazer de fazer isso. Seu declarado e insaciável espírito de viajante lhe havia dado a possibilidade de viver uma infinidade de experiências, algumas das quais envolviam até o risco de perder a vida, de enfrentar pessoas dos mais variados tipos. Vangloriava-se de poder descobrir num tempo recorde como era a pessoa que tinha diante de si, ainda que tivesse acabado de conhecê-la, e se era ou não de confiança. Já corraera meio mundo e se interessava por países da América Latina, em especial o México, onde o destino e principalmente a curiosidade e a tendência a quebrar normas não escritas o colocaram diante de um militar que o ameaçou de morte se não deixasse imediatamente o país, pela simples razão de guiar seu carro por uma estrada não recomendada. Em momentos assim, José Antônio sempre recorria a uma assombrosa e, para muitos, suicida frieza e com uma atitude educada, mas insolente, comunicava ao interlocutor que não ia acatar aquilo que queriam obrigá-lo a fazer simplesmente porque não estava cometendo nada ilegal.

Victória o conhecia, já ouvira falar dele e de suas andanças, que muitos chamavam de façanhas. Ela nunca soube se isso correspondia ou não à realidade, mas sabia que alguma verdade devia haver nas peripécias daquele homem. Por isso era tão importante que ele a acompanhasse. Não tinha dúvida de que seria a melhor pessoa para ter ao seu lado na difícil viagem que estava a ponto de empreender. Por isso ficou aliviada quando nessa mesma noite, já de madrugada, José Antônio lhe telefonou para dizer que a acompanharia para ver a irmã nos Estados Unidos. Aquela noite Victória dormiu pouco, o que tinha se tornado habitual desde que começara aquele calvário, mas pelo menos não foi assediada pelos fantasmas que apareciam todas as noites para enchê-la de maus pressentimentos e fazê-la mergulhar num lago escuro e profundo de águas pantanosas sem poder subir à superfície. A noite lhe trouxe a viagem que a levaria até a outra margem do Atlântico, levada pela mão de Morfeu até a casa no Reino Unido para onde ela e sua irmã viajaram durante vários verões para aprender inglês.

Em sonho, Victória pôde reviver momentos que acreditava perdidos na memória, nos quais as irmãs compartilhavam risos e experiências com Rose, a mãe da família que as acolhia, que desde o início as recebeu como se fossem suas verdadeiras filhas. No sonho, ela estava na acolhedora e familiar cozinha em que as três preparavam sobremesas deliciosas ou faziam promissores planos para o futuro. Aquele sonho deixou-a com um sabor gostoso na boca e conseguiu renovar suas consumidas forças.

21

PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO, VICTÓRIA conseguiu relaxar no avião que a levava para os Estados Unidos. Escolheu o assento próximo à janela, como sempre fazia, embora não houvesse razão para essa preferência, uma vez que assim que podia fechava os olhos e abaixava a persiana para esconder tudo o que se podia ver através dela. Talvez esse impulso instintivo correspondesse a um desejo de simplesmente se deixar levar, sem querer saber nada sobre o lugar exato onde estava nem o que o destino lhe havia preparado.

Talvez fosse uma falsa impressão, mas Victória poderia jurar que José Antônio a fizera prometer, pelo menos dez vezes durante todo o trajeto, que se deixaria aconselhar e que controlaria seus nervos.

— Já conversei com você — disse ele muito sério, enquanto folheava o jornal, terminava de organizar os vários alimentos servidos na bandeja, olhava de esguelha o filme exibido no avião e de novo passava os olhos pela revista da companhia aérea. — Você tem que prometer que, aconteça o que acontecer, seja o que for que encontrarmos, vai ficar tranquila, me deixará falar e, diante de qualquer situação embaraçosa, eu é que darei as explicações, pois você está muito alterada, o que é lógico, e qualquer bobagem pode nos custar caro. Está bem?

Victória se limitava a assentir obedientemente com a cabeça. De certo modo, achava divertida a atitude paternalista que seu companheiro de viagem assumira desde que entrara no avião e o fato de que aquela mesma pessoa que enfrentara muita gente e situações difíceis para defender com veemência seus pontos de vista pedisse a ela moderação e calma. É claro que não tinha a menor intenção de contrariá-lo, ainda mais depois do trabalho de convencê-lo de que ele seria a melhor companhia que ela poderia ter nessa viagem.

No dia vinte e nove de novembro, depois de mais de sete horas de voo, chegavam à cidade de Nova York. Da janela do táxi que os levava ao hotel indicado pelo taxista, nenhum dos dois deixou de notar a luxuosa e excêntrica decoração natalina com que recebia seus visitantes aquela cidade que se rendera totalmente ao espírito comercial de Papai Noel. As vitrines resplandecentes e iluminadas, repletas de todos os tipos de artigos e enfeites de Natal em tons

vermelhos, verdes e dourados, as ruas repletas de gente circulando apressada, encolhida pelo intenso frio que dominava a cidade todos os anos nessa época, todo mundo carregando bolsas e pacotes embrulhados em papel colorido, chamativo, centenas de Papais Noéis, uns mais ricos que outros, estrategicamente distribuídos em praças, parques, lojas, cafeterias e ruas, fazendo soar seus sonoros sinos dourados, atraindo a atenção de adultos e crianças, que em troca de uma moedinha ganhavam um doce ou brinquedinho.

Victória não conseguiu evitar que sua mente lhe trouxesse a imagem de sua sobrinha, a quem prometera que sua *mami* voltaria para passar o Natal com ela. E então, como todos os anos, fariam juntas aqueles biscoitos de aveia com gotas de chocolate de que tanto gostavam, especialmente em datas natalinas, e enfeitariam a árvore de Natal com doces, bolas e bonecos, escreveriam cartas ao Papai Noel e mandariam cartões de Natal a suas amigas. “Espero não deixar de cumprir minha promessa. Seria muito difícil para a menina. Faz tanto tempo que não vê a mãe!”, pensou, enquanto suas pupilas continuavam se perdendo na impressionante decoração festiva.

Acabavam de chegar a Nova York e tinham diante de si aquele belo espetáculo de luz e cor que falava de uma felicidade artificial que nenhum dos dois podia achar dentro de si. Em sua mente só havia incerteza e medo do que poderiam encontrar quando se dirigissem à prisão de Rikers Island, em Nova York, para ver Maria José. Quando soube em que prisão ela estava, Victória procurou informações sobre ela na internet, para ter ideia de como era o lugar. A primeira coisa que apareceu na tela do computador acabou com sua vontade de prosseguir na busca. “Um dos dez piores lugares do mundo.” Desligou o computador, pois não estava preparada para saber mais, nem estaria durante muito tempo.

Decidiram descansar naquela primeira noite e deixar para o dia seguinte as providências que tomariam no consulado, bem como o aguardado encontro com Sara e Angel para apanhar alguns objetos pessoais que sua irmã lhe pedira por telefone, entre eles seu computador. Também queriam se encontrar com o advogado de Maria José, quanto antes melhor, já que tinham noção do pouco tempo de que dispunham para apresentar a documentação à justiça se quisessem ter o direito de apelação que possibilitaria a liberdade de sua irmã.

José Antônio achou que seria uma boa ideia jantar em algum restaurante próximo do hotel para tentar acalmar os ânimos, que pelo que podia perceber estavam castigando Victória. Além disso, queria prepará-la para o que poderiam enfrentar no dia três de dezembro, quando logo na primeira hora da manhã se dirigiriam à prisão.

— Não sei se você tem alguma ideia sobre o lugar onde sua irmã está presa — disse José Antônio, enquanto intencionalmente espalhava com muita atenção mais maionese em seu sanduíche, para amenizar a bateria de informações que despejaria sobre Victória. — Dizem que é a maior prisão do mundo, bem, pelo menos nos Estados Unidos, onde exageram tudo, você deve saber. E dizem que tem uma história digna de filme. Muita gente garante que depois que Alcatraz foi desativada, em vinte e um de março de mil novecentos e sessenta e três, e depois de vinte e nove anos alimentando a própria lenda, Rikers Island é sua legítima sucessora, pois não há como fugir de seu interior, por estar cercada de água. Na verdade, não há muita razão para a comparação, já que em Alcatraz havia mil e quinhentos presos, enquanto

em Rikers Island há uma população carcerária muito maior; fala-se em até vinte mil presos, número que tende a crescer, uma vez que não param de encarcerar gente, na maioria latinos e negros. O curioso é que a Rikers também foi apelidada de Rocha, como em seu tempo foi chamado o presídio de San Francisco. Veja aqui — disse José Antônio, apontando o local num mapa —, um enorme recife cercado pelo mar. De acesso difícil e restrito, sair de lá é algo muito complicado, e fugir é impossível. Pode ser até que você já a tenha visto, porque apareceu numa infinidade de filmes, séries de tv, livros, vídeos, jogos. Não sei se você se lembra do filme de Brian de Palma em que Al Pacino faz o papel de um traficante que sai da prisão depois de cinco anos, tirado por seu advogado, Sean Pean, viciado em cocaína, estreitamente relacionado com seu cliente. Al Pacino quer mudar de vida, mas vai ter muita dificuldade, porque assim que sai da prisão... — ao notar a indiferença de Victória por seu repentino entusiasmo pela sétima arte, ao mostrar que não estava a fim de ficar ouvindo resenha de filme, decidiu mudar de assunto. — Bem, tanto faz. Esqueça. O que quero dizer é que essa prisão é a mesma em que sua irmã está. E que sua história é terrível. Nesse filme que eu estava contando se vê que o único meio de se ter acesso à ilha é por um enorme barco, embora há alguns anos tenham construído uma ponte, a Rikers Island, à qual se chega pelo Queens — José Antônio mostrou-lhe uma vista panorâmica de uma parte de Nova York, dizendo: — Está vendo, tudo isso é Rikers Island, ao sul do Bronx, que fica aqui, ao norte de Queens, que está aqui. E esta é a imensa ponte pela qual podemos chegar à ilha. Nela há até dez penitenciárias diferentes, e como a população carcerária não para de aumentar tiveram que improvisar um enorme módulo, como se fosse uma barcaça, onde instalam os reclusos. E como não bastou um módulo só, há dois anos construíram outro. Para que você entenda, é como uma cidade formada por prisões, cada uma com seus serviços: escolas, clínicas, ginásios, templos religiosos, restaurantes, bibliotecas, lavanderias. Dizem que sua extensão equivale à metade do Central Park e que custa ao bolso dos contribuintes mais de oitocentos e sessenta milhões de dólares por ano. Isso hoje, porque quando o estado de Nova York a comprou de um holandês por uns cento e oitenta milhões de dólares era muito menor, tinha apenas noventa hectares, embora agora ultrapasse as... — José teve que deixar para outra hora seus conhecimentos de história e foi direto ao assunto: — Estou achando que o melhor é que um amigo meu, fotógrafo da agência Efe, nos leve em seu carro até a ilha, e lá tomaremos um ônibus até a prisão em que está sua irmã — decidiu, guardando o mapa.

O que José Antônio não lhe contou naquele momento foi o histórico de torturas e permanente violação de direitos humanos acumulado por aquela prisão. Preferiu não dividir com sua companheira de mesa a infinidade de lendas e histórias que falavam sobre como, durante anos e até bem avançada a década de oitenta, os detentos de Rikers Island eram espancados pelos guardas que os vigiavam, provocando lesões de todo tipo, desde ossos quebrados, tímpanos perfurados, ferimentos profundos na cabeça, até olhos vazados e conseqüente perda de visão. Em mil novecentos e setenta e quatro, a situação chegou a tal ponto que um juiz, Morris Lasker, reconheceu que aquele centro penitenciário violava os direitos dos presos e ordenou que se pusesse fim àquele tratamento desumano baseado na crueldade e absoluta brutalidade. Essa decisão judicial, mais a posterior denúncia de quinze

presos que, numa demonstração de coragem ante as cruéis e sangrentas represálias que podiam sofrer por parte dos guardas, decidiram revelar todos os detalhes da barbárie a seus advogados, levaram à instituição de um programa de reformas destinadas a remediar a situação. Desde então, os responsáveis pela prisão garantem que já não se comete nenhum tipo de violência contra os reclusos, embora muitos deles neguem, alegando o lamentável estado físico de alguns dos presos ou o aumento do número de suicídios bastante suspeitos de presos em suas celas. Histórias, estatísticas, denúncias, julgamentos e um passado cheio de atrocidades conseguiram fazer daquela ilha um mundo obscuro e diferente. Por tudo isso José Antônio preferiu silenciar sobre boa parte desses fatos, pois continuava preocupado com o estado de ânimo de Victória.

— Estou apavorada — disse ela depois dos segundos de silêncio em que ficou observando atentamente o amigo, que nesse momento dava nova mordida em seu sanduíche. — Você nem tem ideia de como estou morrendo de medo. Ainda não consigo acreditar que minha irmã está num lugar espantoso como esse. Como posso estar sentada aqui, esperando para entrar numa prisão repleta de presos perigosíssimos, quando nós, ela, você e eu, deveríamos estar em Valência? Isso tudo é tão absurdo que mal me aguento em pé.

— Calma! Tudo vai se arranjar — disse José Antônio, segurando sua mão. De repente se endireitou na cadeira e enfiou a mão no bolso. — Vou pagar e vamos embora. Um passeio vai nos fazer bem. Com o frio que está fazendo, com certeza nossas ideias negativas vão acabar se congelando.

No dia seguinte, aplicaram o melhor de seus esforços na tentativa de localizar o advogado que acompanhava o caso de sua irmã e ver se conseguiam ser recebidos pelo cônsul espanhol, o que foi impossível. Para complicar, era o último dia útil na semana e Victória sabia muito bem, e por experiência própria, que ao meio-dia da sexta-feira aquele edificio ficava praticamente deserto. Não conseguiram falar com o advogado nem com o cônsul, e as pessoas encarregadas de repassar suas mensagens, embora sempre amáveis, nada podiam fazer e recomendavam que voltassem na segunda-feira, dia quatro de dezembro, ou seja, um dia depois da visita à prisão. Ficaram aborrecidos, mas sabiam que não podiam se dar ao luxo de desabar. Naquela mesma tarde receberam um telefonema de um programa de uma emissora de televisão independente de Valência interessado pelo caso de Maria José. Foi Victória quem atendeu a ligação, mas, vencida pela falta de energia e pelos nervos, decidiu que José Antônio seria o porta-voz da família. Aproveitou para tornar público um fax que haviam recebido do Ministério das Relações Exteriores dizendo que o processo estava no consulado e que eles pouco poderiam fazer. De nada lhe serviu denunciar a falta de garantias processuais e a aberração judicial que estava sendo cometida no caso de Maria José. Os interlocutores do ministério já haviam declarado sua postura.

A manhã de domingo, dia três de dezembro, amanheceu fria, como era de esperar. A travessia daquela ponte do Queens a Rikers Island foi eterna e cheia de tédio. Nenhum dos dois fez nenhum esforço para conversar ou esboçar qualquer comentário, preferindo ficar

olhando para fora, cada um numa janela do carro do fotógrafo, que aderira ao silêncio que reinava em seu veículo.

Não havia nada para ver, exceto uma vasta e monótona extensão de água que preenchia o horizonte, sem opção de vista dum mínimo pedaço de terra firme, o que só aumentava a sensação de insegurança e vulnerabilidade que se apoderava de qualquer um, e ainda nem haviam chegado à ilha. Observando as enormes pedras que a circundavam e eram alvo da ira do oceano Pacífico, que parecia se divertir jogando suas ondas aleatoriamente sobre aquele amontoado de rochas, Victória ficou surpresa com a variedade de tonalidades de cinza e preto. Não podia entender como uma cor tão triste e apagada pudesse ter tantos tons diferentes. A visão do que sem dúvida era apenas uma amostra daquilo que o destino lhe havia preparado a asfixiou, levando-a a abaixar um pouco o vidro da janela. Achou que o ar fresco, mesmo gelado, a ajudaria a passar por aquele transe, mas o mau cheiro que tomou conta do interior do carro obrigou-a a subir de novo o vidro. Não gostou do lugar. Fechou os olhos e desejou estar a milhares de quilômetros dali, com sua irmã, sua sobrinha, seus pais e sua vida normal. Esse anseio a perturbou tanto que nem sequer ouviu o amigo lhe perguntar se estava tudo bem.

Quando chegaram à ilha, os três desceram do automóvel. Victória confirmou sua péssima impressão de ter chegado a um lugar ao qual se podia aplicar qualquer adjetivo, menos o de agradável. O tempo não ajudava, já que, desde que havia decidido se levantar da cama logo de manhã, depois de uma noite quase completamente insone, o céu resolvera não lhe dar nenhum motivo de otimismo para enfrentar aquele dia em que ia se reencontrar com sua irmã. José Antônio insistiu para que tirassem uma foto, não como lembrança daquela viagem, da qual sem dúvida não havia necessidade de nenhum registro para mantê-la fresca na memória, mas para que o fotógrafo pudesse ter algum material para posterior publicação. Desde o início já tinha em mente, talvez por influência do pai, que fora um importante e empreendedor jornalista que deu impulso para a criação de uma das agências de notícias espanholas mais influentes em todo o mundo, que seria preciso divulgar o caso de Maria José para promover a denúncia pública. Assim, Victória decidiu se deixar fotografar segurando a capa de um jornal da região em idioma espanhol que contava o pesadelo pelo qual passava a advogada valenciana. Ela se sentia estranha. Estava nervosa e profundamente triste e abatida pelas circunstâncias e pelo motivo daquela viagem. O frio resolvera se instalar em seu estômago e, talvez por isso e pelo cheiro nauseabundo que conseguira anular seu olfato, sentia uma enorme vontade de vomitar, mas nada disse na esperança de que ela passasse.

— Agora temos que esperar o ônibus que vai nos levar ao presídio onde sua irmã está — disse José Antônio, ao mesmo tempo em que se despediam do fotógrafo, que se comprometeu a esperá-los até que terminassem a visita para depois deixá-los de volta no hotel.

— Qualquer um serve? Todos vão para o presídio? — perguntou Victória, ao ver que havia uma infinidade de ônibus brancos com uma grande faixa vermelha e com bem visíveis números em preto.

— Não. Cada um vai para uma prisão: tem a dos homens, a das mulheres, a do centro reformatório de menores... Meu amigo já havia me avisado que devíamos tomar cuidado com isso. É preciso ver bem qual vai para aquela em que sua irmã está.

Já sentados no ônibus, ambos se sentiam como prisioneiros. No início não perceberam nenhum detalhe que os diferenciava dos demais passageiros, mas havia algo que atraía para eles a atenção de todos. Foi José Antônio, como sempre, quem se deu conta disso.

— Estão nos olhando porque, embora seja pouco provável que você não tenha notado, somos os únicos brancos neste ônibus. Aqui, quase toda a população presa é de origem hispânica e de cor escura, mas trata-se de latino-americanos e não espanhóis, assim como os familiares e parentes que vêm visitá-los. E nós destoamos um pouco, entende? Assim, fique tranquila, quieta, sem fixar a vista em nenhuma pessoa em particular e olhando pela janela, para que ninguém tenha motivo para interpretar mal um olhar como um gesto de desprezo ou um sinal de provocação.

Victória fez como ele recomendou não só porque lhe prometera isso várias vezes no avião que os trouxera aos Estados Unidos como também porque realmente se sentia intimidada. Parecia que seu pescoço estava paralisado e não recebia nenhuma ordem de seu cérebro que mandasse fazer outra coisa que não olhar o mundo por aquela janela. Dali pôde ver como aquele infeliz trajeto estava cheio de edifícios que eram blocos de cimento cinza, encimados por enormes e altos alambrados, enrolados e cheios de pontas agudas na parte superior. Victória reparava nos diversos cartazes espalhados por todo lado para avisar com letras bem grandes que era terminantemente proibido parar os veículos e principalmente recolher qualquer pessoa que pedisse; e havia outros menores informando sobre normas de comportamento para pessoas de fora em visita a familiares ou amigos presos, como a proibição de portar câmeras de vídeo, telefones celulares, câmeras fotográficas ou objetos pontiagudos. Havia também outros que informavam os locais onde estavam fixados os horários de visita aos presos, que Victória lia atentamente, embora já soubesse de memória o que diziam.

Ela notou que o ônibus diminuía a marcha até parar em alguns lugares, havia feito isso em duas ou mais ocasiões, mas nem virou a cabeça para saber o motivo. Foi José Antônio quem lhe disse que se tratava de controles de segurança, o que ela pôde comprovar quando o veículo pôs-se de novo em movimento e passou diante de uma guarita amarela, onde havia um homem de uniforme em posição de sentinela e uma enorme barreira da mesma cor, que fora levantada para permitir a passagem do ônibus. Estranhou a quantidade de bandeiras do país, com suas listras e estrelas, que tremulavam ao longo do caminho e no alto dos edifícios. “Não sei como podem ter tanto orgulho de um lugar assim, onde só há prisões, pessoas encarceradas, policiais, alambrados, proibições, amostras de todo tipo de intimidação”, dizia Victória para si mesma, já que em nenhuma hipótese comentaria isso em voz alta com o amigo.

Incapaz de sentir um mínimo de otimismo com sua atual situação, pensou que aquela paisagem que ela estava contemplando com forçada atenção devia ser a mesma que sua irmã vira ao ser transferida dias antes para aquela prisão. Mas, em vez da insegurança que dominava todos os seus sentidos, teve certeza de que ela deveria ter se sentido francamente indignada, diminuída e humilhada diante do fato de ser levada para uma prisão de segurança máxima como se fosse criminosa, quando na verdade era vítima daquela descarada farsa.

Quando o ônibus parou e os motores silenciaram, sentiu que José Antônio a tomava pelo

braço para avisá-la de que haviam chegado ao seu destino. Quase não se atrevia a olhar para o edifício que se erguia diante dela e entre cujas paredes estava encerrada sua irmã. Foram os últimos a descer do ônibus, sem sequer perguntar ao motorista o horário da última viagem, porque Victória tivera tempo e ocasião de decorá-lo. Chamou a sua atenção a intensa e desagradável umidade do lugar, que penetrou em seus ossos e a deixou mal durante toda a visita. Não sabia distinguir se era o asfixiante ar do mar que os rodeava, o frio natural de dezembro ou aquele calafrio que percorria seu corpo desde que saíra do hotel à primeira hora da manhã. Logo estavam no edifício, para passar pelos diferentes controles antes de entrar para a visita. Seu fiel companheiro de viagem lhe recomendara na noite anterior que se vestisse de modo simples e que suas roupas não tivessem bolsos, nem aberturas ou enfeites exagerados. E ela o ouviu. Somente as calças tinham os dois bolsos costumeiros.

— Fique com as mãos nos bolsos até que o policial a reviste — disse ele com voz firme.

— Por quê? — perguntou Victória com certo receio do que seu acompanhante pudesse lhe responder.

— Para evitar que enfiem neles qualquer coisa que complicaria nossa visita e nossa vida. — Ao ver que a amiga não o havia entendido, especificou um pouco mais. — Drogas, por exemplo. Como ia explicar isso a esses amáveis senhores de uniforme? Não vê que têm até cachorros? Não acha que eles estão aí para receber nosso carinho ao passar, não é? Esses bichos são capazes de rastrear até o que não existe.

Victória achou que fosse morrer. Rezou para que os conselhos de seu sempre instruído acompanhante fossem motivados apenas pela preocupação de superprotegê-la ou por ter visto muitos filmes de ação, mas lamentavelmente pôde comprovar que ele não exagerara nem um pouco. Os exaustivos controles para a entrada na prisão duraram três horas e meia e os funcionários foram incansáveis em seu afã de busca. Tiveram que passar por cinco controles, alguns com cães, o que tornava ainda mais humilhante a revista, e conseguiram levar Victória mais de uma vez à beira da histeria. Ela conseguiu se controlar, mas outros não tiveram tanta resistência e seus nervos lhes pregaram uma boa peça, para diversão dos policiais, que lhes indicavam, com ironia e maus modos, a direção do toalete. Praticamente os obrigavam a se despir para comprovar que não carregavam nada consigo, mesmo que fosse uma caneta ou um pedaço de papel, pois nem isso permitiam que se desse ao interno visitado. Victória teve mais sorte que a mulher à sua frente, obrigada a tirar o sutiã porque na revista um policial apalpou alguma coisa nas hastas da peça íntima e precisava comprovar se podia ser algum material capaz de provocar ferimentos ou droga. No caso dela só pediram que tirasse as meias, que ela, depois da terceira inspeção, resolveu abandonar numa das bandejas de material descartável. Confirmou o desagradável empenho dos policiais em achar alguma coisa, fosse o que fosse, quando foi obrigada a deixar que olhassem o interior de sua boca, os orifícios dos ouvidos e até os olhos. Victória não conseguia acreditar que estava vivendo aquilo e não entendia o absurdo e o exagero daquilo a que estavam sendo submetidos. Mas a impotência e o medo atroz que não a abandonavam desde que subira no ônibus tinham conseguido deixá-la muda. Por mais ofensivas e grosseiras que parecessem as exigências dos policiais, ninguém protestava porque estavam em território perigoso, onde as brincadeiras poderiam sair muito

caro e a situação de inferioridade de todo aquele que não estivesse de uniforme era evidente. Por mais que aqueles homens uniformizados gritassem com eles para que se apressassem em tirar a blusa, as calças ou os sapatos, não podiam fazer nada além de se calar e obedecer.

Foram três horas e meia de intermináveis e incômodas revistas, reconhecimentos e inspeções, até que foram acompanhados a uma sala onde os deixaram esperando durante alguns minutos. Sentiram-se um tanto reconfortados por se acharem num cômodo sem divisórias de vidro para impedir a comunicação direta com sua irmã, podendo abraçá-la e tocá-la sem problemas. Não chegava a ser um lugar agradável, acolhedor, e também ninguém que trabalhava lá parecia se importar com o que parecesse. “Se isto é assim, imagino como serão as celas.” Victória não conseguia deixar de pensar em como devia estar sendo difícil para sua irmã ficar naquele lugar.

O som da chave na fechadura era sinal de que alguém estava para entrar. Era como se o tempo se estendesse, e naquele cômodo parecia não haver ar suficiente para os dois, pois ambos mantinham a respiração suspensa até que viram quem atravessava o umbral daquela porta. Victória sentiu seu sangue congelar ao ver surgir Maria José, vestindo um uniforme cinza, comprido e muito grande para seu tamanho, que a deixava com uma aparência ridícula e fantasmagórica, acentuando sua palidez doentia. Estava ligeiramente inchada, com olheiras profundas, despenteada, andava com dificuldade e parecia prestes a cair no choro. Quando as irmãs ficaram frente a frente, não disseram uma palavra sequer. Enlaçaram-se num abraço emocionado, como se quisessem estreitar o corpo todo uma da outra. Choravam, se beijavam, secavam-se mutuamente as lágrimas, voltavam a se beijar, acariciavam-se no rosto, alisavam-se os cabelos, tocavam-se de maneira nervosa, estreitavam-se tanto que José Antônio se sentiu incomodado. Compreendeu que aquele era um momento muito íntimo, doloroso e cruel para ser compartilhado com outras pessoas, mas não havia nada que ele pudesse fazer a não ser desviar timidamente o olhar para o chão e permitir-lhes alguma privacidade. Era impossível desaparecer, como era difícil manter-se alheio àquela demonstração de amor e carinho entre as irmãs.

— Fizeram alguma coisa a você? Me diga, por favor, fizeram algo a você? — era só o que Victória conseguia dizer ao ouvido da irmã.

Maria José chorava de modo inconsolável e sua inquietação era assustadora. Parecia aterrorizada, o medo estava estampado em seu rosto, e ela não parava de olhar para todos os lados como se algo pudesse acontecer ali naquele cômodo, como se tivesse certeza de que alguém a vigiava para surpreendê-la com qualquer coisa que pudessem usar para martirizar ainda mais sua permanência na prisão.

— Fizeram alguma coisa a você, minha irmã? Diga, por Deus! — insistia Victória ao vê-la naquele estado lamentável, incapaz de parar de gemer e de soluçar. — Responda, por favor.

— Tentaram, mas não conseguiram. Olhe — disse Maria José, mostrando uma de suas unhas, que estava quase arrancada pela raiz. — Eu me defendo com unhas e dentes. Comigo elas não podem. No primeiro dia, vieram para cima de mim, mas eu sou mais forte que todas elas juntas. Você sabe, minha irmã. Não podem comigo. Morro matando.

— Maria José, pelo amor de Deus, me diga se lhe fizeram alguma coisa — insistia

desconsolada Victória.

— Não, não. Não foi nada. Aqui dentro, a pessoa tem que se defender e precisa deixar bem claro desde o começo que tem que ser respeitada. Está vendo esta mão? — perguntou a Victória, mostrando-lhe a mão direita bem aberta. — Pois consegui enchê-la com cabelo de uma que tentou me intimidar. Desde que entrei neste lugar notei que estava de olho em mim, queria me pegar. Ficava me observando o dia todo e esperava que eu ficasse isolada ou sozinha para poder se aproximar e me encurralar. Chegou a fazer isso umas duas vezes, mas consegui me safar. Nem quero pensar em quais eram suas intenções, embora desconfie que quisessem me dar todas juntas uma surra de boas-vindas, como costumam fazer com as recém-chegadas, ou me violentar com sabe Deus qual objeto, como fizeram com outras desgraçadas. Mas até agora tenho sido a mais forte. Bem, você sabe como é meu temperamento. Na verdade, lá fora pode ter me criado alguns problemas, mas aqui dentro tem me ajudado.

— Meu Deus! Mas isso é uma barbaridade. Alguém precisa proteger você. Não podem fazer isso.

Victória estava consciente de que, quanto mais ouvia a irmã, mais nervosa ficava.

— A sacola — disse determinada e friamente Maria José, sem perceber o estado de nervos em que a irmã estava. — Você precisa levar a sacola e entregar tudo o que há nela para Sara e Angel, para que levem tudo à corte. Não devem perder tempo, façam isso sem demora. O tribunal precisa estudar meu caso e tem que compreender que não fiz nada além de cumprir o que determinou a justiça do meu país. Precisam me tirar daqui, não aguento mais, não aguento mais! — gritava, com uma expressão horrível nos olhos, que naquele momento estavam mais saltados que nunca.

— Está bem, está bem. Mas acalme-se. Conte tudo para nós, devagar. Temos tempo. Nos deram quarenta e cinco minutos para ficar com você. Veja, José Antônio veio comigo, para ajudar você.

Maria José se refugiou nos braços do amigo que, com toda a delicadeza possível a seu porte avantajado, tentava lhe transmitir ânimo e apoio. Nesse abraço, ele pôde perceber a extrema magreza de Maria José e também como ela estava fraca e vulnerável.

Depois de uns minutos de muita emoção, os três se sentaram juntos, e durante todo o tempo as irmãs permaneceram de mãos dadas. Victória e José Antônio olharam a sacola que Maria José lhes apontara. Era um saco preto, desses usados para descartar lixo doméstico, no qual ela colocara alguns papéis, galochas de plástico e algo mais que não sabiam o que era, mas pareciam ser papéis escritos.

— Esses papéis contêm minha defesa. Neles explico claramente meu caso e os passos que devem ser seguidos para que me tirem daqui. Não me importo de fazer eu mesma a minha defesa. Até prefiro que seja assim. Sou advogada, e ninguém melhor que eu conhece a selva em que me soltaram para acabar com a minha vida e a da minha filha. Sou inocente. Alguém descaradamente me perseguiu, alguém que quer que eu nunca mais veja minha filhinha, que não viva com ela, não a veja crescer... — fez uma pausa quando estava a ponto de começar a chorar, mas certo nome a fez mudar de atitude e de tom — e tudo isso por causa do maldito do Peter. Ele é o culpado. É ele e não eu que deveria estar nesta situação, ele é quem deveria

estar prestando contas à justiça, que tinha que estar preso. Vocês já sabem tudo o que ele me fez. Assassino, sujeito sujo e cruel — Maria José falava em voz baixa, temendo que a ouvissem, e seu olhar ia e voltava dos interlocutores para o saco que queria que eles levassem. — Não se esqueçam da sacola. Peguem-na, não podem ir sem ela.

— Seu advogado é que terá que ver esses papéis — disse José Antônio.

— Mudei de advogado. Eu o despedi e o denunciei por abandono de caso. Foi visitar os filhos na República Dominicana quando tinha que estar cuidando da minha defesa. Além disso, me recomendou que não me apresentasse à corte de Nova Jersey, o que vocês sabem que eu tinha decidido fazer. Enfim, Sara e Angel arranjaram outro advogado para mim, um pouco mais caro, é verdade, um tal de Alan Lewis, mas ele se encarregará de apresentar o meu *habeas corpus* e de impedir minha extradição para Nova Jersey. E então ficarei livre e vou esquecer este horrível pesadelo. Certamente, também quero que o procurem e mostrem toda a documentação. É muito importante que façam isso, é crucial para o meu futuro. Há uns dois dias falei com papai e ele já fez a transferência dos vinte mil dólares que o advogado me pediu para se encarregar da minha defesa.

— Você despediu Tomás Espinosa? — perguntou Victória atônita, pois não estava acostumada a ver a irmã tão alterada, falando de modo tão atropelado. — Não entendo, ele é muito bom. E barato. Só pediu cinco mil dólares para cuidar do caso. E ele tem licença para advogar em dois estados, Nova York e Nova Jersey.

— Sim, mas não o quero. É como eu disse. Ele se desinteressou do meu caso e, exatamente quando deveria estar trabalhando para me tirar daqui, pegou um avião e foi para o Caribe ver os filhos porque, segundo me disse, fazia muito tempo que não os via. Não gostei disso. Além do mais, também não gostei do médico que chamou para me examinar. Ele é psiquiatra, e pelo que consegui descobrir talvez seja amigo de Peter. Receio que o que ele quer alegar é que estou louca para poder tirar de mim minha filha e me manter na prisão. Não o quero.

José Antônio teve a impressão de que o cansaço e as circunstâncias em que Maria José se encontrava, doente, privada de liberdade e do direito de ver e de estar ao lado da filha, a haviam deixado perturbada. Desconfiava de todo mundo, estava convencida de que a perseguiam e não permitia nenhum argumento que contrariasse os seus próprios.

— E também há os relatórios médicos. E as sentenças dos juízes espanhóis. Para alguma coisa servirá a Convenção de Haia! — Maria José voltava a olhar nervosa para o saco preto, que parecia ter se tornado uma obsessão para ela, e insistia em ficar repetindo as mesmas coisas. — Vocês precisam levar toda essa documentação ao cônsul, para que ele cumpra sua obrigação e apresente isso onde for apropriado. E, evidentemente, devem levá-la também ao novo advogado, para que se informe bem do assunto. Farão isso? Farão isso por mim?

— É claro que faremos — disse Victória tentando acalmá-la. — Mas me diga, estão dando os remédios que você precisa tomar?

— Aqui não me dão nada. Preciso ir ao hospital, de onde nunca devia ter saído. Não estou bem, sangro constantemente, sinto dores nos rins, estou cansada ao extremo e tive nova recaída.

— E o cônsul? Veio ver você? Ficou preocupado? — perguntou Victória, temendo que a

resposta fosse semelhante ao silêncio que o consulado espanhol em Nova York lhes havia dispensado, como não se cansavam de denunciar.

— Falei com alguém de seu escritório, mas o cônsul não me atendeu. Garantiram-me que ele está trabalhando nisso, que está atento, mas preciso fazer esses papéis chegarem até as mãos dele, que vocês os entreguem a ele. Se dedicarem alguns minutos a lê-los, vocês vão entender que o lugar onde eu deveria estar é um hospital e não a prisão. É muito importante que eu possa estar na decisão judiciária de oito de dezembro. Dentro de cinco dias se decidirá o meu futuro. Querem me levar para uma prisão de Nova Jersey, porque é lá que Peter e sua atual companheira, que é policial, têm mais contatos, que poderiam infernizar minha vida. Por isso é extremamente crucial que não se mudem de lá e que no dia oito de dezembro eu saia daqui e seja levada para um hospital a fim de me recuperar — Maria José se voltou para a irmã e agarrou as mãos dela com força, com um sorriso que contrastava com a tristeza estampada em seu rosto. — Mas me conte, como está minha filha? Ela suspeita que a mãe esteja numa cadeia? Pergunta por mim, faz os deveres, estuda, continua tendo aulas de balé, estudando inglês? Não quero que deixe de ter essas aulas, para que quando crescer possa falar inglês e viver neste país a fim de que ela nunca...

Nem chegara a completar a frase, uma oficial entrou na sala para lhes comunicar que terminara o tempo e que os visitantes deviam sair imediatamente. A calma que durante alguns minutos Maria José parecia ter encontrado desapareceu quando ela entendeu que voltaria a ficar só, trancada naquele território hostil, tenebroso e triste.

— Não, não vão embora. Não quero ficar aqui. Não quero, não é justo. Eu não fiz nada. Digam vocês a eles, eu não fiz nada de mau. Quero ficar com minha filha. Por favor, por favor!

Victória não conseguia suportar a expressão, entre a loucura e o terror, que se desenhava no rosto da irmã, como se ela soubesse que ia ficar ali encerrada para sempre enquanto eles partiam. Por isso se abraçou a ela com todas as forças; teria preferido ficar assim até o fim de seus dias, inclusive até trocaria de lugar com ela. Então notou que braços fortes e autoritários a separavam dela para devolvê-la ao frio labirinto de corredores pelos quais transitara três quartos de hora antes. Nenhuma das duas conseguiu evitar de novo as lágrimas e os gritos. Foi José Antônio quem recolheu o saco preto que Maria José tanto insistira que levassem e se encarregou de arrastar Victória até a saída. Entrou em choque ao ver a irmã naquele lugar, tomada por um ataque de pânico, terrivelmente assustada, chorando e pedindo aos gritos que a tirassem de lá, até que sua mente se afastasse da realidade e a deixasse praticamente em estado vegetativo.

José Antônio se encarregou de procurar um ônibus e sentá-la nele, esperando que ela se recuperasse daquela letargia emocional. Sem nem pestanejar, observava como a prisão onde ficava a irmã ia se tornando cada vez menor, quase imperceptível e como, paradoxalmente, a Estátua da Liberdade entrava de modo desalmado em seu campo de visão, erguendo-se, venerável e majestosa, a apenas dezoito quilômetros daquela ilha. Não quis imaginar paralelismo nem coincidências cruéis. Sabia que atrás daqueles muros ficara sua irmã mais velha. O que não podia supor era que aquele dia três de dezembro ficaria registrado em sua memória como a última vez que pôde abraçá-la.

MARIA JOSÉ NÃO ESTAVA MENTINDO QUANDO CONFIOU à irmã que seu gênio forte a salvara de muitas situações de perigo naquele lugar infernal, mas isso não lhe proporcionava nem o mais ínfimo *status* especial dentro da prisão. Quando recebeu a visita de Victória, estava naquele cárcere fazia pouco mais de dez dias, cada um deles uma jornada não vivida. Procurava não sair da cela, mas intuía que sua presença provocava e instigava o sadismo, muito desenvolvido em algumas presas, que só queriam um material novo com o qual brincar e se distrair, uma nova *ricker*, como são chamados os recém-chegados à prisão. Nem em seus piores pesadelos teria conseguido imaginar o que foi sua primeira noite como reclusa em Rikers Island: desagradável, triste e desumana. A escuridão se encarregou de lhe oferecer uma visão ainda mais tenebrosa da situação em que se encontrava e de afundar ainda mais em seu vazio interior, longe de sua doce filhinha, que não via já fazia mais de quatro meses, de seus pais, da família, dos amigos, de sua vida. Chorou até o ponto em que seus olhos cansaram de umedecer o lençol que lhe cobria o corpo; apesar do frio, Maria José se esforçava muito para que sua pele não roçasse diretamente naquele tecido grosseiro que não lhe oferecia muita garantia de limpeza nem de higiene. Não tardou a desenvolver um sentimento de rejeição absoluta motivada pelo incontrolável asco doentio que lhe provocava tudo o que ia encontrando naquele lugar, fosse comida, roupa, pentes, sapatos, sabão, copos, meias, talheres, inclusive a água, que tinha certo sabor metálico, aparência pouco saudável e estava sempre assustadoramente tão suja que lhe dava repugnância a ponto de provocar ânsia de vômito, que ela nem sempre conseguia reprimir. Num primeiro momento ficou aliviada ao observar que o pessoal da segurança, durante as revistas, usava luvas brancas, de um material bem parecido com o látex, embora mais tarde viesse a saber que há muitas maneiras de revistar um prisioneiro sem que o oficial encoste nele um só centímetro de sua pele. Seu habitual otimismo de nada lhe serviu naquele lugar, pois era abafado pelos maus augúrios constantemente produzidos por sua mente.

A primeira noite, assim como o resto das madrugadas que se seguiram, foi repleta de ruídos desagradáveis, desconhecidos, intimidantes, que conseguiam assustá-la e não lhe permitiam nenhuma possibilidade de descanso. Qualquer ruído, qualquer som indecifrável significava um novo sobressalto para seus sentidos, que eram obrigados a permanecer em constante estado de alerta diante do que supunham ser uma ameaça iminente. Esses estranhos ruídos sibilinos lhe alimentavam a imaginação, que acabava desenvolvendo sua parte mais obscura e macabra.

Um dos sons que mais lhe custou distinguir foi o ruído dos aviões que aterrissavam ou decolavam do Aeroporto de La Guardia, que estava a uma distância relativamente pequena de Rikers Island. Mais tarde soube, graças à informação fornecida por uma das presas, que o aeroporto havia contribuído com seu grãozinho de areia para a lenda da Terra das Trevas, como é conhecida por muitos a Rikers Island. No dia primeiro de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e sete, um avião que estava pronto para decolar no Aeroporto de La Guardia

sofreu um grave acidente. Segundo fontes que fizeram a investigação, o desastre aéreo foi ocasionado pela pouca visibilidade e pelo péssimo estado da pista, por causa da neve e das condições meteorológicas adversas. Morreram vinte pessoas e sobreviveram oitenta e uma, graças à ajuda desinteressada de cinquenta presos da ilha e de alguns funcionários da prisão que não hesitaram em prestar socorro aos feridos. Alguns prisioneiros foram considerados heróis, por isso as autoridades acharam conveniente abrandar a pena de vários deles.

Mas nem todas as histórias tecidas à sombra daquela ilha tiveram um fim aberto à esperança. Cinquenta e três anos antes, em quinze de junho de mil novecentos e quatro, outro desastre, dessa vez marítimo, semeou de morte e consternação as águas que circundavam aquela ilha. O barco de passageiros *General Slocum*, que costumava excursionar pelas águas do litoral nova-iorquino, foi vitimado por um espetacular incêndio. Entre mil e mil e quatrocentas pessoas, na maioria mulheres e crianças, morreram na embarcação devido à impossibilidade de serem socorridas a tempo. Antes do atentado contra as Torres Gêmeas em onze de setembro de dois mil e um, o incêndio e posterior naufrágio do *General Slocum*, cujo nome é uma homenagem ao oficial da Guerra Civil e congressista americano Henry Warner Slocum, era o desastre com o maior número de vítimas na cidade de Nova York. Aconteceu logo ao amanhecer. Naquela quarta-feira de junho, a maioria dos fiéis da igreja luterana de Saint Mark, em Manhattan, que pertencia ao distrito então conhecido como Little Germany, embarcava no *General Slocum* para passar o dia celebrando uma festividade religiosa, como faziam habitualmente havia dezessete anos. Vinte minutos após deixarem o porto, quando todos agitavam suas bandeiras coloridas e acenavam se despedindo daqueles que haviam ficado, o barco se incendiou. O primeiro sinal foi dado pelas colunas de fumaça vistas por parte dos passageiros e por eventuais testemunhas oculares que observavam de terra a passagem do barco. Aparentemente a tragédia foi provocada pelo armazenamento de produtos inflamáveis e sua manipulação incorreta por algum trabalhador. A tripulação, qualificada de inexperiente pela justiça, não achou que fosse importante comunicar o fato ao capitão. Quando ele se deu conta do que estava ocorrendo com seu barco, decidiu, numa tentativa desesperada que acabou sendo mortal, imprimir maior potência à nave, o que condenou à morte a maioria dos passageiros, que foram devorados pelas chamas. As precárias medidas de segurança não funcionaram: os botes salva-vidas estavam inacessíveis, tendo muitos deles sido engolidos pelas chamas, as mangueiras de água explodiram ao ser pressionadas e os coletes salva-vidas de nada serviram, o que foi comprovado pelas mães, que num ato de desespero e para evitar que os filhos fossem devorados pelas chamas vestiram neles os coletes e os jogaram ao mar, contemplando em seguida, horrorizadas, como seus corpos eram tragados pela água, porque os coletes eram de um material que, em vez de permitir que eles flutuassem, os levavam mais rapidamente para o fundo. Algumas pessoas que observavam de terra o dantesco espetáculo chamaram a polícia e os bombeiros, mas eles pouco puderam fazer. Em questão de minutos, dezenas de corpos sem vida foram arrastados até as margens da ilha, e alguns deles chegaram até a Rikers Island. O barco encalhou nas costas da ilha North Brother, perto de um hospital cujos profissionais e alguns pacientes ali internados contribuíram para o resgate dos sobreviventes.

O capitão Van Shaich foi condenado pela justiça a dez anos de prisão, embora depois de quatro anos tenha recebido o indulto governamental por decisão do presidente Taft. O jornal *The New York Times* publicou muitas histórias relacionadas com aquele dia azarado. Uma delas contava como dois presos de Rikers Island, John Merther e Dan Casey, juntamente com o médico que no momento do acidente estava com eles, o doutor Nathan, dentro de suas possibilidades, ajudaram os sobreviventes e trabalharam no resgate dos corpos sem vida que iam chegando à margem.

Essa e muitas outras histórias que tinham como protagonistas presos de Rikers Island corriam de boca em boca entre os encarcerados e acabou chegando aos ouvidos de Maria José. Curiosamente, a última sobrevivente do *General Slocum*, Adella Liebenow Wotherspoon, morreu aos cem anos de idade, em janeiro de dois mil e quatro. Exatamente quando a vida de Maria José estava a ponto de explodir e afundar cada vez mais.

Essas não foram as únicas histórias que surpreenderam a valenciana na prisão. Desde que lá chegara, a provocação havia sido permanente. Ela teve oportunidade de ver e ouvir como as coisas se passavam ali dentro. Entre seus muros, do mesmo modo que nas outras prisões que existem na ilha, repetiam-se episódios de violência protagonizados pelos guardas ou pelos próprios presos, muitas vezes instigados pelos oficiais que estavam no comando. Não demoravam a chegar aos ouvidos de Maria José os suspeitos casos de suicídios de presas, que apareciam enforcadas nas grades da cela, ou as contínuas denúncias de maus-tratos físicos e psíquicos infligidos aos presos por alguns carcereiros. Um dos fatos mais comentados foi o que teve como protagonista um guarda acusado de manipular sua folha de ponto para que seus turnos não coincidisse com as horas em que ele havia cometido ações brutais contra os presos, como estupros e surras. Os presos se atreveram a denunciar os fatos a seus advogados, que puderam provar que o funcionário falsificara sua folha de ponto para encobrir os delitos.

Não era algo habitual, mas às vezes chegavam notícias de oficiais que haviam sido detidos por receber dinheiro em troca de passar droga ou facilitar a fuga de algum preso, coisa muito comum em Rikers Island. Ao longo da história dessa ilha muito poucos presos tentaram fugir, e aqueles que o fizeram logo depois foram capturados, como Israel Vargas, que em maio de mil novecentos e noventa e oito conseguiu se safar dos guardas, embora sua aventura só tenha durado vinte horas. Devido às fortes medidas de segurança e por se tratar de uma colônia penal localizada numa ilha, qualquer tentativa de sair das instalações era rapidamente abortada. O caso mais divertido que circulava entre os presos teve como personagem principal Carlos Zufriatequi, que em junho de dois mil e um conseguiu fugir da prisão. Durante quatro dias, mais de duzentas pessoas ficaram procurando-o nas vinte e quatro horas do dia. A intensa busca para localizar o fugitivo coincidiu com a inoportuna exibição de um nadador, que alheio a tudo o que se passava iniciou seu compromisso de nadar em um trecho do East River para arrecadar dinheiro em prol de crianças com Síndrome de Down. O atleta achava que aqueles homens que se empenhavam em lhe fazer sinais com os braços e se esgoelavam gritando palavras indecifráveis, convencidos de que ele era o preso que fugira, fosse um grupo de fãs que queriam incentivá-lo a prosseguir em seu admirável e desinteressado desafio. Quando afinal alguns policiais detiveram o nadador, foi enorme sua decepção. De Carlos

Zufriatequi, não se achou nem rastro.

Embora contra a sua vontade, Maria José, não conseguia ignorar o barulho que provinha das outras celas próximas à sua, que durante horas se enchiam de gritos surdos e gemidos de dor de inquilinas que no dia seguinte saíam com o rosto quase desfigurado, sobrancelhas partidas, nariz quebrado, faces deformadas, lábios rachados e arroxeados, olhos completamente fechados devido aos golpes, restos de sangue que saíam das cavidades auditivas e nasais, muitas delas com braços quebrados ou andando de um modo que denotava uma violência brutal. “Evite que um dos guardas entre em sua cela à meia-noite. Coisas horríveis podem acontecer. E você terá sorte se sair com vida. E lembre-se de que não adiantará nada gritar, entre outras coisas porque a impedirão de fazer isso de muitas e inimagináveis maneiras. Bem-vinda a Gotham City, espanholinha.” Maria José já percebera que algumas presas gostavam de aterrorizá-la com esse tipo de comentário e de ameaças, mas sabia que muito daquilo que diziam era verdade. Talvez porque elas mesmas tivessem passado por isso e soubessem perfeitamente do que estavam falando. De fato, podia-se notar uma diferença enorme entre as presas recém-chegadas e as veteranas, já curtidas em mil lutas, que falavam de golpes, violações, torturas, castigos e vinganças com uma naturalidade que surpreendia e causava mal-estar.

As conversas com as presas giravam em torno de vários assuntos, mas elas sempre acabavam falando da vida naquele lugar. Muitas delas tinham parceiros nas prisões masculinas, e algumas até filhos nas instituições reformatórias da ilha. Nesse caso, a preocupação crescia cada vez que sabiam de um jovem que aparecia morto em uma cela, porque embora a versão oficial falasse em suicídio ou acidente as mães sabiam que havia muitas possibilidades de que esses menores tivessem perecido como muitos outros, vítimas da violência dos guardas ou inclusive mortos pelas mãos de outros menores, que obrigados por esses mesmos guardas batiam neles até matá-los, se não quisessem ter o mesmo destino.

— Não faz muito tempo — confiava a Maria José uma das presas de pior reputação em toda a prisão —, acusaram o capitão de um reformatório de abusar sexualmente dos menores. Sabe como esse filho de uma cadela se divertia? Obrigava os garotos a se despir, humilhava-os de todo jeito que você possa imaginar, tanto fazia se era um menino de catorze anos ou de dezesseis, e tenho certeza de que para ele daria no mesmo se tivesse só dois. E quando os garotos já não aguentavam mais e ficavam sem voz de tanto pedir e implorar que parasse e os deixasse ir embora, e quando muitos deles, de medo, dor e sofrimento acabavam mijando e cagando como animais diante de todo mundo, para divertir o capitão e seus guardas, ele então os fazia ficar em diferentes posições e abusava deles. E entre eles havia meninos que estavam lá por causa de uma briga, ou por ter transado com alguma garota também menor de idade ou por roubar um pacote de biscoitos. Muitos deles não conseguiam resistir e preferiam pôr fim a esse pesadelo horroroso acabando com a própria vida — os olhos da prisioneira já estavam cheios de lágrimas, o que levava Maria José a supor que ela devia ter algum tipo de vínculo familiar com um desses meninos. — E se ele fazia isso com os meninos, imagine o que eles

poderão fazer com a gente ou com os homens. E não pense que esses filhos da puta são condenados como merecem. Há uns três anos, a pena imposta a um desses guardas foi o pagamento de vinte e cinco mil dólares e quando muito cinco anos à sombra. Não acredito que tenha cumprido nem a metade. É isso que custa acabar com a vida de um menino — a presa tentou acalmar seu nervosismo dando uma profunda tragada no cigarro que tinha nas mãos enquanto contava sua história. Quando terminou, soltou a fumaça lentamente e olhou para Maria José. — Sinto por você, que veio parar no pior lugar do mundo. Agora entendo o que meu pai sempre dizia quando eu era pequena: “A Rikers Island é o segredo mais sujo da cidade mais rica do mundo”. Naquela época eu não entendia. Agora poderia dar aula. Reze para que essa sujeira não manche você, bela, porque do contrário você vai entrar num túnel de merda de onde não conseguirá mais sair.

— E além disso, espanhola, você tem um problema — disse uma das presas negras que mais se envolvia em conflitos. — Sua cor branca, que aqui dentro chama muito mais atenção do que a nossa, pois temos a pele assim escura por tudo o que os da sua raça nos fizeram trabalhar debaixo do sol para que não lhes faltasse nada. Assim, do nosso jeito, aqui há alguma justiça com a cor da pele. E você não sabe o modo que nós negros gritamos — fez uma pausa enquanto aproximava os lábios grossos do rosto de Maria José —, bem diferente dos brancos. Talvez você tenha oportunidade de comprovar isso.

— Eu não fiz nada. Não tenho por que estar aqui. Houve um erro. Não tem nada a ver comigo — tentava se justificar Maria José.

— Claro. Como todas nós. Aqui somos todas santas, por isso nos trancafiaram neste palácio acolhedor — zombava uma presa. — Por que não explica isso a eles e pede que tirem você daqui? — perguntava em tom de gracejo. — Vocês cometeram um erro! Colocaram entre nós alguém que não fez nada!

— Deixe ela em paz. Não vê que já está muito assustada? Além disso, que culpa tem ela dessas coisas que você está dizendo? — disse outra das prisioneiras, uma mexicana de nascimento que havia mais de seis anos vivia no Bronx, aonde chegou para se instalar com a família, e com quem Maria José tinha mais proximidade, embora nesses poucos dias de prisão não tivesse conseguido fazer nenhuma amizade. — Não ligue. Além do mais, você pode achar difícil de acreditar, mas neste lugar horrível também temos momentos divertidos. Você é espanhola, não é mesmo? Não era de lá aquele pintor chamado Dalia?

— Dalí — disse Maria José, sorrindo. — Acho que você está se referindo a Dalí. É um dos mais famosos e valorizados pintores do mundo. Não vai me dizer que ele também esteve nesta prisão, não é?

— Pois não veio aqui por pouco. Se livrou de entrar aqui nesta pocilga por causa de um resfriado de sua mulher, o que obrigou eles a ficarem no hotel. Tinha sido convidado para fazer uma palestra sobre pintura para os presos de Rikers Island em sessenta e cinco, e como não pôde vir teve a ideia de fazer a lápis um de seus desenhos — o caso logo atraiu outras presas, que já conheciam a história e estavam se divertindo com o modo que a mexicana o contava. — Acho que foi um Cristo que ele desenhou, e um dos dirigentes disto aqui, que entendia do assunto, decidiu que o melhor lugar para pendurar um Dalí seria no refeitório dos

presos. Contam que tudo caía em cima do coitado do quadro: ketchup, café, só não atiraram mais coisas porque tiraram o quadro dali e levaram para outro lugar. Em oitenta e um, resolveram colocar na entrada da prisão para ter quem cuidasse dele as vinte e quatro horas do dia, já que sempre tinha guardas no local. E o que aconteceu? — perguntou divertida à atenta plateia feminina que a olhava interessada, como toda vez que relatava aquela história de Dalí.

— A polaroide! A polaroide! — gritavam as presas.

— É mesmo. A máquina fotográfica. E não é que um dos guardas que cuidam de nosso bem-estar e da nossa segurança gostou do quadro? E ele conseguiu convencer outro, que por sua vez convenceria um terceiro, de que a arte é universal e para todo mundo, então decidiram que eram eles que deviam ficar com aquele quadro, sem ter que dividir com uma escória como a gente. Por isso, compraram uma polaroide, achando que se o fotografassem poderiam facilmente fazer uma cópia. Mas como a primeira foto ficou escura, tiveram que fazer uma segunda. E os guardas acabaram se transformando em artistas, conseguiram até copiar as manchas do famoso quadro do Dalí. Na verdade, ficaram um pouco mais escuras, mas não tinha importância. Quem ia notar? Dias depois começou a operação de traslado. Começaram variando os turnos, para que se pudesse fazer a mudança com o disparo do alarme de incêndio, para desviar a atenção do quadro. E conseguiram. Um deles levou o Dalí autêntico para casa. Mas acabaram descobrindo.

— Por quê? — o agito entre as presas era cada vez maior.

— Porque até para roubar é preciso ser profissional. E aqueles três guardas passavam o dia discutindo sobre os enormes erros cometidos e que parte do negócio cabia a cada um. Enfim, quando pegaram eles e levaram a julgamento, um deles confessou que ficou tão nervoso por ter debaixo do seu teto tal joia que o destruiu. Picou a tela em pedacinhos. Vocês acreditam?

Foi uma das poucas vezes que Maria José sorriu dentro da prisão de Rikers Island.

A decisão judicial de oito de dezembro estava próxima. Faltavam só dois dias e Maria José passava a maior parte do tempo em sua cela, quase sem falar com ninguém, esquecendo-se de comer e de dormir, escrevendo sua defesa e tentando manter um contato telefônico suficientemente fluido com seu advogado e a irmã, que lhe assegurava que estava fazendo tudo o que podia para tentar tirá-la daquele lugar horrível. Estava convencida de que só ia ficar mais algumas horas naquela cela, da qual não saía havia três ou quatro dias, a não ser que os guardas lhe ordenassem. Sentia-se mais tranquila em seu catre, onde podia pensar em seu caso sem que ninguém a incomodasse, exceção feita a algumas presas mais antigas, das quais, pelo menos no momento, ela conseguira se livrar. Além disso, sua companheira de cela, uma mulher grande de origem porto-riquenha e mãe de quatro filhos, que estava à espera de julgamento por ter matado seu marido, embora segundo ela tivesse sido legítima defesa, parecia ter conquistado a confiança e o respeito das demais, o que fazia Maria José se sentir um pouco mais protegida. E foi ela quem numa conversa disse algo que deixou a valenciana inquieta.

— Tomara que você não esteja mais aqui, mas no Natal, embora seja difícil de acreditar, as presas têm uma folga. Desde noventa e nove permitem que a gente organize uma festa para nossos filhos, e você tinha que nos ver, as cento e cinquenta mães mães com os filhos espalhados pelo chão, brincando com eles, comendo cachorro-quente, frango frito, tortas de vários sabores e cores, todo tipo de doce e chocolate. Inclusive oferecem transporte para levar muitos deles até a ilha, porque a viagem para cá é muito cara e nem todos os familiares de presos têm dinheiro para isso. É um dia inesquecível. O ruim é quando termina. Eu mesma às vezes duvido que compense, porque as crianças começam a chorar quando são separadas das mães, perguntando quando vão voltar para casa, por que não podem ficar, que com o pai não é a mesma coisa... enfim, a separação é um drama. Depois a gente fica fodida durante um mês por se lembrar do filho chorando sem consolo. Mas é bom... passar um dia com eles ajuda a suportar tudo isso.

— Não vou estar aqui no Natal. Na sexta-feira vão me tirar deste lugar. Meus advogados estão trabalhando para resolver o mal-entendido. É verdade, acredite em mim. Eu não fiz nada. É verdade. Me acusam de ter sequestrado minha filha, quando tudo o que fiz foi cuidar dela desde que nasceu. É tudo culpa de meu marido, que além do mais me envenenou durante anos para se livrar de mim. Você tem que acreditar.

A outra só assentia com a cabeça e exibia um largo sorriso, o que aumentava ainda mais suas enormes bochechas, diminuindo os olhos pretos e vivos que iluminavam seu rosto. Aquela careta queria dar a entender certa cumplicidade, mas Maria José entendeu que sua companheira de cela não estava acreditando nela. Mas tanto fazia, pois dentro daquela prisão realmente não importava se a pessoa havia ou não cometido o delito pelo qual estava ali, e sim sentir-se apoiada. No entanto, ela estava segura do que afirmava. Estava convencida de que em algumas horas sairia daquela prisão e não teria mais que justificar sua inocência para ninguém. Do contrário, não conseguiria suportar.

23

NÃO FOI FÁCIL PARA VICTÓRIA TIRAR DA CABEÇA aquela imagem da irmã que ela nunca vira. Fraca, nervosa, perturbada e a ponto de sofrer um colapso mental e físico. Sem dúvida José Antônio contribuía para que certa, embora artificial, normalidade voltasse a tomar conta da realidade em que ambos se encontravam.

— Temos que procurar o novo advogado de sua irmã e ter certeza de que ele tem todos os dados do caso e a documentação necessária para que possa apresentar o recurso o quanto antes. Faltam quatro dias para o julgamento de sua irmã, e tudo deve estar de acordo com os tribunais. Agora não podemos nos permitir o luxo de desistir e ficar lamentando. Foi muito

duro ver sua irmã daquele jeito. Mas temos que continuar.

Quando chegaram ao escritório do novo advogado, a quem os pais de Maria José já haviam mandado os vinte mil dólares pedidos só para que se encarregasse do caso de sua filha, depararam com a desagradável surpresa de que o tal Alan Lewis nem havia dado início às pesquisas jurídicas. Nem conhecia o caso de Maria José, já que foram eles que tiveram que inteirá-lo da situação, e ele nem mesmo havia apresentado nenhuma documentação à corte, a poucos dias de vencer o prazo legal para a entrada do recurso que possibilitaria que Maria José saísse da prisão. Victória se enfureceu, insultou-o, chamou-o de estelionatário, acusou-o de conduta duvidosa por ter aceitado o dinheiro que exigira sem tomar uma atitude sequer para conseguir que sua irmã recuperasse a liberdade. Aquilo significava que ela não teria nenhuma possibilidade de abandonar aquele nefasto lugar que pouco antes tivera oportunidade de conhecer. José Antônio, reunindo todo o seu controle, decidiu tomar Victória pelo braço e tirá-la do escritório, enquanto dizia ao advogado em um inglês perfeito que voltariam em alguns minutos com mais documentação. Já no corredor, conseguiu romper a camada de frieza que até aquele momento tomara conta dele.

— Victória, por Deus! O que você está fazendo? Quer, por favor, se comportar? Nem sequer sabemos qual é a situação do caso de sua irmã. Será melhor que deixe para estourar mais adiante, quando conseguirmos tirar sua irmã daquele lugar — disse ele, indignado.

— O que estou fazendo? O que ele está fazendo, pergunto? Esse filho de Satanás está ignorando minha irmã, não sabe nada dela e não se importa, nem se deu o trabalho de saber que em quatro dias vão levá-la à justiça para decidir o que fazer com sua vida. E o que ele faz? Se entope de café e fica alisando a gravata para que não enrugue. O que vou fazer é enrugar a cara desse desgraçado — Victória terminou a frase enquanto se dispunha a voltar ao escritório do advogado, mas seu acompanhante a impediu.

— Antes que você enrugue algo, me escute. Eu a entendo perfeitamente. Sei que isso está sendo muito duro para você, deve ser a pior experiência de sua vida. Sei disso e entendo. Mas um de nós dois tem que manter a cabeça fria ou colocaremos tudo a perder — suas palavras conseguiram pelo menos que Victória refreasse o ímpeto de abrir a porta do escritório do advogado e acertar-lhe um par de socos, que é o que seu impulso a levaria a fazer. — Olhe, meu pai era jornalista, e desde pequeno sei que informação é poder. Essa criatura indesejável que está aí dentro não apresentou nenhum recurso, nem há mais tempo para isso, porque simplesmente o advogado anterior de sua irmã, Tomás Espinosa, é quem tem que refutar na justiça a condenação. O que precisamos fazer é conseguir com esse energúmeno que está aí dentro o telefone de Tomás Espinosa, para localizá-lo e pedir-lhe que entre com o recurso. Então, só então, você poderá voltar aqui e matá-lo, esbofeteá-lo, jogá-lo pela janela ou fazer com ele o que lhe der na cabeça. Está me entendendo? — perguntou com calma, no mesmo tom paternal de quem lê uma história para uma criança, enquanto extraía da máquina um café expresso, que entregou a Victória. — E agora quero que tome estas duas aspirinas, que vão fazer muito bem para a dor de cabeça que você certamente está sentindo agora.

— Você tem razão, José. Tem toda a razão. É que estou muito nervosa. Como é possível que alguém se aproveite de uma situação assim? Não entendo você — disse, ao engolir com um

gole de café os dois comprimidos brancos que o amigo lhe dera. — Simplesmente não o entendo. Como sabe que estou com dor de cabeça?

Aqueles dois comprimidos que José Antônio lhe oferecera como remédio para dor de cabeça, coisa nada difícil de deduzir depois do destemperado que ela havia mostrado minutos antes, não eram realmente duas simples e inocentes aspirinas, e sim dois tranquilizantes de três miligramas, que sem dúvida fizeram efeito. Sua companheira de fadiga não só ficou calma e conciliadora durante o segundo encontro com o novo advogado, que minutos antes ela estava decidida a esbofetear, como inclusive, quando a reunião chegou ao fim e eles já haviam conseguido o número do telefone que queriam, despediu-se do advogado com quatro beijinhos, cumulando-o de todo tipo de agradecimento, graças aos dois tranquilizantes que tomara. Mais de uma vez José Antônio teve que conter um sorriso.

* * *

O encontro com Tomás Espinosa foi o mais animador e cordial possível. Tratava-se de um homem sério, correto e leal, que concordou em acompanhá-los ao fórum para apresentar o recurso ao juiz, embora tivesse sido despedido por sua cliente, que ainda o havia denunciado por abandono de causa. Depois de manter com ele uma longa conversa, José Antônio teve a impressão de que aquele homem teria sido um bom advogado para Maria José. Dominava perfeitamente o inglês e o espanhol, tinha licença para atuar tanto em Nova York como em Nova Jersey, não parecia intimidar-se diante de ninguém, por isso para ele tanto fazia enfrentar um prefeito, um senador ou um marido que denuncia a mulher pelo sequestro da filha aproveitando uma inocente viagem da esposa a sua terra natal. E ia cobrar por tudo pouco mais de cinco mil dólares, assegurando a Maria José que não a extraditariam para Nova Jersey como ela temia. Pareceu-lhes um personagem curioso. Um tanto corcunda, mas de aspecto bonachão e em quem José Antônio encontrou um novo atrativo ao descobrir que ele era o único sobrevivente da revolução dominicana de mil novecentos e setenta e um. Ao se despedirem com um aperto de mão, agradeceram-lhe mais uma vez por não os ter desamparado na hora de apresentar o recurso.

— Acho que Maria José se enganou ao prescindir de seus serviços — confessou-lhe José Antônio.

— Tomara que não seja assim. De todo modo, ela está muito nervosa, realmente obcecada para se defender sozinha, e isso pode atrapalhar, já que o processo não é bem-visto por alguns juízes deste país. Eu acredito na inocência, mas digam para ela controlar seus ímpetos e sobretudo confiar inteiramente em seu advogado, seja ele quem for. Desejo muita sorte a vocês.

Mal haviam chegado ao hotel na Broadway para descansar um pouco, o celular de Victória tocou. Era um número desconhecido, mas mesmo assim ela atendeu. A voz era de um estranho, que falava em espanhol. “Vá embora deste país imediatamente ou jamais poderá sair daqui. Vamos matar você. Sabemos onde está vivendo. Você é igual a sua irmã e acabará como ela, na prisão.” O interlocutor anônimo desligou, e Victória ficou paralisada.

— Acabo de ser ameaçada. Me disseram para ir embora ou me matarão — disse, olhando ao seu redor.

— Sabe quem era? Conseguiu reconhecer a voz? — perguntou José Antônio.

— Não tenho nem ideia. Não sei quem era. Era só o que me faltava! Mas que gentalha! Não basta terem trancado minha irmã na prisão, querem fazer o mesmo comigo. Que gente asquerosa...

— Bom, bom. Tranquelize-se. É melhor não levarmos isso muito a sério. Com certeza só querem intimidá-la, deixar você nervosa, tirá-la do normal.

— Pois estão conseguindo.

No dia seguinte, quiseram cumprir outro dos pedidos da irmã feitos na prisão e foram até a casa de Sara e Angel para buscar alguns pertences dela, inclusive o celular, que ela insistira para que o pegassem. Tocaram a campainha mas não houve resposta. Insistiram mais uma ou duas vezes. Ninguém atendia. Victória teve a impressão de que ouvira ruídos na casa. Achou que talvez não quisessem atendê-los, mas por quê? “Isso seria um absurdo. Eles são amigos de minha irmã. Mas talvez estejam recebendo as mesmas ameaças que eu e estejam aterrorizados. Além disso, eles vivem aqui, e as coisas podem se complicar para eles. Meu Deus! Por que não nos deixam em paz? Por que não se esquecem de nós? Até onde estarão dispostos a chegar?”

As ameaças se repetiram e eram cada vez mais constantes. “Não queremos sequestradores de crianças aqui. Volte de onde você veio. Vamos atrás de você. Vamos matar você.” Os telefonemas feitos de números estranhos não paravam nem à noite, e Victória atendia por achar que podia ser sua irmã. “Vão condená-la a até quarenta anos de cárcere se você não subir num avião, por cumplicidade em sequestro. Maldita espanhola delinquente!” Não conseguia se esquecer de quando fora detida, por ocasião da última viagem, e de como estivera perto do que haviam feito com sua irmã. “Já estamos bem próximos. Desista de voltar a ver seus pais. Você está morta.” Ela tinha certeza de que os autores dessas ameaças pertenciam ao círculo de conhecidos de sua irmã, assim como não tinha nenhuma dúvida de quem era Peter quem estava por trás de todas aquelas coações e insultos. “Sua irmã vai morrer na prisão, e com você isso pode até acontecer antes. Vocês são umas assassinas. Devolvam a menina ao pai ou irão pagar caro por isso.”

Victória ia ficando cada vez mais nervosa até que situação se tornou insustentável quando, além dos telefonemas, passaram a deixar mensagens ameaçadoras no hotel em que estavam hospedados. Victória decidiu pedir ajuda ao consulado espanhol em Nova York, mas não obteve a resposta que esperava. Disseram-lhe que se sentiam incapazes de oferecer-lhe a proteção solicitada e lhe recomendaram que tivesse cuidado e não se metesse em problemas, e ao mesmo tempo insistiam em que abandonasse o país o mais depressa possível.

Decidiram adiantar a viagem de volta à Espanha. Faltavam só dois dias para o julgamento

do caso de Maria José, mas eles não podiam continuar ali por mais tempo. Victória estava francamente aterrorizada e José Antônio sabia disso. Entendeu que sua estada nos Estados Unidos podia acarretar mais desgosto a sua família e inclusive complicar ainda mais o caso de sua irmã, por isso não houve mais o que fazer senão apressar sua volta a Valência. Pediu ao consulado espanhol que alguém estivesse presente ao julgamento sobre o processo de Maria José, que não a deixassem só, que houvesse uma representação oficial de seu país para cuidar de seus direitos e de seu bem-estar e mantivessem sua família informada. Eles lhe garantiram que seria assim.

Não levaram muito tempo para juntar suas coisas e comunicar ao hotel que deixariam o quarto antes do previsto. José Antônio olhou para o relógio.

— Ainda temos tempo para dar uma volta e tomar um pouco de ar. No caminho podemos comprar algum presente, uma lembrança de Nova York — propôs, certo de que sua sugestão seria bem recebida.

— Lembrança desta cidade? Não, obrigada — respondeu Victória. — Já estou levando muitas, algumas inclusive no celular, com insultos e tudo. Não acredito que eu volte para cá algum dia. E também não preciso de nada que me faça lembrar o que passei nesta cidade. Não gosto dela. Me deixa de cabelo em pé. É odiosa. A verdade é que não sei o que veem nela.

— Pare com isso, vamos, você gosta de dramatizar — disse José Antônio compreensivo. — Tenho seis filhos, e se não levar para eles algo daqui não vão me deixar entrar em casa. Posso até comprar uma coisa para você, não sei, um gorro, uma camiseta...

— De uma camisa de força é que vou precisar se permanecer muito mais tempo aqui.

Pelo telefone, Victória continuava recebendo ameaças e insultos que não pararam até que o avião decolou e ela desligou o celular. Respirou fundo enquanto esfregava os olhos, como se com isso quisesse apagar tudo o que sua retina fora armazenando desde sua chegada àquele país, coisas com relação às quais foi desenvolvendo uma antipatia que se podia perceber em seus comentários ácidos. Era lógico, levando-se em conta o pesadelo que estava vivendo toda a sua família. Não foram os três cigarros que consumira antes de embarcar que a haviam tranquilizado um pouco, mas as artimanhas usadas por José Antônio para que pudesse fumá-los, embora ele na verdade estivesse só tentando diminuir a tensão acumulada nos últimos dias. Em três ocasiões, entre risos e receios, driblaram o controle alfandegário só para ingerir a dose de nicotina correspondente.

Procurou se acomodar em seu assento na classe executiva, enquanto seu acompanhante fazia grandes esforços para que sua bagagem de mão coubesse no compartimento próprio acima das poltronas, para evitar colocá-la a seus pés durante a viagem, o que seria bastante incômodo, já que se tratava de oito horas de voo. Victória, ligeiramente recostada em sua poltrona, passou os olhos pelo interior do avião, observando sem interesse as pessoas que iam ocupando seus assentos. Entretinha-se tentando adivinhar quem teria nacionalidade espanhola e quais seriam americanos. Não que isso a divertisse, mas servia para distraí-la, evitando que pensasse na irmã. Ao ver duas pessoas, um homem e uma mulher, que ela identificou instantaneamente, ela se ajeitou e ficou de olhos bem abertos.

— José Antônio — chamou o amigo, puxando-o pelo paletó. — Veja quem está neste avião.

— Muita gente, Victória. Não achou que fôssemos os únicos passageiros, não é? — respondeu ele, sem sequer olhá-la, enquanto ajeitava o último volume que faltava. — E veja, todos estão usando gorro, menos você, que não quis aceitar o meu presente. A verdade é que quando você encasqueta...

— Deixe disso e me ouça. E olhe bem ali, na primeira classe, do lado esquerdo. Está vendo quem são? — Esperou que ele olhasse e continuou: — José Maria Aznar e sua mulher, Ana Botella. José, sabe o que isso significa?

— Que vão ter mais comodidade que nós, poderão escolher o filme que quiserem ver e não o que exibem para o resto dos passageiros, assim como uma comida melhor? — respondeu, sem saber a que Victória se referia.

— Faça-me o favor — disse Victória em tom de repreensão, já que o amigo fazia ironia em vez de procurar entendê-la. — Eles podem nos ajudar. Ele foi presidente da Espanha e sempre manteve excelente relacionamento com George W. Bush. Não está entendendo? — Victória fez menção de se levantar, dizendo: — Vou falar com eles. Tenho que lhes contar o que aconteceu com minha irmã, e eles com certeza vão nos ajudar...

— Mas... aonde você vai? — José Antônio a deteve, segurando-a pelo braço. — Como vai se apresentar diante deles sem mais nem menos? Vão pensar que você está louca ou vai incomodá-los, sabe-se lá o que pode lhes passar pela cabeça, deles e dos guarda-costas. Essas coisas não são feitas assim. Venha, sente-se — José Antônio esperou que Victória se sentasse de novo e, quando viu que ela estava prestando atenção, disse: — O melhor é que você escreva um bilhete, e vamos fazer que chegue até eles. Será menos agressivo, para eles e para você.

Victória não estava muito convencida do que o amigo lhe dizia, mas decidiu seguir sua sugestão. Tirou apressadamente uma folha e uma caneta do bolso, abaixou a bandeja à sua frente e começou a escrever:

Sou uma passageira deste avião e estou sentada algumas fileiras atrás. Gostaria de poder falar com os senhores durante uns minutos. Não vou incomodá-los muito. O assunto se relaciona a minha irmã, que está detida em Nova York devido a um conflito de jurisdições. Talvez os senhores possam me ajudar. Obrigada e desculpem-me o incômodo.

— E o que faço agora? — perguntou Victória, meio agitada, vendo naquelas pessoas um sinal de esperança. — Vou entregá-lo eu mesma ou mando por um delegado de bordo?

— Mandar por quem? — José Antônio custou para entender o que a amiga queria dizer. — Ah, você quer dizer por um comissário de bordo.

— Tanto faz como se chama. O que faço?

José Antônio apertou um botão para chamar uma aeromoça e então lhe explicou tudo. Poucos minutos depois, o bilhete que Victória escrevera para José Maria Aznar chegou a seu destino. Agora era só esperar a resposta.

Victória não fazia nada mais senão aguçar a vista e exercitar os músculos do pescoço para tentar vislumbrar alguma coisa pela ligeira abertura da minúscula cortina azul que separava uma classe da outra.

Só consegui distinguir rápidos movimentos e uma confusão de sombras do outro lado, mas nada de concreto que pudesse lhe dar alguma informação.

— Não vão me dar atenção. Devia ter me apresentado diante deles, pois assim não teriam escolhido a não ser me ouvir.

— Sim, claro. Então teriam chamado seus guarda-costas para que tirassem de cima deles uma senhora que queria contar sabe-se lá que história — respondeu José Antônio.

— Como fiz, estou lhe dando a possibilidade de me ignorar, se for isso o que quer. Por que vai me ouvir, se nem me conhece? E tem mais, com certeza a aeromoça nem lhe entregou a minha mensagem. Talvez não quisesse incomodá-lo, ou tivesse vergonha de se aproximar dele, ou quem sabe perguntou ao comandante se ele lhe dava permissão, ou... — Victória seguia com seu discurso.

— Ou mandou investigar quem é você — respondeu o amigo com ironia. Victória não se importou, e ele então decidiu mudar o discurso e o tom. — Você não está querendo que ele venha correndo para vê-la, não é? Dê-lhe tempo para raciocinar — acrescentou José Antônio, que já se preparava para o que acabavam de servir na bandeja diante dele. — Tenha calma. E coma alguma coisa.

— Está certo. Comer, eu?

Não conseguiu calcular quanto tempo se passou, mas quando viu o comissário de bordo por trás da cortina azul seu coração deu um salto.

— O senhor Aznar mandou lhe dizer que a atenderá por alguns minutos antes de aterrissarmos no Aeroporto de Barajas.

Victória não conseguiu se conter e, exatamente como fez quando o advogado Alan Lewis lhe deu o telefone do anterior advogado de sua irmã, ela se aproximou dele e o beijou.

— Oh, obrigada. Muito obrigada, de coração. Mil vezes obrigada.

A conversa com o ex-presidente e sua esposa durou dez minutos, e nesse tempo ela tentou inteirá-los de tudo o que estava se passando com sua irmã. Sua impressão era de que a ouviam com interesse, sem nem pestanejar diante do volume de informações que lhes transmitia. Victória tinha consciência de que estava falando de modo apressado, até tinha receio de que não a entendessem, mas precisava detalhar todo o inferno por que passava sua irmã. Quando o comandante anunciou que iam aterrissar, Victória voltou a seu assento com a promessa de que iam tratar do assunto e tomariam algumas atitudes para tentar pôr fim ao pesadelo de sua irmã. Victória estava contente. Sentia que havia despertado o interesse do casal e estava convencida de que fariam algo em seu favor.

Quando mudava o horário de seu relógio, viu que já era dia sete de dezembro. Faltavam vinte e quatro horas para o julgamento do processo de sua irmã. Na sexta-feira daquela primeira semana de dezembro a justiça americana decidiria se Maria José seria libertada ou extraditada para uma nova prisão em Nova Jersey. Pensar nesse lapso de tempo a exasperou.

Terceira Parte

*Sob um governo que encarcera injustamente, o lugar próprio de um
homem justo é também o cárcere.*

H. D. THOREAU

*Justiça miúda limitada por um rio. Verdade deste lado dos Pireneus,
equivoco do outro lado.*

BLAISE PASCAL. DU BESOIN DE JUSTICE.

MARIA JOSÉ SENTIU UMA INCONTROLÁVEL NECESSIDADE de olhar para seu advogado a fim de confirmar que ouvira bem. Quando o viu cravar os olhos no juiz ao mesmo tempo em que ela mexia a cabeça de um lado para o outro e observava que seus amigos Sara e Angel, sentados no banco atrás dela, cobriam o rosto com as mãos, soube que aquele magistrado acabava de arruinar sua vida e a de sua filha.

— Não! Isso é impossível. Não podem me mandar para a prisão de novo! Não podem me levar para Nova Jersey. Tenho que ir para a Espanha, ficar com minha filha. Não pode ser! Não pode ser!

O impacto foi extremamente brutal. Seus sentidos pareciam ter se anulado, sentiu que estavam isolados do exterior. Não conseguia ouvir o rumor que se espalhara pela sala ante a decisão do juiz, nem de notar as palmadinhas de conforto que lhe dava seu advogado, na tentativa de infundir-lhe coragem e força, nem se alterava diante dos tímidos, mas fortes, flashes das câmeras de vídeo e de foto presentes no recinto. Durante alguns segundos, aquela cena no tribunal desfilava diante de seus olhos sob a forma de uma absurda e trágica sequência de filme mudo. Só se deu conta de que tinha a boca seca e que um frio intenso se apoderava de seu corpo abandonado.

As mãos do policial que a empurravam de volta à prisão trouxeram-na de volta à realidade.

— Fique tranquila, Maria José. Vamos recorrer. Assim que voltar para o escritório, vou iniciar os trâmites. Vamos tirá-la desta — disse seu advogado.

Nervosa, procurou o cônsul espanhol, mas não o encontrou. Apesar dos inúmeros e desesperados pedidos de sua irmã para que ele estivesse presente, ele decidiu não comparecer. Por isso se virou para Sara e Angel e gritou: “Chamem minha família. Contem-lhes o que houve. Digam-lhes que telefonarei assim que puder e não se desesperem”. — Maria José continuava varrendo com os olhos os bancos daquela sala. — “Onde está o cônsul? Por que não veio me dar apoio? Ele precisava estar aqui. Era essencial que estivesse.”

Uma torrente de lágrimas inundou seu rosto. O primeiro golpe, ao ser pronunciada a

sentença do juiz, deixara-a tonta, mas ao ser levada de novo para a prisão em Rikers Island, não pôde nem quis conter o desafogo que lhe trazia aquele pranto. Um juiz acabava de cortar as asas que lhe permitiriam viajar para junto de sua filha e passar o Natal com ela, tal como lhe pedira a garotinha por telefone na noite anterior ao desastrado veredito. “Mamãe, você vem para o Natal? Temos que comprar os enfeites e os presentes, e se você demorar muito não vamos conseguir fazer tudo isso. Você virá logo?” Era a primeira vez, mesmo obrigada pelas circunstâncias, que não cumpria o que havia prometido a sua filha. E via com muita clareza que o responsável por aquela situação lamentável teria que pagar.

No dia onze de dezembro Maria José foi transferida para a prisão do condado de Bergen, em Nova Jersey. À primeira vista ela parecia mais ampla, luminosa e limpa e mais bem equipada que a de Rikers Island. Mas o fato de que a infraestrutura daquela prisão fosse melhor não impediu que Maria José se sentisse amedrontada pelo que realmente significava o fato de ela estar naquele lugar. Acabava de entrar nos domínios do homem que havia sido seu marido durante anos. A prisão ficava na cidadezinha de Hackensack, onde morava Peter Innes com sua atual mulher, que era policial. Sabia que os dois tinham amigos naquele condado, os quais poderiam complicar bastante as coisas, e não tardaria muito para que ela comprovasse isso.

O primeiro impacto foi logo ao chegar. Como de costume, transferiram-na para a enfermaria, onde passaria as primeiras horas. Lá ela se deu conta de todas as doenças de que padecia e da necessidade de que lhe fossem administrados vários remédios, na dose e no tempo certos, para não pôr em risco sua saúde. Maria José pediu permissão de ter um aparelho medidor do nível de açúcar no sangue, como lhe havia sido autorizado na primeira prisão e como determina o código penal nos Estados Unidos, exceto em casos excepcionais. A resposta que lhe deram já era um indício de como seria sua estada ali.

— Isso vamos ter que ver. Vai depender de seu comportamento. E, é claro, de como estará seu corpo e minha disposição em permitir ou não — disse uma das oficiais que a acompanhavam na enfermaria. — Veja se não vai chegar a esta prisão e começar a dar ordens como se estivesse em sua casa — a oficial, de aparência rude e sempre disposta a brigar, se aproximou da cama onde se estendia a nova presa de Bergen e continuou falando: — Segundo me contaram, era isso que você fazia com frequência e maus modos — a mulher aproveitou para dar um soco na mesa ao lado da cama de Maria José, o que chegou mesmo a assustá-la. — Pois aqui as coisas são diferentes. Não há lugar para seu mau humor e suas broncas. Aqui nós mandamos e você obedece, sem discutir. Então, já está avisada. Sabemos quem você é e o que fez.

Aquela mulher desagradável lhe deu o primeiro aviso sobre aquilo que ela temia. Iam tornar sua vida um inferno naquela prisão, e disso se encarregariam as colegas de trabalho da nova mulher de seu marido. Sentiu-se encurralada, como se a houvessem sentenciado à morte, abandonada naquele lugar afastado em que tudo estava contra ela. Sabia que também naquela noite não ia conseguir dormir. O medo do que pudessem lhe fazer era maior que o cansaço que

vinha sentindo havia semanas e que mantinha seu corpo em péssimo estado. Preferiu se entregar e pensar em sua filha. Isso a manteve acordada. E viva.

O corredor para o qual se abriam as celas era um verdadeiro caldeirão de ruídos ensurdecedores e desagradáveis, que conseguiam dar ao local a aparência de um manicômio. Contribuíam para isso os gritos das presas ao falar muito alto pelos telefones localizados em alguns pontos da parede, o choro daquelas que ficavam sabendo que o juiz havia recusado mais uma vez o recurso à ansiada liberdade, o volume altíssimo do televisor, que exibia coisas absurdas em que ninguém prestava a mínima atenção, embora alguém tivesse decidido elevar ao máximo o volume, como se quisesse transformar aquilo na trilha sonora daquele desconcerto humano. Num caos quase diário, em que as brigas entre as presas eram acompanhadas pelos gritos das demais, pelas ameaças e insultos que trocavam entre si, de repente sobressaía o som altíssimo de uma sirene que anunciava um apressado e antecipado recolhimento às celas e um mais do que certo castigo coletivo, embora a maioria não tivesse participado da briga ou do tumulto que o provocou. Qualquer pessoa que falasse ao telefone com algum amigo ou familiar preso podia ouvir todo aquele barulho e ter uma ideia do descontrole e da loucura daquele lugar.

Maria José sabia que podia ficar louca e, para evitar que isso ocorresse, decidiu que o mais conveniente seria manter-se ocupada durante o tempo em que tivesse que permanecer ali naquele cenário para o qual tinha a impressão de ter sido bruscamente empurrada. Era simplesmente desolador saber que fora atirada ali de modo inesperado, para representar um papel que nem sequer sabia qual devia ser. Esforçava-se para se manter bem atenta a tudo o que acontecia à sua volta. Sabia que as colegas da nova mulher de Peter se esmeravam em torturá-la de mil maneiras, e pelos primeiros olhares que as presas lhe dirigiram também não podia esperar que se tornasse um ídolo popular. Tinha consciência da conveniência de se manter fria, evitar todo o tempo uma atitude de superioridade que pudesse significar provocação e procurar passar despercebida o máximo possível. Mas a tarefa não era nada fácil. Em mais de uma ocasião, teve a impressão de sucumbir e sabia que se isso acontecesse ela se tornaria isca fácil tanto para as companheiras de prisão como para as policiais que tomavam conta dela, as quais, pela expressão de seu olhar, ansiavam pelo mínimo descuido de sua parte para se atirar sobre ela, lançando-lhe toda a bÍlis e a adrenalina que vinham guardando.

Durante os primeiros dias, seu anseio era poder falar com sua família. Via como as demais presas faziam isso sem dificuldade, mas em seu caso a ligação sempre se interrompia. Sabia que isso era proposital, e nem tentavam disfarçar.

— Cortaram a ligação? — perguntava uma das guardas com uma ironia que Maria José tinha dificuldade de digerir, embora se esforçasse para isso a fim de evitar problemas. — Mas

que pena! Mais um dia sem poder falar com sua filha. Bom, com certeza a esta hora já deve ter falado com o pai, que é quem realmente a ama.

— Por que vocês fazem isso? É preciso ser uma pessoa muito má para se prestar a esse jogo desumano. O que vocês ganham com isso? É porque vocês não são mães? — Maria José desistia do telefonema e ia para sua cela a fim de não ouvir suas risadas, que eram a única resposta às perguntas desesperadas que lhes fazia. Mas antes disso se virava para lhes dizer algo que as irritava muito: — Saibam que pretendo denunciar todos vocês. Todos. Tenho o direito constitucional de falar ao telefone, e neste lugar estão me impedindo de fazer isso. Não ficarei de braços cruzados. Podem ir dizendo a sua amiguinha, aquela que manda vocês me tratarem assim.

Maria José se retirava para sua cela e esperava que anoitecesse para poder desabafar, chorando até cansar. Não queria que ninguém a visse, nem demonstrar fraqueza, para não alertar as demais pessoas de que o sinal para atacar a nova presa estava aberto.

Às sete de manhã as portas das celas se abriam, deixando atrás de si um estrondoso concerto de sons secos e agudos que provocavam nas presas um calafrio de estremecer. A partir daquele momento, começava sua tediosa rotina. A essa hora as entranhas da prisão readquiriam vida, enquanto elas se sentiam morrer pouco a pouco. Por trás da imagem fantasmagórica que adotavam durante a noite, os corredores se repovoavam de presas que perambulavam por eles com mais ou menos pressa e vontade. Maria José se dirigia à enfermaria para que lhe aplicassem uma injeção e controlassem o nível de açúcar, pois se não o fizesse poderia ter sérios problemas, dependendo de quem estivesse no momento do atendimento de saúde. Se alguma vez demorasse pelo motivo que fosse, o que quase sempre se devia a algum atrito provocado pela guarda em serviço, a resposta vinha em forma de castigo, já que se negavam a fazer o controle de insulina até que considerassem oportuno, o que provocava as iradas queixas da valenciana, que logo se punha a ameaçar as funcionárias dizendo que ia denunciá-las se persistissem em lhe negar o direito à assistência médica.

O resto do dia ela dedicava a tentar falar por telefone com a amiga Sara, que ficara encarregada de tomar providências com relação às solicitações que Maria José fazia por telefone. Quando lhe negavam a comunicação pelo telefone, ela conversava com seus advogados, aos quais praticamente indicava as diretrizes que deviam adotar para continuar conduzindo seu caso, com o que não concordavam seus representantes legais, que preferiam que sua cliente os deixasse trabalhar sem se intrometer demais no processo. O ímpeto que ela sempre demonstrava, sua convicção de que a razão e a lei estavam do seu lado, o anseio de abandonar o quanto antes sua condição de presa e o descontentamento que mostrava com o trabalho que seus advogados vinham realizando, com os quais vivia discutindo, levaram-na a pensar na possibilidade de ela mesma se encarregar de sua própria defesa. No entanto, logo descartou essa opção ao saber que os juízes não viam com bons olhos esse tipo de atitude e que era bem provável que isso se voltasse contra ela. Também conversava com seus pais, pedindo-lhes de vez em quando que fizessem todo o possível para tirá-la daquele lugar. Mas a

isso eles só podiam responder enviando dinheiro para cobrir as exorbitantes custas da defesa da filha. Victória constantemente recebia pelo celular instruções da irmã sobre o que devia fazer para denunciar sua situação perante as autoridades espanholas, insistindo para que seus advogados na Espanha prosseguissem com as denúncias contra Peter por tentativa de assassinato, falsidade ideológica, bigamia e outros delitos. Victória ouvia pelo correio de voz as mensagens da irmã, nas quais determinava com voz enérgica o que o advogado devia fazer, que leis reforçavam sua situação, quais providências eram as mais indicadas para enfrentar seu caso, em que trecho de que lei ou disposição eles deviam se apoiar para defendê-lo. “Não sei como pode ter tudo isso na cabeça. Ela é um catálogo de leis”, pensava Victória, ao ouvi-la. “É como se estivesse sentada em seu escritório. De onde tira tudo isso, como é possível se lembrar de tudo?”

Quando tinha sorte e não era dia em que as colegas da nova mulher de Peter tornavam sua permanência na prisão ainda mais complicada, ela ia à biblioteca, onde podia consultar livros sobre leis e obter as informações necessárias para poder utilizar nos longos textos que fazia chegar às mãos dos advogados. Ali ela se sentia livre. Cada vez que abria um livro e tomava nota de seu conteúdo, sentia que estava dando mais um passo para recuperar sua liberdade e encurtar a distância que a separava de sua filha. Aquela plenitude devia se refletir em seu rosto, porque sem mais nem menos vetavam sua entrada na biblioteca.

— Está lotada. Não tem lugar — dizia a funcionária em serviço.

— Além disso, aqui você não vai encontrar nada que a ajude, porque daqui você não vai sair com vida — acrescentou uma das guardas, que logo passaria a fazer parte da quadrilha que vivia atrás dela.

— Não está cheia, quase não há presas consultando os livros — respondia zangada a espanhola. — Vocês não podem fazer isso. Há a meu favor uma ordem judicial que me garante o direito de frequentar esta biblioteca durante cinco horas por dia.

— Pois se você já sabe tanta coisa por que quer entrar? — disse a guarda. — Denuncie-nos, advogada, vamos ver se você se atreve, já que é tão valente para algumas coisas e tão covarde para outras.

As ameaças, a luz a gás, os insultos e as contínuas lembranças saindo da boca das guardas da atual mulher de Peter, a já famosa Jaudee, não lhe doíam tanto quanto aquela proibição de entrar ali. Levou tempo, mas afinal aprendeu que descarregar seu desespero nessas funcionárias não lhe servia senão para piorar ainda mais sua situação, por isso preferia fazer suas queixas por escrito, denunciando a atitude delas e a constante violação de seus direitos como presa. Maria José costumava voltar para sua cela engolindo a raiva, a impotência e a vontade de gritar e cair no choro, e ali se sentava em seu catre e começava a preencher o formulário que a instituição punha à sua disposição para quando quisesse fazer alguma queixa.

Quando finalmente conseguiu falar com sua família e manter uma conversa de mais de trinta segundos com seus advogados, recebeu uma boa notícia.

— Os tribunais espanhóis voltaram a lhe dar razão. Não permitirão que sua filha saia da

Espanha. Ouça, vou ler — disse seu pai, emocionado: — “No dia dois de janeiro de dois mil e sete, o Juizado de Primeira Instância rejeita a petição de Peter Innes que consiste na suspensão da medida cautelar adotada em virtude do auto de vinte e sete de junho de dois mil e cinco, pelo qual se dispôs a entregar os passaportes de Victória, assim como a proibição de que a menor saísse do território nacional”. De novo, pela terceira, quarta ou quinta vez negam o pedido a ele. Está contente, filha? Voltaram a lhe dar razão.

— Claro, papai, mas preciso sair daqui. Não sei quantas resoluções judiciais dos tribunais espanhóis já me deram razão, mas veja onde ainda estou. Aqui, encarcerada, como se fosse uma assassina. Não pertencço a este lugar. Não devo estar aqui. Não aguento. Vocês não podem imaginar o tipo de gente que há aqui dentro. Puseram-me na área de segurança máxima da prisão e estou no meio de mulheres que mataram os pais, filhos, maridos. Eu fui apenas detida! E além do mais ilegalmente! Não fui condenada por nenhum tribunal. Estou aqui presa sob presunção de inocência e nem sequer me dão os remédios que preciso tomar. Tenho o direito constitucional de poder escolher meu tratamento. Eles não são ninguém para decidir por mim o que posso e não posso tomar. O que acham?

À medida que ia falando, notava que ia se esquentando e compreendeu que talvez estivesse preocupando seus pais, coisa que havia prometido a si mesma não fazer, na medida do possível. Mas já era tarde.

— Como não lhe dão os remédios? O cônsul nos garantiu que eles chegam até você, que não há nenhum problema — disse seu pai com evidente ansiedade. — E o que lhe dão, filha? Você está desamparada? Estão lhe tratando mal, filha? Não está recebendo cuidados? Estão lhe tratando mal, fizeram alguma coisa com você?

— Não, não, papai. São só os remédios — mentiu, para que ele não se alterasse. — Diga ao cônsul que ele não tem ideia do que está dizendo e que faça o favor de se interessar pelo meu caso. Mas o que esse homem faz? Nem sequer se apresentou no julgamento de oito de dezembro, quando foi negado meu habeas corpus. Estou convencida de que se tivesse comparecido eu não estaria na cadeia. A única coisa que fez foi me trazer algumas revistas de fofoca. Acredita? E podia ter economizado, porque por isso ainda querem me acusar de contrabando de revistas. Como é possível ser tão imbecil e vir me visitar com duas publicações fúteis? Se o que quero é sair daqui e não me entreter com bobagens. Ele pensa em quê? Se é que pensa em alguma coisa — houve um breve silêncio na ligação, que fez seu pai temer pelo pior. Quando voltou a ouvir a voz da filha, se tranquilizou. — Papai, por favor, preciso ver minha filha. Você tem que me tirar daqui. Falou com meus advogados? Eles disseram algo novo?

— O que você já sabe. Que no dia oito de fevereiro vão decidir sobre o habeas corpus que seu advogado voltou a apresentar. Ele nos disse que tem esperança de que lhe concedam liberdade provisória. E que antes, em dezessete de janeiro, você tem que se apresentar diante do juiz, para o caso de fixarem uma fiança, e depois você pode sair — seu pai parecia ansioso para terminar a conversa com ela, porque alguém o apressava a poucos centímetros de onde estava. — Maria José, sua irmã quer falar com você. Aqui estamos fazendo tudo o que é possível, filha. Confie em nós. E na justiça. E em Deus. Resista, meu amor, resista.

Maria José estava aliviada por poder falar com sua irmã. Com ela tudo era mais fácil. Podia falar francamente, sem ter que esconder certos detalhes que certamente aborreceriam seus pais.

— Minha irmã, estou pensando em me acorrentar às portas do Ministério das Relações Exteriores em protesto, até que nos deem atenção. O governo precisa se interessar por você como cidadã espanhola que é. Não podem ficar de braços cruzados quando outro país pratica uma arbitrariedade dessas.

— Tem certeza? Acha que isso resultará em alguma coisa? — Maria José achou estranha a proposta de sua irmã. Já vira comportamentos semelhantes nos noticiários e sempre pensava em como a pessoa devia estar desesperada para agir dessa maneira. Agora era sua irmã mais nova que estava prestes a fazer isso. Nunca acreditou que um dia ela seria a protagonista de uma dessas manifestações. — Quando vai fazer isso?

— Um dia antes de sua apresentação diante do juiz. Creio que vou fazer isso na manhã do dia dezesseis de janeiro, para que noticiem o fato nos programas de televisão do meio-dia. É preciso fazer pressão de qualquer modo — Victória pressentiu que a irmã estava tentando dissimular a aflição que tomava conta dela ao ouvir seus planos. — Maria José, prometo que vamos tirá-la daí. Prometo. Resista mais um pouco. Só um pouco.

— E minha filha? — perguntou Maria José quase afônica de chorar. — Como ela está? Contou-lhe alguma coisa sobre minha situação? Ela sabe algo?

— Ela está bem. Não sabe de nada. Tem muita vontade de ver você. Pergunta por você a toda hora. Dissemos-lhe aquilo que combinamos, que você está trabalhando fora, achamos que agora está na Galiza, mas que virá logo. Não se preocupe, ela está muito bem. Vai ao colégio, faz os deveres de casa, brinca com as amigas e é muito sociável, como você sempre quis. Não deixou de estudar inglês. Está saudável, come bem, até melhor do que quando você estava aqui. É uma criança ótima, minha irmã. Só sente falta de você. Se quiser, vou chamá-la para que fale com ela. Está em seu quarto porque não queremos que ouça as coisas que conversamos, para que não fique com a cabeça cheia de perguntas.

Maria José experimentava uma estranha sensação de medo cada vez que falava com a filha. Como será que iria encontrá-la? Iria cobrar algo dela? Ficaria zangada, retraída, teria se esquecido dela? Mas era só ouvir sua vizinha que todos os seus temores desapareciam.

— Mami! Mami! — gritava esperta Victória Solenne, aproximando sua boquinha do telefone, que segurava com ambas as mãos. Maria José ficava encantada com o modo que a filha dizia mami. — Mamãe, amo você. Quando você vem? Quero lhe mostrar um desenho que fiz de você; minha professora gostou muito e queria pendurar no quadro de nossa sala de aula, mas eu disse para ela que prefiro deixar em casa para dar para você quando vier. Mamãe, onde você está? Por que não volta?

— Meu amor, logo irei. Logo, logo. Ouça bem tudo o que seus avós lhe disserem e comporte-se bem. Estude, filhinha. Estude muito e brinque. Nunca se esqueça de que sua mãe está sempre com você e que...

— Sim, mamãe — interrompeu-a a garotinha, como se já soubesse tudo o mais que ia lhe dizer a mãe. — Mas quando você vem? Estou com saudade. Você tem que me ajudar a fazer a

lição, porque vovó não sabe e o vovô demora muito. Está brava comigo? — perguntava com sua carinhosa vozinha infantil. — Fiz alguma coisa ruim? Se você vier, prometo que farei todas as lições, que aprenderei a nadar, que não reclamarei de nada que a vovó me der para comer e me comportarei muito bem. Vou ser boa, mamãe, mas volte. Todas as minhas amigas estão com a mãe delas, por que eu não? Eu não fiz nada de mau.

— Minha querida, não. Nunca pense assim. Você não fez nada de mau. Ao contrário, você é a melhor menina do mundo. Mas precisa ser forte e entender que mamãe tem que trabalhar, mas não fique aflita, falta pouco — Maria José sentia cada vez mais dificuldade de falar com a filha sem chorar. — Agora vou ter que me despedir de você. Mas antes me mande um grande beijo, meu amor.

— Muuuuuah! — fez a pequena Victória, apertando os lábios no bocal do telefone. Amo muito você, mamãe. Venha logo. Tchau!

As conversas entre ela e a filha minavam o ânimo de toda a família, em especial de Maria José. A duras penas conseguia continuar falando com sua irmã depois de conversar com a menina, por isso, na maioria das vezes, deixava para falar com ela no final. Esse era um dos piores momentos de todo o tempo que passava ali dentro. Quando se despedia e desligava o telefone, era como se um bloco de cimento voltasse a se erguer entre ela e sua família, em especial sua filha. Não havia dia em que, depois de falar com ela, não se afogasse em lágrimas, sem conseguir controlá-las e muito menos se comportar normalmente diante do olhar quase sempre de pena das outras presas. Maria José era obrigada a se refugiar em sua cela e, sentada na cama, desafogar-se de modo quase infantil, até as lágrimas quase lhe causarem dor. Então tentava se lembrar de todos os detalhes da conversa que acabava de ter com a filha e fazia esforço para visualizar o que ela lhe contara: imaginava-a aos domingos na praia comendo uma paella com os avós, pedindo à tia que desembrulhasse os bichinhos de bigodes que vinham no arroz e procurando impaciente e curiosamente os mexilhões nos pratos de todos, para pedir que os dessem a ela. Um tímido sorriso aparecia em seu rosto quando seus pensamentos lhe devolviam a imagem da filha aprendendo a nadar e mais tarde a mergulhar da beira da piscina. Quase conseguia ouvir o riso da garotinha quando a tia a levava até o rio aos domingos e lhe comprava um suco ou um sorvete e se entretinham vendo como as bicicletas cruzavam o rio de um lado a outro, como se realmente tivessem asas e pudessem voar. Era fácil imaginar sua filhinha puxando a tia pelo braço para que lhe comprasse docinhos ou pirulitos antes de entrar na sala de cinema para assistir ao filme que haviam escolhido na tarde de sexta-feira depois do colégio. A crueldade não deixava de se fazer presente quando ela abria os olhos e só o que via era o teto de sua cela, as grades da porta e a semiescuridão que reinava ali. Num reflexo desesperado, voltava a fechar os olhos com força, inclusive cobrindo-os com as mãos quase a ponto de machucá-los, na esperança de entrar de novo naquele carrossel de visões agradáveis e ternas em que ficara enlevada durante vários minutos. Mas qualquer tentativa de recuperar aquele estado fantasioso era inútil. Nem sequer ilusões lhe era permitido sonhar. Até sua imaginação lhe negava o direito de fantasiar. Não conseguia pensar em maior crueldade.

NUNCA PENSOU QUE O CORRER DAS HORAS PUDESSE ser tão lento, asfíxiante, cansativo e letal. Os dias se estendiam sem piedade e nenhuma novidade, o que atacava os nervos e minava a paciência de Maria José. Ela jamais gostara de lugares fechados, e seu instinto rebelde por natureza, que tantas alegrias e retornos bem-sucedidos lhe trazia quando desfrutava de plena liberdade, não estava lhe rendendo nada na prisão. Suas contestações justificadas e as críticas coerentes diante de situações e decisões, para ela desprovidas de direito, não eram bem recebidas pelo pessoal que trabalhava nas prisões, que as interpretava como meras provocações e a mantinha na mira de seus castigos e represálias. Muitas de suas companheiras presas não ignoravam essa qualidade da valenciana, que sem dúvida as conquistou, levando-as a mudar de atitude com ela, antes arisca, fria e sisuda. Outro fator que também facilitou uma aproximação cada vez maior entre Maria José e as outras presas foi o amplo conhecimento que tinha de leis e tudo o que se referia à área do direito, que ela costumava demonstrar, deixando surpresa quem a ouvisse, fosse uma colega de prisão ou funcionária. Isso lhe valeu o apelido com que todas se dirigiam a ela: advogada. Com isso se iniciou uma estudada e vantajosa cadeia de favores: um conselho de ordem legal em troca de proteção dentro da prisão. Ficou satisfeita com a barganha, que lhe permitiu o luxo de relaxar e descansar um pouco mais. Também lhe serviu para conhecer a realidade de outras presas, para se familiarizar com sua dor, histórias e dramas, além da oportunidade de compreender a razão de seu comportamento.

No início, algumas delas se aproximavam timidamente, demonstrando certa desconfiança, tentando não mostrar demasiado interesse pelo que a nova presa podia lhe oferecer. Outras o faziam com descaso, arrogância, deixando claro uma suposta superioridade e total incredulidade diante da advogada. E havia até aquelas que não se atreviam a apresentar-lhe abertamente sua situação e preferiam fazê-lo por carta. Tanto o medo como a audácia logo eram abrandados pelos conselhos de Maria José, que sentia prazer naquela possibilidade de assessorar legalmente pessoas que nem conheciam o significado daquele tipo de generosidade desinteressada. Na nova vida de Maria José começaram a aparecer nomes de mulheres com as quais viria a desenvolver uma relação muito especial.

Essa aproximação se iniciou com suas companheiras de cela. No início, a valenciana voluntariamente permanecia muda e discreta, mesmo arriscando-se a parecer antipática. Preferia manter-se à margem de qualquer conversa, quase sempre forçada, iniciada por suas companheiras, fugindo de qualquer insinuação de intimidade que a solidão e a desesperança propiciassem, mergulhada como estava na ilusão disfarçada de que sua estada naquela prisão não passaria de alguns dias. A realidade não demorou a lhe tirar a venda dos olhos, ao mesmo tempo em que em sua cela se instalavam novas vizinhas, que em sua maioria conseguiam deixar aquele inferno antes dela e graças à sua ajuda. De todas as mulheres que haviam ocupado os catres vizinhos ao seu, Maria José não conseguia se esquecer da primeira, pela

forte impressão que lhe causou e porque, no fundo e depois do impacto inicial, sua simples lembrança a obrigava a esboçar um sorriso, suavizando seu rosto tão carente de expressões de alegria. Conheceu-a em uma das primeiras noites na prisão. Quando foi levada para a cela, escoltada por duas funcionárias, teve a atenção despertada pelos traços marcados daquela detenta, cujos gestos muito pesados a levaram a intuir que se tratasse de uma mulher forte. Trocou com ela apenas algumas palavras, já que chegara pouco antes do trancamento das celas. Tarde da noite, foi despertada por fortes roncamentos que vinham da cama onde dormia a nova inquilina. “Que barbaridade! Como é barulhenta essa mulher quando dorme!” Apenas alguns minutos mais tarde, ainda entre a vigília e o sono, observou que a colega se levantava para urinar e que para se manter de pé se apoiava na parede, como faria seu pai, seu irmão, se tivesse um, ou um amigo. A surpresa inicial deu lugar ao temor e, mais tarde, à indignação. Maria José ficou possessa não por descobrir que aquela companheira era transexual, mas pelo evidente descontrole naquela prisão, na qual não sabiam manter cada gênero em seu lugar. “Mas isto aqui é uma prisão de mulheres, híbridos e hermafroditas? As inclinações sexuais de ninguém me interessam, mas esta é uma prisão de mulheres, e para minha segurança e de minha colega, quero que a instalem em outro lugar.”

Na manhã seguinte, já havia uma nova presa disposta a ocupar sua cela. Tratava-se de uma mulher mais velha, a quem a vida já castigara duramente, embora a maior parte disso fosse culpa do marido e dos dois filhos, que a submetiam a duras jornadas de surras selvagens, que costumavam terminar com sua internação em algum hospital da cidade. Havia conseguido deixá-la sem nenhum de seus bens e, mais grave ainda, de sua dignidade. Com mais de cinquenta anos, enfrentava falsas acusações de roubo e uma família disposta a tudo para conseguir que a declarassem louca. E tudo isso por querer fugir da violência que a família exercia sobre ela e ter uma nova oportunidade de viver com outro homem. Os filhos não a perdoaram por isso e inventaram uma história macabra que a levava à prisão. Os conselhos da advogada valenciana lhe serviram para desmascarar a tremenda farsa familiar e conseguir sua liberdade.

Era raro o dia em que não faziam chegar até ela alguma carta de alguém relatando seu caso e suplicando sua ajuda. As histórias de injustiças vivenciadas por mães que haviam sido separadas de seus filhos eram as que mais a comoviam. Foi assim que conheceu uma presa de origem russa, Anne, cujo desconhecimento quase completo do idioma inglês a mantinha praticamente isolada de todas as outras detentas. Era evidente sua fragilidade, e isso a tornava alvo fácil para ser ludibriada por qualquer funcionária mal-intencionada que quisesse se divertir um pouco e se aproveitar daquele corpo enfraquecido e impotente. Seu rosto, fundo e lívido, não perdia a expressão assustada, de medo, que Maria José notou na primeira vez que a viu no refeitório da prisão. Sem saber por que nem conhecer sua história, identificou-se com ela, convencida de que sua aparência devia estar como a dela, embora ela não despertasse tanta ternura quanto aquele rosto meigo. Soube de seu caso graças à intermediação de outra detenta, que a fez saber, mediante uma carta de três folhas escrita em inglês e letras maiúsculas, os detalhes do drama que se abatia sobre aquela mulher. Seu marido, de nacionalidade norte-americana, a acusava de ter sequestrado a filha de ambos e de ter fugido

com ela para a Califórnia. Anne havia descoberto que o marido abusava sexualmente da menina de cinco anos, coisa que a própria garota lhe contou e foi confirmada pelos exames realizados por três médicos diferentes, um deles ginecologista, que atestaram que a garotinha vinha sofrendo reiterados abusos que lhe causaram danos físicos irreparáveis, além do trauma psicológico que a acompanharia pelo resto da vida. Como se tudo isso não bastasse, Anne descobriu que o marido também se entretinha gravando os abusos cometidos contra a filha e encontrou uma fita na qual era visto cometendo todo tipo de atrocidades sexuais com a menina. Pensou em denunciá-lo, mas sua situação de total desamparo nos Estados Unidos, tanto econômica como administrativa, e o fato de estar sozinha no país, acompanhada apenas da mãe, levou-a a se mudar para a Califórnia e manter sua filha longe daquele horror de abusos e maus-tratos. Um ano mais tarde foi detida, acusada de sequestrar a filha, assim como sua mãe, que também foi mandada para uma prisão de Nova York, considerada cúmplice de sequestro. Mas o pior não era a privação de liberdade que ambas tinham que enfrentar. O que deixava Anne em completo estado de desesperança era a decisão de um juizado norte-americano de conceder a custódia ao pai e determinar que a criança lhe fosse devolvida. “Ela não tem dinheiro, nem amigos, nem família, não pode falar com ninguém e tem um advogado a quem viu uma só vez. Você pode ajudá-la, Maria José?”, dizia a detenta ao fim da carta.

O caso de Jenny também lhe chegou por carta. Parece que esse era o método mais seguro dentro da prisão, já que nem sempre as oficiais estavam dispostas a permitir conversas entre as presas e quando o faziam aproveitavam-se para ouvir o que diziam e ter uma desculpa ou prova para castigá-las e persegui-las. A maioria das perguntas feitas nas cartas podia ser respondida com um sim ou não, para que a resposta fosse rápida e para que o fato de ajudá-las não desse problemas para Maria José. Quando as funcionárias eram amáveis e não agiam como de costume, provocando as internas só para terem oportunidade de bater nelas ou encerrá-las em uma solitária, os diálogos podiam ser mais extensos, e era nessas ocasiões que Maria José aproveitava e se estendia um pouco mais, dando detalhes sobre o que cada uma teria que fazer, sempre pedindo que elas anotassem com a própria letra as indicações que lhes dava, para evitar comprometimento de sua parte.

Jenny escreveu sua carta com tantos erros de ortografia que Maria José teve que ler mais de três vezes para conseguir entender o que ela lhe dizia. Era uma porto-riquenha, mãe de três meninas, de quatro, sete e doze anos, que descobriu que algo estranho estava se passando entre seu marido e as filhas, quando, depois de uma das muitas violações a que o marido as submetia, ele perguntou a ela com absoluta normalidade se sua filha mais velha já tinha pelos em suas partes íntimas. Jenny se esqueceu da dor e da humilhação das quais ainda tentava se recuperar para dizer que se ele tocasse em suas filhas ela o mataria. A resposta que obteve, além da surra que ele lhe deu, só confirmou que havia anos ele cometia essa barbaridade e que se ela se atrevesse a denunciá-lo ele mataria todas elas. Quando tentou conseguir o amparo e a ajuda de sua sogra, ela riu e foi logo contar aquilo ao filho, que descarregou toda a sua ira em Jenny e nas filhas. Poucos dias depois ela foi detida, acusada pelo marido e pela sogra de uma série de falsos delitos.

Maria José entendeu que naquela prisão havia muitas mulheres nas quais também tinham

colocado uma camisa de força, um esparadrapo na boca, uma venda nos olhos, soltando-as no picadeiro central de um grande circo para que, nessas circunstâncias, pudessem se defender de coisas que nem haviam feito. Calculou que devia haver uns trinta por cento de inocentes trancadas entre aquelas paredes e observou que a maioria era de estrangeiras casadas com norte-americanos, cujos filhos haviam se transformado em funesta moeda de troca, sem família no país e com pouco ou nenhum dinheiro, o que lhes impossibilitava o acesso ao recurso de legítima defesa, que demonstraria a injustiça e no mínimo as ressarciriam com a liberdade. As outras tinham consciência de que haviam cometido erros e sabiam que teriam que pagar por eles, mas Maria José tinha a impressão de que o preço que estavam pagando era maior pelo pouco-caso dos advogados, dos juízes e pelos maus-tratos que recebiam dentro da prisão, caso não caíssem nas graças da funcionária em serviço.

Zen, Paulina, Bárbara, Carla, Chica, Helena, Catherine haviam alcançado o status de amigas de Maria José naquela prisão. Logo ela soube o que era compartilhar com elas as boas e más notícias transmitidas por seus advogados, os duros momentos que se seguiam às visitas de familiares, os problemas de saúde, as dores e as complicações que nem todos pareciam entender e como suportar os castigos quando se sabia que havia alguém a quem contar o pesadelo sofrido.

26

NAQUELE LUGAR, A VIDA NÃO TINHA NENHUM ATRATIVO. Só a chegada de uma nova presa ou o cumprimento de um castigo, tão humilhante para a vítima quanto exemplar para o resto das internas, conseguia quebrar a monotonia da prisão. Desde que chegara lá, Maria José temia ser vítima daquilo que teve oportunidade de presenciar, sem poder controlar o terror e a desolação que haviam se apoderado dela, entre um grupo de agentes e uma presa cujo único crime, pelo que soube, foi irritar uma das oficiais. Percebeu que estava acontecendo alguma coisa ao ouvir o barulho que faziam as presas, batendo com algum objeto nas grades das celas. Ela estava deitada, como sempre sem vontade nem força para fazer qualquer movimento. Aproximou-se da grade de sua cela e viu uma mulher ser praticamente arrastada, gritando e implorando que não fizessem aquilo, que se comportaria bem, que faria tudo o que pedissem, mas não aquilo. E insistia aos berros: “Isso não, isso não”.

Maria José olhava de um lado para outro sem entender o que estava para acontecer. Inquieta, observava como algumas das colegas aplaudiam, contentes, riam, e como outras preferiam se recolher a suas celas para não ver o espetáculo. Não se atrevia a perguntar nada, porque já aprendera que, se fizesse isso, poderia ser considerado algo ofensivo e uma

provocação. Então alguém se dirigiu a ela, solucionando sua dúvida:

— Você não está entendendo nada, não é mesmo? Não tem nem ideia do que está para acontecer com essa infeliz — disse uma das presas da cela vizinha à sua.

— O que está havendo? — perguntou com medo. — O que vão fazer com ela?

— Seria mais divertido se você assistisse sem que eu lhe contasse nada, mas se por acaso você for uma dessas medrosas que costumam chorar ou vomitar quando veem algo desagradável, vou lhe dar uma pista — a presa apontou com o queixo para a mulher que continuava gritando enquanto era puxada por quatro oficiais. — Você está vendo bem? Agora vão levar alguns minutos para tirar a roupa dela, ou fazer algo mais, sempre dependendo do tempo livre, do humor, do estômago e, claro, do apetite da oficial que vai tirar a roupa dela. Em seguida vão colocar nela uma malha de metal com que terá que andar por todos os cantos da prisão, cela por cela, corredor por corredor, escritório aberto ou fechado, na vista de todos, durante o dia e a noite. É a festa do traje de galinha, como chamam. Bonito nome, não é mesmo?

— Por que fazem isso? — perguntou Maria José, que começava a não acreditar no que a vizinha de cela contava.

— Você por acaso acha que precisam de alguma razão? Você ainda não se deu conta de onde está — a presa parecia estar se divertindo com a ignorância da ouvinte e continuou com suas explicações. — As oficiais fazem isso por tédio. Nós somos simples brinquedos nas mãos delas. Mas não se preocupe. Nem sofra por causa dessa pobrezinha. Ouça o que digo, não gaste suas energias. Logo vai ter tempo para sofrer quando for você a escolhida.

Não demorou muito tempo para que ela visse as consequências daquela diversão cruel. A moça começou a andar com dificuldade, enfiada naquele incômodo e asfíxiante traje, enquanto as oficiais a obrigavam a caminhar, usando de brutalidade para fazê-la levantar quando caía no chão, humilhada, cansada e envergonhada. Elas riam e gritavam com ela por fazer necessidades diante de todas, mas era isso que queriam, para que a vissem como o troféu de quatro caçadoras. Maria José optou por se recolher à sua cela. Sentou-se na cama e tampou os ouvidos. Não queria ouvi-las mais. Não ia suportar.

Os espetáculos dantescos não ficaram no incidente do endemoniado “traje de galinha”. Na verdade, só estavam começando. Alguns dias depois assistiu a um novo episódio de extrema crueldade, que parecia ser bastante comum naquela prisão. O que seus olhos presenciaram se tornaria um pesadelo recorrente que costumava visitá-la duas ou três noites por semana e acabou sendo o maior temor de Maria José na prisão. Como acontecera com o “traje de galinha”, dessa vez também foram os gritos das internas que chamaram a sua atenção.

— Vão sentá-la na cadeira preta. Meninas, saiam para ver! Vão sentá-la na cadeira preta. Será que vai funcionar dessa vez? — gritava uma das presas, uma baixinha que estava entre as de pior caráter, que mais de uma vez havia servido de divertimento para um grupo de carcereiras sem escrúpulos. — Saiam! Saiam para ver isso! Se é que vão nos deixar dessa vez...

Maria José não entendia por que algumas pareciam gostar daquele espetáculo horrível. Não via lógica naquilo, principalmente porque a qualquer momento uma delas poderia se tornar a cobaia daquelas brincadeiras, como as guardas costumavam chamá-las.

— Por quê? Simples. Porque, enquanto está acontecendo com você, significa que não vai se passar comigo — respondeu a presa baixinha, que parecia ter lido seu pensamento. — É por isso que gritamos. Porque nos safamos dessa vez. Se você não grita, é porque está lá embaixo.

— É horrível — disse Maria José.

— Não. É espírito de sobrevivência. Você devia se acostumar — afirmou a outra.

A conversa foi então cortada de repente. Tudo indicava que o show ia começar. Todas as presas se aproximaram do espaço aberto da galeria, agarrando-se à grade. Maria José observou que parte da pintura branca que recobria aquele gradil já desaparecera, apresentando trechos que deixavam à mostra a cor do ferro oxidado. Logo se deu conta de que aquilo era resultado do nervosismo de todas aquelas que se aproximavam para ver o que ia acontecer com uma de suas companheiras, que de modo inconsciente arrancavam com as unhas a tinta usada na pintura das grades.

— Vamos! Todas para dentro das celas! Aqui não há nada para ver. Para dentro, rápido, ou vão ser castigadas — gritou uma das guardas, pondo fim à expectativa que haviam criado. — Não estão me ouvindo? Se estão com tanta vontade de ver alguma coisa, quem sabe alguma de vocês quer descer para assistir mais de perto! — a ferina ironia da agente acabou convencendo definitivamente as presas a voltarem a seus respectivos cantos.

— Venha, entre de uma vez — Maria José notou que alguém a tomava pelo braço para tentar introduzi-la em sua cela. — O que há? Está querendo que ponham um capuz preto na sua cabeça, sentem você numa cadeira preta e fiquem brincando se vão ou não dar uma descarga elétrica? Você quer saber qual é a sensação? Porque, se for assim, aquelas de uniforme não vão demorar muito para aceitar você como voluntária — quem falava com ela era Jo, sua nova companheira de cela, mas não interna nova naquela prisão. — Entre de uma vez. E não se preocupe, porque mesmo que a gente estivesse debaixo da terra ia ouvir os gritos dela.

— Vão matá-la? — perguntou ingênua Maria José.

— Vão simular que está numa cadeira elétrica. Vão dizer que talvez não apliquem a potência máxima, que dependendo do comportamento dela vão agir com pressa ou devagar, desfrutando do medo da desgraçada que acaba de chegar. Vão explicar o que ela vai sentir. Não serão econômicas em detalhes sobre o cheiro de carne queimada que sairá do corpo dela, se divertirão contando como a dor pode fazer explodir seus tímpanos, sangrar, fazer os olhos saltar das órbitas e provocar a queda de mechas de cabelo, das unhas ou dos dentes. E não importa se isso é certo ou não. Vão torturar com esse “brinquedinho” durante o tempo que der na telha delas. E como ela é nova, vai engolir tudo — Jo fixou seu olhar num ponto do chão da cela, como se quisesse se abstrair da narração detalhada que estava fazendo. — Algumas ficam sem voz de tanto gritar, outras sofrem um colapso e vão direto para a enfermaria e em alguns casos para o hospital. Outras se comportam sem estardalhaço e só imploram às torturadoras que acabem logo. Tem ainda aquelas que inclusive rezam alto, o mais alto que conseguem, com medo do desconhecido e das ameaças, tentando encobrir a voz das guardas

com suas pregações monótonas. A verdade é que não sabemos muito mais, porque de repente se aborrecem e acabam com elas, as trancam numa cela de castigo durante dias, semanas ou meses, e quando elas saem são outras pessoas. E já nem querem falar sobre o que fizeram. É horrível. Isso não tem nome. É um castigo que nem o mais cruel dos assassinos merece — a presa fixou os olhos em Maria José e sem perder tempo nem para piscar lhe perguntou: — Você acredita em Deus? — Maria José fez que sim com a cabeça. — Pois você tem sorte. Reze para que isso não aconteça com você. Quem sabe seu Deus a ajude, mas se é capaz de consentir esse horror, por que iria poupar você e não as outras, não é mesmo?

Maria José vivenciou tudo com verdadeiro terror. O simples e fugaz pensamento de que podia ser ela a escolhida para se sentar naquela cadeira preta e ser a vítima daquele espetáculo sádico e amoral lhe fazia mal para o corpo e transtornava o cérebro. Estava convencida de que não resistiria e teria um infarto. Compreendeu que não era ruim o conselho dado pela nova companheira de cela e rezou muito.

Nos dias que se seguiram, tentou descobrir discretamente, para não chamar a atenção, o paradeiro da presa que haviam submetido ao castigo da cadeira preta. Mas ninguém soube lhe dizer nada. Em poucos dias todas pareciam ter se esquecido da “desgraçada”, como Jo a batizara. Todas, menos ela. Toda noite revivia mentalmente, mesmo sem querer, mas sem conseguir evitar, os atormentados gritos misturados com os soluços de agonia da “desgraçada” e não podia deixar de imaginar como ela se sentiria naquela situação traumática. Quando as atrocidades de suas maquinações mentais eram exageradas, metia-se sob o lençol em seu catre e punha-se a rezar em voz alta o suficiente para abafar os pensamentos que a atormentavam sem piedade. Sabia que suas companheiras de cela poderiam ouvi-la, mas nenhuma dizia nada. Entendiam que a intimidade da cela era o único reduto de liberdade de que dispunham para poder se sentir realmente livres. Era seu código particular de honra, que conseguia ficar a salvo da realidade da prisão.

Ninguém melhor que ela para saber o que era experimentar constantes humilhações e ver-se transformada no centro de repetidas e absurdas zombarias por parte de algumas oficiais. Desde o primeiro instante, ela avisara que seu delicado estado de saúde requeria uma férrea disciplina no que dizia respeito ao horário da alimentação e de tomar uma série de remédios, mas isso não pareceu amolecer o coração de algumas guardas. Quando Maria José pedia água mineral às funcionárias da prisão, conforme recomendação médica, e alertava sobre o risco de consumir outro tipo de água, elas lhe negavam. Diziam que não havia e que ela bebesse água da torneira da pia que havia em sua cela. Ela insistia, dizendo que tinha dinheiro, podia pagar, mesmo que fosse mais caro, que a água de sua cela era suja, que lhe fazia mal, mas não a atendiam. As refeições se tornaram um verdadeiro suplício, especialmente quando a encarregada de servir sua bandeja, antes de entregá-la, cuspiam, dizendo “Lembranças de Jaudee”. Tinha consciência de que não podia fazer o que queria, que era atirar aquele prato em sua cabeça, porque sabia que tal atitude podia levá-la a uma solitária, o que significaria privá-la de falar com sua filha, seus pais e seus advogados durante dias, ou mesmo semanas. Por

isso preferia o duro exercício de engolir o orgulho, sair da fila e ficar sem comer, aproveitava uma parte da comida que algumas presas amigas deixavam para ela ou optava por comer os alimentos que conseguia no autosserviço da prisão, a maioria deles embalados, pré-cozidos e elaborados, como envelopes de sopas, latas de conserva e macarrão, bolachas ou sanduíches, o que na verdade não lhe fornecia os nutrientes necessários para atender ao seu precário estado de saúde.

— Vi uma infinidade de vezes fazerem isso com você, mas preferi não lhe dizer nada — confessou-lhe afinal uma de suas amigas, apoiada pela confirmação das outras. — Você precisa se alimentar, e se eu não soubesse não notaria.

Maria José teve que fazer um grande esforço para segurar a reação de seu estômago, que só queria expulsar o que havia nele, mas conseguiu.

— Eles me perseguem. O desgraçado do meu ex-marido se encarregou de tornar minha vida aqui o mais infernal possível, para me derrubar, para que eu me dê por vencida e decida trazer minha filha. Mas não vai conseguir isso. Prefiro morrer, que entre outras coisas é o que aquele imprestável está querendo — à medida que as pronunciava, aquelas palavras pareciam dar mais ânimo a Maria José. — Se isso que estou vivendo é um aperitivo do que pretendem fazer comigo no futuro, estou satisfeita.

Não era preciso prestar muita atenção para concluir que algumas funcionárias queriam fazer da presa espanhola o alvo de suas baixezas humanas e seus cruéis divertimentos. A maioria conhecia sua história e sabia que a situação daquele que fora seu marido e a condição profissional de sua atual mulher podiam fazer de sua estada na prisão uma corrida de desagradáveis obstáculos, exatamente como vinha sendo.

Era habitual vê-la desconcertada, chorando, incapaz de se consolar diante das arbitrariedades de algumas funcionárias. Por exemplo, alguém havia entrado em sua cela e depois de remexer em tudo, com a imunidade que lhe conferia sua posição de poder, havia levado a única foto que tinha da filha, minúscula, plastificada com cuidado, na qual a pequena Victória Solenne aparecia sorrindo, de tranças, com as faces rosadas. Só de olhá-la já se sentia reconfortada quando mais precisava. Levaram também os desenhos que a filha lhe mandara, além de documentos importantes de seus advogados, cartas de sua irmã e dos pais, papéis escritos que pretendia mandar para agências de notícias norte-americanas, como cnn, nbc e cbs, além de um ou outro objeto pessoal que funcionavam como amuletos nos momentos mais difíceis. Protestava, ameaçava denunciar as autoras do roubo, como ela dizia, mas a única coisa que conseguia era acumular zombarias e desprezo, o que a consumia e levava a estados depressivos. “Aqui, entramos nas celas quando nos dá vontade”, disse uma das agentes, “porque há tanta merda nelas que precisamos limpá-las, já que vocês não fazem isso. Vocês são piores que animais. Sabe-se lá o que têm escondido por aí! Mas tenha muito cuidado”, disse enquanto aproximava o cassetete do peito, “porque estamos atentas e, quando você menos esperar, viremos para ver o que esconde. E então vamos ver quem denuncia quem.”

Não levaram muito tempo para cumprir a ameaça. Poucos dias depois, quando ela estava na biblioteca, funcionárias foram buscá-la e lhe informaram sobre sua nova situação.

— Acompanhe-nos. Você vai para uma solitária por no mínimo quinze dias.

Maria José se perturbou com o gesto, como se aquelas palavras a tivessem arrancado brutalmente da leitura em que estava imersa. Além disso, ao lhe negarem o direito de frequentar a biblioteca, impediam-na de telefonar livremente e sem escutas, já que uma das funcionárias se solidarizara com ela e lhe permitia fazer isso, sempre tomando cuidado para que não aparecesse nenhuma oficial que pudesse descobrir o que estava havendo.

— Mas por quê? O que fez? — já havia se acostumado a formular essa pergunta, uma vez que os castigos que lhe eram aplicados não eram motivados por mau comportamento, mas por maldade de alguma oficial.

— Você tinha escondida uma agulha para agredir as guardas — respondeu a oficial, que Maria José reconheceu como uma daquelas que costumavam zombar dela. Ela segurava a agulha na mão direita, exibindo-a como se fosse um troféu. — É claro que você tinha intenção de atacar as oficiais que entrassem em sua cela.

— Mas isso é mentira! — gritava, enquanto as funcionárias a intimavam. — Isso é um absurdo! Sou diabética e solicitei um aparelho para controlar o açúcar no sangue. Atenderam-me, por isso encontraram essa agulha. Com isso não posso atacar ninguém, mesmo que quisesse. É tudo mentira.

— Vejam só, ficou rebelde a espanhola! E também suponho que seja mentira que você está há dias fazendo planos para escapar. Estivemos vigiando você, ouvindo suas conversas ao telefone, e foi assim que descobrimos — a nova acusação do oficial fez Maria José responder com um riso meio debochado, diante da absurdo daquilo que ouvia. — Fico contente por estar achando graça. Vai ter muito tempo para rir no lugar para onde você vai. E de continuar aperfeiçoando seu plano de fuga.

Durante dias, não conseguiu calcular quanto tempo, embora parecessem anos, ficou fechada em seu quarto escuro, frio, úmido, sem nenhuma companhia nem ruídos, sem oportunidade de falar com ninguém ou ter alguém para atender a seus pedidos, sem notícias de fora, alimentando-se praticamente de ar e agonizando de dor devido à piora de seu estado de saúde por causa das duras condições em que a haviam deixado ali, fechada naquela cela de castigo.

Quando saiu daquele buraco onde a haviam abandonado como se fosse um cachorro, era evidente sua exagerada perda de peso, o tom amarelado que sua pele adquirira, sua dificuldade para se pôr de pé e suportar a claridade, cuja longa falta era denunciada pela expressão de seus olhos. Seu estado de ânimo parecia completamente arrasado, e isso não passou despercebido aos olhos das internas nem das funcionárias.

— Mas pelo amor de Deus, Maria José, o que lhe fizeram? — perguntou Zen, uma presa de origem coreana com quem Maria José conseguira fazer mais amizade. — Olhe só para você! Isso não pode continuar. Vão acabar matando você.

— Que matem, se é isso que querem. Mas o que não vão conseguir é ver o rosto da minha filha, só se for por foto — respondeu a valenciana com um meio sorriso, como se aquele pensamento a animasse.

Uma das poucas oficiais que mostravam alguma atenção com ela, ao ver seu estado de ânimo e sabendo de todo o martírio que lhe estavam infligindo naquela prisão, aproximou-se

dela e perguntou:

— Mas por que você não cede? Se trazer sua filha para os Estados Unidos, pelo menos vai recuperar a liberdade e poderia vê-la, ficar com ela, viver como uma pessoa normal e não trancafiada como se fosse uma criminosa.

Não era a primeira vez que essa agente insistia nisso, mas sempre recebia a mesma resposta.

— Você não sabe o que está dizendo ao me pedir isso — respondia Maria José, sorrindo timidamente e mexendo a cabeça, enquanto lembrava que aquele pedido já havia sido apresentado não só pelo consulado espanhol como também por seus pais e sua irmã, quando estavam desesperados, sem suportar a ideia de que sua filha fosse presa e tratada como terrorista. — Você acha que posso permitir que minha filha fique com um homem que foi capaz de tentar acabar com a minha vida e com a dela, que se vangloria de me ver nessa situação? Acha que seria capaz de deixar minha filhinha com um monstro assim? Antes de tudo, sou mãe e não entendo a vida de outra maneira. Minha filha não acabará nos braços de um assassino, um psicopata, um criminoso...

Os outros adjetivos que foram saindo de sua boca se confundiram com um fraco murmúrio que acabou encobrindo sua voz. Ficou adormecida na cama, nos braços de sua amiga Zen. Era um sono motivado por cansaço, humilhação, tristeza, desânimo, desesperança, injustiça. Nem conseguiu ouvir a amiga lhe dizer que o outro dia seria melhor. Seus ouvidos haviam se acostumado a se blindar para as mentiras.

27

SÓ FALTAVA UM DIA PARA QUE SUA IRMÃ COMPARECESSE de novo diante do juiz, em cujas mãos estava a decisão de sua imediata liberdade. Pelas notícias que os advogados lhe comunicavam, Victória sabia que havia muitas possibilidades de que o magistrado fixasse uma fiança que abrisse as portas da prisão em que Maria José estava havia pouco mais de um mês. Enquanto dirigia seu carro pela estrada de Valência a Madri, para onde se dirigia para consumir sua intenção de acorrentar-se ao Ministério das Relações Exteriores em sinal de protesto pela situação em que se encontrava sua irmã, Victória rememorava em silêncio o inferno que havia sido o Natal. A tristeza tomou conta de tudo. A casa de seus pais, que sempre fora sinônimo de festa, alegria e comemoração, principalmente nessa época, ficou apagada, sem vontade de festejar. A ausência de Maria José permeava tudo, e sua lembrança tornava o ambiente praticamente irrespirável no salão da casa, que mais parecia fantasiado do que enfeitado para a modesta celebração do Natal. Nem mesmo o compromisso assumido por todos de se manter animados diante da pequena Victória Solenne

pôde ser cumprido. Era muita dor para esconder e muito menos dissimular. A noite foi pesada, longa e penosa, embora a ceia tenha transcorrido em tempo recorde: em apenas quarenta e cinco minutos tudo se acabara. Não houve presentes, nem cânticos de Natal, e mal se achavam assuntos que distraíssem, ainda que hipocritamente, os presentes. O silêncio presidiu aquela noite em que todos se indagavam sobre o que estaria fazendo sua filha, a irmã, a mãe. Maruja se consumia em suspiros, e quando achava que a neta não a estava vendo, secava as lágrimas com um lenço ou se levantava e ia para a cozinha a fim de desabafar sem receio de ser vista. Victória e o pai se preocupavam em manter a garotinha ocupada. Ela parecia ser a única que se atrevia a falar na mãe.

— A mamãe me disse que estaria comigo no Natal e não veio — comentava a menina enquanto mastigava mecanicamente o que o avô ia pondo em sua boca. — Por que ela não veio, vovô? Acha que ela vai me telefonar de novo esta noite?

— Claro que sim, querida. Vai ligar, sim — respondia forçosamente Victória, diante do abatimento do pai ao ouvir a pergunta da neta. — E se não ligar, ontem ela já lhe disse que a ama muito e que virá logo. Você já sabe que ela está trabalhando muito, mas quando voltar você verá tudo o que vai lhe trazer.

— Não quero que me traga nada — respondeu a garotinha quando conseguiu engolir a comida que ia de lá para cá em sua boca. — Só quero minha *mami*. Só quero vê-la e ficar com ela. Como sempre.

A avalanche de recordações que se abateu sobre Victória lhe trouxe à memória o *e-mail* enviado por Peter no dia vinte e dois de dezembro de dois mil e seis, um dia depois da detenção de Maria José: “Feliz Dia de Ação de Graças. Não creio que Maria José vá desfrutá-lo muito na prisão. A chave da cela dela está com sua família”. Nunca conseguiu entender a origem de tanta maldade. Jamais pôde entendê-la.

A voz de uma de suas melhores amigas, que se dispôs a acompanhá-la para que não se metesse sozinha naquela aventura, a fez voltar a si do mergulho interior que essas lembranças nada gratas provocavam nela.

— Acho que nos esquecemos de algo — disse Marian.

— O quê? Liguei para as agências de notícias e órgãos de imprensa para que cubram o evento e o façam repercutir. Trouxe o cartaz exigindo que o governo se mobilize e vim agasalhada para o caso de que a coisa se estenda e não me deem atenção — Victória foi mencionando tudo ao mesmo tempo em que repassava mentalmente cada coisa que enumerava. — Esqueci alguma coisa?

— As correntes, Victória. O que você vai fazer dentro de duas horas na porta do Ministério das Relações Exteriores se chama acorrentar-se, ou seja, se prender com correntes. Suponho que você não pensou nisso.

Victória olhou para a amiga e repetiu: “As correntes”.

A primeira coisa que fizeram ao chegar a Madri foi procurar uma casa de ferragens. Compraram três correntes de três metros cada uma e quatro cadeados. O vendedor observou como Victória punha as correntes sobre o corpo para tirar as medidas, mas não perguntou nada. Sua função era vender o material, e o que cada um fizesse com os produtos vendidos não

era problema seu. Perguntaram-lhe qual o melhor caminho para o Ministério das Relações Exteriores e não demoraram mais de meia hora para chegar lá.

— Agora é preciso agir rápido e com decisão — aconselhou Marian, enquanto ambas observavam do carro o local escolhido para o protesto. — Saímos do carro, vamos até a porta do ministério, tranquilamente e sem despertar suspeitas entre os guardas civis da entrada. E quando estivermos lá, você pega as correntes e eu a ajudo a acorrentar-se à porta. Está claro?

Victória assentiu com a mesma expressão assustada com que percorreu o trecho que separava o carro do ministério. Fazia frio e, embora estivesse agasalhada sentiu que seus braços e suas pernas estavam paralisados. O que não pôde comprovar foi se o enrijecimento que sentia era devido à baixa temperatura ou ao medo ante aquilo que estava a ponto de fazer. Quando chegou o momento da verdade, os nervos e a pouca prática que tinham em matéria de protestos de rua fizeram os membros da guarda abortar sua intenção de se acorrentar. Contudo, eles se mostraram amáveis com ela, e quando ela lhes contou a razão de sua presença ali, até lhe indicaram um lugar mais apropriado para se acorrentar e abrir seu cartaz.

— Se você os puser na frente, eles serão vistos do mesmo modo, e lá nós não podemos impedir nada — disse um dos guardas civis. — Ah! Um conselho — disse ele, enquanto pegava um dos cadeados e parte de uma das correntes. — Se o fecharem desta maneira, será mais cômodo e principalmente mais eficaz.

— Ah, muito obrigada, o senhor é muito gentil — respondeu Victória. — Ouça, tem mais uma coisa: é que na frente não há nada em que possa me acorrentar. Não vou me acorrentar a uma árvore.

Os guardas sorriram dissimuladamente, e um deles sugeriu:

— Você pode fazer isso numa dessas cercas amarelas que são usadas para interromper o tráfego numa rua ou para indicar que ali há obras. Um colega vai ajudá-la e conseguirá uma para você.

Victória passou as correntes pelo pescoço e pela cintura, ajustou-as com os cadeados, como lhe indicara pouco antes o guarda civil, e desdobrou o cartaz no qual se lia “O governo, por seu mau relacionamento com os Estados Unidos, permite que uma espanhola apodreça na cadeia”, complementando o texto com a primeira página do jornal *El Diario*, na qual aparecia Maria José contando sua história antes de ir para a prisão. Enquanto os poucos veículos que haviam atendido a seu chamado a filmavam e fotografavam, Victória percebeu que um sentimento, como que de vergonha, se apossava dela e então voltou a pensar em sua irmã. Talvez tenha sido por isso que dirigia o olhar para o chão ou o fixava no cartaz, atrevendo-se com timidez e apenas vez por outra a olhar diretamente para as objetivas dos repórteres. No entanto, não tinha intenção de sair dali até que alguém do Ministério das Relações Exteriores lhe desse uma resposta. Um dos guardas civis lhe estendeu um *cappuccino* que havia comprado numa loja Starbucks situada a poucos metros de onde estavam. Foi um gesto que reconfortou não só seu físico, mas também seu ânimo. Enquanto bebia o café, que logo começou a lhe aquecer o corpo, pois já fazia quatro horas que estava acorrentada ali, viu que uma pessoa havia saído do prédio do Ministério das Relações Exteriores e caminhava na direção delas, convidando-as para entrar.

— Vocês serão recebidas por um assessor do ministro, para que façam sua denúncia. Esperem aqui, por favor — disse-lhes a mesma mulher que fora buscá-las, indicando-lhes duas cadeiras colocadas à entrada de um escritório. Poucos minutos depois, enquanto as duas amigas observavam o interior do edifício, apareceu outra mulher que, apontando para elas e sem saber que a ouviriam, disse: “Vim buscar os pacotes para levá-los ao meu chefe”.

Victória e Marian se entreolharam, aquela não era a melhor maneira de começar, mas, já que seriam recebidas, não queriam atrapalhar aquela chance pelo mau gosto e pela péssima educação de uma funcionária. Dois assessores do ministro das Relações Exteriores as receberam, apresentando-se como Miguel Ángel de Frutos, diretor-geral de Assuntos e Assistência Consulares, e o subdiretor-geral de Proteção dos Espanhóis no Exterior, da Direção-Geral de Assuntos e Assistência Consulares. Durante uma hora Victória os inteirou da situação em que se encontrava sua irmã, que a julgar pelo gesto impassível de seus interlocutores não se tratava de um assunto que conhecessem. Falou rápido, mal respirando e sem lhes dar o mínimo de tempo que fosse, já que temia que a qualquer momento fossem convidá-las a se retirar. As palavras pareciam tropeçar em seus dentes e não sair de sua boca com a suficiente nitidez, mas não parou de falar enquanto procurava entre seus papéis a documentação que garantia suas denúncias. Nem sequer lhe ocorreu retirar o casaco, que lhe dava uma angustiante sensação de asfixia devido à forte calefação que havia no ambiente. Somente quando acabou de falar desabotoou o casaco e umedeceu os lábios num copo com água que alguém pusera ao seu lado momentos antes do início da reunião. As promessas de que se interessariam pelo caso e que fariam tudo o que estivesse ao alcance deles para pôr fim à situação de sua irmã a fez sair do ministério carregada de esperanças e bons augúrios, convencida de que o governo de seu país faria alguma coisa para remediar a situação de Maria José.

Depois de se despedir amavelmente dos guardas civis que continuavam às portas do ministério e agradecer-lhes o apoio, Victória e Marian voltaram para Valência. Chegaram tarde, já madrugada adentro. Tanto para ela como para a família seria um dia difícil. Em apenas algumas horas sua irmã compareceria mais uma vez diante do juiz. Sua liberdade podia se dar numa questão de pouco tempo. Nunca pensaram que aquilo poderia se transformar numa árdua e utópica corrida de obstáculos.

28

ENQUANTO VESTIA A CAMISETA BRANCA DE ALGODÃO que usaria sob o uniforme azul regulamentar, divertiu-se pensando que talvez aquela fosse a última vez que a usaria. Abotoou-se pacientemente, sem permitir que isso apressasse seus atos. Olhou sua

imagem no pequeno espelho que tinham pendurado em uma das paredes da cela. Viu as profundas olheiras que denunciavam a insônia que a consumira durante toda a noite e mostravam o sofrimento acumulado ao longo de sua permanência na prisão. Maria José prendera o cabelo num rabicho baixo, na altura da nuca, e tentou sem sucesso controlar algumas mechas rebeldes que não pertenciam à franja nem tinham comprimento suficiente para serem presas. Observou com impassível aceitação que o uniforme era muito grande para ela. “Vou sair daqui. Tenho que sair daqui.” Quatro guardas a conduziram de sua cela a uma das salas da prisão, de onde seria transferida depois para a corte de justiça de Nova Jersey. Observou sem se alterar, e com uma moderação alheia ao drama que estava prestes a enfrentar, quando seus policiais colocavam em seus punhos algemas das quais saíam correntes duplas, que prenderam em volta de sua cintura. Sentiu o frio do metal enquanto um policial manipulava um grande cadeado com o qual fechou a corrente. Não pôde se ver naquele momento, mas teve a impressão de que sua imagem acorrentada não devia estar muito diferente das que se costumam ver na infinidade de séries e filmes nos quais o preso é levado pelo corredor da morte ao local onde vai pagar pelo crime cometido. Não pôde deixar de pensar nos inocentes que haviam sido condenados à morte. Sentiu-se mais próxima deles que nunca, mas a analogia, em vez de confortá-la, a fez estremecer.

Tanto no veículo que a levou do cárcere como na sala do tribunal, a espanhola manteve o tempo todo as mãos juntas, com os longos e finos dedos entrelaçados, já que as correntes não lhe permitiam grandes movimentos. Chamaram a sua atenção as marcas que as algemas estavam deixando em sua carne. Tentou afrouxá-las mas, sem êxito, abandonou o gesto, não sem antes fixar os olhos na pulseira de plástico transparente que trazia no pulso esquerdo, na qual aparecia seu nome completo, seu número de presidiária e uma pequena foto sua tirada assim que entrou na prisão. Com muita dificuldade, devido às correntes, conseguiu levantar a mão direita até a altura do cotovelo e estender levemente o dedo indicador enquanto falava com seu advogado sobre sua defesa e a conveniência de insistir em que ela não havia cometido nenhum delito e que a detenção e a subsequente permanência na prisão eram ilegais. O olhar lânguido e cansado da valenciana se voltou para os dirigentes da sessão. Ela sabia que não veria nenhum rosto conhecido e muito menos familiar que lhe dirigisse um pouco de confiança, exceto os de seus amigos Sara e Angel, aos quais devolveu, timidamente e com esforço, o sorriso que lhe enviaram. Aquele gesto se desfez com a mesma rapidez que cai um castelo de cartas quando seus olhos passaram pelo rosto do homem que fora seu marido e a quem ela devia o fato de estar naquela corte, acorrentada, humilhada, indefesa, acusada de sequestrar sua própria filha e de desobediência à autoridade judicial dos Estados Unidos.

Observou-o por alguns segundos, desafiando-o com o olhar, desejando ser capaz de transmitir-lhe todo o ódio que sua mera presença despertava nela. Talvez tenha conseguido, porque Peter não demorou a voltar os olhos para o outro lado da sala. Não constatou a presença do cônsul espanhol, que também estivera ausente na ocasião da decisão judicial que resultou em sua transferência para Nova Jersey. Preferiu enviar um delegado para representá-lo, o que indignou a família quando horas mais tarde souberam que de novo ele estivera ausente. Quem estava naquela sala, embora Maria José não tivesse conhecimento disso, era o

fotógrafo amigo de José Antônio que o acompanhara à prisão de Rikers Island com Victória, em sua primeira e única visita. Havia se impressionado com a história daquela mãe espanhola e decidiu acompanhá-la. Sua objetiva imortalizou o rosto da valenciana no momento em que ela ouvia a sentença.

A fiança fixada pelo juiz foi recebida com um súbito murmúrio de surpresa que se estendeu por toda a sala. Um milhão de dólares, que mais tarde se reduziria à metade, era o que Maria José teria que pagar se quisesse sair da prisão, e sob a condição de entregar a filha às autoridades de Nova Jersey. Quando ela ouviu a sentença, virou-se na direção do marido e, tirando força do ódio que estava sentindo, gritou, apontando com o dedo indicador: “Você vai perder. Vai perder”. Apesar da firmeza de suas palavras, só obteve como resposta um cínico e ferino sorriso, que ela classificou como mais uma palhaçada do ex-marido. Mais uma crueldade a que ela já se acostumara.

A curta e infeliz cena foi interrompida pela rápida ação dos policiais, que a retiraram da sala para levá-la de volta à prisão. Maria José sentiu que a forte carga emocional e o profundo ressentimento eram o que a impediam de chorar. Não conseguia entender como aquele homem que lhe havia causado tanto dano ficasse sorrindo ali naquela sala, enquanto ela era devolvida ao cárcere. “Ele vai perder. Vai perder”, ela pensava, ao ser levada até o furgão em que retornaria à prisão, sem ter consciência de estar manifestando em voz alta suas pragas.

Outra pessoa que saiu apressada daquela sala foi Miguel, o fotógrafo. Sem o seu conhecimento, uma de suas fotos que mais tarde iriam para uma agência de notícias ilustraria a primeira página de um jornal espanhol de distribuição nacional. A fotografia de uma Maria José abatida, doente, algemada, vestindo o uniforme azul e exibindo na expressão a desolação que sentiu ao ouvir o veredito do juiz, que a privava de liberdade e do direito de ir para junto da filha, comoveu a opinião pública espanhola, que até aquele momento desconhecia o drama que Maria José estava vivendo. A chamada de capa acima da foto no jornal *La Razón* de dezoito de janeiro de dois mil e sete dizia: “O pesadelo americano de Maria José Carrascosa”, enquanto a matéria abria assim: “Uma espanhola é encarcerada em Nova York pelo sequestro de sua própria filha”.

Quem primeiro viu a terrível foto de Maria José foi seu pai, num noticiário televisivo da madrugada, no qual são apresentadas as capas dos principais jornais nacionais. A imagem ocupou toda a extensão da tela durante alguns segundos. Só e em silêncio, chorou como não fazia havia anos, num desconsolo que nunca sentira. Não tivera oportunidade de ver a filha desde que ela deixara a Espanha, no dia vinte e um de julho, para se apresentar voluntariamente a um juiz de Nova Jersey, que insistia para que ela comparecesse pessoalmente diante da corte. A imagem consumida da primogênita, a menina de seus olhos, o comoveu profundamente. Sentiu-se arrasado, abatido, ultrajado. Como para conseguir fazer desaparecer todo o drama que desfilava diante de si, fechou os olhos, mas sua mente continuava vendo a filha naquela fria e distante sala de tribunal. Não quis despertar sua mulher e ficou aliviado por sua neta estar dormindo em seu quarto, por enquanto alheia ao drama. Achou que haveria tempo no dia seguinte para sofrerem o brutal impacto. Mais tempo do que teriam imaginado.

No dia seguinte, a casa da família Carrascosa parecia o núcleo central de uma concentração maciça de amigos, vizinhos e principalmente veículos de comunicação, que alertados pela impressionante fotografia de Maria José queriam se inteirar da história. O telefone não parou de tocar o dia todo, coisa que logo se tornou habitual naquela casa, uma situação a que a família não conseguia se acostumar. José decidiu que sua neta não iria naquele dia ao colégio, para evitar pressões e situações incômodas que pudessem prejudicá-la, e que seria melhor para todos que ela passasse o dia na casa de amigos, alheia ao tumulto que estava prestes a se instalar naquele que até então era um lar aprazível e tranquilo. Custou a acalmar sua mulher, que não foi capaz de digerir a imagem da filha que aparecia na capa de um jornal que estava sobre a mesa da sala de jantar, comprado pelo marido logo de manhã, muito antes que à porta de sua casa se juntasse uma multidão de jornalistas e curiosos para obter mais informações.

Quem não teve como se preparar para a descarga emocional que ia receber ao contemplar a fotografia de Maria José foi Victória, que praticamente se inteirou do que se passava quando ligou o televisor. A visão da irmã naquele estado e a ocupação da entrada da casa dos pais por uma nuvem de câmeras de televisão a fizeram pensar que ainda não despertara do pesadelo daquela noite. O caráter surreal da cena a que assistia a deixou imobilizada, sem reação e hipnotizada diante do televisor. Não podia acreditar no que via nem tinha capacidade para entender e assimilar o que aquelas vozes diziam sobre a irmã.

O toque do telefone rompeu a bolha em que se achava minutos antes, quando ainda de pijama e com uma xícara de café na mão resolvera ligar a televisão e deixá-la como som de fundo, até que estivesse realmente desperta.

— Victória, filha — era a voz do pai, que lhe soou normal, sem estranheza, o que deu a entender que pelo menos ele tinha a situação sob controle —, não sei se você já viu os jornais ou a televisão...

— Papai, estou vendo sua casa na televisão, minha irmã... o que significa tudo isso? — perguntou.

— Publicaram uma fotografia de Maria José durante a sessão de ontem, que repercutiu em todos os canais de televisão, emissoras de rádio, jornais. Eles não param de ligar para cá, e não sei como começar a lhes contar. Querem saber tudo, todos ao mesmo tempo, e pedem para me entrevistar imediatamente ao vivo — a aparente tranquilidade que Victória notara na voz do pai assim que ela atendeu ao seu telefonema parecia ter desvanecido. — Acho que é melhor você vir me fazer companhia, e quem sabe possamos fazer isso juntos.

— Claro, papai. Estarei aí em vinte minutos. Fique calmo. Conseguiu falar com Maria José?

— Não. Não sei nada dela. Nem consegui falar com ninguém, advogados, embaixada, consulado, amigos. Isso é um inferno. Um inferno maldito e desumano. Não sei o que vai ser de nós, não sei...

— Está bem, fique tranquilo. Vou me trocar e irei em seguida. E mamãe? Como ela está? — o silêncio do outro lado da linha, interrompido apenas pela respiração forte e profunda, a fez

entender que as coisas não iam bem. — Estarei aí logo. Tudo se ajeitará. Sejam fortes. Amo vocês.

Não soube como, mas em questão de minutos foi convencida a aparecer, com o pai, num programa de televisão matinal. Enquanto prendiam o microfone em sua blusa e faziam o mesmo com seu pai, eles observavam a confusão de cabos, aparelhos, luzes e pessoas que de uma hora para outra, como num passe de mágica, haviam ocupado a sala de jantar de sua casa. Victória olhava sem ver, não entendia nada, sentia que estava a milhares de quilômetros daquele lugar. Tinha certeza de que, se lhe dessem uma picada com uma agulha, seria impossível que dela saísse uma única gota de sangue. No entanto, quando uma das moças que se movimentavam por ali muito à vontade lhe avisou que em trinta segundos eles entrariam no ar, ela sentiu que voltava a si. Com a boca seca, daria qualquer coisa para beber um copo d'água, mas não se atreveu a pedir nada, na iminência de entrar no ar ao vivo. Teve tempo, contudo, de observar a perna que seu pai balançava de maneira nervosa, mostrando o terror que sentia nesses momentos. Por um instante ficou com pena dele e se esqueceu de tudo. Tomou sua mão e lhe disse, sem nenhum constrangimento diante de quem pudesse estar observando: “Não se preocupe, papai. Estou aqui. Tudo vai dar certo. Se quiser, deixe que eu falo para poupar o senhor disso”. O pai assentiu com um sorriso forçado e ao mesmo tempo triste. Tinha nos olhos aquele brilho emocionado causado pela dor e pelo sofrimento e que tanto sensibilizava Victória, o brilho que antecede o pranto e ao qual é difícil ficar imune, especialmente para qualquer filho que o veja nos olhos do pai.

Quando todo o pessoal da imprensa se foi, eles respiraram aliviados e ao mesmo tempo agradecidos pela possibilidade de denunciar a situação que estavam enfrentando e permaneceram os três sentados no sofá. Não se olhavam nem tinham energia para conversar. Estavam exaustos, esgotados, perturbados, só tinham forças para fechar os olhos e se abandonar a um ansioso sono profundo. Haviam passado seu primeiro dia de contato com vários meios de comunicação, respondendo a todas as perguntas que lhes faziam. Experimentaram o que significava para seus nervos fazer isso diante de câmeras e microfones e de forma esquemática por falta de tempo, o que acabava resultando em contar mil vezes a mesma história, com os mesmos detalhes, denúncias, procurando as palavras exatas para evitar que um deslize na forma ou no sentido das palavras pudesse complicar ainda mais o caso. Foi uma autêntica prova para quem desconhecia a matéria, mas eles no fim tiveram a sensação de tê-la superado bem.

Quando o telefone tocou, eles quase pularam do sofá achando que fosse um telefonema de Maria José. Mas não era.

— Oi, titia, sou eu. Vou ficar dormindo aqui ou você virá me buscar? A mãe da Paula fez macarrão para o jantar e disse que se você deixar posso ficar até amanhã. Posso? Posso? Você deixa, titia?

A inocência da sobrinha, alheia a tudo o que se passava na vida deles, emocionou e ao mesmo tempo tranquilizou Victória, que considerou uma bênção a sobrinha não estar sabendo de nada e desejou que isso durasse o máximo possível.

— Prometo que vou me comportar bem e amanhã farei todos os deveres. Vou ter que ir ao

colégio amanhã ou não vai haver aula?

— Hoje você pode ficar com sua amiguinha, e amanhã de manhã a titia vai buscar você. Está bem assim?

— Sim, sim, obrigada. Dê um beijinho na vovó e no vovô. Vou passar o telefone para a mãe da Paula, que ela quer falar com você para contar como estou me comportando bem.

— Victória — pela voz ela viu que se tratava da mãe da amiguinha. — Fique tranquila que ela está muito bem. Sua sobrinha é um amor. Como vocês estão?

— Passados, Virgínia. Foi demais. Mas acreditamos que será positivo. Tomara que sirva para alguma coisa — Victória queria mudar de assunto porque já não tinha vontade de continuar falando e dando detalhes, pois estava muito cansada. — Olhe, obrigada por ficar com minha sobrinha. Amanhã mesmo vou buscá-la.

— Não tenha pressa. Você sabe que ela pode ficar o tempo que for necessário. Estamos muito contentes por ela estar conosco. Não esqueçam que ela, mais cedo ou mais tarde, vai saber de tudo, e vocês têm que estar preparados.

— Obrigada por tudo, Virgínia. Até amanhã.

Eles se enganaram ao pensar que naquele primeiro dia haviam feito tudo o que estava em suas mãos para denunciar a cruel história que o destino lhes reservara. Aquele foi só o início de um longo, complicado e esgotante percurso de ligações para ministérios, reuniões nas chamadas altas esferas, aparições públicas, denúncias, manifestações, entrevistas em todas as emissoras de televisão, de rádio e todos os jornais do país. O estado de saúde da mãe de Maria José havia piorado desde que ela fora detida e levada para a prisão, e seus surtos de ansiedade somados aos crescentes problemas de vista, sem dúvida agravados pela tensão a que estava sendo submetida nos últimos meses, e que segundo os médicos poderiam levá-la a perder a visão de um olho, convenceram Victória e seu pai de que ambos é que deveriam se mostrar publicamente quando fosse necessário.

Eles não demoraram a se dar conta de que as promessas de ajuda que saíam da boca de distintos representantes dos Ministérios das Relações Exteriores e da Justiça, como já ocorrera com o consulado da Espanha em Nova York, ficavam apenas no ar. Os oferecimentos para dar início aos trâmites se diluíam na mesma velocidade que a esperança da família de encontrar ajuda na esfera governamental. Também não tiveram sorte com outros órgãos nacionais e internacionais. Todos se mostravam sensibilizados, prometiam atitudes rápidas e imediatas, desejavam-lhes que tudo terminasse logo e bem, mas ninguém conseguia gerar efeitos práticos capazes de ajudar Maria José.

Victória enviou não centenas, mas milhares de cartas e *e-mails* e fez muitos telefonemas suplicando ajuda para sua irmã à presidência espanhola, a todos os partidos políticos, à União Europeia, aos Estados Unidos, à defensoria pública, ao papa, à Casa Real, a ex-presidentes, a embaixadores de outros países, a advogados de prestígio, a juízes... Recorreu a seu advogado, a quem cansou de pedir, rogar, suplicar e implorar de todas as formas de que dispunha que tentasse fazer o governo da Espanha interferir no processo de sua irmã e o defender no

tribunal de Haia, como parte demandante contra os Estados Unidos, para que se anulasse o auto de prisão e fosse exigida uma indenização por ofensas e danos sofridos. “Trata-se de uma espanhola vítima de injustiça, de um mal-entendido entre jurisdições de dois países, então por que seu país não a defende, por que não luta por ela, por que não faz valer sua dignidade como país e defende sem mais tardar as sentenças ditadas por seus órgãos judiciais?”, repetia Victória sempre que lhe davam a mínima atenção. “Nós pagamos nossos impostos, nunca fizemos nada de mau, então por que o governo de nosso país permite que nos façam isso? Não querem fazer parte dessa farsa? Por que os Estados Unidos defendem seu cidadão Peter Innes, mesmo sendo ele o maior sem-vergonha do mundo, e a Espanha não faz isso com uma cidadã espanhola? Não entendemos isso, senhores, minha família simplesmente não entende o que está se passando.”

A causa de sua irmã exigia de Victória dedicação plena, por isso ela foi obrigada a sair do emprego para se concentrar na libertação de sua irmã durante as vinte e quatro horas do dia, o que também lhe permitia estar mais tempo com a sobrinha, que vivia com os avós. Logo se deu conta de que já não tinha vida própria, profissional e pessoal, ao passar a viver a desventura da irmã mais velha. Chegou a se sentir muito próxima dela ao constatar que estava metida num buraco escuro e profundo, do qual não via modo de sair. Sua existência, como a de seus pais, estava marcada pelo presente desesperado e o futuro incerto de sua irmã, pelos dias determinados para as avaliações das apelações, os eventuais julgamentos, os recursos, a contratação de novos advogados, que acabou sendo muito acidentada e resultou num desembolso milionário pela família, nos telefonemas de Maria José carregados de desalento e dor, no abandono e total desprezo do cônsul espanhol em Nova York, Juan Manuel Egea, que chegou a desligar o telefone numa das raras conversas que teve com a família, a partir do que passou a recusar qualquer comunicação com eles. O desespero foi absoluto quando, em vinte e seis de janeiro de dois mil e sete, a apenas dez dias do julgamento do segundo *habeas corpus* impetrado em defesa de Maria José, sua família recebeu uma notificação procedente da Subdireção-Geral de Cooperação Jurídica Internacional do Ministério de Justiça explicando-lhes a comunicação que haviam recebido da Autoridade Central dos Estados Unidos. Foi Victória quem leu em voz alta a carta enviada a seu pai, tendo sido obrigada a engolir a saliva mais de uma vez diante da crueza da exposição.

Com respeito à condenação da senhora Carrascosa, o juiz está decidindo sobre detê-la indefinidamente, até que ela entregue a menor. Não há data de caducidade. Explicam que a pena que lhe corresponderia se refere aos delitos de no mínimo segundo grau, cabendo a cada um uma sentença de cinco a dez anos, além de um delito individual de quarto grau, cuja sentença é de dezoito anos. Destaca que não está claro que o processo seja levado até o fim e que o Estado não se oporia a uma disposição ou um acordo extrajudicial. Se a menor voltar imediatamente, é possível que o Estado não dê prosseguimento ao processo penal. Com relação aos medicamentos que a senhora Carrascosa requer, o diretor da prisão está cuidando de fornecê-los.

— Mantê-la presa indefinidamente — repetiu Victória enquanto dobrava a carta recém-lida e a colocava de volta no envelope. — O que eles querem está claro. Que ela apodreça na cadeia e não saia de lá até que lhes entreguemos a menina. Querem que ambas as partes

negociem, quando já se viu que isso é impossível. Mas onde anda essa gente da Convenção de Haia e do direito internacional? O que minha irmã tem para negociar com o homem que durante anos a maltratou psicológica e fisicamente e que é acusado de tentar assassiná-la? Será que não veem que ela está numa prisão e ele em liberdade e que eles não estão nas mesmas condições para se sentar e negociar coisa nenhuma? O que esses juízes americanos têm na cabeça? E onde anda a de nosso governo para nos mandar semelhante notificação?

— Como minha filha vai negociar se ela está presa? — disse a mãe soluçando. — Se a tratam pior que um prisioneiro de Guantánamo? Meu Deus, o que minha filha fez de tão horrível para que a tratem assim? Ela não fez nada! Além do mais, ela está doente! Será que não veem isso?

— Não podemos apresentar de novo a questão da negociação — disse quase murmurando o pai, como se estivesse falando consigo mesmo. — Cada vez que fazemos isso, provocamos um ataque de nervos. Não podemos — olhou para a mulher e para a filha Victória, que permaneciam em profundo silêncio. A expressão de preocupação de todos denunciava a impotência que sentiam diante do drama que se abatia sobre a família. — É melhor aguardarmos a decisão judicial de oito de fevereiro. Quem sabe Deus opere um milagre.

Ninguém respondeu ao comentário feito pelo chefe da família, embora Victória tivesse vontade de perguntar por que Deus estava custando tanto para aparecer.

Mais uma vez um obstáculo legal. Depois de uma revisão do processo de mais de quatro horas de duração, o juiz da Corte Federal de Nova Jersey, Dickinson R. Debevoise, negou o *habeas corpus*, fazendo-o imediatamente, praticamente sem conceder aos advogados de Maria José a oportunidade de expor sua tese de defesa. De nada valeram os esforços de seu advogado para exigir sua liberdade, apoiando-se em seu delicado estado de saúde, no modo ilegal que ela foi detida, já que se considerava que a jurisdição sobre o caso de sua cliente era a espanhola, portanto ela não tinha que se submeter à jurisdição norte-americana, e sim à de seu país, que certamente lhe dava razão. Nem mesmo houve resposta para a pergunta feita pelo advogado sobre como era possível que uma causa como a de sua cliente, com uma pena de tantos anos de prisão, pudesse ser resolvida por um simples acordo entre as partes, como determinava o ministério fiscal.

Se é tão grave o motivo pelo qual acusam a senhora Carrascosa, por que mantê-la prisioneira indefinidamente e estabelecer uma pena de tal porte? Vossa Excelência poderia me explicar como se resolverá isso com um mero acordo entre litigantes? Isso não é um absurdo? Não é isso algo alheio a toda razão?

Essa intervenção do advogado também de nada adiantou. A petição foi negada.

Maria José estava começando a acreditar que sua vida entrara numa via que não levava a lugar nenhum, da qual seria impossível conseguir se salvar. Havia depositado naquela apelação todas as suas frágeis e escassas esperanças de poder sair daquele lugar e voltar para o seio da família e reencontrar-se com sua filha, a quem não via já fazia quase sete meses,

desde que subira naquele maldito avião que a levou da Espanha aos Estados Unidos com o objetivo de fazer valer as sentenças espanholas no dito país da liberdade. Mas, de novo, o peso da justiça a deixava desalentada, sem defesas e sem a menor justificativa, e desabava sobre ela para esmagá-la. Sentia-se estropiada, cansada, deprimida, abandonada. Sabia que aquela decisão judicial a obrigava a voltar para aquela insólita rotina na qual se transformara sua existência desde o dia vinte e um de novembro. Quase três meses que para ela haviam representado trinta anos.

Como se a confusão jurídica na qual se sentia presa não a oprimisse o suficiente, teve que enfrentar uma notícia que a obrigou a mais uma vez mudar precipitadamente sua defesa, quando Alan Lewis, seu advogado, lhe comunicou que não podia continuar representando seus interesses porque só estava habilitado para a prática da profissão em Nova York e seu processo ia ser mandado para Nova Jersey. “Há um impedimento legal de minha parte. Não posso defendê-la mais. Você precisa procurar outro advogado. E deve fazer isso já, se não quiser estender ainda mais sua permanência na prisão.” Como já ocorrera antes, e sempre a toque de caixa, Maria José contratou os serviços de um novo defensor, que logo a informou de que em vinte dias, no dia vinte e oito de fevereiro, apresentaria novo *habeas corpus*. Tinham que continuar tentando, mesmo que as forças da valenciana estivessem no fim. As notícias que lhe chegavam de fora não a tranquilizavam em absoluto, especialmente quando seu advogado na Espanha a notificou sobre a resolução ditada pelo Juizado de Primeira Instância dos Estados Unidos, distrito de Nova Jersey, no Processo Civil número 07-0355, com data de cinco de fevereiro de dois mil e sete, na qual censuravam as resoluções dos tribunais espanhóis, a quem acusavam de não ter respeitado a Convenção de Haia nem os princípios de diplomacia internacional. Ou seja, para a justiça norte-americana os tribunais espanhóis se confundiram em suas decisões, por isso nunca aceitariam que o caso da valenciana fosse coisa julgada, como tentava demonstrar desde muito tempo sua defesa. Mais uma vez o revés dos tribunais. “Ninguém vai me telefonar para me dar uma boa notícia?”

Foi seu pai quem se encarregou de fazê-lo, embora nem tivesse consciência disso. Fazia uns dois dias que a família recebera um telefonema de uma cidadã espanhola, residente em Nova Jersey, que havia se inteirado da trama em que sua compatriota estava envolvida e oferecia seu apoio no que fosse necessário. Arantxa havia descoberto a fatídica história numa viagem que fizera a San Sebastián por ocasião da comemoração do aniversário de sua mãe. No avião de volta aos Estados Unidos, leu um minucioso artigo sobre o caso da mãe espanhola, que imediatamente lhe causou grande impacto. À medida que avançava a leitura, sentia que seu estômago se revirava, impedindo-a de ingerir o atraente aperitivo que acabavam de lhe servir; seu coração se contraía, e ela tinha sérias dificuldades até para engolir saliva, como se sua traqueia estivesse se fechando enquanto ela ia tomando conhecimento de novos detalhes daquela história em que estava mergulhada. Quando chegou ao final, surpreendeu-se inundada em lágrimas, diante do incômodo olhar de seu companheiro de assento que a observava de esguelha, sem desviar sua atenção e tentando entender a razão de tanta aflição. Instantaneamente ela se solidarizou com o drama da advogada valenciana, pois sabia perfeitamente o que era estar submetida ao jugo da violência, da incompreensão, dos maus-

tratos conjugais, da solidão e do ódio da pessoa que se tornara seu companheiro havia anos. Arantxa sabia o que era estar num país estranho, longe de casa. Havia se casado com um militar norte-americano que conhecera na Alemanha, para onde se mudara com a família quando o pai fora transferido para atuar na embaixada espanhola dando assessoria aos imigrantes espanhóis que trabalhavam naquele país. O amor que sentia por aquele homem e o sonho de ter sua própria família a levaram a se mudar para os Estados Unidos, onde começou seu calvário particular. Sem ter tempo de entender e muito menos de raciocinar sobre o que estava acontecendo com ela, iniciaram-se os golpes, as ameaças, a violência mais descabida que se estendeu inclusive ao filho deles, de apenas doze anos, que foi surpreendido com a fria ameaça de uma pistola na cabeça. Quem a sustentava era o marido. Arantxa só chorava e suplicava que não fizesse mal a seu filho. O pai acabou levando o menino para longe dela, com o único propósito de mantê-lo afastado durante anos, para deixá-la arrasada, e não poupou esforços para estender sobre sua descendência a semente do ódio e da vergonha da própria mãe, o que nunca conseguiu fazer. Quando se cansou do adolescente, o pai o obrigou a fazer as malas e ir para junto da mãe. O reencontro entre mãe e filho mudou sua vida e sua personalidade, ela era uma nova mulher, feliz, alegre e cheia de otimismo. Sabia que o filho sofrera um dano psicológico imenso devido ao ódio entre os pais, coisa da qual ela ainda não havia se perdoado.

A história de Maria José despertou seus fantasmas do passado e ela então decidiu que devia ajudá-la, como gostaria que alguém tivesse feito quando ela tanto precisou. Constatou que vivia a apenas dez quilômetros da prisão onde a valenciana estava detida e achou que poderia manter relacionamento com ela. Alheia à realidade das carceragens, planejou lhe preparar coisas de comer: bons guisados, como cozido, favada ou uma boa *paella*, levaria livros, iria vê-la nos dias de visitas, ajudaria em seus assuntos com o mundo fora de lá. Enfim, faria tudo o que fosse necessário para que ela não se sentisse sozinha naquele lugar. Quando voltou para casa, as atividades cotidianas a fizeram esquecer seus propósitos iniciais por uns dias, até que um jornal local publicou um artigo sobre a história de Maria José que a comoveu. Sem pensar duas vezes, ligou para o editor do jornal e ele a pôs em contato com o advogado da espanhola, e este, com a família.

Os Carrascosa consideraram boa ideia a disposição de Arantxa e não tiveram dúvidas quanto a pôr ambas em contato. Para Maria José foi realmente estimulante saber que lá fora havia alguém que só queria ajudar, ficar com ela, oferecer-lhe seu apoio, tudo isso em troca de nada. Pela primeira vez em muito tempo, surpreendeu-se rindo, fazendo planos, inclusive se sentia mais plena, como se as conversas com Arantxa carregassem suas baterias, já gastas por sua longa estada na prisão. Nasceu entre elas um sentimento especial de amizade, de sincera cumplicidade e cega confiança, que se fortaleceu ainda mais quando Arantxa obteve a complicada permissão para visitá-la. Demorou muito tempo para conseguí-la, teve que se fazer passar por Victória na lista de visitantes entregue à direção do presídio pelo advogado de defesa, no entanto não permitiram que fizesse chegar até ela nada daquilo que imaginara de início: comida, bebida, papéis, livros, roupa, dinheiro, revistas, envelopes, selos, escovas ou perfumes. Tudo era proibido. De fato, as fotografias da pequena Victória Solenne, alguns

escritos e até um livro de autoajuda que Arantxa conseguiria lhe passar depois de algum tempo ela o fez graças à intercessão de uma amiga que lhe vendera a casa onde ela atualmente residia e trabalhava como enfermeira naquela prisão; e tomando muito cuidado para evitar que fosse descoberta, ela os fazia chegar às mãos de Maria José. Lamentavelmente, essa mulher deixou de trabalhar no presídio de Bergen alguns meses depois, e esse canal secreto se fechou.

Quando Arantxa se encontrou com a valenciana no local destinado às visitas, talvez pelo tanto que já haviam se falado e por sua forte identificação com aquela mulher de aparência frágil e desvalida, teve a impressão de que estava diante de uma consanguínea sua. Um vidro as separava, mas a energia que havia entre ambas conseguia atravessá-lo. Choraram, olharam-se, riram, mantiveram momentos de silêncio cheios de cumplicidade e conversaram durante quase três horas. Fizeram promessa de jamais abandonar uma à outra, de se falar todos os dias e de serem fortes por mais adversidades que a cruel realidade pusesse no caminho em direção à ansiada liberdade.

As conversas acabaram se tornando um hábito e a tábua de salvação de Maria José. Falavam-se diariamente, durante horas, quase sempre entre as sete e meia e as nove da noite, que era o horário em que Arantxa chegava do trabalho e tinha mais tempo para dedicar à amiga. Enquanto preparava o jantar, punha a mesa ou lavava a louça, sempre achava tempo suficiente para dedicar a ela a atenção necessária. No início, os assuntos giravam em torno de seu caso, do drama que vivia, de sua família, do ódio que nutria pelo marido por todo o mal que havia feito a ela e sua filha, sem piedade, e o modo como agiam seus advogados. Mas sobre o que mais gostavam de falar e o que mais as emocionava era sua filha. Não havia nada no mundo que conseguisse desviar a atenção das duas quando falavam dela. Podiam passar horas discorrendo sobre suas habilidades, como tocava bem piano, a boa aluna que era, como gostava de dançar, de ver desenhos animados na televisão, de pintar, andar de bicicleta, se divertir com animais ou brincar ao ar livre, como apreciava camisetas com desenhos. Mas de repente surgiam os medos, as dúvidas, as apreensões que conseguiam perturbá-la.

— Sabe a única coisa que me preocupa, Arantxa? Que minha filha se esqueça de mim. Isso eu não conseguiria aguentar. Creio que morreria se minha filha apagasse da memória os momentos que passamos juntas, as histórias que eu lia para ela antes de dormir, o modo que a penteava, vestia e punha na cama. As canções que ouvíamos juntas, as aulas de japonês que íamos começar a fazer, nossas aulas de equitação... Se tudo isso desaparecesse da memória de minha filha, eu morreria.

— Maria José, isso não vai acontecer. É impossível. A menina está bem na companhia de seus pais e de sua irmã e não faz outra coisa senão perguntar por sua *mami*. Tudo o que quer é ver a *mami*. E a ama. Ama muito. Sua mãe me contou que seu quarto é cheio de fotos suas e que toda noite, antes de dormir, ela as beija e diz: “Até amanhã, *mami*”.

As palavras de Arantxa eram sempre interrompidas pelo choro de Maria José.

— Não quero morrer aqui na prisão, não quero morrer aqui, sem ver minha pequena, estreitá-la nos braços e beijá-la, cheirá-la, acariciá-la.

— Isso não vai acontecer. Eu lhe prometo. Nem pense nisso. Concentre suas forças em pensamentos positivos, pois é só isso que vai ajudá-la. Sua filha está viva, a ama e se lembra

de você todo o tempo, dia e noite — Arantxa se calou durante alguns segundos, pensando se seria apropriado contar-lhe o que tinha em mente, mas acabou se decidindo a fazê-lo. — Sabe o que ela me disse outro dia? Perguntei-lhe se ela se lembrava de sua casa nos Estados Unidos, de suas amigas, do parque onde brincava, dos brinquedos que tinha em casa, do lugar onde patinava quando havia gelo, e ela me disse que só se lembrava de você. Então, tire isso da cabeça, por favor. Além do mais, você fala com ela sempre e sabe que ela a ama. Diz isso a você sempre que pode.

— Se acontecesse alguma coisa com minha filha, se alguém fizesse mal a ela, se esse desgraçado ou algum de seus comparsas a sequestrar, juro que eu... — Maria José não terminou a frase, mas em sua cabeça disse tudo o que queria. — Olhe, se tiver que morrer aqui, vou morrer, apodreço neste buraco. Mas que minha filha não saia da Espanha. Só de pensar que aquele porco possa voltar a fazer mal a ela...

— Chega! Já passou. Não pense assim. Não faz bem a você.

Arantxa a estimulava a falar do que pretendia fazer com a filha no dia em que saísse da prisão, convidava-a a dar asas à imaginação. Nunca a deixava dizer “se sair daqui”, mas sempre a obrigava a dar isso como certo. Inclusive registrou uma associação sem fins lucrativos em nome dela e da irmã, que chamou de Fundação Maternidade Acima de Fronteiras, para dar apoio a mulheres vítimas de violência doméstica, mas sobretudo a mães que veem como o marido, cidadão de um país diferente, lhes rouba os filhos, e elas, por estarem num país estrangeiro, não contam com leis que as apoiem.

Maria José encontrou em Arantxa a companheira ideal com quem podia desabafar e manter viva a chama da esperança. O mesmo se passava com sua família, que encontrou naquela mulher alguém com quem dar vazão a incertezas, desconforto e confusão, enquanto faziam que ela participasse de suas ações e dos avanços que obtinham. Um deles foi o envolvimento do governo valenciano no caso de sua filha, o que encheu de esperança a família, alimentando suas expectativas de sucesso.

Alguns dias antes da importante decisão judicial em que pela segunda vez se pediria o *habeas corpus*, uma delegação de políticos valencianos viajou para Nova Jersey com o intuito de visitar Maria José na prisão de Bergen, assistir à sessão de vinte e oito de fevereiro e reunir-se com seus advogados e o cônsul espanhol em Nova York, a fim de conhecer de perto os progressos do caso. Quando a valenciana viu diante de si os representantes de sua comunidade, teve todas as razões para se emocionar. Punha a mão no vidro que a separava deles e, esforçando-se para não deixar que as lágrimas afogassem suas palavras, se desfazia em agradecimentos, ao mesmo tempo em que ouvia palavras de apoio incondicional e promessas de um final rápido e feliz. Encontraram-na abatida, extremamente magra, vitimada por uma infecção renal e uma pancreatite grave, já sem cura. Todos desejavam que o juiz deliberasse favoravelmente sobre o segundo *habeas corpus*, porque isso resultaria no arquivamento do processo contra ela, assim como a suspensão do julgamento fixado pela Corte Suprema de Nova Jersey para o dia trinta de abril. Maria José inclusive se animou com a ideia de estar ao lado da filha no dia dezessete de abril, quando ela faria sete anos. Agora era só esperar e rezar. Antes de voltar para a Espanha no dia três de março, a delegação

governamental valenciana pediu para participar do *amicus curiae*, uma figura jurídica existente nos Estados Unidos que permite a uma pessoa física ou jurídica, que não necessariamente faça parte do processo, oferecer uma colaboração para a solução do litígio ou para o esclarecimento da verdade dos fatos, endossado por sua idoneidade sobre a matéria. Para tanto, a prefeitura havia contratado o advogado Jeremy Shestack, um dos maiores especialistas em direitos humanos.

Da boca de Maria José, que pela primeira vez em todo esse tempo ficara contente e otimista, só saíam palavras de agradecimento, e ela decidiu que sua amiga Sara gravaria uma mensagem para que fosse divulgada publicamente.

Estou orgulhosa da Espanha e da delegação valenciana. Que meu sofrimento sirva para que se faça justiça, para que isso não venha a ocorrer com nenhuma outra mulher nem com seus filhos. E que meu caso possa fazer que se consigam novos convênios de cooperação judicial entre Estados diferentes. A Espanha deu um grande exemplo de maturidade democrática ao deixar as ideologias de lado e dar uma lição jurídica de respeito à legalidade internacional, ao espírito da Convenção de Haia [...] Se me permitem, vou dirigir algumas palavras a minha família. Victória, minha filha, *mami* a ama, a ama com toda a sua alma. Papai, mamãe, minha irmã, amo vocês. Estou orgulhosa de vocês. Espanha, eu a amo.

O agradecimento à delegação valenciana acabou se traduzindo numa dura censura por parte dos Carrascosa ao cônsul Juan Manuel Egea, que mal trocara duas palavras com os representantes valencianos e, segundo algumas testemunhas, foi até grosseiro com eles. A mesma queixa foi dirigida a três representantes do Ministério da Justiça que haviam viajado para os Estados Unidos, país com o qual, meses depois, Victória teria sérios enfrentamentos. No entendimento da família, eles haviam mentido quando lhes prometeram mediar a questão e falar com os juízes envolvidos no conflito de jurisdições, além de nunca terem compartilhado seu ponto de vista sobre o fato de que as sentenças espanholas afetavam a custódia da criança. E a família também estava convencida de que mantinham algum tipo de relação com a representante legal espanhola de Peter Innes, que os impedia de dedicar-se completamente ao caso de Maria José, coisa que nunca perdoaram à diretora da Cooperação Jurídica Internacional, Cristina Latorre, e à subdiretora Ana Gallego, assim como à autoridade central de Cooperação do Ministério da Justiça, Carmen García Revuelta. A família também não hesitou em denunciar publicamente a postura do cônsul mediante uma carta aberta.

Que tipo de pessoa, já nem digo cônsul, deixa uma cidadã espanhola desamparada para enfrentar o calvário pelo qual ela está passando? Faça o senhor o favor de levar para minha irmã os medicamentos. Se, segundo o senhor, ela está bem, como vai poder explicar caso ocorra algo de que ninguém se atreve a pensar? Estou desde o dia vinte e seis de janeiro tentando mandar a ela os medicamentos de que precisa. Já se passaram trinta e cinco dias, onze horas e vinte minutos e o senhor não teve a decência de nos explicar por que não chegaram à prisão os remédios que enviamos por intermédio do Ministério das Relações Exteriores [...] O mínimo que pode fazer é se despedir da delegação do governo valenciano no aeroporto, como cônsul da Espanha que é. Por que se chegou a esta confusão, se o senhor sabia da delicada situação em que se encontrava minha irmã antes até de o mandado de busca e apreensão ser emitido? Por que o senhor não fez nada? Por que não esteve presente no importantíssimo julgamento de oito de dezembro, impedindo com sua ausência que minha irmã entrasse com o pedido de *habeas corpus* que lhe teria permitido permanecer em liberdade?

Uma estranha mistura de nervosismo e esperança se instalou no seio da família diante da expectativa do resultado do segundo pedido de *habeas corpus*. No entanto, a espera que Maria José vivenciou na prisão foi diferente. Assim que a delegação do governo valenciano viajou de volta à Espanha, ela foi trancada numa solitária. A comoção provocada pela mídia em torno de seu caso e a publicidade que conseguiu não agradou muito aos dirigentes da prisão. Maria José passou quinze dias em uma cela escura, sem ninguém com quem falar, privada do direito de se comunicar com sua família e seus advogados, sem poder consultar na biblioteca princípios legais relativos a sua defesa, recebendo o alimento que as oficiais achavam conveniente e sem um acompanhamento médico eficiente. Não era a primeira vez que seu corpo entrava em contato com aquelas paredes, mas aquele horror lhe pareceu algo novo. Chorou, bateu os pés, golpeou a porta de ferro da cela, gritou exigindo que lhe explicassem aquele castigo injusto, como todos os que lhe haviam imposto desde que entrara naquele cárcere. Mas ninguém respondeu. O silêncio era a única resposta. Nem sequer as funcionárias que levavam sua bandeja com a comida a olhavam ou se dignavam a responder a suas perguntas, que foram pouco a pouco se transformando em súplicas. Teria agradecido um simples olhar. Mas de suas carcereiras não obteve nada.

Entendeu que se tratava de uma efetiva medida destinada a desmoralizá-la. Achou que enlouqueceria ali dentro. Naquele buraco compreendeu a validade da desumana medida que adotaram naquela que durante anos foi considerada a prisão mais segura e ao mesmo tempo a mais atroz de todo o mundo, Alcatraz, que consistia em não permitir que os presos pronunciassem uma única palavra. Proibiam-nos de falar, de se comunicar com os demais prisioneiros. Não falavam, e ninguém falava com eles. A medida não demorava a enlouquecer muitos dos presos mais perigosos. E Maria José teve medo de ter a mesma sorte.

A desumana ação só fez aumentar a segregação que lhe impunham por continuar insistindo na batalha legal em que alguns queriam lhe conceder a categoria de soldado raso, enquanto suas aspirações eram as de general. Era extremamente conhecida, especialmente pelas guardas, sua desconcertante virtude de se fortalecer diante das adversidades. Guiada por esse princípio fundamental em sua vida, se agarrou com força ao timão de sua asfíxiante rotina. Conhecendo o grau de satisfação do grupo de oficiais disposto a lhe aplicar qualquer tipo de corretivo, juntou toda a sua coragem e grandes doses de paciência a fim de suportar as provocações que sabia que surgiriam. Nos dias que se seguiram ao seu encerramento na solitária, quase não houve comunicação com o exterior. Maria José não recebia uma só carta de fora e voltou a sofrer o bloqueio de seus telefonemas, ficando impedida de qualquer contato com seus advogados, com sua amiga Sara, com Arantxa, e não conseguia outra explicação além de “o telefone da pessoa que você está chamando está temporariamente fora de serviço”. Mas o que mais lhe doeu foi ter sido impedida de ouvir a voz de sua filhinha. Aproximava-se o dia dezessete de abril, quando a menina completaria sete anos e, embora semanas antes ela alimentasse o desejo de poder estar junto dela para comemorar a data, a realidade reservara outros planos.

Foi Jenny quem a animou a lhe escrever uma carta cumprimentando-a e se ofereceu para incluir nela um desenho, coisa que fazia com rara facilidade. Maria José achou excelente a ideia e logo começou a escrever, mesmo tendo que parar diversas vezes para enxugar as lágrimas e engolir saliva, que mais parecia um cimento composto de bÍlis, ódio e impotência.

Filhinha querida,

Como você, vovô e vovó me contaram que você já sabe ler, hoje estou lhe escrevendo uma carta pelo seu aniversário, para que você a guarde, por ser a primeira que alguém lhe manda depois que você aprendeu a ler. Antes de tudo, quero lhe desejar um aniversário muito feliz. Apesar de não poder estar nesse dia ao seu lado, *mami* estará sempre em seu coração, como você está no dela. Amo você com toda a minha alma e não quero que fique triste. Você, os vovós e tia Vivi têm que ser muito fortes e permanecer felizes, para que possam me mandar forças para eu seguir lutando e logo estarmos todos juntos de novo. Assim, quero que prometa a Jesus e a todos nós, vovó, vovô, tia Vivi e a *mami*, que você vai estar muito feliz no dia do seu aniversário e em todos os outros dias, para que *mami* possa voltar logo para casa.

Você vai fazer sete aninhos e já é uma mulherzinha! Sei que está preparando sua festa e já convidou catorze amiguinhas. Sei que será um dia muito especial, e como não vou poder estar aí, peço que tire muitas fotos de sua festa, do bolo, suas, do vovô, da vovó e da tia Vivi. Quando *mami* chegar, faremos outra festa bem grande, está bem? Assim você terá duas festas de aniversário, pois o número sete é especial e o meu preferido, quase tão especial quanto o phi, que é a sigla da divina proporção. Outro dia lhe falarei mais sobre ela.

Quando *mami* fez sete anos, meus avós, Paco e Victória, nos deram de presente, a tia Vivi e a mim, o livro *Mulherzinhas*. É um livro muito bonito, está na casa de praia, e agora tia Vivi e eu queremos dá-lo a você, pois sabendo ler vai poder desfrutá-lo e ver como a família é importante, vai entender como sinto sua falta e estou lutando para voltar a fim de que possamos nos reunir de novo. Uma amiga de *mami* vai lhe enviar um computador de presente, para que você tenha o seu, como quando vivíamos em Fort Lee, para que possa aprender, brincar e ver filmes nele. Querida, agora que você já é uma mulherzinha de sete anos, pode começar a fazer algumas coisas para ajudar a vovó. Sei que ela está doentinha, portanto, lembre-se de todos os dias fazer sua cama, recolher os brinquedos e deixar o quarto em ordem depois que acabar de brincar. *Mami* está muito orgulhosa de você e muito contente por você ter sido escolhida A Garota de Ouro de sua classe, por isso estou lhe dando o computador e também levarei o livro do Harry Potter e outras surpresas quando voltar para casa. E como sei que você está tirando boas notas em inglês, vou escrever neste idioma o restante da carta. *The books of Harry Potter and movies of little foots are in English. If you read them and see them in your computer, or mami's while you don't have yours at home, will be able to improve even better in school [...]* Peça ao vovô que a leve às aulas de música, pois como ele tocava clarinete certamente vai ajudá-la. Aos sábados, você pode ir ao parque em Buñol, se vovó e vovô quiserem...

Sinto muita saudade de você. Continue rezando para que mamãe esteja logo ao seu lado. Quando eu voltar, faremos muitas daquelas coisas que costumávamos fazer, vai voltar a ter as aulas de piano, vamos à Disney, quando *mami* já tiver dinheiro. Cuide-se bem, você sabe que é minha estrela resplandecente e que a amo com todo o meu coração.

Meu coração pertence a uma preciosa juvenzinha de sete anos, Victória Solenne Carrascosa. *I love you*. Um beijo carinhoso para vovó, vovô, tia Vivi e para você beijos e abraços de sua *mami*.

Foi a carta que mais lhe custou escrever em toda a sua vida, e talvez por isso tivera que reler centenas de vezes, enquanto Jenny desenhava um simpático palhaço de enormes cílios, cara engraçada, rindo e segurando a barriga. Ao lado da figura, escreveu uma frase pedindo ao “carteiro” que levasse rapidamente a carta à Espanha, antes do dia dezessete de abril, porque uma menininha especial a aguardava.

Papel era artigo de luxo na prisão, por sua escassez e pelo preço alto, além de ser muito

difícil consegui-lo. Maria José nunca economizara tanto as folhas dos cadernos nem nunca lhe ocorrera ter que aproveitar todo pedaço de papel como se fosse o último. Costumava inclusive usar os recibos de compras feitas no supermercado da cadeia para escrever bilhetes a outras internas, anotar nomes de advogados especializados em custódia, família, imigração, agências de detetives, médicos forenses, ginecologistas, endocrinologistas, psiquiatras ou eventuais testemunhas, que depois passava para Arantxa e seus advogados para que entrassem em contato com eles. Costumava ir às audiências com pedaços de papel dobrados muitas vezes, até reduzi-los bem. Mais de uma vez essa imagem a transportou para a infância, quando fazia isso com folhas de papel em exercícios de dobradura que agora era incapaz de lembrar. Fazia com as amigas figuras de animais e outras para várias brincadeiras, criando formas nas quais enfiavam os dedos, imitando bichos e objetos, com frases engraçadas que as faziam rir. Algo bem diferente do que se passava agora.

A necessidade estimulava sua imaginação, e ela escrevia até em cartões de visita de ex-advogados, e quando a escassez se agravava usava até a parte interna de envelopes, tomando cuidado para que a cola não apagasse o que fora escrito. Os envelopes geralmente eram grandes, tamanho ofício e cor de abóbora, nada discreta, e para ocupar todo esse espaço os nomes do destinatário e do remetente eram escritos em letras enormes, conferindo um aspecto nada simpático à correspondência. O pior era quando ela era devolvida por falta de selos. Ao ver o carimbo de devolução ao remetente, Maria José sentia a decepção de mais um passo para trás. Havia vezes em que ela tinha certeza de que alguém arrancava os selos e outras em que ela mandava mesmo que faltasse, no desespero, desejando que alguém tivesse pena e os completasse, o que acontecia quase sempre. Selos também eram um objeto escasso ali e serviam de moeda de troca. No mercado negro organizado pelas próprias presas, trocavam-se dois envelopes de sopa de macarrão, frango ou legumes por um selo, um pouco de café ou de cereais por três e assim por diante, com xampu, biscoitos, livros, sabonete etc. Tudo era passível de troca naquele cambalacho organizado pelas detentas para sua sobrevivência. Maria José chegou a odiar esses selos que traziam a bandeira americana com a Estátua da Liberdade ou, na sua falta, uns sinos marrons. Jurou que quando saísse de lá iria usar selos diferentes daqueles.

Procurava economizar cada centímetro de papel, por isso escolhia muito bem os destinatários de suas cartas. Fazia meses, exatamente desde o dia vinte de fevereiro, que ela planejava algo. Certo dia, depois de muito pensar, decidiu escrever uma carta ao homem que antes de sua prisão lhe devolvera a vontade de acreditar no amor, deixando de lado o medo e os traumas provocados por seu infeliz casamento. O misterioso destinatário era Leo, a mesma pessoa por quem, apesar da desaprovação de Sara e Angel, ela pusera em perigo seu recolhimento no período em que estava sob ameaça de busca e apreensão. A carta se compunha de seis folhas de tamanho ofício, manuscrita a lápis fino e se iniciava com um “Querido Leo”. A formalidade dominava as primeiras linhas, nas quais ela o inteirava da situação em que se encontrava, a repercussão de sua história nos meios de comunicação da Espanha, o envolvimento dos principais líderes nacionais e comunitários para agilizar seu caso e a recepção que estavam preparando para quando ela regressasse. Mas logo apareceram

as confidências e as lembranças mais pessoais. Recordou o momento em que eles se conheceram, no ano dois mil, por simples questões profissionais, e como sua amizade começou a abrir novos caminhos no fim de dois mil e quatro, a promessa que Leo fizera de ir visitá-la na Espanha em agosto de dois mil e cinco, o que nunca chegou a se concretizar por circunstâncias pessoais, as mensagens que ele lhe mandou no Natal de dois mil e cinco, interessando-se por seu estado de saúde depois que passara por duas cirurgias e, naturalmente, o reencontro por ocasião de seu retorno aos Estados Unidos, em vinte e um de julho de dois mil e seis. “Tentei negar as evidências, mas estou apaixonada por você, como você assegurou que estava por mim.” Confiou a ele seu desejo de que pudessem ter um futuro juntos, ele e seu filho com ela e sua menina, “por quem vale a pena suportar o sacrifício que é hoje minha situação”, inclusive lembrou-o de sua proposta de terem um filho juntos, embora tivessem que procurar os melhores especialistas do mundo para tornar isso possível. Convidou-o a visitá-la na prisão, confessou que seria muito significativo para ela vê-lo em sua próxima apresentação diante da corte, dizendo que entenderia se ele não fosse e manifestando o desejo de tê-lo ao seu lado no avião que a levaria de volta à Espanha, o que brindariam com uma taça do bom vinho Rioja. “Sinto sua falta e espero que finalmente nos escolha, a mim e minha filha.”

Nunca mais teve notícia dessa amizade. Mais uma que, como outras, ficou pelo caminho.

29

HAVIA TEMPO QUE ELA NÃO RECEBIA DINHEIRO E, embora seus pais fizessem sempre transferências e Arantxa se encarregasse do que chamavam de “ordem em dinheiro”, uma espécie de cheque nominal que familiares e amigos dos presos lhes mandavam, na maioria das vezes não o aceitavam ou levava dias para chegar. A cumplicidade com algumas das presas e a generosidade que ela própria lhes demonstrara a ajudaram a conseguir artigos de primeira necessidade, embora o acesso a eles não fosse muito fácil. Suas companheiras sabiam que ela não estava passando pelo seu melhor momento na prisão. As ameaças das oficiais amigas da atual mulher de Peter prosseguiram, e a falta de novidades sobre sua situação judicial havia aumentado seus problemas de ansiedade e piorado sua delicada saúde. Havia passado por uma depressão de ânimo considerável, toda tarde seu estômago inchava de tal modo que ela parecia estar grávida, tinha dor nos rins, os incômodos no pâncreas eram constantes, o problema no fígado voltou a se manifestar, assim como os desmaios e o sangramento vaginal e nasal. Havia dias em que a forte dor de cabeça a impedia de se levantar da cama, o que aqueles mesmos funcionários de sempre usavam para lhe negar o controle do açúcar no sangue, os medicamentos e até a comida. “Não vai ter muitas dores,

nem muita fome, já que nem se levanta da cama.”

Os cuidados e as delicadezas lhe chegavam pelas mãos das presas mais próximas. Havia algumas que, graças a sua intermediação e seus conselhos jurídicos, haviam conseguido sair e lhe escreviam cartas nas quais demonstravam seu agradecimento. Prometiam fazer por ela o que fosse, inclusive havia uma ou outra que lhe oferecia parte de seu pâncreas ou um dos rins caso ela precisasse. Outras queriam compartilhar com ela a custódia de seus próprios filhos, convidavam-na para passar o tempo que quisesse em sua casa quando deixasse a prisão, lhe davam roupas, ofereciam-se para servir de correio ao destino que quisesse, houve até quem se oferecesse para servir de barriga de aluguel ao saber do desejo de Maria José de ser mãe de um menino “que fosse só meu”. Entre aqueles muros, pensou muito seriamente em adotar um filho, quem sabe um coreano, a mesma nacionalidade de sua amiga Zen.

Dentro da prisão, as presas se encarregavam de mantê-la com a melhor aparência possível, porque sabiam que isso a fazia sentir-se melhor. Como ela mesmo já havia feito e diante da permanente recusa de lhes facilitarem qualquer artigo ligado à beleza feminina, as internas usavam papel para enrolar o cabelo e depois arrumá-lo. Dedicavam grande parte do dia para conversar com ela enquanto penteavam seu cabelo e, quando se aproximava uma nova data de apresentação de Maria José perante o juiz, não mediam esforços nem tempo para tirar um a um os cabelos brancos que desde que ela pisara naquela prisão em Bergen haviam proliferado em sua outrora bela cabeleira castanha. Um dia as presas dedicaram oito horas, quatro pela manhã e quatro à tarde, para não deixar que nenhum cabelo branco quebrasse a harmonia e uniformidade de sua cor natural.

Eram métodos trabalhosos e, para quem visse de fora, até medievais, mas ao menos lhes permitia alimentar a esperança de se ver e sentir-se melhor consigo próprias.

Com um fio de linha fino e comprido desenvolveram um método árduo, complexo e lento de se depilar, embora tivessem que investir nisso vários dias. Na impossibilidade de conseguir alguma maquiagem que desse um pouco de cor àqueles rostos cada vez mais pálidos e maltratados, devido entre outros motivos à carência de luz natural e às duras condições da reclusão, elas aproveitavam restos de comida, em especial frutas e verduras, extraindo deles os pigmentos, que colocavam na parede e usavam para colorir as faces ou os lábios e olhos. O que Maria José conseguiu realmente fazer, para inveja de todas e como terapia própria, foi conservar cuidadas suas unhas. Costumava exibi-las longas e, para controlar o comprimento e a forma, lixava-as com fios, vidro, até com os dentes e as grades de sua cela. Um dia recebeu uma carta e nela achou um minúsculo pedaço de lixa. Não conseguia imaginar como aquele fragmento grosseiro conseguira passar pelos férreos controles de acesso à prisão. Uma de suas amigas, que estava havia vários dias na enfermaria devido a uma forte queda de pressão, agravada por diabetes, esclareceu sua dúvida numa das cartas que fez chegar até ela. “Aqui há uma enfermeira confiável e que compreende que somos seres humanos. Veja se consegue achá-la quando vier medir o açúcar.”

A leitura se tornou outro balão de oxigênio que conseguia encher seus pulmões com ar suficiente para fazê-la voar para longe daquele lugar e abstraí-la de sua realidade a cada dia mais injusta e incompreensível.

Não era fácil fazer um livro entrar ali. Na verdade, os exemplares que seus pais e Arantxa haviam lhe mandado tinham sido devolvidos ou se perderam *misteriosamente*. Mas a engenhosidade da valenciana, assim como de suas companheiras, rendia bons lucros. Leu a Bíblia tantas vezes que muitas noites, quase sempre condenada à insônia, ela se surpreendia estendida na cama, de olhos fixos no teto, repetindo de memória alguns trechos do livro santo de que mais gostava.

Todos os dias, infalivelmente, com ostensiva altivez, aparecia no monte um soberbo gigante. Depois de se mostrar arrogante, armado dos pés à cabeça, insultava e desafiava seu habitual inimigo, que pressionado e perseguido só tremia. Ele era o onipotente, a mais pura expressão de toda ostentação, representante de um povo que ninguém ousava atacar. Era um dia qualquer. Não houve preparativos. Diante do gigante, apresentou-se um rústico e simples pastor. Não podendo suportar por mais tempo os insultos, ameaças e desprezo daquele odioso agressor, reuniu sua coragem e o desafiou para lutar. Em um instante, enfrentavam-se o poder e a modéstia, a arrogância e a humildade, a soberba e a simplicidade, a confiança e a força hercúlea e a fé no coração. Com seus raios, o sol iluminou aquele duelo singular no qual com a rapidez de um raio e um simples pedaço de pedra o humilde pastorzinho derrubou o gigante.

Sua recente amizade com uma presa muçulmana a animou a ler o Corão, embora seu interesse fosse motivado mais pela ânsia de matar o tédio que pelo seu conteúdo. Algumas presas a quem ajudara elaborando sua defesa, e diante da recusa de Maria José de aceitar mais envelopes de sopa em sinal de gratidão, presentearam-na com um livro que ela se esforçava para esconder a fim de que as guardas não tomassem dela, privando-a do único luxo que lhe restara. Aquele livro conseguiu despertar sua curiosidade e a fez acumular boas energias. *Anjos entre nós*, de Don Fearheiley. Eram histórias reais sobre seres extraordinários. Na capa, via-se um anjo de asas enormes levando pela mão um menino enquanto com a outra acenava para o infinito. “Os anjos estão entre nós para ajudar-nos quando menos esperamos... e quando mais deles precisamos...” Em suas páginas encontrou fascinantes histórias de pessoas que, em situações de limite, no último momento tiveram visões de anjos que salvaram suas vidas e as mudaram para sempre.

Annabel acompanhada de sua filha de três anos, perdeu a direção de seu carro, e elas viram outro veículo se lançando em sua direção [...] Gale era ótima nadadora mas de repente percebeu que não ia chegar à margem [...] Ken caiu e seu rifle disparou acidentalmente, deixando-o ferido e sangrando muito.

Maria José fechou os olhos e almejou que sua história estivesse refletida naquele livro. Cerrou as pálpebras e desejou que quando as abrisse encontrasse diante de si um daqueles anjos que aparecem quando menos se espera. Quem sabe foi por isso que não encontrou nem rastro dele.

As dificuldades para ter acesso à biblioteca persistiam, e Maria José passava o dia preenchendo formulários fornecidos pela prisão, que ironicamente lhe davam a possibilidade de fazer chegar sua queixa à direção. Eram timbrados em letras pretas com o nome da instituição — Presídio Bergen County. Formulário de solicitação de advogada detenta. Ela escrevia neles seu nome (Maria J. Carrascosa), seu número de interna (D53540), o bloco em

que estava (N 3C), a data (vinte e três de abril de dois mil e sete) e o texto da queixa:

Por favor, preciso frequentar a biblioteca. Não compreendo por que desde que cheguei a este maldito lugar, em onze de dezembro de dois mil e seis, por seis vezes fui impedida de nela entrar. Por que estou sendo perseguida e humilhada pelas autoridades desta prisão? Por que, de modo ilegal, me tem sido negado qualquer privilégio e direito neste cárcere, sem que eu tenha feito nada de mau? Quem sabe a razão possa ser Jaudee Tabares Innes, terceira esposa e amante daquele que foi meu marido, Peter Innes, ou como se chame. Em nome da justiça, esses abusos por parte das funcionárias devem acabar, mesmo que para isso eu tenha que denunciá-las diante do juiz. Assinado: Maria José Carrascosa. D53540.

Sempre que havia oportunidade, costumava garantir que fossem feitas cópias de tudo o que escrevia para enviá-las a seus advogados, a Arantxa, a seus pais, à Corte Federal e aos Ministérios de Justiça e Relações Exteriores espanhóis, para deixar registrado tudo o que lhe faziam, às quais costumava acrescentar: Fundação Maternidade Acima de Fronteiras. Levavam dias, semanas para responder e, quando o faziam por escrito, asseguravam que ninguém a impedia de entrar na biblioteca da prisão e que ela precisava entender que havia mais presas que tinham o mesmo direito a usar o local, “que, como a senhora sabe, tem capacidade limitada e nem sempre pode acolher todas as internas no mesmo dia e na mesma hora”. A resposta manuscrita costumava enervá-la além dos limites que sua saúde era capaz de suportar e a fazia explodir, mas sempre por dentro e em silêncio.

As almejadas notícias sobre o segundo *habeas corpus*, apresentado havia mais de um mês, o silêncio dos advogados e as notícias adversas a seu respeito que provinham da corte do juiz Torack levavam-na a pensar o pior. Decidiu se sentar à escrivaninha de sua cela e começar a escrever uma dura e esclarecedora carta de dez páginas ao juiz Torack apresentando-lhe os pormenores de seu caso, os maus-tratos de que estava sendo vítima na prisão por parte das colegas da nova mulher de Peter Innes e deixando um tanto claras suas opiniões sobre seu modo de agir, que no seu entender deixava bastante a desejar.

Ao comparecer perante essa Corte Superior de Nova Jersey, do condado de Bergen, fiz isso de boa-fé, acreditando ingenuamente que a razão que me amparava — já que havia obtido diversas sentenças firmes e resoluções definitivas dos tribunais de justiça espanhóis, nas quais se reconhecia meu direito legítimo de ter sob exclusiva custódia minha filha Victória Solenne e que tudo o que se referisse à dissolução civil de meu casamento com Peter Innes (ou qualquer outro nome pelo qual queira ser chamado: Lewis Negro, Frederick Smith, William Peter...) seria resolvido perante os tribunais espanhóis — convenceria o honorável juiz Torack da veracidade de meus argumentos. No entanto, o curso dos acontecimentos não poderia ser mais nefasto e adverso. As diversas defesas que apresentei sobre os reconhecidos e indiscutíveis direitos que tenho de nada serviram, ao contrário, foram desprezadas, rejeitadas, acusadas de falsas ou manipuladas [...] Honorável ou não tão honorável juiz Torack, eu poderia ter permanecido na Espanha, em companhia de minha filha, de meus pais e demais familiares e amigos, ignorando o processo de divórcio corrente nos Estados Unidos e seguir com os processos resolvidos — julgados — e os pendentes naquele país, onde tudo tem sido decidido em meu favor e se reconheceu a nulidade de meu casamento com o suposto senhor Peter Innes, evitando assim que acabasse cumprindo condenação de prisão de quarenta anos por um crime que o senhor sabe muito bem que não cometi [...] Na sexta-feira passada, dia primeiro de setembro, o honorável ou não tão honorável juiz Torack, às dez horas, deu ordem de busca e apreensão imediata em meu nome, com o

que me encarceraram indefinidamente, até que eu devolva minha filha a seu pai biológico nos Estados Unidos, como se ela fosse um pacote. Como se isso não bastasse, o não tão honorável juiz Torack ignorou solenemente meu estado de saúde, inclusive questionando sua veracidade, por isso fui presa e me subtraíram todos os medicamentos. Com todo o devido e indevido respeito, eu não fiz nada. O mencionado juiz é que está incurso em conduta delituosa [...] Além disso, no dia vinte e dois de agosto passado, data em que as injustiças foram decretadas pelo mesmo juiz, meu advogado e eu fomos informados pela Promotoria de Bergen County de que os delitos de segundo grau e desacato à Justiça continuavam pendentes, e com isso a pena de até quarenta anos de prisão. Fui julgada e sentenciada sem sequer ter sido ouvida... e o que é pior e mais vergonhoso é que a folha de delitos da Promotoria é um documento incurso em Estafa Processual e Perseguição Maliciosa, e a página de delitos, para justificar a elevação de um terceiro grau para segundo, certifica com timbre e assinatura da Promotoria que fui notificada pessoalmente desses delitos em abril e junho de dois mil e seis. Nada mais distante da realidade. Meu passaporte e os tribunais espanhóis, assim como a Clínica Quirón e todos os meus médicos — endocrinologistas, cirurgiões e clínico-geral da Espanha e meu convênio médico demonstram que viajei dos Estados Unidos para a Espanha no dia vinte e três de março de dois mil e cinco e voltei para os Estados Unidos no dia vinte e um de julho de dois mil e seis unicamente para lutar por minha inocência e pela segurança de minha filha. Ou seja, meu passaporte, outra prova documental, e uma lista infundável de testemunhas provam que a Promotoria de Bergen County e o não tão honorável juiz Torack pretendem me manter presa, e só eles, Peter Innes e um grupinho de advogados, entre eles Zarraluqui Advogados Associados, sabem por quê. Lamentavelmente, ao tomar conhecimento do que estava sendo vítima, tive que me proteger, e com a ajuda de amigos fiéis conseguimos um grande número de gravações mais do que comprometedoras, todas me dando razão nas posturas várias vezes expostas perante tribunais espanhóis e autoridades federais dos Estados Unidos. Essas gravações já haviam sido entregues a três tribunais de justiça espanhóis e autoridades federais norte-americanas de investigação. Com todo o respeito, muito triste e magoada pelo sofrimento por que passa minha família devido à falta de escrúpulos de advogados que, eles sim, deveriam ser julgados, penalizados e expulsos das respectivas associações profissionais, apresento hoje esta carta, para que a opinião pública e as autoridades espanholas e norte-americanas deem atenção a este assunto e ponham fim a este calvário.

Sou espanhola e me orgulho muito disso. Por ser espanhola, não deveria ser permitido que um juiz americano ultrapassasse os limites de sua discricionariedade e autoridade funcional, material e territorial para tirar de mim minha filha. Por favor, não permitam que questões de nacionalidade possam separar uma mãe de sua filha em favor de um sujeito de passado mais que duvidoso e capaz de submeter a mulher a maus-tratos e muito mais.

Nova Jersey, Maria José Carrascosa, advogada de formação, atualmente numa situação de grande precariedade, mas, apesar da desqualificação de gente inescrupulosa, em pleno exercício de suas faculdades de pensar e agir.

A longa e detalhada carta irritou não apenas o juiz como também o escritório de advocacia encarregado de defender Maria José.

— Mas você sabe bem o que fez? Como se atreveu a escrever ao juiz que tem nas mãos o seu caso e cutucá-lo com essa fileira de despropósitos?

O tom de censura do advogado demonstrava seu desagrado.

— Tudo o que digo na carta é verdade. É só entrar na internet para ver que sobre esse juiz paira a sombra da corrupção, coisa denunciada por seus próprios pares. Além disso, tenho direito de me expressar livremente e de denunciar o agravo que está sendo cometido contra minha pessoa. E é evidente que se eu não fizer isso ninguém vai fazê-lo por mim. Nem mesmo você.

— Você tem ideia da situação em que esse seu destempero em forma de carta me deixa como advogado de defesa? Com que cara vou me apresentar diante do juiz? — disse o advogado, respirando fundo para conter a raiva que naquele momento tomava conta dele, para

continuar repreendendo sua cliente: — Maria José, como advogada você deveria saber melhor do que ninguém que não há nada que irrite mais um juiz do que um advogadinho qualquer com o dedo em riste diante de seu nariz. Será que você não percebe que a única coisa que vai conseguir é atrapalhar e atrasar ainda mais sua saída da prisão?

— Mas esse juiz nunca vai me pôr em liberdade! É sabido que ele tem algo pessoal contra mim. Você deve ser o único que não sabe de seu bom relacionamento com Peter e com o xerife deste maldito distrito e com todos os que estão fazendo o possível para que eu não saia daqui. Mas se até postergou sua aposentadoria para poder continuar com o meu caso! Estou sendo vítima de uma perseguição maldosa por parte desse magistrado. Será que não se dá conta do que estão fazendo comigo? Porque acho que lhe pago o suficiente para você ir se inteirando.

Maria José sabia que estava sendo dura com o advogado, embora não fosse tanto quanto sua situação na prisão.

— Você precisa entender o que vou lhe dizer se quiser que continue defendendo o seu caso — a inflexão na voz do advogado levou a valenciana a pensar no pior. — Ou você deixa de mandar textos escritos de próprio punho ao juiz ou vou abandonar o seu caso, deixarei de representá-la. Você entendeu? — o silêncio de Maria José o fez repetir a pergunta, dessa vez com mais veemência: — Você entendeu?

— Sim, Clifford, entendi. Mas você também deve entender que já faz muito tempo que estou aqui dentro, e se você não me tirar daqui logo será você quem vai ficar sem cliente, porque terei morrido. Entendeu agora?

Maria José formulou sua pergunta sem deixar espaço para resposta. Não queria nem tinha vontade de continuar falando, por isso desligou o telefone, cortando a ligação com seu advogado, que já estava começando a se acostumar com o temperamento forte de sua cliente e com a intempestiva interrupção das conversas.

Poucas semanas depois, foi ele quem teve que lhe dar a pior das notícias: o *habeas corpus* fora novamente negado. Pela segunda vez e deixando apenas uma terceira e última oportunidade para apresentar recurso antes de fixar uma data para o início de seu julgamento penal, no qual havia muitas possibilidades de que fosse condenada. Essa nova decisão judicial significou mais um insucesso jurídico, econômico e moral para Maria José, deixando-a num estado de ânimo tão deprimido que várias pessoas começaram a temer por sua vida.

a ponto de se iniciar, com uma fase de horror, maus-tratos e declarada desonra para a qual fora arrastada. Mal tivera tempo de avaliar o enorme revés legal que acabava de sofrer e que a havia deixado visivelmente arrasada, viu-se envolvida num ardiloso acontecimento cuja lembrança iria aterrorizá-la para sempre. O fato se deu no dia seguinte, em dezesseis de maio, depois da meia-noite, quando as celas já estavam fechadas. Maria José cochilava, dando voltas no estreito catre, como se achar uma posição fosse uma tarefa impossível. Estava inquieta e desorientada diante da recente rejeição do *habeas corpus*. As imagens da última decisão judicial apareciam misturadas com outras bem diferentes, de sua família, e com lembranças desconexas de sua vida em comum com Peter, nas quais apareciam amigos que não via havia muito tempo, lugares antes habituais e situações a princípio inverossímeis, mas que faziam parte do variado caldeirão em que se transformara sua vida. Essa espécie de mosaico sem sentido se instalou em sua cabeça, e ela não conseguia encontrar uma explicação lógica para ele. Entre um sono e outro, não distinguia imediata e coerentemente se o que percebia era fruto de uma sensação crítica ou se era real; pensou ouvir alguns passos leves e distantes, acompanhados de vozes que pareciam preocupadas em não se elevar, como se desejassem muito não ser percebidas. Um forte latido a tirou do estado de vigília em que estava e lhe paralisou o coração, ao mesmo tempo em que a obrigava a abrir os olhos para contemplar a espantosa visão que, sem saber como nem por quê, tinha diante de si. Um enorme cão pastor-alemão, que três oficiais seguravam, se lançava sobre ela, impedindo-a de reagir. Sentiu as afiadas e enormes garras do animal sobre seu peito inerte e indefeso, e aqueles dentes ameaçadores que pareciam querer estraçalhar suas entranhas com uma só dentada. Quase sem força e sem coragem para se esquivar do animal, transformado intencionalmente em poderoso monstro, ela caiu da cama ao sentir o pestilento hálito em seu rosto, enquanto a língua viscosa do animal roçava temerariamente seu rosto. Os latidos do bicho, de cuja boca os funcionários pouco antes haviam tirado uma focinheira cor de carne, e os gritos de terror de Maria José despertaram sua única companheira de cela, que demorou para entender aquela cena atroz. Quando instintivamente tentou socorrer sua companheira, um dos oficiais se voltou para ela, ameaçando virar a cara do animal, e a empurrou para o outro lado da cela, dizendo: “E fique caladinha, quietinha, se não quiser ser o osso preferido desta preciosidade”. A ameaça a deixou tão imóvel que seu corpo não conseguia fazer nenhum movimento, impedindo-a até de piscar. Uma das mãos do funcionário que havia levantado Maria José do chão com violência para deixá-la cara a cara com o animal lhe tampou com força a boca, para impedir que seus desesperados gritos fossem ouvidos em toda a galeria e chamassem a atenção de qualquer carcereiro alheio e francamente contrário às práticas de tortura e intimidação empregadas por eles.

— Mas o que é isto, advogada? Disseram para a gente que gostava de cachorros. Pelo visto, informaram mal — as sonoras risadas dos outros guardas, que pareciam estar se divertindo com aquele jogo de afrouxar e puxar a correia que mantinha o cão preso pelo pescoço, pareciam estimular a língua do oficial, ao mesmo tempo em que deixava a companheira de cela de Maria José apavorada lá no outro canto, onde ela estava ajoelhada e de rosto virado para a parede, com a vista pregada no chão. — Diga uma coisa, já que é tão

inteligente e vive dando conselhos para as outras presas. Acha que sua menina vai gostar deste cachorrinho?

O medo que Maria José sentia e a força que o oficial exercia sobre ela para que ficasse a poucos centímetros da boca do animal a impediram de responder à provocação com a ameaça velada do guarda, porque em outras circunstâncias não teria ficado sem resposta. Simplesmente não conseguiu dizer nada. O contínuo e exasperante tremor que se apoderara dela não permitia nem que ela entendesse com clareza o que ele estava dizendo, mas os outros achavam muita graça. Esse tremor lhe trouxe de novo à mente um outro, parecido com este, que ela havia sentido na primeira vez que foi submetida a maus-tratos pelo ex-marido, quando ele a expulsou de casa depois de muita agressão física e verbal.

— Pois a nova mulher de seu marido gosta. Eles brincam com os filhos e pretendem logo fazer o mesmo com sua filhinha. Você não poderá fazer nada porque vai continuar apodrecendo no xadrez — sussurrava em seu ouvido o guarda, que não conseguia disfarçar o prazer que sentia com aquilo. — E esse momento está próximo. Mais do que você pensa. Mas não se preocupe, porque meus amigos e eu viremos aqui todas as noites para contar tudo.

Maria José não foi capaz de calcular por quanto tempo aqueles homens a submeteram àquele ritual sinistro. Quando se aborreceram, simplesmente voltaram a pôr a focinheira no cachorro, enfiaram-lhe na boca algo para aplacar a violência que manifestara nos últimos minutos, deram meia-volta, depois de desfiar outro rosário de ameaças e provocações, e se foram, com a promessa de voltar.

Só depois de alguns segundos sua companheira de cela se atreveu a virar a cabeça e comprovar que eles de fato haviam ido embora. Só então ela correu para junto de Maria José a fim de abraçá-la e envolvê-la em todas as mantas que encontrou por ali, para tentar aplacar a convulsão que tomara conta dela, enquanto secava suas lágrimas e procurava tranquilizá-la com palavras em que ela própria tinha dificuldade de acreditar. “Já se foram. Passou. Fique tranquila. Não vão voltar.”

Naquela noite não conseguiu voltar a dormir, e até o dia amanhecer sua companhia foram sensações aterrorizantes e muito medo. A mesma porta de grades da cela que horas antes haviam sido abertas sem o menor ruído, o que as duas testemunhas da atrocidade cometida não conseguiam entender, agora fazia um barulho ensurdecedor que todos podiam ouvir. Maria José tentou superar o transe da noite anterior compartilhando-o com algumas das amigas presas, mas não teve êxito. Passou o dia todo assustada, debilitada, subjugada; qualquer som a deixava alterada, a ponto de pedir para ser atendida na enfermaria da prisão a fim de que lhe dessem um tranquilizante, pedido que foi rejeitado. Quase ficou aliviada por isso, pois não admitia a ideia de ficar sozinha na enfermaria, à mercê do que quisessem fazer com ela.

Quando veio a noite, suas apreensões se agravaram. Alguma coisa em seu íntimo lhe dizia que nessa noite também não poderia descansar nem ter tranquilidade, algo imprescindível para seu corpo e sua mente. Suas suspeitas começaram a se materializar quando foram buscar sua companheira de cela para comunicar-lhe que seu advogado estava lá para vê-la. Ambas sabiam que era pouco provável que àquela hora da noite algum advogado aparecesse para visitar alguém, por isso se entreolharam com uma intranquilidade que pressagiava o pior.

Maria José ficou sozinha na cela e logo descobriu a razão daquela súbita independência. Não demorou muito, ela viu que se aproximavam da grade da cela quatro dos cinco oficiais que sempre se esforçavam para tornar mais hostil sua permanência na prisão. Vinham acompanhados de três novos recrutas, todos uniformizados e com as armas regulamentares. Quando entraram em sua cela, ela estava encolhida em seu catre observando-os com verdadeiro terror e sem poder deixar de olhar para suas mãos a fim de ver se traziam algo com que pudessem lhe bater. Começou a pensar no pior quando um deles ordenou que bloqueassem de novo a porta. Dois ficaram no corredor, enquanto os outros dois permaneceram lá dentro com os recrutas.

— Você foi a escolhida. Espero que reconheça o valor disso — disse um deles com um sarcasmo que gelou o sangue da espanhola. — Você verá, advogada. Estes três rapazes que estão aqui logo irão nos substituir, mas não pense nem por um minuto que vamos deixá-la só nesta prisão e que vai nos perder de vista. Você não merece tanta sorte — riu, sabendo que os outros o acompanhariam, como de fato se deu. — O certo é que pensamos que não há ninguém melhor que você para ensinar a estes oficiais recém-saídos da Academia de Polícia como um agente da lei e da ordem descobre se alguma presa está escondendo substâncias proibidas que, além de ilegais, podem prejudicar seriamente sua saúde. E você, melhor que ninguém, sabe que aqui nos preocupamos muito com a saúde de nossas reclusas — enquanto falava, tentando fazer seu discurso soar do modo mais pavorosamente cínico possível, o funcionário começou a calçar luvas de látex que havia tirado de um dos bolsos, o que não passara despercebido a Maria José, que não desgrudava dele os olhos. — Com certeza suas colegas já lhe explicaram o que é uma *strip search*, uma busca completa, inclusive em partes internas, portanto, vá tirando a roupa. E rápido.

O policial, de origem latina, exagerava no sotaque americano quando pronunciava palavras em inglês.

Os olhos de Maria José não conseguiam mostrar mais desassossego do que expressavam naquele momento. Tentou dar uns passos para trás, mas ao se encostar na parede viu a inutilidade da ação. O policial que parecia estar no comando daquele espetaculzinho que haviam preparado para ela estava impaciente ao ver que a presa que tinha sob seu controle não lhe obedecia do modo que estava acostumado.

— Disse para você tirar a roupa. Está surda ou quer que eu a tire? — perguntou, sem a ironia que usara até então, fazendo um gesto como se ele fosse mesmo lhe tirar a roupa.

O tom ardiloso da última frase levou Maria José a obedecer, sem saber muito bem o que estava fazendo. Quando tirou a última peça de sua roupa íntima, ouviu a nova ordem nada solícita do funcionário:

— Agora, fique de quatro e abra bem as pernas.

— Não me machuquem, por favor. Eu lhes suplico. Não me machuquem — disse, chorando.

— Não seja ridícula. Não vamos machucá-la. Vamos revistá-la para saber se tem alguma droga em seu corpo — repreendeu-a o policial, enquanto trocava olhares de cumplicidade com seus companheiros.

— Eu não consumo drogas. Nunca fiz isso. Sabem que estou doente. Eu...

O grito do guarda a impediu de terminar a frase.

— Já chega de conversa! De joelhos, vamos, e abra bem as pernas!

Sabia que a única coisa que podia fazer se quisesse sair viva daquela situação era obedecer a cada uma das ordens que saíssem da boca daquele guarda, por mais humilhantes e vexatórias que fossem. Sentiu os dedos do sujeito entrando como barras de aço em cada uma das cavidades de seu corpo e não conseguiu evitar um calafrio quando chegou nas partes íntimas. Uma sensação de repugnância e incontrolada ânsia de vômito se apoderou dela, coisa que não ignoraram os ali presentes, acrescentando ainda mais tensão à desprezível cena. “Trate de se comportar, advogada, ou será pior para você.” Durante a encenação da busca, como chamavam aquilo, Maria José tentou ficar de olhos fechados, algo que não conseguiu fazer todo o tempo, principalmente quando qualquer um dos policiais e recrutas que participavam daquele ato de desonra exageravam nos gestos de modo intencional e cruel, provocando uma dor que ela não podia aliviar com nenhum gesto ou queixa, como eles haviam se encarregado de adverti-la, sob a ameaça de duros castigos. Só se podia ouvir um quase lamento ou gemido que ela imediatamente tratava de engolir para evitar um corretivo maior. Tentou pensar em momentos positivos de sua vida, na filha, em suas conquistas profissionais, no que faria quando saísse dali, mas a realidade era crua demais e encobria qualquer vestígio de imaginação, também sufocada porque durante a degradante exploração coletiva tinha que ouvir comentários obscenos e humilhantes de todo tipo, que faziam rir tanto os que estavam dentro como os de fora da cela. Nenhum deles deixou de abusar do corpo da espanhola, o que acabou quando o último deles, ao concluir a busca, comentou que havia se esquecido de pôr as luvas, sendo então convidado pelos demais, entre piadas e risos, a calçá-las e iniciar novamente a operação.

Quando terminaram a depravada ação, e depois de obrigá-la a adotar todas as posturas “regulamentares” e muitas outras sem a mínima lógica, mas fruto de uma mente doentia, os funcionários decidiram mantê-la mais um bom tempo despida e ultrajada tanto no chão da cela como sentada em seu catre ou de pé, embora seu corpo parecesse vencido pela gravidade da vexação sofrida, enquanto eles se divertiam comentando o ocorrido e as novas técnicas que pensavam empregar quando voltassem para outra *strip search*, segundo seus cálculos, “em breve, muito em breve, tão breve que você não vai nem ter tempo de sentir a nossa falta”. Alguns deles inclusive acenderam um cigarro dentro da cela e recolheram depois a ponta do chão, ironizando: “Para que não digam que fazemos vocês limparem a sujeira dos outros. Mas é bom que você limpe a cela. Veja como ela ficou. E também se lave um pouco, advogada, que você está precisando”. E terminou dizendo: “Ah! E tenha cuidado com o que vai contar, porque já sabemos que aqui dentro todas têm muita imaginação. Muito cuidado com o que vai inventar, porque aqui não aconteceu nada, entendeu?”.

E foram embora dando risadas e gargalhadas seguidas de gritos de vitória, alguns deles até assobiando, enquanto Maria José ficou ali estendida no chão, completamente dolorida, coberta de lágrimas, mas principalmente ultrajada, maltratada, humilhada, degradada, corrompida como nunca estivera em sua vida. Mal tinha forças para se levantar. Sentia-se suja e necessitava desesperadamente de um banho completo e demorado. Permaneceu em posição

fetal, tentando entregar-se à difícil prática de manter a mente vazia, mas não conseguia, impedida pela lembrança do horror pelo qual acabara de passar. De repente, uma forte convulsão em seu estômago a fez arrastar-se até o sanitário da cela, desesperada para vomitar, como se estivesse se livrando da maior vergonha e infâmia de que já fora vítima desde que ingressara naquela prisão. Não tinha noção do grau de violência a que haviam chegado seus carcereiros, sua imaginação não conseguia achar uma explicação lógica para tudo aquilo que acabara de sofrer. Permaneceu sozinha na cela durante horas, revolvendo mentalmente o que se passara ali, procurando encontrar os culpados daquela tenebrosa e degradante experiência a que a haviam submetido. Lembrava cada um dos comentários e das ameaças que lhe haviam feito, as zombarias e piadas que faziam, podia distinguir sua voz entre milhares, a risada e inclusive suas mãos. E depois de passar por aquele inferno, reuniu coragem e denunciou aquilo tudo aos seus advogados, engolindo a vergonha que sentia. Nessa mesma noite foi interrogada pelos encarregados da prisão e, dias depois, por agentes do fbi, ou pelo menos assim se apresentaram. Nunca ficou sabendo dos resultados de suas denúncias. E, pior que isso, continuou vendo diariamente os autores do maior ultraje pelo qual passara em sua vida, que seguiam intimidando-a com gestos e olhares ameaçadores que conseguiam traspassá-la e anulá-la.

31

O OBSCENO INCIDENTE OCORRIDO NA CELA E A INEVITÁVEL e consequente repercussão pelo centro penitenciário, associada às inúmeras queixas por escrito enviadas à direção da instituição, talvez tenha proporcionado um relaxamento na constante pressão exercida sobre Maria José desde que ali chegara. Pararam de bloquear os telefonemas e a correspondência, acumulada por mais de três meses, começou a chegar. Como em muitas outras ocasiões, desabafou a raiva e a dor nas longas conversas quase diárias que mantinha com Arantxa, a quem fez prometer que nada contaria a sua família sobre o ultraje que sofrera dias antes, porque já estava sendo muito duro para ela mesmo poupando-os de saber daquele horror. Arantxa falava muito com ela sobre suas aulas de meditação e logo percebeu que esse assunto conseguia isolá-la do submundo em que vivia e lhe permitia ficar afastada pelo menos um pouco dele. Assim, fez chegar às mãos dela vários livros sobre o assunto, mas do mesmo modo que ocorria quando ela tentava lhe mandar cadernos de anotações, papel de carta, envelopes ou revistas, o pessoal da prisão criavam todo tipo de impedimento e absurdos obstáculos administrativos que atrasavam sua entrada durante meses ou praticamente impossibilitavam sua entrega. Arantxa custou a se acostumar com essa prática.

Apesar dos constantes pesadelos que a faziam reviver o inferno dos acontecimentos

noturnos, não teve outra escolha senão retomar sua rotina carcerária. Escrevia continuamente, em especial assuntos relacionados com o direito. Suas colegas lhe diziam, brincando, que sua cabeça era um verdadeiro catálogo de leis e se admiravam com sua capacidade de memorizar a maioria delas, e quando se tratava daquelas mais complicadas punha em uso seu particular raciocínio, fruto de sua mente aguda. Propôs-se escrever um diário para sua filha, e a cada noite conseguia completar uma página. Não queria subtrair da filha nem um só momento vivido por ela no tempo em que a impediram de estar ao seu lado.

Continuava dando as instruções por telefone sobre tudo o que fazer, ao falar com seus advogados, com a família, uma ou outra vez com o consulado, por intermédio dos amigos Sara e Angel. Mas havia já algum tempo que vinha sentindo certa desconfiança com relação a eles. Recebera algumas informações que a desagradaram sobre irregularidades na administração de seus bens, de que eles haviam sido por ela encarregados, suspeitava que a estavam traindo, e isso a deixava num estado de agitação que em nada a ajudava. Antes de se deixar arrastar pelas consequências de uma conclusão precipitada, resolveu compartilhar suas dúvidas com Arantxa.

— Preciso que você me ajude a esclarecer umas coisas. Sei que isso talvez seja abusar de sua generosidade, mas você é a única pessoa em quem posso confiar. Acho que você deveria ir aos meus dois apartamentos e ver se está faltando alguma coisa. Farei chegar a suas mãos nos próximos dias uma relação dos objetos de valor que deixei em cada uma de minhas casas, artigos, documentos, tudo de que conseguir me lembrar, e você poderá ir até lá e comprovar se continuam no lugar e em que estado estão. Preciso que faça isso por mim. Não gostaria de me sentir ultrajada também pelas pessoas que considero amigas.

— Conte comigo. Vou pedir que um amigo me acompanhe e inclusive, se você quiser, podemos gravar em vídeo em que estado está tudo.

Arantxa achou que estava se envolvendo no caso mais do que imaginou em princípio. Não apenas fazia as vezes de confidente daquela mulher desesperada e privada de liberdade como também se transformara em suas mãos, seus olhos, suas pernas e sua cabeça fora da prisão. Investia grande parte de seu tempo em carregar maletas de folhas manuscritas pela própria Maria José a seus advogados, à Corte Federal de Justiça, às administrações locais e nacionais dos Estados Unidos e ao governo da Espanha. Entrava em contato com novos advogados que pudessem se interessar por sua situação legal, visitava escritórios de detetives particulares para lhes informar do interesse da advogada valenciana em contratá-los para que encontrassem novas provas que demonstrassem que Peter estava mentindo e que ela era vítima de uma maldosa perseguição, e algumas vezes até agiu como detetive. Entrava em contato com os meios de comunicação para lhes pedir que divulgassem a terrível situação que uma espanhola estava vivendo numa prisão em Nova Jersey, se incumbindo ela mesma dos recados de Maria José e de outras presas. Por esse motivo e por outros mais graves que, para desgraça dela, não demoraram a aparecer, ficou satisfeita de ter pedido licença ao diretor do banco em que trabalhava para poder se envolver e ajudar sua compatriota aprisionada, no que felizmente foi atendida.

A longa lista que recebeu na qual estavam detalhados os encargos solicitados por Maria

José não seria uma tarefa fácil de cumprir. Arantxa achava que, além de lhe tomar muito tempo, não seria nada agradável seu encontro com Sara e Angel quando fossem verificar o estado dos pertences da amiga nas duas residências. A relação de objetos incluía um veículo utilitário todo equipado que estava estacionado na garagem, joias de família, entre elas alguns colares de pérolas, um conjunto de pulseiras e brincos de diamantes e pedras preciosas, presente de sua avó, outro de diamantes e rubis, computadores, arquivos importantes com informações sigilosas sobre alguns clientes de Maria José, entre os quais dois príncipes de origem árabe, programas de computador, documentação confidencial reunida em quase vinte anos de trabalho, dados bancários relacionados com contas-correntes e sua hipoteca, discos rígidos de três computadores, celulares, impressoras multifuncionais, cartões de imigração e vistos, material audiovisual de sua filha, cópias em cd de imagens da Espanha e dos Estados Unidos e uma infinidade de eletrodomésticos e utensílios, como refrigeradores, bombas d'água, lavadoras, secadoras, máquina de cortar grama, mangueiras, livros, malas cheias de roupas, objetos de sua filha, como berço, carrinho, brinquedos, livros etc.

O temor de Maria José acabou se confirmando ante a comprovação de que parte de seus bens havia desaparecido ou estava em mau estado. Foi na prisão que soube que o carro havia sumido e, segundo várias testemunhas, quem o levou foi Peter, na companhia de um amigo, alegando que o veículo era de sua propriedade. Além do desaparecimento de vários documentos e outras posses, ficou sabendo, horrorizada, que os amigos, sem aviso prévio e sua aprovação, haviam transformado sua casa de Fort Lee num abrigo de cães e que vendiam os animais, entre eles a sua cachorrinha favorita, Koda, que ficara prenhe duas vezes e depois fora castrada sem sua autorização.

— Quero denunciá-los pela má gestão dos meus bens, meus pertences de valor, de meus animais. Estão invadindo minhas casas, roubando minha correspondência e tudo que tenho de valor, talvez em conluio com o indesejável do meu ex-marido. Estão brincando com minha vida e minhas lembranças. Em momento nenhum fizeram denúncias sobre tudo o que foi desaparecendo de minhas casas, por isso penso em acusá-los de conivência com os autores dos delitos — dizia furiosa a uma incansável e paciente Arantxa.

— Tenha calma, não se precipite. Sara ficou profundamente abalada pelo que você lhe disse e me garantiu que eles não levaram de sua casa nada que não tivesse sido combinado antes.

— O quê? Isso é um absurdo! — a valenciana não conseguia se acalmar, pois não achava lógica em nenhum dos argumentos que ouvia. — Ah, estão abalados, é? E como aqueles dois acham que estão meus pais e minha irmã, a quem vivem chantageando, pedindo cada vez mais dinheiro senão me abandonarão e não me ligarão mais? Não posso acreditar. Depois de toda a ajuda que lhes dei, com o dinheiro que ganharam com meu apoio e com tudo o que me devem, agora têm a pouca-vergonha de pedir dinheiro a meus pais, se eles não quiserem que eu apodreça na cadeia, isolada por culpa deles, como dizem — Maria José falava sem parar, como se não pudesse fazer uma pausa nem para respirar. — São uns abutres, uns ladrões, trapaceiros, aproveitadores. Mas o que fiz eu nesta vida para ter tanto azar com pessoas a quem ajudo? Por que me acontece tudo isso?

— Maria José, por favor, fique calma. Podemos falar de outras coisas. Ponho você em contato com seus pais, se quiser. Mas acalme-se, se não quiser sofrer algo.

De repente a ligação era interrompida e não era possível restaurá-la. Lamentavelmente já estavam acostumadas com isso, e ela não tinha nenhuma dúvida de que aquilo não passava de uma estudada estratégia para minar o ânimo da espanhola e deixá-la isolada quando mais precisava desabafar. O pessoal da prisão gravava todas as conversas telefônicas das presas, mas tinham interesse especial nas da valenciana. Buscavam qualquer vestígio de informação de que suspeitassem ou não desejassem que chegasse a ela. Era por isso que ambas usavam uma linguagem meio cifrada que só elas entendiam. Quando queriam se referir à mulher de Peter, em vez de chamá-la pelo nome diziam “a menina das montanhas”, personagem de um desenho animado que ambas viam na infância. Quando falavam do juiz Torack, usavam a palavra “touro”. Certo dia, querendo ter mais privacidade e segurança no que diziam, começaram a falar em francês. A experiência durou apenas vinte minutos e resultou num castigo severo para Maria José: vinte dias numa solitária.

* * *

Arantxa também não foi poupada, e logo começou a perceber sinais de que sua segurança estava sendo ameaçada. Alguns homens se apresentaram em seu local de trabalho fazendo todo tipo de denúncias contra ela e acusando-a de ser cúmplice do sequestro de um menor, numa referência clara a Victória Solenne. O incidente chegou a tal extremo que obrigou seu chefe a se locomover urgentemente de Miami para apresentar ele próprio o testemunho de que tudo o que sua funcionária estava fazendo era ajudar uma compatriota espanhola. Respirou aliviada quando viu que seu chefe dismantelara a intencional acusação injuriosa contra ela, embora isso não lhe tenha devolvido a ansiada serenidade. Sentia-se observada, vigiada, quando andava pela rua, ou buscava o filho no colégio, fazia compras, quando ia ao médico, ao banco, ou saía para comer com amigos, até em casa tinha a sensação de haver olhos seguindo seus passos e suas ações. Era uma sensação estranha e incômoda, que a enchia de insegurança, medo e frustração, da qual nem mesmo dentro de casa ela conseguia se livrar. Certa noite, dormindo ao lado de seu companheiro, teve a impressão de ouvir ruídos no jardim. Tentando vencer o medo, que não a abandonava, levantou-se e saiu para ver a razão daquele barulho. Ao colocar a cabeça para fora da porta, viu que alguém enchera de areia o fundo de sua piscina. Conseguiu ver até a superfície da água ondulando. Mas esse não foi o único susto que levou em sua residência. Passados poucos dias desse incidente, voltou a ouvir murmúrios fora da casa. Dessa vez achou mais prudente não se entregar a ato heroico nenhum e decidiu acordar seu companheiro. Ao abrirem a porta, viram algumas sombras se esgueirando por entre os arbustos do jardim para não serem vistas. Eram cinco horas da manhã. Quando no dia seguinte comentaram o sucedido com a vizinha, ela afirmou que tivera oportunidade de ficar cara a cara com o desconhecido, que fugiu precipitadamente da casa. Mas ela conseguiu reconhecer o estranho quando Arantxa lhe mostrou uma foto de Peter.

Contudo, o mais desconcertante para ela e sua família foi descobrir que alguém invadira

seu computador e se divertira modificando documentos, arquivos e, pior ainda, deletando informações importantes para a família. Inclusive adulterou uma das fotos arquivadas, na qual Arantxa aparecia ao lado da delegação valenciana que viajou a Nova Jersey para ajudar Maria José.

— Vamos ter que resolver isso. Não podemos permitir que entrem em nossa vida e a destruam. Meu amor, você tem uma vida, um filho de dezessete anos que, embora você não acredite, percebe todo o tempo que sua mãe dedica mais a outra pessoa do que a ele, uma família que precisa de você e um trabalho que lhe custou muito conseguir e no qual você já teve que enfrentar problemas por causa desse assunto.

Seus olhos pretos, de acentuado traço latino, se cravaram em Arantxa, e ela pôde ver como seu comportamento estava causando temor e preocupação ao homem que amava e com quem havia iniciado uma nova vida.

— Mas ela precisa de mim — disse ela a Nino, justificando-se. — Sou a única pessoa que ela tem neste país.

— E nós precisamos de você, somos a única família que você tem neste país — Nino a beijou na testa, pegou sua carteira e saiu em direção à porta. Antes de atravessá-la, virou-se para Arantxa e esboçou um meio sorriso. — Pense nisso. Conversaremos à noite. Amo você.

Assim que Nino desapareceu, Arantxa se deixou cair no sofá da sala e começou a chorar. Não conseguia controlar as lágrimas e os lamentos que insistiam em permanecer com ela desde aquela manhã. Deu-se conta então de que havia chegado a um ponto em que era forçada a escolher entre ajudar uma mãe desesperada e trancada numa prisão por se negar a entregar sua filha a um pai suspeito de tentativa de assassinato e de maus-tratos, ou salvar seu núcleo familiar, que ela levava anos para formar e que pela primeira vez em muito tempo mostrava incipientes sinais de se romper. Pressentiu um dia longo e difícil pela frente e temia a hora em que Maria José a chamasse, como fazia quase todas as noites.

32

O DOLOROSO TRANSE QUE DEIXAVA EM CACOS A ESTABILIDADE emocional da família Carrascosa não estava sendo fácil para ninguém, mas a pequena Victória Solenne, mais do que qualquer um, era quem tinha mais dificuldade para encontrar uma explicação lógica e simples para o que acontecia. O impacto brutal que foi saber que a mãe estava na prisão ela sentiu no colégio, brincando com suas amigas durante o recreio.

— Eu vi sua mãe na televisão, de algemas, ela está numa prisão. E meus pais dizem que é por sua causa, por culpa sua.

— Isso não é verdade, mentirosa. Saiba que minha *mami* está trabalhando e vai voltar logo. Além do mais, eu não fiz nada.

Aquele dia foi um drama para a pequena. Quando os avós foram buscá-la, encontraram a neta chorando, com um sofrimento inconsolável, deixando preocupadas suas professoras. Chamava pela mãe entre soluços e gritos e não havia como se acalmar. Foi preciso tempo para lhe explicar, de uma maneira que pudesse entender e não lhe causasse mais dor, que sua *mami* estava numa prisão, mas que não havia feito nada de mau. “*Mami* é boa, ela ama você. Logo vai sair de lá e virá correndo para beijar você, abraçar e ficar com você. Mas é preciso que lembre sempre que *mami* não fez nada de mau. Foi um erro de uns homens maus que tentaram enganá-la. Mas sua mamãe é boa, meu amor”, insistia Victória, fazendo um esforço para que a sobrinha entendesse.

A ausência da mãe era difícil de suportar, lhe doía e atormentava. Não entendia por que não podia ficar com ela e fazer tudo o que as amiguinhas de sua idade faziam com a mãe. Sua ingênua, mas preocupante, audácia infantil a levava a fazer perguntas que pareciam agulhas cutucando o moral dos avós e da tia, para os quais a cada dia era mais difícil se sair bem dos devastadores interrogatórios da menina. “Se minha mãe não fez nada, por que estava algemada? Por que vocês não vão buscá-la e a trazem aqui para ficar comigo? E por que *mami* não diz aos homens da prisão que ela não fez nada e pede que a tirem de lá? E por que ela chora quando fala comigo? E por que...”

Apesar de ser uma menina muito ativa, que continuava se divertindo como sempre, correndo, brincando no parque, andando de bicicleta, nadando na piscina do colégio ou andando de patins, estava tendo dificuldade para dormir e sempre pedia que se deixasse acesa a luz de seu quarto. Se alguém resolvesse apagá-la para que tivesse um sono mais tranquilo, segundos depois ela acordava suando muito, gritando e chamando pela mãe. Os avós levavam muito tempo para fazê-la adormecer novamente, mesmo abraçada com seu unicórnio de pelúcia que Arantxa lhe mandara, ao saber que ela gostava muito dessa figura mitológica. O medo de ter pesadelos nos quais uns braços a arrancavam da mãe fazia que a menina retardasse a hora de ir para a cama, usando todo tipo de desculpa e gracejos que acabavam deixando impacientes os avós.

— Victória, é tarde, você precisa dormir — tentava convencê-la o avô. — Se você não descansar o suficiente, amanhã vai chegar tarde ao colégio, vai se atrasar nos estudos e não vai ser a mulherzinha inteligente, bonita e esperta que surpreende todo mundo.

— Vovô, não quero ser uma mulherzinha dessas — a garotinha tinha realmente a capacidade de surpreender todos com suas respostas e explicações. — *Mami* é bonita e esperta e não pode ficar comigo. E está presa numa cela. E chora, e todos vocês choram. Não posso abraçá-la, ela não pode me ajudar com os deveres, não me penteia, nem me beija, não conta histórias quando vou dormir. E não gosto disso, vovô. Só quero minha *mami*. Você acha que se eu estudar muito minha mãe virá mais depressa? — perguntava, desejando que o avô dissesse que sim.

— Estou certo de que sim, minha vida. Estou certo disso — dizia o avô enquanto se levantava para abraçá-la e levá-la no colo para o quarto.

Essa era uma tática que a pequena costumava usar para idealizar seus planos. Cada vez que lhe pediam para fazer alguma coisa que não lhe agradava muito, perguntava se aquilo ajudaria a apressar a volta da mãe. “E se comer tudo, mamãe virá? E se me comportar bem, se eu não assistir televisão, mamãe voltará para mim? E se der todos os meus brinquedos a outras crianças, mamãe voltará antes? E se limpar o quarto, ela virá no meu aniversário? E se fizer os deveres, se não sujar a roupa, se ajudar vovó?” Eram muitos “e se...”. Mas um dia a torrente de perguntas parou. Sem explicação. A garotinha já compreendera que não havia acordo possível.

Difícilmente de sua boca saía a palavra *mami*, como carinhosamente chamava a mãe, e ela começou a chamar a avó de mamãe. Embora houvesse nisso certa lógica, pelo longo tempo que vivia com a avó, isso despertou pensamentos obscuros em todos, que receavam que o detalhe semântico fosse um presságio para o futuro. Era quase impossível e até estranho ouvir dela alguma referência ao pai. E se o fazia era de um modo que causava desconforto e um profundo silêncio que a família levava algum tempo para romper. Certa manhã em que a menina não havia ido ao colégio, um eletricista foi chamado para fazer alguns consertos na casa. A menina estava pintando desenhos numa revista enquanto a avó atendia o eletricista. Quando o homem pronunciou a palavra “ladrão”, referindo-se a algo ligado a seu serviço, a garotinha exclamou “Um ladrão, como papai”, e continuou colorindo seus desenhos sem se dar conta da cara de espanto dos adultos presentes à cena. Quando a avó a repreendeu, dizendo que ela não devia falar daquele jeito, a menina respondeu sem afastar os olhos do que estava fazendo: “É verdade, papai é mau. Papai batia na *mami*, ela chorava e eu também. Papai é mau, vovó, é mau. É um ladrão”. Houve outras vezes em que a menina fez esse tipo de comentário, que deixava a família numa situação constrangedora, que eles tentavam resolver não sem dificuldades. Em outra ocasião, sua tia Victória a levou com uma amiguinha até o rio, para passar a manhã de sábado. O cachorro de Victória, um *cocker* chamado Sark, as acompanhou. Entre brincadeiras, as duas meninas faziam tudo com o cachorro, que parecia não se incomodar que elas o tratassem como se ele fosse um de seus bichos de pelúcia. Mas quando Victória Solenne viu que a amiguinha o havia empurrado com muita força, fazendo-o rolar por uma ladeira, ela se pôs a chorar, gritando: “Não, não faça isso. Era assim que papai fazia com a *mami*. Não gosto. Pare!”. De nada serviam as reprimendas e os pedidos da família para que evitasse esse tipo de comentário, tentando fazê-la aceitar que seu pai não fazia isso com a mãe. As tentativas de acalmá-la tinham o mesmo efeito de gasolina no fogo e só serviam para irritá-la ainda mais. A reação da menina era semelhante quando os avós ou a tia tentavam animá-la a falar com o pai por telefone. A menina ficava nervosa, começava a choramingar e, se não conseguia sair correndo para seu quarto, acabava fazendo xixi nas calças. “Não quero falar com ele, não quero.” Não queria nem sequer abrir os cartões enviados pelo pai em seu aniversário. E quando lhe diziam quem era o remetente do envelope, a menina balançava a cabeça de um lado para o outro e, quando muito, o pegava das mãos dos avós para rasgá-lo e jogá-lo no chão, pisoteando-o com tal fúria que os avós tinham que fazê-la parar a fim de

depois acalmá-la. Finalmente decidiram não lhe entregar a pouca correspondência que o pai lhe mandava, principalmente depois de terem descoberto que ele havia se atrevido a colocar várias fotos da filha em uma página da web criada por ele com a suposta intenção de denunciar sua planejada situação de pai ultrajado. Ver as imagens da pequena Victória Solenne posando de microfone na mão, diante da bateria do pai, olhando para a câmera com um meio sorriso ou vestida com o uniforme do colégio pôs um ponto final na infinita paciência demonstrada pela família até aquele momento. “É assim que se protege uma filha? Expondo seu rosto a todo o mundo! Isso é ilegal, sua filha é menor e tem o direito de privacidade de sua imagem. Essa é uma atitude de um pai que ama a filha?”, perguntava-se Victória. Nessa mesma página na web, na qual ele incluiu sua versão da história — de um sequestro premeditado feito pela mãe da menina com a cumplicidade de toda a família, com o intuito de afastá-la do pai, não permitindo que ele a visse nunca mais. Peter colocou também uma foto de Maria José tirada no momento em que ela ingressou na prisão de Bergen, procedimento oficial com toda reclusa, vestindo o uniforme da prisão. Evidentemente ela não poderia estar bem, mas a foto a desmerecia muito também. “Com será que ele teve acesso a essa foto?”, a família refletia possessa. “Como a conseguiu, se é um material oficial e supostamente confidencial? Está mais do que claro. Foi através das colegas de sua nova mulher. Deram-na a ele para que pudesse alardear sua vergonha. Isso é demais. Não há nada mais que corrupção e tratos descarados de favor, e as únicas vítimas dessa sujeira são Maria José e sua filha. Como ele acha que a menina vai reagir quando se der conta do que está fazendo com sua mãe?”

* * *

Ao tomar conhecimento das reações da filha, Peter Innes acusou a família da ex-mulher de exercer má influência sobre a menina contra o pai. De nada adiantaram os esforços da família para assegurar, diante dos advogados, que não exerciam sobre a menina nenhuma atitude que favorecesse sua rejeição ao pai e que, ao contrário, tudo era fruto do que ela havia visto e ouvido durante o tempo em que viveu com os pais. Nas poucas ocasiões em que puderam falar por telefone, Peter ameaçou-os de tomar medidas legais contra eles, acusando-os de cúmplices de sequestro, e não demorou a lhes assegurar que quando menos esperassem ele arrebataria a filha e eles não voltariam a vê-la nunca mais. As ameaças de Peter os deixava exasperados e enchiam sua dolorosa rotina de justificados temores de que a menina pudesse ser sequestrada a qualquer momento. “Mas o que esse sujeito quer?”, se perguntavam os avós, sem encontrar uma resposta convincente. “Se nunca se preocupou com a filha! Quando podia vê-la e estar com ela, não o fazia, nunca deu uma moeda para seu sustento nem sequer respeitou o regime de visitas estabelecido no acordo.” E o avô, dominando a duras penas seu evidente nervosismo e tentando falar baixo para que a neta não o ouvisse, prosseguia: “E agora, o que quer esse sem-vergonha? Eu sei o quê. O dinheiro de minha filha, é isso que o canalha quer. Tirar um bom pedaço deste drama, ficar com a menina para que seja a mãe quem tenha que dar dinheiro a ele. Parece que não bastou todo o dinheiro que roubou dela. Ele quer mais. Desgraçado! Filho da...”

Mas Peter não parou por aí. Irritado porque seus telefonemas não eram atendidos pela filha, ele alegou “telefonei durante cento e cinquenta dias consecutivos para a casa de seus avós maternos e nunca me deixaram falar com ela” e decidiu inscrever Victória Solenne no Centro Nacional de Crianças Exploradas e Desaparecidas dos Estados Unidos, acrescentando uma foto atual da menina à sua base de dados e os antecedentes da história que ele afirmava ser um rapto. “Minha filha, a partir de agora, é oficialmente considerada desaparecida por todas as agências policiais dos Estados Unidos, que farão todos os esforços possíveis para garantir que ela seja devolvida. Eu a amo e preciso que ela volte a viver comigo.” Para se certificar da mais ampla repercussão, decidiu distribuir reproduções da foto atual da filha por toda a cidade, fixando-as em árvores, colando em carros, janelas, distribuindo em casas comerciais. “Tudo é pouco para ter minha filha de volta. Seu quarto está preparado com seus bonecos da Minnie Mouse. Preciso que ela volte já. Não é justa a atitude de sua mãe”, dizia o pai diante dos veículos de comunicação.

Victória não entendia nada. “Mas como desaparecida? Ele sabe perfeitamente onde ela está. Com seus avós e a tia, com as pessoas que realmente a amam e jamais lhe farão mal.” Ela não se conformava. “Então por que ele continua mandando parabéns pelo seu aniversário para o mesmo endereço de uma casa em Valência onde ele próprio foi recebido quando veio para a Espanha com minha irmã?”, Victória tentou tirar a ficha de sua sobrinha daquela base de dados. Falou com os responsáveis e implorou às autoridades espanholas que fizessem o mesmo. Mas de nada adiantou.

A sombra de um possível sequestro perpassava insistentemente pela cabeça de todos. O angustiante estado de desespero em que mergulhara a família também repercutia na pequena Victória. Embora todos se esforçassem para tecer em torno dela uma espécie de tela que a protegesse e mantivesse à margem do frenesi da família, os sensores naturais da menina não conseguiram deixá-la alheia ao estado de permanente nervosismo e excitação. Uma tarde, depois de buscá-la no colégio, sua tia Victória observou com preocupação que a menina inconscientemente abria e fechava as mãos, forçando os punhos cerrados. Quando lhe perguntou por que estava fazendo aquilo, ela respondeu que não sabia, não havia se dado conta. E esse não foi o único tique nervoso que se manifestou. Ela começou a morder o lábio inferior, e o fazia com tal insistência que parecia já estar sem a pele. Também passou a roer as unhas, coisa que nunca havia feito. Seu rendimento escolar já não era o mesmo, mostrando-se já um tanto baixo, o que preocupou seus avós. De repente a menina já não tinha interesse pelas aulas de inglês, matéria na qual costumava se destacar em relação ao resto da turma, pois o aprendera desde bebê. Embora parecesse que o idioma se complicara em seu entendimento, ela conseguia acompanhar a matéria, mesmo com alguma dificuldade. Victória pediu à psicóloga do colégio que reforçasse a atenção que dedicava à sua sobrinha, levantando inclusive a possibilidade de ampliar a ajuda que ela recebia nessa matéria fora do horário de aula. Tudo aquilo estava sendo pesado demais para uma menina de apenas sete anos.

As intimidações à família aumentaram e vinham de vários lados. Sem saber como nem por que ela começou a ser alvo de duras críticas, insultos pesados, comentários vexatórios sobre sua vida privada e até ameaças contra sua integridade física. Faziam isso por meio de um *site* da internet, assinado em sua maioria por uma associação de pais de família separados que despejavam, sem nenhum tipo de restrição, comentários maliciosos e ameaçadores contra Maria José e sua família. O próprio Peter entrava quase sempre nesse fórum e, segundo suspeitas da família, também sua atual mulher e outros amigos do casal, que pareciam escolher os termos mais ferinos e humilhantes para lhes dirigir. No início, a própria Victória roubava horas de seu sono num desesperado esforço para responder a todas as calúnias e disparates que faziam sem controle nesse fórum, inclusive com a ajuda de um resgatado David, que de Benindorm enviava seus comentários de defesa incondicional de Maria José. Mas logo o cansaço, a impotência e a certeza de que aquilo só ia contribuir para arruinar ainda mais o moral da família, e sem ajudar em nada sua irmã, acabaram convencendo-a a abandonar, em nome da justiça e do bom nome da família, seu propósito de responder, uma a uma, todas as mentiras que lia no fórum.

Diariamente, e até duas ou três vezes num dia, Victória recebia chamadas no celular advertindo-a de que havia gente seguindo-a o tempo todo, dizendo que haviam colocado câmeras de vídeo em sua casa e na dos pais, que sabiam de todos os seus movimentos e os de sua sobrinha e que estavam preparados para sequestrar a pequena e levá-la para junto do pai. A voz era sempre masculina, clara, num espanhol perfeito, que vinha quase sempre de um telefone não identificado, embora algumas vezes as chamadas fossem feitas de celulares pré-pagos. Eles estavam certos de que quem se escondia por trás dessas ameaças era Peter Innes, sua atual mulher e um grupo reduzido de pessoas ligadas à tal associação de pais de família separados e que não tinham nenhum constrangimento em insultar tanto a família Carrascosa como as instituições judiciais espanholas, o governo, os espanhóis e a própria Coroa.

Quando a situação chegou ao limite, especialmente para Victória, que era quem costumava ser o principal alvo dos insultos, ameaças e intimidações à família Carrascosa, ela apelou novamente aos tribunais para apresentar uma queixa-crime por supostos delitos de calúnia, difamação, coação e obstrução da justiça contra a presidenta da tal associação de pais separados de Málaga, Rosa Maria Martín José, e contra o próprio Peter Innes. No entanto, recorrer à justiça não significou maior tranquilidade nem a interrupção das ameaças. Ela ainda teria que vivenciar os dantescos episódios que quase lhe custaram a vida. Um ocorreria no dia vinte e oito de novembro de dois mil e sete, quando Victória voltava para Valência ao volante de sua bmw azul, depois de uma reunião no Ministério da Justiça em Madri. Eram dezessete horas quando na autoestrada A3, na altura de Tarancón, um Audi, modelo A3, preto, que circulava pela via esquerda foi se aproximando dela pouco a pouco, tentando tirá-la da estrada, tendo conseguido afinal fazê-la colidir com a barreira da autovia e um caminhão que vinha pela sua direita. O carro ficou destruído, e quando tentava sair dele Victória pôde ver que o veículo causador do acidente havia estacionado uns metros adiante do acidente. Dele desceram três indivíduos, um deles com a cabeça coberta, os quais ao ver as consequências do choque fugiram imediatamente. Poucos dias depois Victória recebeu um telefonema

anônimo no qual uma voz masculina dizia: “Da próxima vez não falharemos. Você tem três dias de vida”.

O segundo ataque a surpreendeu em dois de fevereiro de dois mil e oito e se deu às dezoito horas. Dessa vez a esperavam à porta de sua casa. Enquanto se dirigia ao elevador, um homem de uns cinquenta anos, de cerca de um metro e sessenta de altura, aparência comum, cabelo escuro, bem-vestido e usando óculos de sol, empurrou-a de encontro às caixas de correio, atirou-a no chão e disse num espanhol perfeito: “Vê se se cala, sua filha da puta. Isto é um aviso”. Victória não tinha nenhuma dúvida de que por trás dessas graves intimidações estava a misteriosa associação de pais de família separados, o que ela informou à polícia quando foi à delegacia denunciar os fatos.

Não era a primeira vez que a família se via ameaçada, e ela suspeitava que Peter era o responsável por tudo. Em novembro de dois mil e quatro Maria José denunciou um estranho roubo em sua casa de Fort Lee. Alguém entrara lá, roubara documentos confidenciais de um dos melhores clientes da advogada valenciana e deixara uma estranha pista, um recipiente de plástico contendo algumas ferramentas de aço, cimento e umas peças de roupa. A polícia lhe explicou que poderia se tratar de uma “mensagem siciliana” que alguns grupos mafiosos costumavam usar para ameaçar as pessoas de morte e de serem enterradas no concreto. A família não estranhou nem um pouco a observação feita pela polícia, já que Maria José sempre havia suspeitado que Peter e principalmente sua mãe tinham algum tipo de relação com a máfia siciliana, um temor que começou a se manifestar depois do roubo de quatro galões de azeite quando ela tentava entrar nesse mercado. Embora não tenha conseguido provar nada a esse respeito, tinha convicção de que isso fosse verdade.

Os pedidos dirigidos pela família ao governo central se tornaram desesperados, denunciando não só a situação de completa ilegalidade que sua filha sofria nos Estados Unidos desde que fora detida e depois encarcerada, como também o contexto de completa e absoluta falta de proteção em que se achava a família, exigindo que lhes oferecessem segurança, principalmente para a pequena Victória. Foram realizados vários encontros e reuniões com representantes dos Ministérios das Relações Exteriores e da Justiça espanhóis, sempre a pedido da família, dos quais saíam com uma montanha de promessas de ajuda e absoluta dedicação para pôr fim à odisséia judicial e humanitária pela qual estavam sendo tragados. “Vou tratar deste assunto em caráter prioritário”, assegurou-lhes o ministro das Relações Exteriores, Miguel Ángel Moratinos, numa reunião realizada em vinte e três de maio de dois mil e sete, diante da iminente visita da secretária de Estado americana Condoleezza Rice, em primeiro de junho, dali a apenas uma semana. À sua chegada à Espanha, ao ser indagada sobre o caso, minou o assunto e as esperanças da família em sua hipotética intermediação com um sucinto: “O momento político não é adequado”.

O governo só viu uma saída e comunicou isso à família: a negociação entre as partes. Garantia que como governo não podia interceder no sistema judiciário de outro país, em especial quando se tratava dos Estados Unidos, e que a única atitude que podiam tomar como

administração estatal era estimular Maria José e Peter a chegarem a um acordo sobre as circunstâncias da guarda e custódia de sua filha. Numa reunião com o objetivo de tentar avançar em soluções para que Maria José fosse posta em liberdade, realizada nas dependências do Ministério das Relações Exteriores em Madri, com a presença do subdiretor-geral de Assuntos e Assistência Consulares, Miguel Ángel de Frutos, da catedrática em Direito Internacional Privado da Universidade de Barcelona e de um membro da redação da Convenção de Haia de mil novecentos e oitenta, Alegría Borrás, e depois de reunião com a advogada de Peter Innes na Espanha, Elena Zarraluqui, a família foi informada por escrito sobre as condições para o governo fazer alguma coisa.

- 1º Ambas as partes litigantes, Maria José e Peter, devem assinar um documento aceitando a mediação, para que um terceiro sirva de impulsionador dos pré-acordos e acompanhe-o a fim de que seja cumprido. Trata-se de uma fórmula alheia ao processo de litígio judicial em curso, que faculte o desbloqueio da situação atual, com intervenção direta perante todos os Tribunais de Justiça.
- 2º Após a elaboração de uma relação extensa de todos os procedimentos penais em curso em todos os países, e com a renúncia ao exercício de qualquer demanda ou querela futura por fatos passados, deve-se discriminar a atual contenda, solicitando o arquivamento das causas pendentes tanto contra o senhor Innes quanto contra a senhora Maria José, para que ela seja imediatamente posta em liberdade, sem encargos nem reservas futuras para revisão de sua causa e com a devolução de seu passaporte.
- 3º Maria José deve se comprometer com o cumprimento de um regime de visitas à menor em favor do pai, tanto na Espanha como nos Estados Unidos, de uma ou duas vezes por ano em ambos os casos, cuja homologação deve ser objeto de ratificação judicial.
- 4º Ao se iniciar esse processo, e com Maria José em plena liberdade, sem encargos, a menor deve ser trasladada aos Estados Unidos, podendo ir acompanhada de um familiar, por exemplo, o avô materno, para que estabeleça uma convivência temporária também com o pai, recebendo todos um tratamento psicológico, no intuito de tentar recompor a relação paterno-filial prejudicada, a imagem negativa que a menina possa ter do pai. A convivência permanente deve ser com a mãe e entorno, sem prejuízo do regime de visitas estabelecido pelo psicólogo segundo as circunstâncias de cada momento.
- 5º Superada essa fase, Maria José poderá fixar livremente sua residência onde melhor lhe convenha, tanto na Espanha como nos Estados Unidos, levando consigo a filha Victória, que ficaria sob sua guarda e custódia, sem prejuízo do regime de visitas constante do terceiro ponto.
- 6º Ante o temor de que, obtida a liberdade de Maria José e a custódia da menor, possa ser tentada outra ação de impedimento de sua estada com Peter, negando-lhe que possa levar Victória para os Estados Unidos, nessas circunstâncias o passaporte da menor deve ficar em posse do mediador designado.

7º Maria José deverá apresentar à Seção Dez da Audiência Provincial de Valência um pedido, por escrito, de autorização da futura saída da menor da Espanha, tornando sem efeito as proibições anteriores. Tudo isso é um pacote de medidas globais e indivisíveis. Se a mediação fracassar ou sua fórmula não for aceita pelas partes, o Ministério das Relações Exteriores se desincumbirá deste assunto, por considerar que já não pode fazer mais nada.

A família Carrascosa recebeu o documento com certa precaução, embora sem negar um fiapo de esperança. Entendiam que essa podia ser a última oportunidade, mesmo mostrando-se descontentes com a última frase escrita sobre o governo se desincumbir do caso se as partes não chegarem a um acordo. Sabiam perfeitamente qual seria a reação de Maria José quando conhecesse os termos da proposta. Ia recusá-la inteiramente, com fizera em ocasiões anteriores. “Quero que se faça justiça ao meu caso, não que se chegue a um acordo, como se eu tivesse que reconhecer alguma culpa. O único responsável por esta lamentável situação é Peter Innes, que tentou matar a mim e a minha filha, que mentiu, me maltratou, ultrajou, roubou, me usou.” Maria José estava mais que indignada. “Alguém pode me dizer uma coisa? Eles querem que me sente para conversar com esse indivíduo? Só quero que se apresentem diante da justiça ele, sua mãe e o resto de sua família e se submetam à lei.” Sempre que falava sobre um possível acordo, uma mediação ou negociação, ela perdia a cabeça. Ficava tão alterada que parecia que seu corpo ia se desconjuntar, e era tamanha a ira que sentiu quando sua família lhe propôs semelhante pacto que chegou até a desligar o telefone. Por isso tentaram, por conta própria e sem autorização de Maria José, buscar um mediador. Foram vários os nomes em que pensaram, mas o favorito e que soou com mais força foi o do juiz Baltasar Garzón, que não teve dúvida em aceitar, embora precisasse da permissão do Conselho Geral do Poder Judiciário para aceitar semelhante mediação. Com uma diferença de poucas horas a família recebeu duas notificações, uma pior que a outra: o Conselho se negara a autorizar o juiz Garzón a fazer a mediação e o telefonema irado de Maria José. Uma *amável funcionária* a havia informado, com a pior das intenções, dos planos de sua família, inventando detalhes que nunca existiram e só tinham o propósito de confundi-la e irritá-la.

Foi uma das conversas mais desagradáveis que teve com seus pais.

— Mas vocês acreditaram neles? Como se atrevem a agir sem minha permissão? Não só não fazem nada para me tirar daqui como querem me humilhar. Gostaria de ver os dois aqui, trancados, humilhados e, como se isso não bastasse, ignorados pela família. Estou morrendo aqui dentro, e vocês não fazem nada! Ah, sim, me desculpem, fizeram sim: tentaram primeiro pedir a custódia compartilhada de minha filha, e em seguida movem todos os cordões necessários para que eu entre em acordo com o homem que fez de mim a mulher mais desgraçada do mundo.

— Filha, pelo amor de Deus, escute-nos, não é nada disso, nós só queremos que saia desse maldito lugar, por seu bem, pelo de sua filha e pelo nosso — disse o pai, tentando implorar, sem êxito, a uma Maria José fora de si.

— Pelo seu bem? Preciso lembrar que vocês estão em liberdade. Sou eu que estou apodrecendo aqui dentro por tentar defender meus direitos de mãe e a vida de minha filha. Seu bem? Vocês são uns egoístas. Com certeza querem que eu morra logo para que deixem de pagar os advogados... Não se preocupem. Falta pouco.

A ligação foi cortada. Na verdade, foi Maria José quem se encarregou de fazer isso. Os pais não conseguiam assimilar a quantidade de impropérios com que a filha os presenteara. Não acreditavam no que acabavam de ouvir. Simplesmente não podia ser verdade. Victória, que participara calada da inacreditável conversa, tentou tranquilizar os pais. “Ela está nervosa. Vocês não podem levar isso em conta. Compreendam a situação em que ela está. Se isto está sendo demais para nós, imaginem o que ela está sofrendo. Não queria dizer nada do que disse.” Os três se abraçaram e deixaram que seus sentimentos fluíssem livremente. Aquela união familiar na sala da casa dos pais superou todos os anteriores momentos de emoção que até esse momento haviam ocorrido naquela família. Outra cena como essa ia demorar muito para se repetir. De fato, já a partir daquele dia as tensões entre eles pareciam ter se multiplicado. Os nervos traziam de volta desentendimentos passados, que eram recebidos com uma palavra mais alta que a outra, uma porta batida, um agravo tão rápido quanto infundado, censuras infantis, mas ferinas. Haviam chegado ao limite, e o mesmo se dera com Maria José. As brigas, as rugas, os mal-entendidos gratuitos e só explicados pela tensão a que estavam sendo submetidos havia já muito tempo ameaçavam mandar para o ar a união familiar. Por qualquer coisa as palavras viravam brigas, motivos para nova disputa, qualquer faísca, por mais insignificante, absurda e ridícula que fosse, podia acender o pavio da discórdia e da discussão. Eram uma família unida, mas que, nesse momento, podia se romper diante de qualquer notícia, decisão ou comentário.

33

A SITUAÇÃO LEGAL DE MARIA JOSÉ SE ESTENDIA impunemente e a lista de advogados despedidos era tão longa que ameaçava comprometer o cartão de visitas daquele que se apresentasse diante de um juiz. Nas últimas semanas, ela havia perdido o controle férreo da situação, e era normal vê-la perder as estribeiras com seus advogados, com Sara e Angel, seus pais, sua irmã, algumas presas, até com Arantxa, a quem dirigiu palavras da boca para fora e odiou com todas as forças quando ela lhe pediu que não gritasse com seus pais. “E com quem quer que eu grite? Com você? Vai acabar me abandonando como fazem todos.”

Com se não bastasse, sua saúde piorava a passos largos.

Costumava passar as noites retorcendo-se de dor em seu catre, tampando a boca com o

travesseiro, tentando aplacar seu incontrolável sofrimento. As constantes dores que vinha sofrendo na região do pâncreas, do fígado e dos rins a torturavam praticamente durante as vinte e quatro horas do dia, e os medicamentos que lhe davam na prisão não as aliviavam nem um pouco. Maria José estava firmemente convencida de que os medicamentos que tomava, em vez de melhorar seu estado, pioravam ainda mais sua já comprometida saúde. Continuava sangrando pelo nariz, assim como perdia muito sangue tanto pela urina como pelas fezes. Seu abdome inchara tanto que se pensaria que estava grávida, a pele ficara amarelada e sem brilho, os olhos pareciam querer sair pelas órbitas, perdia peso a cada dia, o cabelo caía em mechas, as unhas quebravam à toa e nelas surgiam manchas brancas que anunciavam que alguma coisa em seu organismo não estava funcionando direito. Seus reiterados protestos e as constantes queixas às autoridades carcerárias de que estava sendo medicada de maneira errada caíam no vazio. Os diversos representantes legais que haviam se ocupado de sua defesa já haviam denunciado perante a justiça a situação de abandono em que se encontrava sua cliente. “Não recebe os tratamentos e medicamentos que sua precária saúde exige. Dizem que não são tratamentos aprovados pelas autoridades sanitárias dos Estados Unidos, quando na realidade o próprio endocrinologista e psiquiatra forense Phillip Bonet afirmou que o tratamento que ela reivindica é o correto, recomendado por seus médicos, e que os medicamentos são comprados em farmácia de seu país. Um deles, o Levoxil, teve a dosagem reduzida de cento e setenta e cinco para cento e vinte e cinco já faz dez dias, com risco de elevação dos níveis de glicose, o que pode levar ao coma diabético. O direito à vida e à saúde, e em suma os direitos humanos, estão acima dos conflitos jurisdicionais.”

Conseguiu que lhe fizessem alguns exames de urina e sangue, mas ninguém lhe entregou os resultados. Simplesmente lhe disseram que estava tudo normal e não entendiam por que ela se queixava tanto. Inclusive um médico da prisão ousou dizer que o que ela sentia era psicológico e que todas as doenças e padecimentos de que se queixava não eram mais do que invencionices, porque seu organismo estava perfeito.

Quando exigiu que lhe mostrassem os resultados e que, se fosse correto o que diziam, fizessem provas de contraste e a transferissem imediatamente para um hospital, só obteve como resposta chacotas e ameaças.

— E como explica o inchaço, o sangramento, a queda de cabelo, os enjoos e vômitos? — perguntou Maria José, irritada. — O senhor pode me dizer a razão por que sangro por todos os orifícios do meu corpo, as dores abdominais que quase me matam, que meu peso não passe de quarenta quilos, que tenha um sabor constante de bÍlis na boca? O senhor tem uma explicação médica para tudo isso, doutor?

— É como acabei de lhe dizer — respondeu sarcástico o médico, quase sem se dignar a olhar para ela. — Tudo está em sua cabeça. Está nos fazendo perder nosso valioso tempo. Melhor seria organizar sua vida, deixar de se queixar e de exigir tanto dos outros, quando você não é capaz de controlar a própria cabeça. Talvez seja hora de repensar tudo e fazer o que deve ser feito. Lembre-se de que fora da prisão você receberia um tratamento médico melhor. Tudo depende de você.

Maria José via a alongada sombra de Peter em cada uma das respostas que lhe dava o

médico. Saiu da enfermagem engolindo todos os sapos, que a devoravam por dentro. Também lhe faltavam forças. Sentia-se doente, deprimida, tremendamente cansada e convencida de que o veneno que ainda permanecia em seu corpo a estava matando aos poucos, na ausência de um tratamento adequado. Continuava a acreditar que, sem seu consentimento, estavam lhe administrando tranquilizantes, para mantê-la dominada e sonolenta durante todo o dia. Não se podia confiar em ninguém naquela prisão, por isso tentou conseguir um diagnóstico feito fora. Numa tentativa desesperada de encontrar uma tábua de salvação a que se agarrar, enfiou uma mecha grande de cabelo e pequenos pedaços de unha em dois envelopes diferentes, para enviá-los aos médicos Phillip Bonnet e Stanley Brois, dois profissionais que já a haviam tratado em dois mil e seis por uns dois meses, antes que fosse detida e aprisionada. Teve medo de que as oficiais a obrigassem a raspar a cabeça para eliminar provas e evidências, diante da suspeita de que soubessem de suas intenções, mas não foi assim. Em uma longa carta aos médicos, pedia-lhes que fizessem um exame completo e que elaborassem um relatório de seu real estado de saúde. Os resultados acabaram lhe dando razão.

Começou a temer por sua vida e falava explicitamente sobre isso em suas cartas. “Estou começando a acreditar que o único modo de sair daqui será num caixão.” “Estou perdendo a fé no sistema judicial americano, assim como em tudo. Já não me resta nada. Não voltarei a ver minha família. Só peço a Deus que proteja os meus e que, se não sair com vida daqui, me leve logo à Sua presença.” “Minha vida está chegando ao fim, mas antes de morrer quero justiça para minha filha e minha família. Quero ver como Peter Innes e sua mãe serão investigados pela justiça.” “Minha filha, amo você com toda a minha alma. Fiz tudo o que era possível para salvar a minha vida e, portanto, a sua. Nunca se esqueça de sua *mami*. E lute. Lute sempre.”

A preocupação das presas mais próximas à valenciana aumentou quando a ouviram falar de seu desejo de morrer e de seus planos de, quando menos se pensasse, atentar contra a própria vida. Inclusive uma delas compartilhou com as outras confidências sobre a intenção de Maria José de se enforcar em um descuido das funcionárias. “Não posso mais. Não resisto. É demais.” Talvez por isso tenha começado a mandar à Arantxa cartas para publicação nos vários meios de comunicação e na página da web dedicada ao seu caso, ao xerife de Bergen, ao diretor da prisão, ao cônsul, ao governo da Espanha, aos Ministérios da Justiça e das Relações Exteriores espanhóis, ao governo valenciano, a sua própria família, informando-os sobre sua precária situação e do complô armado contra sua pessoa e na trama de corrupção em que, ela suspeitava, estavam implicados seu ex-marido, o xerife, a polícia e alguns advogados e juizes. Registrava nelas os abusos de que havia sido vítima na prisão e o nome dos quatro oficiais de polícia, dois deles de origem latina, que se encarregaram de martirizá-la desde seu ingresso na prisão.

Os piores prognósticos se materializaram na sexta-feira, treze de julho. Maria José começou a se sentir pior que de costume. Doía-lhe o peito, estava com sérios problemas para respirar e tinha a sensação de que algo ou alguém estivesse pressionando seus pulmões. Não teve tempo de pedir ajuda, perdeu a consciência e desmaiou no corredor da prisão. Quando acordou, estava estendida na cama de um hospital e havia dois policiais armados fazendo

guarda na porta do quarto. Não era a enfermaria da penitenciária de Bergen, e isso a tranquilizou. Logo lhe informaram que havia sido levada para o Hospital Hackensack, da Universidade de Nova Jersey. Durante três dias foi submetida a um exame médico completo, inclusive com raios X do tórax, eletrocardiograma, teste de estresse, avaliação do pâncreas e das condições psiquiátricas. Os médicos lhe disseram que ela havia sofrido um princípio de infarto e que durante duas semanas deveria suspender os medicamentos que lhe subscreviam da unidade médica da prisão de Bergen.

Os pais de Maria José souberam que a filha havia sido internada graças ao telefonema de uma amiga, também presa, que entrou em contato com eles de madrugada. “Levaram Maria José para o hospital. Ela estava muito mal. Não sei de mais nada. Procurem se informar, por favor.” A família ficou enlouquecida e ligava para o cônsul, para os advogados, para a prisão, e ninguém parecia saber de nada. Mais uma vez, foi o silêncio do cônsul espanhol em Nova York que mais lhes doeu. Victória ligou para Maria Luisa de Llano Carrió, primeira suplente do Defensor do Povo, que havia se interessado pelo caso de sua irmã e tomara várias atitudes, nenhuma das quais teve sucesso. Graças à sua mediação, conseguiu que o cônsul a informasse do ocorrido, depois de vários dias tentando obter informações com as autoridades carcerárias de Bergen. Em nenhum momento falou com a família. Apenas enviou um *e-mail* ao diretor-geral de Assuntos e Assistência Consulares, com cópia para o Defensor do Povo, encabeçando seu relatório com um parágrafo que voltou a exasperar a família ao tomar conhecimento de seu conteúdo: “Para sua informação, direi que nem seus advogados nem os funcionários da prisão com quem temos falado parecem estar dando mais importância ao episódio. Está sendo preparada uma queixa contra o cárcere de Bergen pelo tratamento médico que tem sido dispensado à detenta, que afirma ser ele incorreto e causa de sua internação no hospital. A fatura de todos os exames e hospitalização somou cem dólares, que serão pagos pela prisão, ao ter assinado ela o formulário de insolvência. A senhora Carrascosa insistiu em nos dizer que não quer nenhuma mediação do governo espanhol nem de ninguém”.

As reservas de esperança estavam se esgotando de ambos os lados do Atlântico. A cada dia Victória parecia mais cansada e com raiva do mundo, embora nunca perdesse a boa educação e a calma por mais que sentisse que sua família estava sendo atacada e enganada pelo governo. Tentou marcar um improvisado encontro com o presidente espanhol numa de suas viagens a Valência, em vinte e três de fevereiro de dois mil e oito, mas foi inútil e ela conseguiu somente entregar uma carta a um de seus guarda-costas. Ele estava em viagem a Bucareste, para a reunião internacional em três e quatro de abril. Dessa vez conseguiu chegar até os serviços de segurança da Romênia e dos Estados Unidos, e eles lhe prometeram que fariam chegar sua carta ao presidente Bush e que ela teria notícia deles nos próximos dias. Mas nada houve de proveitoso. Mais uma vez, esperanças perdidas.

Cansou-se de fazer reuniões, trocar *e-mails* e investir horas falando principalmente com as três pessoas do Ministério da Justiça que no início lhe deram atenção, perdida em seguida. “Comprometeram-se a viajar para Nova Jersey e visitar minha irmã, a interceder ante os advogados de Peter, a fazer o possível para que as jurisdições de ambos os países entrassem em acordo por intermédio de seus juízes e a fazer que se respeitasse a Convenção de Haia. E não fizeram nada! Obrigaram-me a escrever duas cartas para minha irmã exigindo que reconsiderasse, que negociasse, em troca de sua ajuda, e só consegui ser enganada. Nem sequer comunicaram o caso aos setores competentes no Tribunal de Haia, não serviu para nada. Como as duas cartas que recebi da presidência espanhola. Comprometeram-se a nos ajudar e não fizeram nada.” Ela os acusava de continuar indiferentes diante do comportamento do cônsul espanhol em Nova York e de manter um relacionamento oculto, pessoal e profissional, com os advogados de Peter na Espanha, o que, no seu entender, os havia impedido de agir inclusive diante de uma suposta fraude processual por parte da defesa espanhola do ex-marido de Maria José. A família apresentou uma queixa-crime para que se investigasse um suposto documento falso entregue pelos advogados de Peter Innes ao tribunal americano. Tratava-se de um auto da Audiência de Valência supostamente falsificado para que se negasse a soltura de Maria José e que a menor fosse entregue a seu progenitor. Segundo demonstrou um perito, Alfredo Piera, o documento foi apresentado em inglês com selos falsos e manipulados da prefeitura valenciana e da Administração de Justiça. A família estava convencida de que o documento fora manipulado pela advogada espanhola de Peter, que no dia de sua apresentação chegou a propor ao juiz que, dados seus conhecimentos do idioma inglês, não seria necessário recorrer a um tradutor juramentado. O novo advogado contratado pela família Carrascosa, Marcos García Montes, insistiu em que se investigasse quem havia falsificado o documento oficial. “Se fosse admitida a falsidade do documento, a decisão judicial poderia ser anulada e o processo voltaria ao início.”

Mas esse não foi o único documento dentre aqueles apresentados nos tribunais de Nova Jersey pela defesa de Peter Innes que teve sua forma e seu conteúdo adulterados. Graças ao trabalho dos advogados, dos peritos judiciais e da tradutora Maria Luísa Rivera, a família pôde ver que supostamente foram falsificadas mais sentenças espanholas. Cotejando as traduções das sentenças espanholas, eram numerosos os erros e as falhas, voluntários ou involuntários, que haviam sido cometidos, o que levou a família Carrascosa a denunciar os fatos como suposta falsificação. Havia mudança de datas, anos, meses e dias, advérbios, sujeitos, termos legais, foram suprimidas das sentenças palavras e expressões decisivas para demonstrar a inocência de Maria José, ao mesmo tempo em que foram acrescentados termos que prejudicavam a valenciana e beneficiava os argumentos e a defesa de Peter Innes. Por exemplo, cotejando a tradução do Ato de Anulação do Casamento número 1.567/04 do Tribunal de Primeira Instância e o Nono de Valência e o original do citado auto, foram observadas várias diferenças e “discrepâncias mais ou menos graves entre a tradução e o original, suscetíveis de induzir a interpretações errôneas ou enganosas”, como assinalou em seu relatório Maria Luísa Rivera. Entre muitas outras, “traduziu-se por ‘acordo pré-nupcial’ tanto ‘separação de bens’ quanto ‘capitulações antenupciais’, do original, com o que falta

campo semântico para ‘separação de bens’, expressão que é considerada sinônimo perfeito do ‘acordo pré-nupcial’. A frase ‘um recenseamento formal em Valência em dezembro de dois mil e dois’ foi traduzida por ‘um recenseamento de residência formal em Valência datado de dezembro de dois mil e cinco’, chamando a atenção tanto a alteração da frase do original quanto a mudança do ano”.

E na tradução do auto de Restituição de Menor número 759/05 do Nono Juizado de Primeira Instância de Valência, “não só foi mudado o número do auto para 795/05 já no cabeçalho do auto, como também nos antecedentes do fato, no parágrafo primeiro, linha segunda, traduziu-se “expediente de jurisdição voluntária” por “expediente voluntário”, omitindo-se o termo “jurisdição”, relevante neste caso. Nos fundamentos do direito, no parágrafo primeiro, página um, à expressão “subtração de menores” foi acrescentado o adjetivo “internacional”, que não aparecia no original. Do mesmo modo, à expressão “se respeitem” foi acrescentado o advérbio “efetivamente”, que também não está no original. No parágrafo segundo “condenação” foi traduzida por “ordem de restituição”, o que implica séria “falta de fidelidade ao original”.

Depois de tomar conhecimento das novas supostas falsificações das sentenças espanholas, Victória só conseguia pensar nas palavras pronunciadas pelo novo advogado da família: “Se fosse admitido que o documento é falso, seria possível anular a decisão judicial”. Seus sentidos se concentraram naquelas palavras do advogado e desejou com todas as suas forças que elas se materializassem no terreno da realidade o mais depressa possível.

34

O PANORAMA QUE ENCONTROU NA SUA VOLTA À PRISÃO foi o de sempre, igualmente desanimador. De novo a mais absoluta falta de comunicação, o bloqueio do telefone, as ameaças, as intimidações, a ausência de visitas e de correspondência do exterior. Cada dia ficava mais difícil a comunicação com sua família e, portanto, com a filha, passando semanas e até meses sem conseguir falar com ela, sem sequer ouvir sua voz. Arantxa foi reduzindo seu envolvimento na história devido às ameaças que continuava recebendo e que quase puseram fim ao seu casamento, enquanto o que mantinha com Maria José foi esfriando paulatinamente. Angel e Sara também haviam rompido o vínculo com Maria José e sua família, não sem antes reconhecer, perante o tabelião em treze de agosto de dois mil e sete, que tinham sido pressionados por Peter Innes para que não depusessem em favor de sua ex-mulher e que não fizessem nada que pudesse comprometer sua atual esposa, Jaudee Tabares, que demorara muito para conseguir a posição que tinha como policial de Saddlebrook. Alertou os dois que sabia de fonte confiável que o governo espanhol não faria nada para

ajudar Maria José e sua família, que o juiz Torack o estava protegendo e continuaria fazendo isso durante todo o processo e prognosticou que a valenciana apodreceria no cárcere, esquecida e abandonada, porque estava louca e que toda a repercussão do seu caso na mídia espanhola logo cairia no esquecimento. Pouco dias depois da declaração perante o tabelião, o irmão de Sara levou uma surra tão grande que teve que ir para o pronto-socorro e depois foi internado no hospital. Todos estavam convencidos de que toda essa violência provinha do círculo de Peter Innes, por isso resolveram dar queixa na polícia. A ausência de uma pessoa de fora que fizesse contato entre Maria José e o exterior e facilitasse suas ligações telefônicas, como haviam feito Sara e Arantxa, obrigava-a a ligar para os pais a cobrar, o que era mais uma carga para a economia da família, que já gastara milhões de euros e fora forçada a se desfazer de alguns imóveis. O consulado se ofereceu para franquear uma linha telefônica em “horário comercial” para que Maria José pudesse se comunicar com eles quando necessitasse, mas não se encarregavam de passar as ligações telefônicas para familiares e advogados.

Seus dias eram longos e desprovidos de esperança e novidades. Costumava esperar que seus advogados a chamassem, coisa que podia levar um mês ou até um mês e meio para ocorrer. Havia pouco sobre o que conversar, já que suas apelações, seus recursos, suas queixas e suas súplicas eram negados repetidamente pelos tribunais federais e estatais aos quais recorria em busca de ajuda. Só estava à espera do terceiro e definitivo *habeas corpus* que fora apresentado e que provavelmente seria novamente rejeitado como os anteriores, e não teria mais opção senão encarar um temido julgamento no qual podia ser penalizada com até cem anos de prisão.

Via como suas melhores amigas na prisão, como Bárbara, Jenny ou Zen, conquistavam a ansiada liberdade, coisa que ela encarava como uma utopia e que a deixava abandonada novamente naquele buraco sinistro que cada dia lhe parecia mais profundo e escuro. O pessimismo, a profunda tristeza, a decepção, o desânimo e a consternação se aninharam em seu magoado estado de espírito e conseguiram abatê-la. Não conseguia se animar nem mesmo com a definitiva confirmação da anulação de seu casamento no dia treze de junho de dois mil e sete, por sentença canônica firme do Tribunal da Rota de Madri, que reconhecia “o comportamento próprio de um verdadeiro psicopata” alusivo a Peter Innes e desde o dia quatro de outubro de dois mil e sete, pela Audiência Provincial dos Tribunais de Valência. A anulação tinha caráter universal, pelo qual obrigava seu reconhecimento por parte do estado de Nova Jersey, o que podia evitar o início do processo penal contra ela. Mas para Maria José suas esperanças desvaneciam, e a confiança nas pessoas e no que quer que fosse ia desaparecendo a passos largos.

Agora era só esperar e rezar, embora a cada dia se entregasse às orações com mais dificuldade. Talvez uma delas lhe houvesse trazido o único sopro de ilusão em forma de visita, rara nos últimos tempos. Da recepção da prisão lhe informavam que seu advogado estava ali, com uma colega espanhola de profissão. Gregória Sanches, que Maria José admirava por ser uma das poucas espanholas a conseguir a licença para advogar nos Estados Unidos, o que fora o sonho de sua vida, razão pela qual já havia anos vivia nesse país. Só haviam se encontrado em duas ocasiões, e ela lhe causara uma agradável impressão.

Conheceram-se em um dos restaurantes espanhóis de maior prestígio em Nova York, El Solera, localizado na Rua Cinquenta e Três com a Terceira Avenida. Era um agradável restaurante galego, com um ambiente íntimo e romântico, decorado elegantemente à base de madeira, de dois andares e capacidade para cento e vinte pessoas e um cardápio que fazia a delícia dos espanhóis mais exigentes, com seus *tapas* exclusivos e outros pratos típicos espanhóis, tudo regado com os melhores vinhos espanhóis e as tradicionais garrafas de Tío Pepe enfeitando parte de suas paredes. Como se vê, o local de seu primeiro encontro nada tinha a ver com esse onde o destino voltava a reuni-las. Gregória conhecia sua história e quis aproveitar uma de suas frequentes viagens a Nova York para visitar Maria José.

— Gregória! Gregória! — gritou a valenciana quase histérica enquanto se lançava chorando sobre a colega. — Tire-me daqui, tire-me daqui...

— Vamos tentar fazer isso — respondeu Gregória, que comprovou horrorizada a extrema magreza de Maria José, chegando a ficar com a impressão de estar abraçando um saco de ossos. — Mas você precisa se acalmar, por favor. Viemos para conversar, e para isso preciso que você relaxe.

Como se alguém tivesse acionado alguma mola em seu corpo, a valenciana se recompôs e começou a discorrer sobre seu caso. Falava depressa, num inglês perfeito, dominando os termos jurídicos nesse idioma. Quando Gregória tentava se interessar por seu estado de saúde e pelo que fazia na prisão e recomendar a prática de algum exercício de relaxamento e a conveniência de ela se desligar de sua defesa e deixá-la nas mãos de seu advogado, Maria José em seguida mudava de assunto e insistia em apressar seu advogado, que ela acusava de ser muito lento com seu processo.

— Já era para eu estar fora. Não é tão difícil. Não entendo por que precisam tanto tempo para apresentar um recurso — jogava na cara de seu advogado.

— Maria José, tenho outros casos além do seu. E você parece esquecer que há prazos e normas que têm que ser seguidos, por mais que você queira abreviá-lo e contrariar o estabelecido, no seu caso isso vai nos prejudicar. Você precisa ter paciência e confiança em mim.

— Não posso ter mais paciência. Não é você que está trancado aqui, e não sabe o que é isso. Tenho que estar em minha casa no Natal, ficar com minha filha, por isso procure apresentar tudo antes dessa data.

— Não acho que isso vai ser possível. Não depende de mim — a afirmação do advogado fez Maria José ficar fora de si.

— Você é muito lento, muito lento — gritava e se levantava como uma serpente, diante do olhar atento de Gregória, que contemplava a cena com ar de incredulidade e preocupação, enquanto tentava acalmar os ânimos.

— Está vendo como ela fica? É isso todos os dias. Cada vez que venho aqui acabamos quase aos tapas — confessava o advogado a Gregória. — É impossível acalmá-la. Se você quiser tentar...

— Maria José, por favor — pedia Gregória, aproveitando a voluntária pausa do advogado para tentar suavizar a situação. — Você precisa se controlar e confiar em seu advogado. Ele

está interessado em provar que você está certa e quer ir atrás de Peter. Mas você não pode atrapalhar seu trabalho mandando textos escritos para o juiz, perseguindo-o com suas mensagens. Se não agir de outro modo, receio que vai passar muitos Natais aqui. Vou falar com você duramente, mas alguém precisa lhe dizer isso — Gregória respirou fundo para reunir forças. — Você está agindo de modo irresponsável porque lamentavelmente não consegue ser objetiva. Seus pais estão doentes e arruinados; sua irmã, desesperada; sua filha, abandonada e perguntando o tempo todo pela mãe. Isto está se estendendo muito, seus pais não têm mais dinheiro, e você não quer vender nenhuma das duas casas que tem em Nova York.

— Essas casas são para minha filha no futuro, não posso lhe tirar isso também.

— Sua filha precisa de uma mãe, não de uma casa — Gregória sabia que estava sendo cruel, mas havia prometido à família falar com ela claramente, já que ela não os ouvia. — O importante aqui são você e sua filha. Maria José, aceite negociar com o pai da menina. Engula o orgulho, o sentimento de justiça e permita que sua filha tenha uma vida normal para que...

— Não, não, não. O que está acontecendo com todos vocês? Não entendem que não posso deixar minha filha nas mãos de um paranoico? E se ele tentar matá-la como fez comigo, o que farei e o que farão vocês? — Maria José desabou sobre a mesa. — Sei que estas serão as últimas festas de Natal de minha vida. Nas próximas já não vou estar neste mundo. Não aguento mais, vou morrer aqui. Destruíram minha vida, meu trabalho, meu negócio, minha família, meu patrimônio e minha filha. Principalmente minha filha. Eu só quero estar com minha filha. É tão difícil de entender isso? Sou uma boa mãe, e ela é uma criança preciosa e bem-educada. Isso não é prova suficiente? — depois do momento de emoção, no qual não parara de chorar, Maria José mudou o tom de voz e disse a Gregória: — Vou mudar de advogado. Uma das presas me recomendou uma mulher latina. Ela não é criminalista nem tem muita experiência, mas pelo menos não vai me cobrar os olhos da cara como os outros.

A confissão deixou Gregória sem palavras.

— Você não pode fazer isso. É suicídio. Você já teve mais de dez advogados e denunciou todos eles por estelionato e abandono de causa. Você precisa parar, acredite em mim. Esse advogado que você tem agora me passa confiança.

O advogado voltou momentos antes que um oficial lhes informasse que o tempo da visita terminara. De novo, Maria José se agarrou em Gregória.

— Me tire daqui. Me leve com você.

— Isso vai acontecer logo, mas vai depender de você. Lembre-se da nossa conversa. Tenha calma e confiança.

Não teve. Maria José mais uma vez mudou de advogado. E essa não seria a última. O que não mudava absolutamente eram as negativas dos tribunais americanos na hora de julgar suas apelações.

A pior notícia que podia esperar lhe chegou em vinte de março de dois mil e oito. O Tribunal Federal de Apelações do Terceiro Circuito, competente sobre os casos que são resolvidos em Nova Jersey, voltou a lhe negar o *habeas corpus*, sustentando uma decisão anterior do juiz federal Dickinson Debevoise, que em fevereiro e março de dois mil e sete já havia negado o pedido de proteção. Maria José sabia que aquilo abria irremediavelmente para

ela a porta do julgamento penal, no qual um júri popular de doze homens e mulheres norteamericanos decidiriam se ela era culpada ou inocente de interceder na custódia de sua filha — seus advogados haviam conseguido que se deixasse de falar de sequestro de menor, o que segundo lhe informou o novo advogado, Scott Finkenauer, acarretava uma significativa redução dos anos em sua condenação, bem distante dos mais de cem que se chegou a cogitar num primeiro momento. Sabia que um júri popular não a favoreceria, que estaria em inferioridade de condições, sobretudo porque se achava em um país altamente sensibilizado pelo rapto de menores. Aquilo podia ser seu fim. Desesperada e já sem a ajuda de seu advogado anterior, Clifford Lazzaro, que abandonou o caso a pedido de sua cliente, apresentou duas moções perante a Corte Federal de Apelações para que reconsiderassem a decisão. Passou horas escrevendo à mão as apelações, já que havia optado por representar-se ela mesma perante o tribunal. Rogava uma nova oportunidade para argumentar que a rejeição de seu *habeas corpus* se baseava em “procedimentos fraudulentos, perjúrio e provas falsificadas” e além disso lembrava que os advogados que a haviam representado nos processos federais e outros anteriores nos Estados Unidos haviam agido de maneira “imprópria e negligente” e “abaixo dos níveis profissionais exigidos”, pelo que lhe havia sido negada uma “assistência efetiva” de seu caso. No entanto, os juízes permaneceram inabaláveis em sua decisão e, semanas mais tarde, voltaram a lhe negar os pedidos feitos. Já não havia como recuar. Seu futuro ficava condicionado ao que decidisse um grupo de homens e mulheres alheios a sua vida, a sua filha, a seus pais, a sua história, a sua realidade. Desejava com todas as suas forças confiar na bondade de desconhecidos, mas uma força interior a impedia disso.

A situação da mãe espanhola era desesperadora. Seus gritos de ajuda não foram ouvidos, sua voz ficou afastada inclusive dos ouvidos de sua filha, que via usurpado seu direito de falar com sua mãe com a assiduidade de meses antes. Dia a dia sentia que o caminho de volta aos braços da filha de oito anos estava longe de se parecer com o de tijolos amarelos de *O mágico de Oz*, cuja história Victória Solenne gostava que a mãe lhe contasse antes de dormir. Pressentia que estava próximo o fim daquela história de amor cruel que começou a dar seus primeiros passos durante um longo e romântico passeio noturno nas imediações do Soho. O que Maria José ignorava era se esse fim significaria também o seu como mãe.

“Se tiver que morrer nesta prisão para salvar minha filha, eu o farei”, repetia ela incansavelmente para suas colegas de prisão e para seu advogado. “Sinto muito, mas sou mãe e isso está acima de tudo, inclusive de minha própria vida.”

O dia vinte e três de junho foi a data escolhida para início do julgamento da mãe espanhola. Maria José passava os dias na biblioteca ou enclausurada em sua cela, escrevendo na medida do possível aspectos e possíveis estratégias sobre sua defesa, que comentava por telefone com seu advogado, embora não com a assiduidade que gostaria. A comunicação com a família se transformou num exercício utópico, o que a impediu de ter conhecimento sobre as últimas novidades sobre seu caso descobertas na Espanha com respeito às supostas falsificações processuais. Esse fato mantinha a família num estado de excitação e impotência impossível de

apaziguar diante do impedimento de falar com Maria José ou com Scott Finkenauer, seu advogado, de quem Victória recebeu, alguns dias antes do começo da decisão judicial, um desconcertante *e-mail* no qual informava que lhe seria completamente impossível estar presente no dia vinte e três de junho no julgamento final que se iniciaria contra sua irmã, por coincidir com outro processo que tinha pendente. Suas contínuas tentativas de entrar em contato com ele pelo telefone se frustravam quando a voz de uma das secretárias, do outro lado da linha, muito educadamente lhe dizia que o senhor Finkenauer estava ausente no momento, saíra para uma reunião ou um julgamento. Não demorou para que a família de Maria José começasse a desconfiar do novo advogado da filha, sobretudo quando, dias antes do início do processo penal, informaram que Scott não havia apresentado sua defesa perante o juiz nem respondera aos telefonemas das testemunhas. Victória suspeitou que o novo advogado de sua irmã havia desistido do caso, como muitos de seus antecessores, diante de Peter e suas desesperadas artimanhas para destruir todas as linhas de defesa iniciadas por Maria José. Especialmente nesse momento em que Peter recebera a notícia de que o Tribunal Constitucional da Espanha havia arquivado com data de dezesseis de maio de dois mil e oito seu recurso de proteção como última tentativa para recuperar a pequena Victória Solenne, o que levou a família de Maria José a supor que o humor do ex-genro/cunhado havia piorado.

— Está sem defesa. De novo a mesma história — lamentava-se Victória. — Seu advogado não vai representá-la no julgamento final e ela não sabe de nada. Nós não podemos falar com minha irmã porque não permitem que ela nos telefone. Só pode falar com seu advogado e com o cônsul, a quem fizemos chegar as suspeitas de falsificação das sentenças espanholas apresentadas pela defesa de Peter, mas não recebemos nenhuma resposta. Não querem avisá-la e ela se apresentará em juízo com uma venda nos olhos, alheia a tudo. Alguém tem que lhe dizer que seu advogado vai enganá-la e nos não podemos fazer isso. Não há ninguém que nos ajude?

35

VINTE E TRÊS DE JUNHO DE DOIS MIL E OITO

Maria José Carrascosa chegou à sala de julgamento com mais de duas horas de atraso em relação ao horário previsto. As segundas-feiras costumam ser fatigantes na Corte Superior do condado de Bergen porque é o dia em que os detentos costumam se apresentar ao juiz, e aquele vinte e três de junho não foi exceção. Inúmeros presos foram passando pela sala do juiz Donald Venezia, que assistia inabalável aos casos de assassinatos, brigas de rua, homicídios, falsificações, roubos com intimidação e tráfico de drogas que iam sendo apresentados a ele

naquela manhã. Em duas ou três ocasiões o magistrado perguntou por Maria José: “A Carrascosa já chegou?”, “Já está nas dependências?”.

Era cerca de meio-dia quando a valenciana entrou na corte. Andava com dificuldade, por causa das correntes amarradas a seus pés e suas mãos, embora isso não a impedisse de segurar um envelope grande, branco, que entregou a seu advogado e que continha papéis escritos à mão por ela sobre sua defesa. Seu aspecto não era tão ruim quanto o que já apresentara em outras ocasiões, mas continuava com aquela aparência de doente que conservava desde sua entrada na prisão. Estava de cabelo solto e ligeiramente enrolado nas pontas, embora continuasse com a figura frágil, abatida e extremamente magra, pois havia perdido mais de dezesseis quilos desde que fora presa. Sorriu ligeiramente e levou a mão ao coração em sinal de agradecimento aos veículos de comunicação espanhóis, que ocupavam o lugar destinado aos jurados e haviam se deslocado até Nova Jersey para cobrir o julgamento da espanhola acusada de oito crimes por interferência na custódia do pai e outro por desacato a uma ordem judicial. Maria José se sentou e tentou espaçar e controlar sua respiração quando seus olhos se detiveram no juiz Venezia. Estava nervosa, impaciente, embora já soubesse, desde minutos antes, que naquela segunda-feira, vinte e três de junho, não teria início seu processo penal, no qual poderia se enfrentar com penas que oscilariam entre os cinco e doze anos de prisão, embora segundo os prognósticos mais pessimistas pudessem chegar a quarenta anos. A petição surpreendeu todos e mais ainda a resposta do juiz. Juntamente com seu advogado Scott, que finalmente estava acompanhando sua cliente, apesar das suspeitas da família, Maria José decidiu apelar ao Tribunal Superior dos Estados Unidos que se pronunciasse sobre seu caso e sobre sua possível soltura. Nessa apelação seria a própria Maria José que se encarregaria de sua defesa, apesar das muitas advertências e recomendações contrárias.

O juiz Donald Venezia conhecia perfeitamente os amplos prazos que o Supremo precisava para decidir sobre um caso e por isso fixou para cinco de fevereiro de dois mil e nove a nova data para início do julgamento de Maria José, com a advertência ao advogado e a sua cliente de que não mais haveria outro adiamento. O juiz também fixou para o dia vinte de outubro de dois mil e oito vista do processo para consultar o andamento da petição no Supremo Tribunal.

À saída da corte, o advogado de Maria José, Scott Finkenauer, depois de falar alguns minutos com o cônsul espanhol em Nova York, reconheceu para a imprensa que Maria José estava “com bom ânimo. Está trabalhando nas ordens judiciais nas quais se baseia a acusação penal e esse prazo maior lhe dá tempo para esses trâmites e que, embora estar na prisão seja duro, sente que está ali por uma razão, que não é em vão, mas para proteger sua filha, e isso a fortalece para enfrentar seu encarceramento”.

As notícias e as declarações do advogado arrasaram a família, que tomou conhecimento dos fatos depois das dezenove horas do dia vinte e três de junho pelos meios de comunicação. Não tinham conseguido comunicar a Maria José os novos dados que, estavam convencidos, poderiam dar uma reviravolta em seu caso e se desesperaram ao saber que ela havia apelado ao Supremo Tribunal e que esse novo recurso a reteria na prisão e a manteria longe da filha por pelo menos mais sete meses. A pequena Victória Solenne, de oito anos, que, com as notas

de fim de ano na mão, esperava fazia alguns minutos que os avós viessem cumprimentá-la, contemplou a cena de gritos, choro e desespero protagonizada pelos avós e a tia ao saber do novo adiamento. Não sabia exatamente o que estava se passando, mas receava que aquilo tivesse alguma coisa com a sorte de sua *mami*. Aproximou-se timidamente da avó, tomou-a pela mão e fez o mesmo com o avô. Não pôde lhes dizer nada. Apenas tentou esboçar um sorriso que lhes desse algum alívio, mas sem saber muito bem se o conseguiria. Para Victória, o sorriso de sua sobrinha lhe lembrou aquele que horas antes se desenhava no rosto de Maria José ao chegar à corte de Bergen: forçado e tímido, animado pela inocência e pela ingenuidade. Para saber se mãe e filha haviam conseguido atingir seu objetivo com seu sorriso, seria preciso esperar muito tempo. De novo o calendário marcava a via-sacra de toda uma família e, em especial, o encontro entre uma mãe e sua filha, que deviam registrar uma nova data em seu almanaque vital e adiar o sonho de poderem se abraçar de novo: cinco de fevereiro de dois mil e nove. Uma eternidade.

FINAL DE JUNHO DE DOIS MIL E OITO

A família Carrascosa desconfia de Scott Finkenauer e quer que sua filha mude de advogado e contrate Emil Lisboa, que estabeleceu para a defesa um preço de dez mil dólares. As inúmeras solicitações feitas a Scott tanto pelos pais e pela irmã como pelo próprio advogado da família na maioria das vezes nunca foram respondidas, ou o foram de maneira irritada, sarcástica e carente de qualquer lógica e educação. O advogado da família na Espanha, Marcos García Montes, e o pai de Maria José planejam ir até a prisão de Bergen para informá-la pessoalmente sobre os últimos acontecimentos descobertos na Espanha envolvendo seu caso e da conveniência de que ela abandone a ideia de defender a si mesma. Além disso, García Montes apresentará duas queixas-crime: a primeira por falsificação do documento apresentado no ano de dois mil e seis perante a Corte de Nova Jersey, embora Scott Finkenauer não tenha respondido ao pedido de confirmação de que foi apresentado o documento como original expedido pela Audiência Provincial de Valência e não como tradução juramentada; e a segunda por maus-tratos psicológicos e físicos contra sua mulher e sua filha, que foram declarados como fatos provados pelos tribunais eclesiásticos, estando sempre personificados o senhor Innes, seu advogado e procurador.

Arantxa manda mensagens eletrônicas para Victória a fim de saber da sorte de Maria José, embora continue com medo das ameaças que possa sofrer por pessoas do círculo de Peter Innes. Angel e Sara mal falam com a família, mas defendem Maria José em suas entrevistas para a mídia.

David acompanha o caso de sua amiga a partir de Benindorm, impotente, porém, para fazer algo. Sempre que pode, defende a inocência de Maria José em um fórum na internet. Peter Innes continua acusando a família de sua ex-mulher de criminosos e de haver raptado sua filha, enquanto permanece divulgando que ela está desaparecida.

A saúde da mãe de Maria José piora a cada dia e os médicos temem pela perda da visão de ambos os olhos.

Victória continua dedicando todo o seu tempo a questões relacionadas com sua irmã e tenta ajustá-lo dentro de sua atividade profissional. Conta com o apoio incondicional de seus amigos e com a ajuda do primeiro espanhol que conseguiu sair do corredor da morte, José Joaquim Martínez.

A família ainda espera que o presidente da Espanha os receba.
Victória Solenne continua perguntando todos os dias por sua mãe.

Epílogo

EM 23 DE DEZEMBRO DE 2009, MARIA JOSÉ CARRASCOSA FOI CONDENADA A 14 ANOS DE PRISÃO.

O caso voltou a ser foco na imprensa após a divulgação de um telegrama datado de maio de 2007 (divulgado pelo Wikileaks) que afirmou que não houve real esforço do Governo Espanhol em interceder pela valenciana. O embaixador dos eua na Espanha, Eduardo Aguirre, afirmava sobre o caso de Carrascosa que ambos governos estavam de acordo que a mediação da controvérsia era a resposta adequada até que o caso “caísse”.

Seu ex-marido, Peter Innes processou em 2011 a firma de advogados Lesnevich & Marzano-Lesnevich por haver entregado à Maria José em 2005 o passaporte de Victoria Solenne que estava sob sua custódia, conforme estabelecido no acordo de separação. Innes ganhou o processo, recebendo em torno de 500 mil euros de indenização.

Em maio de 2011 Innes afirmou à Agência efe o desejo de processar a irmã de Maria José, Victoria, e Reyes Monforte, a autora deste livro, por acreditar ter sido caluniado sobre a disputa de guarda de sua filha.

Mais informações estão disponíveis em:

<http://www.caso-carrascosa.com>

<http://www.lasprovincias.es/hemeroteca/?qAND=Carrascosa>



REYES MONFORTE é jornalista e escritora. Sua vida profissional foi marcada pelo trabalho na rádio espanhola, onde durante quinze anos dirigiu e apresentou vários programas, como Pais de Locos e Cinco Lunas. Pela Planeta do Brasil já publicou o sucesso Uma burca por amor.